

SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO

**INSTITUTO CEPA/SC** – INSTITUTO DE PLANEJAMENTO E ECONOMIA  
AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA

**Síntese Anual  
da  
Agricultura  
de  
Santa Catarina**

**Volume 2**

- . INFRA-ESTRUTURA
- . RECURSOS NATURAIS
- . INSUMOS E FATORES
- . CRÉDITO AGRÍCOLA
- . OFERTA E DEMANDA
- . VALOR DA PRODUÇÃO

**1983-84**

SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO

**INSTITUTO CEPA/SC** – INSTITUTO DE PLANEJAMENTO E ECONOMIA  
AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA

**Síntese Anual**  
**da**  
**Agricultura**  
**de**  
**Santa Catarina**  
**1983-84**  
**Volume 2**

FLORIANÓPOLIS  
–1984–

É permitida a reprodução total ou parcial deste trabalho desde  
que citada a fonte.

Instituto de Planejamento e Economia Agrí-  
cola de Santa Catarina.

Síntese anual da agricultura de Santa  
Catarina, 1983-84. Florianópolis, 1984.  
2.v

1.Agricultura - Santa Catarina. I.Tí-  
tulo.

CDU 631(816.4)

## SÍNTESE ANUAL DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA, 1983—84

### ELABORAÇÃO

Econ. Luiz Marcelino Vieira — Gerente do Projeto

*Eletrificação Rural/Sistema de Transportes/Recursos Naturais/Valor Bruto da Produção Agropecuária*

Engo. Agro. Tabajara Marcondes

*Armazenagem/Crédito Rural/Exportação Internacional*

Engo. Agro. Júlio Alberto Rodigheri

*Terra/Mão-de-obra/Capital*

Acad. Agron. Carlos Eduardo Arns (Supervisionado pelo Gerente do Projeto)

*Tratores/Fertilizantes/Defensivos*

Equipe da Coord. de Acompanhamento e Análise Conjuntural

*Balanco de Oferta e Demanda de Produtos Agropecuários*

### PARTICIPAÇÃO (Bolsistas — Convênio Instituto CEPA/SC — UFSC)

Carlos Eduardo Arns

Mauri Cardoso

Nelso Kichel

Renato Kilpp

### COLABORAÇÃO

EMATER—SC/ACARESC

ACARPESC

EMPASC

FETAESC

DFA/SC

Banco do Brasil

Banco Central do Brasil

5a. Coordenadoria Regional da SUDEPE em SC

CEASA/SC

CIDASC

CFP

IBGE

IBDF

GCEA—SC

CIBRAZEM

CELESC/ERUSC

STO/DER—SC

SIC

### DATILOGRAFIA

Jocenir Miriam Cardoso de Sousa

Sidaura Lessa



## APRESENTAÇÃO

*Como titular da Pasta da Agricultura e do Abastecimento, vejo a informação séria, oportuna e diversificada como o suporte que serve de base e orienta toda a ação de governo na busca do desenvolvimento rural e do melhor abastecimento urbano.*

*Por essa razão, me é bastante agradável fazer a apresentação do volume 2 da 8a. edição da SÍNTESE ANUAL DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA, que reunindo as informações disponíveis relativas a infra-estrutura, recursos naturais, crédito agrícola, insumos e fatores, oferta e demanda e valor bruto da produção, propõe-se a servir como subsídio às múltiplas atividades agropecuárias desenvolvidas no Estado catarinense.*

*Por uma questão de justiça, cumpre-me agradecer a todas as pessoas e entidades que colaboraram na elaboração desse documento, sem cuja ajuda seria impossível a sua concretização.*

*Florianópolis, agosto de 1984.*

**VILSON PEDRO KLEINÜBING**  
Secretário da Agricultura e do  
Abastecimento

## SUMÁRIO

	p.
1. INTRODUÇÃO.....	15
2. INFRA-ESTRUTURA .....	19
2.1. Armazenagem .....	19
2.2. Eletrificação Rural .....	25
2.3. Sistema de Transportes .....	27
2.3.1. Sistema rodoviário .....	27
2.3.2. Sistema ferroviário .....	29
2.3.3. Sistema hidroviário e portuário .....	30
2.3.4. Sistema aeroviário .....	33
2.3.5. Prejuízos no sistema rodoviário em função das enxur radas ocorridas em 1983 .....	34
3. RECURSOS NATURAIS .....	39
4. FATORES DE PRODUÇÃO .....	47
4.1. Terra .....	47
4.2. Mão-de-obra .....	67
4.3. Capital .....	74
4.4. Conclusão .....	87
5. CRÉDITO RURAL .....	97
6. INSUMOS E TRATORES .....	111
6.1. Tratores .....	111
6.2. Fertilizantes .....	121
6.3. Defensivos .....	127
7. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS ...	135
8. EXPORTAÇÃO INTERNACIONAL DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS .....	141
9. VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA .....	145
10. INFORMAÇÕES BÁSICAS .....	173
11. FONTES CONSULTADAS .....	193

## LISTA DE TABELAS

	P.
1. Capacidade estática de armazenagem, por MRH de SC, 1982.	22
2. Capacidade estática de armazenagem a nível de produtor, por MRH de SC, 1980 .....	23
3. Capacidade estática de armazenagem, por MRH de SC, 1980 a 1982 .....	24
4. Evolução da Capacidade estática de armazenagem de SC, 1975 a 1982 .....	24
5. Rede rodoviária estadual - extensões totais em dez/83 ..	28
6. Índice de Gini da distribuição da posse da terra, Brasil e grandes regiões, 1960, 1970, 1975 e 1980 .....	58
7. Índice de Gini da distribuição da posse da terra pelos estabelecimentos agropecuários nas unidades da federação, de acordo com os censos agropecuários de 1960, 1970 e 1975 e sinopse preliminar do censo agropecuário de 1980 .....	58
8. Área total, nº de estabelecimentos e área média de estabelecimentos, SC, censos de 1920 a 1980 .....	59
9. Evolução de área total, nº de estabelecimentos e área média dos estabelecimentos, SC, censos de 1920 a 1980 ....	59
10. Taxa média de crescimento de área total, área média e nº de estabelecimentos agropecuários em SC, segundo os censos de 1920 a 1980 .....	59
11. Nº de estabelecimentos, área total e área média, SC, 1970, 1975 e 1980 .....	60
12. Participação dos estratos de área no número de estabelecimentos e na área total, SC, 1970, 1975 e 1980 .....	60
13. Nº de estabelecimentos agrícolas e índice de crescimento, por MRH, SC, 1970, 1975 e 1980 .....	61
14. Destinação da área explorada, por estrato, Santa Catarina, 1970, 1975 e 1980 .....	62
15. Condição do produtor, segundo os estratos de área, SC, 1970, 1975 e 1980 .....	62

16. Condição do produtor, segundo as MRH de Santa Catarina, 1970, 1975 e 1980 .....	63
17. Participação da condição do produtor no total de estabelecimentos das MRH de Santa Catarina, 1970, 1975 e 1980.	64
18. Propriedade da terra, segundo as MRH de Santa Catarina, 1970, 1975 e 1980 .....	65
19. Participação das categorias de propriedades da terra no total dos estabelecimentos e da área, por MRH de SC, 1970, 1975 e 1980 .....	66
20. População de SC, por MRH, 1970 e 1980 .....	71
21. Taxa anual de crescimento da população urbana, rural e urbana, por MRH, 1970 e 1980 .....	71
22. Pessoal ocupado nos estabelecimentos agropecuários, por sexo e idade, SC, 1970 e 1980 .....	72
23. Pessoal ocupado e nº de tratores, nos estabelecimentos agropecuários, por MRH, SC, 1970, 1975 e 1980 .....	72
24. Pessoal ocupado nos estabelecimentos agropecuários, segundo os grupos de área total, SC, 1970 e 1980 .....	73
25. Valor dos bens, segundo as MRH de SC, 1970, 1975 e 1980	83
26. Valor dos investimentos realizados segundo as MRH de SC, 1970, 1975 e 1980 .....	84
27. Valor dos bens e participação relativa, segundo o grupo de área total, SC, 1970, 1975 e 1980 .....	85
28. Valor dos investimentos e participação relativa segundo o grupo de área total, SC, 1970, 1975 e 1980 .....	85
29. Valor dos bens e participação relativa, segundo a condição do produtor, SC, 1970, 1975 e 1980 .....	86
30. Valor dos investimentos realizados e participação relativa, segundo a condição do produtor, Santa Catarina, 1970, 1975 e 1980 .....	86
31. Crédito concedido à lavoura pelo Banco do Brasil, segundo finalidades e porte dos beneficiários, SC, 1982 .....	100
32. Crédito concedido à pecuária pelo Banco do Brasil, segundo finalidades e porte dos beneficiários, SC, 1982 .....	101

33. Crédito concedido à lavoura pelo Banco do Brasil, segundo finalidades e porte dos beneficiários, SC, 1983 .....	101
34. Crédito concedido à pecuária pelo Banco do Brasil, segundo finalidades e porte dos beneficiários, SC, 1983 .....	102
35. Área de lavouras contempladas com o crédito de custeio do Banco do Brasil e participação percentual no total da área plantada de SC, safras 1982/83 e 1983/84 .....	102
36. Crédito rural concedido a produtores e cooperativas de SC, 1970 a 1983 - a preços correntes .....	103
37. Crédito rural concedido a produtores e cooperativas de SC, 1970 a 1983 - a preços de dez/83 .....	103
38. Participação relativa da agricultura e pecuária no total de crédito concedido a produtores e cooperativas de SC, 1970 a 1983 .....	104
39. Crédito rural orientado aplicado em SC, 1976 a 1983 ....	104
40. Valor médio dos contratos concedidos a produtores e cooperativas de SC, 1970 a 1982 - a preços de dez/83 .....	105
41. Crédito concedido ao setor agropecuário catarinense, 1982 - a preços correntes .....	105
42. Crédito concedido ao setor agropecuário catarinense, 1983 - a preços correntes .....	106
43. Crédito concedido ao setor agropecuário catarinense, 1982 - a preços de dez/83 .....	106
44. Crédito concedido ao setor agropecuário catarinense, 1983 - a preços de dez/83 .....	107
45. Relação da área cultivada pelo nº de trator, 1940, 1950, 1960 e 1970 .....	116
46. Quantidades de produtos agrícolas necessárias para aquisição de um trator em Santa Catarina, safras 1975/76 a 1982/83 .....	117
47. Evolução das quantidades de produtos agrícolas necessárias para aquisição de um trator médio em Santa Catarina, safras 1975/76 a 1982/83 .....	117

48. Relação da área cultivada, pessoal rural ocupado e nº de estabelecimento/trator em SC, 1970, 1975 e 1980 .....	118
49. Evolução do nº de estabelecimentos, segundo a condição do produtor, por classe de área, SC, 1970, 1975 e 1980 .	118
50. Participação relativa do total dos estabelecimentos, por estrato de área, segundo a condição do produtor, SC, 1970, 1975 e 1980 .....	119
51. Participação relativa no total dos estabelecimentos, segundo a condição do produtor, por estrato de área, SC, 1970, 1975 e 1980 .....	119
52. Participação relativa, por potência de trator, segundo a condição do produtor, classe de atividade e grupo de área total, SC, 1970, 1975 e 1980 .....	120
52-A. Participação relativa, por potência de trator, segundo a condição do produtor, classe de atividade e grupo de área total, SC, 1970, 1975 e 1980 .....	120
53. Consumo aparente de fertilizantes (NPK), por região e Brasil, 1969 a 1982 .....	123
54. Índice de crescimento e participação relativa do consumo aparente de fertilizantes, por região e Brasil, 1969 a 1982 .....	124
55. Preços pagos pelos agricultores de SC para fertilizantes, defensivos e sementes e mudas, 1970 a 1983 - a preços correntes .....	125
56. Preços pagos pelos agricultores de SC para fertilizantes, defensivos e sementes e mudas, 1970 a 1983 - a preços de dez/83 .....	125
57. Índice de crescimento dos preços pagos pelos agricultores de SC, para fertilizantes, defensivos e sementes e mudas, 1970 a 1983 - a preços de dez/83 .....	126
58. Quantidades de produtos agrícolas necessários para adquirir uma tonelada de fertilizantes, SC, 1975 a 1983 .....	126
59. Consumo aparente de defensivos agrícolas no Brasil, 1975 a 1983 .....	130

60. Participação relativa do consumo aparente de defensivos agrícolas no Brasil, 1975 a 1983.....	130
61. Participação relativa do consumo aparente de defensivos agrícolas no Brasil, da importação e da produção nacional das diversas classes, 1975 a 1983 .....	131
62. Exportação brasileira de defensivos agrícolas, por classe, 1975 a 1982 .....	131
63. Estimativa do balanço de oferta e demanda de produtos agrícolas de SC, safra 1982/83 .....	137
64. Estimativa do balanço de oferta e demanda de produtos agrícolas de SC, safra 1983/84 .....	137
65. Exportação total e dos principais produtos agropecuários, Santa Catarina, 1981 a 1984 .....	142
66. Preços médios unitários recebidos pelos agricultores de SC, safra 1976/77 a 1982/83 - a preços de dez/83 .....	154
67. VBP dos principais produtos agropecuários de SC, safras 1976/77 a 1982/83 - a preços correntes .....	155
68. VBP dos principais produtos agropecuários de SC, safras 1976/77 a 1982/83 - a preços de dez/83 .....	156
69. Participação relativa dos principais produtos agropecuários na formação do VBP, SC, safras 1976/77 a 1982/83 ..	157
70. Participação relativa dos principais produtos no VBP agropecuário, por sub-setor, SC, safras 1976/77 a 1982/83	158
71. Índice de crescimento do VBP dos principais produtos agropecuários de SC, safras 1976/77 a 1982/83 .....	159
72. Índice de crescimento da produção dos principais produtos agropecuários de SC, safras 1976/77 a 1982/83 .....	160
73. Índice de crescimento dos preços médios dos principais produtos agropecuários de SC, safras 1976/77 a 1982/83 .	161
74. VBP dos principais produtos agropecuários por MRH, SC, safra 1976/77 - a preços correntes .....	162
75. VBP dos principais produtos agropecuários, por MRH, SC, safra 1976/77 - a preços de dez/83 .....	162

76. VBP dos principais produtos agropecuários, por MRH, SC, safra 1977/78 - a preços correntes .....	163
77. VBP dos principais produtos agropecuários, por MRH, SC, safra 1977/78 - a preços de dez/83 .....	163
78. VBP dos principais produtos agropecuários, por MRH, SC, safra 1978/79 - a preços correntes .....	164
79. VBP dos principais produtos agropecuários, por MRH, SC, safra 1978/79 - a preços de dez/83 .....	164
80. VBP dos principais produtos agropecuários, por MRH, SC, safra 1979/80 - a preços correntes .....	165
81. VBP dos principais produtos agropecuários, por MRH, SC, safra 1979/80 - a preços de dez/83 .....	165
82. VBP dos principais produtos agropecuários, por MRH, SC, safra 1980/81 - a preços correntes .....	166
83. VBP dos principais produtos agropecuários, por MRH, SC, safra 1980/81 - a preços de dez/83 .....	166
84. VBP dos principais produtos agropecuários, por MRH, SC, safra 1981/82 - a preços correntes .....	167
85. VBP dos principais produtos agropecuários, por MRH, SC, safra 1981/82 - a preços de dez/83 .....	167
86. VBP dos principais produtos agropecuários, por MRH, SC, safra 1982/83 - a preços correntes .....	168
87. VBP dos principais produtos agropecuários, por MRH, SC, safra 1982/83 - a preços de dez/83 .....	168
88. Participação relativa do VBP dos principais produtos agropecuários, por MRH, SC, safra 1981/82 .....	169
89. Participação relativa das principais MRH na composição do VBP agropecuária, SC, safra 1981/82 (até aproximadamente 90%) .....	169
90. Participação relativa das MRH no VBP das lavoura, pecuária e total, SC, safra 1981/82 .....	170
91. Evolução da cultura do alho em SC, safra 1947/48 a 1984/85 .....	173



92. Evolução da cultura do arroz em SC, safra 1946/47 a 1983/84 .....	174
93. Evolução da cultura da banana em SC, safra 1946/47 a 1983/84 .....	175
94. Evolução da cultura da batata-inglesa em SC, safra 1946/47 a 1983/84 .....	176
95. Evolução da cultura da cana-de-açúcar em SC, safra 1946/47 a 1983/84 .....	177
96. Evolução da cultura da cebola em SC, safra 1946/47 a 1984/85 .....	178
97. Evolução da cultura do feijão em SC, safra 1946/47 a 1983/84 .....	179
98. Evolução da cultura do fumo em SC, safra 1946/47 a 1983/84 .....	180
99. Evolução da cultura da maçã em SC, safra 1976/77 a 1983/84 .....	181
100. Evolução da cultura da mandioca em SC, safra 1946/47 a 1983/84 .....	182
101. Evolução da cultura do milho em SC, safra 1946/47 a 1983/84 .....	183
102. Evolução da cultura da soja em SC, safra 1951/52 a 1983/84 .....	184
103. Evolução da cultura do tomate em SC, safra 1951/52 a 1983/84 .....	185
104. Evolução da cultura do trigo em SC, safra 1946/47 a 1984/85 .....	186
105. Evolução da cultura da uva em SC, safra 1974/75 a 1983/84 .....	187
106. Consumo de lenha, por setor, SC, 1980 e 1981 .....	188
107. Quantidade e valor da produção de produtos extrativos e da silvicultura, por MRH de SC, 1970, 1975 e 1980 .....	189

## 1. INTRODUÇÃO

Este volume II complementa a edição 1983-84 da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina.

O Volume I compôs-se de duas partes principais. Na primeira, fez-se uma análise geral do desempenho e perspectivas do setor nas safras 1982/83 e 1983/84, respectivamente; na segunda, apresentou-se o desempenho e perspectivas dos principais produtos do estado nessas safras.

Este Volume, em relação ao anterior, pretende chegar aos interessados no setor agrícola com um caráter mais informativo que analítico. É, pois, com essa intenção que são abordados os temas deste Volume, em geral, mais estruturais e independentes que a abordagem feita no Vol. I sobre lavoura, criação e outras explorações.

Eis os assuntos comentados, pela ordem de apresentação: Infra-Estrutura - armazenagem a meio ambiente e a frio; eletrificação rural; sistemas de transportes (rodoviário, ferroviário, hidroviário e aéreo); Recursos Naturais; Fatores de Produção - terra, mão-de-obra e capital; Crédito Agrícola - custeio, investimento e comercialização; Insumos e Tratores- defensivos e tratores; Balanço de Oferta e Demanda dos Principais Produtos; Exportação Internacional de Produtos Agropecuários e Derivados; Valor Bruto da Produção - das lavouras, das criações, das florestas e da pesca; e Informações Básicas.

Os espaços temporais abordados são diferenciados, de acordo com a disponibilidade de dados até a ocasião da elaboração deste trabalho. Assim, a armazenagem refere-se ao período 1975-82; eletrificação e transportes, a 1983; terra, mão-de-obra e capital, à década de 70; crédito, tratores, fertilizantes e defensivos, a 1970-83; balanço de oferta e demanda, às safras 1983/84 e 1984/85; exportação internacional, a 1981-83; e o valor bruto da produção, às safras 1976/77 a 1982/83.

Os espaços geográficos abrangidos também são diferentes, segundo as informações disponíveis. Todos os itens são abordados a nível estadual, havendo relações com a situação nacional, quando possível, e detalhamentos a nível das microrregiões homogêneas

do estado nos itens armazenagem, terra, mão-de-obra, capital e va  
lor bruto da produção.

A parte final do trabalho apresenta séries históricas  
(área, produção e rendimento) de amplitudes diferenciadas, de a  
cordo com os levantamentos existentes para cada produto e que ini  
ciam, em alguns casos, na década de 40 e, noutros, só na de 70.

## **2. INFRA-ESTRUTURA**



## 2. INFRA-ESTRUTURA

### 2.1. Armazenagem

Segundo a CIBRAZEM, através do seu Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras de dezembro de 1982, Santa Catarina dispõe de uma capacidade estática de armazenagem total de 2.142.698 toneladas, sendo, deste total, 2.067.346 toneladas para armazenagem a meio ambiente natural e 75.352 t para armazenagem a frio (tabela 1).

Para armazenagem a meio ambiente natural nota-se o relativo destaque na capacidade de armazenagem a granel sobre a de sacaria, já que a primeira representa 59,9% (1.237.620 t), enquanto a segunda 40,1% (829.726 t).

A nível microrregional, a Colonial do Oeste Catarinense com uma capacidade de estocagem a meio ambiente natural de 776.448 toneladas representa 37,6% da capacidade total de Santa Catarina, seguida pela Colonial do Rio do Peixe, com 289.221 toneladas, 14,0% do total, e a Colonial de Joinville com 273.658 toneladas, com participação relativa de 13,2%. Outras microrregiões com destaque em relação à capacidade total do estado são: Planalto de Canoí<sup>h</sup>as, 6,3%; Colonial de Blumenau, 5%; Carbonífera, 4,3%; Campos de Curitibanos, 4,1%; e Litoral de Itajaí com 3,9%.

Essa expressiva participação relativa das microrregiões Colonial do Oeste Catarinense e Colonial do Rio do Peixe se deve a estas serem as de maior produção de cereais do estado, enquanto as microrregiões Colonial de Joinville e Litoral de Itajaí sobressaem-se em função da existência de portos marítimos e de um significativo parque de beneficiamento de cereais.

O quadro de armazenagem a frio, em relação ao estado, tem como destaque cinco microrregiões que representam 93,4% da capacidade total do estado. São elas, em ordem decrescente: Colonial do Rio do Peixe, 39,4% (29.686 t); Litoral de Itajaí, 28,1% (21.190 t); Colonial do Oeste Catarinense, 14,3% (10.751 t); Planalto de Canoí<sup>h</sup>as, 7,1% (5.348 t); e Florianópolis 4,5% (3.402 t).

Segundo a Delegacia Federal de Agricultura - DFA/SC, através do Serviço de Inspeção do Produto Animal, havia, em 1983, uma capacidade de armazenagem a frio de 58.017,5 toneladas, dis-

tribuídas entre 41.556 t utilizadas para carnes (de aves, suína e bovina); 15.261,5 t para pescado e 1.200 t para armazenagem de leite e seus derivados. Para maçã, segundo a EMATER/SC-ACARESC, também no ano de 1983, o estado tinha uma capacidade de armazenar, aproximadamente, 42.000 toneladas.

É oportuno frisar que essa capacidade total de 100.017,5 (58.017,5 + 42.000) toneladas para armazenagem a frio é diferente do total do cadastro da CIBRAZEM, não só pelo fato de serem de a nos diferentes, como também porque essa tem como critério geral só cadastrar unidades armazenadoras a frio, com capacidade acima de 10 toneladas e a meio ambiente natural superior a 180 toneladas. No total de armazenagem a frio acima citado estão incluídas as unidades abaixo dessa capacidade.

A nível de propriedades rurais (não cadastradas pela CIBRAZEM), segundo o IBGE, havia no estado, em 1980, uma capacidade estática de armazenagem de 20.382.133 m<sup>3</sup>, sendo, deste total, 11.003.103 m<sup>3</sup> para armazenagem de grãos, e 9.379.030 m<sup>3</sup> para ou tros tipos de armazenagem (tabela 2).

As microrregiões que se destacam em armazenagem, a ní vel de unidade produtora, são: Colonial do Oeste Catarinense com 28,0%; Colonial do Rio do Peixe, 15,4%; Colonial do Alto Itajaí, 10,6%; Planalto de Canoinhas, 10,0%; Campos de Curitibanos, 6,1% e Colonial de Blumenau, 5,9%; em relação à capacidade total das propriedades rurais do estado.

Geralmente os armazéns das propriedades rurais apresen tam problemas tanto de espaço físico, como estado precário de con servação na maioria das unidades (construções antigas, excesso de umidade, problemas com roedores), ocasionando perdas consideráveis de produtos, principalmente quando é necessário armazenagem por períodos mais longos. Estima-se que 20% dos produtos guardados nas pequenas propriedades (principalmente o milho, devido às grandes quantidades que ficam armazenadas para consumo próprio) são perdi dos por condições deficientes de armazenagem.

Quanto aos armazéns cadastrados pela CIBRAZEM, em ter mos de número, pode-se considerar suficiente para atender às ne cessidades do estado. Entretanto, ocorre ainda uma má distribui - ção, provocando capacidade ociosa em algumas unidades, enquanto outras não têm condições de atender à procura.

O aumento da capacidade estática de armazenagem do estado (tabela 3), para o sub-total granel + sacaria de 1982 (2.067.346 t) em relação a 1980 (1.620.214 t), deve-se a apenas algumas microrregiões. Essa diferença de 447.132 toneladas (27,6%) é atribuída principalmente às microrregiões Colonial do Oeste Catarinense (202.780 t), representando 45,4%; Planalto de Canoinhas (68.068 t), 15,2%; Colonial de Joinville (61.764 t), 13,8%; Colonial do Rio do Peixe (36.784 t), 8,2%; Litoral de Itajaí (30.166 t), 6,7%; e Colonial de Blumenau (27.115 t) com 6,1%; sobre o incremento de 1982 em relação a 1980.

Para a armazenagem a frio, a diferença de 67,6% (30.388 toneladas) de 1980 para 1982 é decorrente, principalmente, do aumento na capacidade de três microrregiões que representam 89,9% do total do incremento e está assim distribuída: Litoral de Itajaí (14.489 t) 47,7%; Colonial do Rio do Peixe (7.210 t) 23,7% e Colonial do Oeste Catarinense (5.626 t) 18,5%.

É oportuno observar (tabela 4) que a nível estadual houve, a partir de 1977, um significativo aumento na capacidade de estocagem a granel, observando-se uma importante modernização nas unidades armazenadoras do estado, pois estas apresentam de maneira geral, condições bem melhores que as unidades para ensacados.

Existe ainda um programa específico que prevê construções de "armazéns comunitários", com capacidade variável entre 10 e 20 mil sacos de grãos, construção de armazéns estratégicos, e ainda reforma e construção de pequenos armazéns individuais (paióis) a nível de propriedades rurais, podendo diminuir de forma considerável os problemas de estocagem e perdas de produtos que ocorrem atualmente no estado.



Tabela 1. CAPACIDADE ESTÉRICA DE ARMAZENAGEM POR REGIÃO DE SC, 1982

MICROREGIÕES HOMOGÊNEAS	ENTIDADE	GRANEL						SACARIA						GRANEL + SACARIA		ARMAZEN A FRIO			
		Silo		Bateria		Granelleiro		Convencional		Depósito		Total		NP	t	NP	t		
		NP	t	NP	t	NP	t	NP	t	NP	t	NP	t						
Colônia de Joinville	Particular	2	2.613	2	12.390	4	20.095	8	86.098	16	49.154	4	9.450	20	58.614	28	143.712	1	380
	Oficial	1	8.280	2	118.000	3	118.280	2	2.850	4	2.850	2	2.850	2	5.700	4	121.130	4	5.496
	Cooperativa	2	3.320	3	20.670	6	180.095	13	206.698	19	57.510	4	9.450	23	66.960	36	273.658	1	380
	Total	5	14.213	7	151.060	13	394.473	36	502.696	42	117.364	10	31.754	55	167.718	73	527.134	6	1.120
Litoral de Itajaí	Particular	2	3.856	1	2.452	-	-	-	6.308	3	6.308	4	15.650	7	21.966	11	68.343	14	9.890
	Cooperativa	2	3.856	1	2.452	-	-	-	6.308	4	15.650	7	21.966	11	68.343	14	9.890		
Colônia de Blumenau	Particular	1	9.402	3	9.044	5	27.772	9	46.218	4	15.650	23	28.791	27	44.441	36	90.659	4	995
	Cooperativa	1	5.543	1	1.302	1	5.543	2	2.418	3	7.416	4	12.832	7	20.248	11	33.074	-	-
Colônia de Itajaí do Norte	Particular	2	14.945	3	9.044	5	27.772	10	51.761	5	20.648	25	31.209	30	51.857	40	103.618	4	995
	Cooperativa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Colônia do Alto Itajaí	Particular	1	6.828	-	-	-	-	-	8.664	6	6.726	28	14.362	34	21.068	36	29.732	1	110
	Cooperativa	1	7.886	-	-	-	-	-	3.560	3	5.560	1	1.560	4	7.120	1	1.560	-	-
Florianópolis	Particular	2	14.714	-	-	-	-	-	16.550	9	12.286	29	15.902	38	28.188	41	44.738	1	110
	Cooperativa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Colônia Sacarina Catarinense	Particular	1	1.986	-	-	-	-	-	1.986	3	54.439	-	-	3	54.439	4	56.425	1	250
	Cooperativa	1	1.986	-	-	-	-	-	1.986	3	54.439	-	-	3	54.439	4	56.425	1	250
Litoral de Laguna	Particular	1	11.400	-	-	-	-	-	11.400	9	35.893	13	16.476	22	52.279	23	63.679	2	1.740
	Cooperativa	1	11.400	-	-	-	-	-	11.400	9	35.893	13	16.476	22	52.279	23	63.679	2	1.740
Colônia Sul Catarinense	Particular	2	2.370	-	-	-	-	-	2.370	8	10.373	21	33.277	29	44.150	31	46.520	-	-
	Cooperativa	2	2.370	-	-	-	-	-	2.370	8	10.373	21	33.277	29	44.150	31	46.520	-	-
Campos de Leões	Particular	2	3.362	-	-	-	-	-	3.362	2	1.560	4	2.040	4	2.040	4	2.040	-	-
	Cooperativa	2	3.362	-	-	-	-	-	3.362	2	1.560	4	2.040	4	2.040	4	2.040	-	-
Campos de Quilombos	Particular	1	13.200	-	-	-	-	-	13.200	7	29.299	7	29.299	7	29.299	7	29.299	3	152
	Cooperativa	1	13.200	-	-	-	-	-	13.200	7	29.299	7	29.299	7	29.299	7	29.299	3	152
Colônia do Rio do Peixe	Particular	10	85.337	11	19.296	8	96.203	29	200.825	16	28.734	18	10.957	34	39.691	63	240.527	8	29.136
	Cooperativa	12	95.379	12	19.876	9	99.203	33	215.458	26	56.326	22	17.437	48	73.763	81	289.221	9	29.666
Colônia do Oeste Catarinense	Particular	22	86.383	11	43.394	25	278.319	58	408.065	39	69.091	26	15.500	65	84.591	123	492.687	3	9.711
	Cooperativa	11	78.380	1	1.302	10	77.592	22	157.774	28	106.475	14	14.866	40	121.341	62	238.616	62	1.650
Planalto de Condições	Particular	5	9.798	1	648	6	48.933	12	59.279	7	10.414	7	5.412	14	15.826	26	75.205	1	3.308
	Cooperativa	5	9.798	1	648	6	48.933	12	59.279	7	10.414	7	5.412	14	15.826	26	75.205	1	3.308
Estado	Particular	48	221.349	31	89.650	51	555.138	130	863.137	131	385.292	177	199.775	308	586.057	438	1.419.194	48	59.074
	Cooperativa	2	5.258	2	10.810	2	110.000	6	124.068	12	34.323	13	19.517	20	51.440	33	186.148	5	14.438
Total	67	340.936	35	102.342	75	794.342	177	1.237.620	291	580.754	211	248.972	412	839.726	589	2.067.346	57	75.530	

Fonte dos dados básicos: CIBRAZEM (Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras - 1982)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 2

CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM A NÍVEL DE PRODUTOR, POR  
MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA DE SANTA CATARINA, 1980

MRH	PARA GRÃOS		OUTROS		TOTAL	
	Nº	Capacidade (m <sup>3</sup> )	Nº	Capacidade (m <sup>3</sup> )	Nº	Capacidade (m <sup>3</sup> )
Colonial de Joinville	1.319	122.883	2.709	237.144	4.028	360.027
Litoral de Itajaí	367	20.338	152	11.829	519	32.167
Colonial de Blumenau	4.252	350.504	11.332	858.542	15.584	1.209.046
Colonial de Itajaí Norte	1.134	108.001	3.236	357.577	4.370	465.578
Colonial do Alto Itajaí	8.021	1.015.366	7.100	1.145.376	15.121	2.160.742
Florianópolis	373	38.530	616	55.610	989	94.140
Colonial Serrana Catarinense	4.391	468.564	4.169	506.932	8.560	975.496
Litoral de Laguna	117	10.843	185	28.420	302	39.263
Carbonífera	6.972	613.614	5.102	583.357	12.074	1.196.971
Litoral Sul Catarinense	1.084	93.447	3.109	320.093	4.193	413.540
Colonial Sul Catarinense	3.276	303.323	3.237	354.476	6.513	657.799
Campos de Lages	3.064	376.886	2.227	263.472	5.291	640.358
Campos de Curitiba	6.153	736.087	3.923	513.999	10.076	1.250.086
Colonial do Rio do Peixe	18.502	2.214.826	6.975	917.859	25.477	3.132.685
Colonial do Oeste Catarinense	28.687	3.161.319	23.626	2.547.761	52.313	5.709.080
Planalto de Canoinhas	11.955	1.368.572	5.419	676.583	17.374	2.045.155
TOTAL	99.667	11.003.103	83.117	9.379.030	182.784	20.382.133

Fonte: IBGE (Censo Agropecuário Santa Catarina - 1980)

Tabela 3  
CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM, POR NRH DE SC, 1980 A 1982

TIPO	NRH ANO	COLONIAL DE JOINVILLE	LITORAL DE ITAPAJÁ	COLONIAL DE ELREMBU	COLONIAL DO ITAJAÍ DO NORTE	COLONIAL DO ALTO ITA- JÁ	FLOREAS FOFIS	COLONIAL SERRANA CA PARANENSE	LITORAL DE LARANJA	CURBANT- FEIRA	LITORAL SUL CAMPANENSE	COLONIAL SUL CAMPANENSE	CARGOS DE LAGES	CARGOS DE CURTUMBANS	(toneladas)			TOTAL DO ESTRADO
															COLONIAL DO RIO DO PEIJE	COLONIAL DO COSTA CA PARANENSE	PLANILTO DE CANOAS	
Granel	1980	147.984	6.308	33.774	-	14.400	440	1.986	-	11.400	2.370	-	3.362	52.548	179.325	409.608	39.927	903.432
	1981	158.064	6.308	42.717	-	16.550	440	1.986	-	11.400	2.370	-	3.362	58.848	209.765	456.569	87.221	1.055.600
Sacaria	1980	206.698	6.308	51.761	-	16.550	440	1.986	-	11.400	2.370	-	3.362	58.848	215.458	568.116	94.323	1.237.620
	1981	63.910	43.683	42.729	2.040	25.055	11.053	54.439	29.299	70.404	51.655	39.942	1.560	21.030	73.112	164.060	22.811	716.782
Granel e	1981	63.910	73.849	51.699	2.040	25.055	11.053	54.439	29.299	70.404	48.955	39.942	1.560	25.350	81.263	182.781	23.711	785.310
	1982	66.960	73.849	51.857	2.040	28.188	11.053	54.439	29.299	77.304	49.307	39.942	1.560	25.350	73.763	208.332	36.483	839.726
Sacaria	1980	211.894	49.991	76.503	2.040	39.455	11.493	56.425	29.299	81.804	54.025	39.942	4.922	73.578	252.437	573.668	62.738	1.620.214
	1981	211.974	80.157	94.416	2.040	41.605	11.493	56.425	29.299	81.804	51.325	39.942	4.922	84.198	291.028	639.350	110.932	1.840.910
Armazen a	1981	273.658	80.157	103.618	2.040	44.738	11.493	56.425	29.299	88.704	51.677	39.942	4.922	84.198	289.221	776.448	130.806	2.067.346
	1980	380	6.701	995	-	110	3.772	250	107	1.740	-	-	-	-	22.476	5.125	3.308	44.964
Frio	1981	380	17.701	995	-	110	3.772	250	1.205	1.740	-	-	-	-	16.476	10.011	3.308	55.948
	1982	380	21.190	995	-	110	3.402	250	1.250	1.740	-	-	-	250	29.686	10.751	5.348	75.352

Fonte dos dados básicos: CIBRAZEM (Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras - 1980, 1981 e 1982).  
Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 4  
EVOLUÇÃO DA CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM DE SANTA CATARINA, 1975 A 1982

ANO	GRANEL		SACARIA		TOTAL (Granel + Sacaria)	
	Toneladas	%	Toneladas	%	Toneladas	%
1975	401.884	100	623.089	100	1.024.973	100
1976	409.246	102	653.728	105	1.062.974	104
1977	645.214	161	771.923	124	1.417.137	138
1978	755.241	188	730.392	117	1.485.633	145
1979	824.294	205	767.735	123	1.592.029	155
1980	903.432	225	716.782	115	1.620.214	158
1981	1.055.600	263	785.310	126	1.840.910	180
1982	1.237.620	308	829.726	133	2.067.346	202

Fonte: CIBRAZEM (Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras)  
Elaboração: Instituto CEPA/SC

## 2.2. Eletrificação Rural

Os serviços de eletrificação no meio rural catarinense estão afetos às empresas Centrais Elétricas de Santa Catarina - CELESC e Eletrificação Rural de Santa Catarina - ERUSC, órgãos pertencentes a administração indireta do Governo catarinense.

A ERUSC foi criada com o objetivo de promover a distribuição de energia ao homem do campo, em apoio às cooperativas de eletrificação rural.

A CELESC, por sua vez, além do fornecimento de energia através das cooperativas de eletrificação rural, fornece, também, energia diretamente ao produtor rural.

Conforme levantamentos realizados pela ERUSC e pela CELESC, existem 159.720 propriedades agrícolas eletrificadas, distribuídas entre 94.720 propriedades atendidas pela CELESC e 65.000 propriedades pela ERUSC, através das cooperativas de eletrificação rural.

A extensão total de linhas de distribuição em Santa Catarina atingiu, em 1983, 33.672 quilômetros totalmente energizados, distribuídos entre 17.000 quilômetros executados pela ERUSC, através das cooperativas e 16.672 quilômetros pela CELESC.

O consumo médio de eletricidade no meio rural, em 1983, foi de 140 kwh/propriedade/mês, representando um consumo de 353 kwh/habitante/ano.

Visando a avaliar o desempenho do setor energético no meio rural e ao mesmo tempo a estudar o destino da energia consumida na propriedade, a CELESC, num trabalho integrado com a ERUSC e cooperativas, realizou uma pesquisa abrangendo as quatorze Agências Regionais da CELESC (Florianópolis, Blumenau, Joinville, Lages, Videira, Concórdia, Joaçaba, São Miguel D'Oeste, Tubarão, Rio do Sul, Mafra, São Bento do Sul, Itajaí e Chapecó), perfazendo, no seu conjunto, 190 municípios catarinenses. Constatou-se que das quatorze Agências levantadas, seis Agências (São Miguel D'Oeste, Rio do Sul, Chapecó, Blumenau, Concórdia e Joaçaba), perfizeram 78,9% do universo, representando um consumo médio de energia no período de julho a novembro de 1983 de 145 kwh/mês/propriedade considerado baixo, se comparado com o consumo médio dos demais se

tores da economia. No entanto, ficou um pouco acima do consumo médio estadual que foi de 140 kwh/propriedade/mês.

Cabe salientar que o consumo médio de energia apresentado pelo setor agrícola catarinense (140 kwh) está bem abaixo da aquele apresentado por outros estados da federação, tais como: São Paulo, 541 kwh/mês/propriedade; Minas Gerais, 385 kwh/mês/propriedade; e Espírito Santo, 309 kwh/mês/propriedade.

A pesquisa revelou ainda que 74% das propriedades agrícolas de Santa Catarina possuem energia elétrica, havendo uma densidade média de linhas (que é a relação de quilômetros de linhas construídas por consumidor atendido) de 3,7 (ERUSC) e de 5,6 (CELESC), ou seja, a cada 3,7 ou 5,6 quilômetros de linhas existe um consumidor.

O baixo consumo decorre, mais uma vez, da predominância da estrutura minifundiária do estado. Além disso um segundo motivo do baixo consumo no meio rural é o pouco expressivo uso de energia elétrica de uma maneira racional pela maioria dos agricultores como fator de produção. Geralmente, a energia é utilizada mais para proporcionar conforto doméstico do que na exploração econômica da propriedade.

## 2.3. Sistema de Transportes

O sistema de transportes em Santa Catarina compreende todos os meios de locomoção necessários à viabilização da economia catarinense. Entre os sistemas de transportes existentes no estado - rodoviário, ferroviário, hidroviário, marítimo e aéreo - o primeiro deles é, sem dúvida, predominante.

### 2.3.1. Sistema rodoviário

Segundo o Departamento de Estradas de Rodagem-DER, órgão vinculado à Secretaria dos Transportes e Obras, há 82.049 quilômetros de extensão de estradas vicinais (municipais) em Santa Catarina, distribuídas entre 61.464 km de estradas com leito natural, 19.919 km de estradas com revestimento e 666 km de estradas pavimentadas.

As rodovias de âmbito estadual perfazem, no seu total, 4.768 km de extensão, sendo 149 km, em fase de implantação; 1.793 km, já implantadas; 339 km, em obras de pavimentação; 257 km, planejadas; e 1.464 km de pista simples, totalmente pavimentada.

As rodovias estaduais, que servem Santa Catarina em sua extensão, estão assim distribuídas:

- SC 301 (Jaraguá do Sul - Corupá)
- SC 303 (Caçador - Capinzal)
- SC 402 (BR 116 - Caçador)
- SC 411 (Tijucas - Nova Trento)
- SC 438 (Tubarão - Braço do Norte)
- SC 453 (Lebon Régis - Videira)
- SC 467 (Xanxerê - BR 280 - Divisa com o Paraná)
- SC 468 (Chapecô - São Lourenço D'Oeste)

As Rodovias Federais que servem Santa Catarina perfazem, no seu conjunto, 2.707 km de estradas, sendo 436 km em fase de implantação/pavimentação, 326 km planejadas e 1.945 km totalmente pavimentadas.

As rodovias federais que cortam o estado no sentido Norte/Sul, são as BR 101 (Chuí-Natal); BR 116 (Jaguarão - Fortaleza); BR 153 (Bagé - Belém); BR 158 (Santana do Livramento - Altamira/

PA); BR 163 (Dionísio Cerqueira - São Miguel D'Oeste). No sentido Leste/Oeste, aparecem as BR 282 (Fpolis - São Miguel D'Oeste); BR 280 (Joinville - Porto União); e BR 283 (Itapiranga - Concórdia).

Existe, ainda, a rodovia federal de ligação do estado, BR 470 (Navegantes - Campos Novos).

Tabela 5

REDE RODOVIÁRIA ESTADUAL - EXTENSÕES TOTAIS EM DEZ/83

SITUAÇÃO REDE	PLANEJADA (A)	EM OBRAS DE IMPLANTAÇÃO (B)	NÃO PAVIMENTADA			EM OBRAS DE PAVIMENTAÇÃO (D)	PAVIMENTADA				TOTAL A+B+C+D+E
			Leito Natural	Implan- tada	Total (C)		Planeja- da pista simples	Em obras de dupli- cação	Dupli- cada	Total (E)	
Federal	326,0	-	-	102,0	102,0	334,0	1.940,0	-	5,0	1.945,0	2.707,0
Estadual Transi- tória	-	32,0	371,0	73,0	444,0	116,0	232,0	-	-	232,0	824,0
Estadual	257,0	149,0	1.793,0	766,0	2.559,0	339,0	1.464,0	-	-	1.464,0	4.768,0
Municipal	1.646,0	-	61.464,0	18.273,0	79.737,0	-	666,0	-	-	666,0	82.049,0
<b>TOTAL</b>	<b>2.229,0</b>	<b>181,0</b>	<b>63.628,0</b>	<b>19.214,0</b>	<b>82.842,0</b>	<b>789,0</b>	<b>4.302,0</b>	<b>-</b>	<b>5,0</b>	<b>4.307,0</b>	<b>90.348,0</b>

Fonte: DER/SC

### 2.3.2. Sistema ferroviário

O sistema ferroviário catarinense é atendido pela Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima - RFFSA.

A maior parte das estradas de ferro do estado está sob a jurisdição do Sistema Regional Sul da RFFSA, antiga Rede de Viação Paraná - Santa Catarina, com sede em Curitiba (PR).

Sob a administração desta superintendência existe a ferrovia EF 153, que inicia em Marques Reis (PR), passando por Ponta Grossa (PR) atingindo Porto União (SC), chegando ao Rio Grande do Sul, em Marcelino Ramos, prosseguindo para Santana do Livramento, com passagem por Santa Maria. Em Santa Catarina, essa ferrovia perfaz 372 quilômetros de extensão.

No mesmo sentido, tem-se a estrada de ferro EF 116 que, em solo catarinense, começa em Mafra, passa por Lages e atravessa o rio Pelotas, atingindo o Rio Grande do Sul, próximo a Vacaria, perfazendo 368,8 quilômetros de extensão no estado de Santa Catarina.

Finalmente, ainda sob a jurisdição da RFFSA, encontra-se a EF 485 que sai de Porto União, passa por Mafra e atinge São Francisco do Sul.

Cabe frisar que esta ferrovia serve de elo de ligação entre as EF 153 e EF 116 no trajeto de Porto União a Mafra, com 244,4 quilômetros de percurso. Partindo de Mafra, vai atingir o Porto de São Francisco do Sul, numa extensão de mais de 213 quilômetros, perfazendo, no total, 457,4 quilômetros.

Quanto à Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina - EFDTC, administrada pela Divisão Operacional de Tubarão (superintendência com sede em Porto Alegre), é responsável pelas seguintes ligações ferroviárias: EF 488 (Imbituba - Tubarão - Rio Fluorita) com 138 quilômetros; EF 489 (Lauro Müller - Tubarão) com 57 quilômetros; e EF 490 (Esplanada - Rio Deserto) com 33 quilômetros. Estas ferrovias atingem o Porto de Imbituba, não formando ligação com o restante do sistema ferroviário nacional, transportando basicamente carvão.



### 2.3.3. Sistema hidroviário e portuário

Os transportes marítimos apresentaram papel relevante ao desenvolvimento estadual, por suas condições favoráveis de ins talação de portos em grande extensão do litoral, aliadas à hidrografia abundante em algumas regiões do estado, principalmente o Vale do Itajaí.

Entre trechos de vias aquáticas, apenas o marítimo tem importância atualmente no estado.

Em época passada, porém, a navegação fluvial se fazia presente em alguns trechos dos rios Itajaí-Açu e Iguçu. Porém, com o desenvolvimento do transporte terrestre, foram gradativamente desaparecendo os pequenos vapores que ligavam Blumenau ao Por to de Itajaí, e à cidade de Porto União (União da Vitória-PR) a Ma fra (e a Rio Negro-PR).

O sistema de transportes marítimos no estado dispõe dos seguintes portos: Laguna, Imbituba, Florianópolis, Itajaí e São Francisco do Sul.

Antes da acelerada expansão rodoviária, da indústria au tomobilística e conseqüente concorrência do transporte rodoviário, todos esses portos catarinenses apresentavam apreciável movimento de navios, principalmente em relação à navegação de cabotagem. En tretanto, com o desenvolvimento do transporte rodoviário, alguns desses portos foram perdendo sua função, sendo que o porto de Flo rianópolis, praticamente, encerrou suas atividades, restringindo-se apenas a alguns terminais de pesca. O porto de Imbituba por sua vez, que opera mais com carvão, passou a movimentar também carga geral, enquanto o Porto de Laguna foi transformado em porto pesqueiro, não sendo, porém, ativado até o momento. Apenas os por tos de Itajaí e São Francisco do Sul continuam em plena atividade, movimentando carga geral e produto a granel.

Apresentam-se, a seguir, algumas características do sis tema de transporte portuário estadual:

#### - Porto de Laguna

Situado próximo ao porto de Imbituba, o porto de Laguna

possui parte do sistema de acesso por terra comum ao porto de Imbituba, ou seja, a BR 101. Porém, não possui acesso por ferrovia, já que o terminal da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, que atingia este porto, foi desativado.

O porto tem dois armazéns internos com  $1.962 \text{ m}^2$  de área total, e um externo de  $392 \text{ m}^2$ ; dois frigoríficos com capacidade para  $8.000 \text{ m}^3$  e dois túneis de congelamento, além de uma área de pátio de  $10.000 \text{ m}^2$ .

#### - Porto de Imbituba

Situado no sul do estado, entre Florianópolis e Laguna, seu acesso rodoviário é feito pela BR 101. A conexão com o planalto é efetuada pelas rodovias BR 470 e SC 438 que fazem ligação com a BR 116 na região de Lages, prosseguindo até a BR 282, que dá acesso ao Oeste Catarinense. A conclusão da BR 282, trecho Lages-Florianópolis, facilitará as ligações deste porto com a região do Planalto e Oeste.

O porto possui três armazéns internos com área de  $1.000 \text{ m}^2$  para carga geral; 26 armazéns externos com área de  $9.664 \text{ m}^2$ , também para carga geral; sua área de pátio é de  $33.360 \text{ m}^2$ ; um siló com capacidade para 3.000 t; dois depósitos para carvão com 250.000 t de capacidade; e dois tanques para combustíveis com  $3.997 \text{ m}^3$ .

#### - Porto de Itajaí

Importante porto de Santa Catarina, realiza conexão com as demais partes do estado e do país, através das rodovias federais BR 101, BR 470 e BR 282, todas pavimentadas, sendo a BR 282 pavimentada no trecho Campos Novos - São Miguel D'Oeste.

O porto possui uma área total de  $15.200 \text{ m}^2$  para uma capacidade de 46.956 t; um pátio pavimentado com área de  $27.650 \text{ m}^2$  para movimentação de cargas; 12 câmaras frigoríficas com  $4.000 \text{ m}^3$ , dois túneis de congelamento; uma fábrica de gelo com produção de 380 formas de 17 kg, a cada 6 horas, com britadores para 5 t/h. O sistema de armazenamento do porto é complementado com um siló, tendo uma edificação auxiliar para os equipamentos de movimentação de cereais de 7 andares e 25 m de altura. O siló é constituído de

duas células cilíndricas de concreto armado, cada uma com capacidade para 600 t de trigo.

O porto possui ainda, um frigorífico (11.000 t) da CESCA; três depósitos de tipo convencional (22.800 t) e um frigorífico (2.150 t), pertencentes à PORTOBRÁS, além de um armazém de uso geral (10.000 t) da COBEC.

Deve-se salientar que as boas condições de acesso rodoviário ao porto de Itajaí e suas instalações apropriadas transformaram-no em terminal para produtos oriundos do Vale do Itajaí (fumo, têxteis) e do Oeste Catarinense (frangos) exportados para o mercado internacional.

#### - Porto de São Francisco do Sul

Localizado na Ilha de Babitonga, ao norte do estado e próximo à divisa com o Paraná, o porto de São Francisco pode ser atingido por via terrestre, a partir de Joinville, pela BR 280, através de um percurso inteiramente asfaltado de 42 km de extensão. Em Joinville é feita a conexão com a BR 101. No prolongamento da BR 280 é atingida a cidade de Mafra, num percurso de 186 km, totalmente asfaltado. Em Mafra, a BR 280 encontra a BR 116, longitudinalmente, que une Porto Alegre a São Paulo, passando por Lages e Curitiba. Uma outra alternativa para atingir o Porto, a partir da BR 116, é pela BR 470, rodovia transversal (asfaltada), que percorre o Vale do Itajaí, numa distância de 353 km, até Campos Novos, onde é ligada por estrada pavimentada (BR 282) ao Oeste Catarinense, importante região produtora de produtos agrícolas.

Por hidrovia é possível chegar ao porto a partir de Joinville em pequenas embarcações.

Por via férrea são boas as condições entre o porto e o tronco-Sul (EF 116). A ligação é feita através da ferrovia EF 485, na cidade de Mafra, com 202 km. Pela mesma EF 485, em Porto União, na divisa de Santa Catarina com o Paraná, é feita a conexão com a ferrovia EF 153 que liga Porto Alegre a São Paulo. A distância entre o Porto de São Francisco até Porto União é de 460 km.

O porto possui a seguinte estrutura de armazenagem: três armazéns com área total de 9.250 m<sup>2</sup>; um pátio para movimentação de mercadoria com 32.000 m<sup>2</sup>; dois galpões (fora do porto) com a

rea de 1.740 m<sup>2</sup>; 23 galpões, pertencentes a firmas madeireiras, abrangendo 23.000 m<sup>2</sup> de área. Possui ainda, dois armazéns graneleiros (62.394 t) de propriedade da CEVAL; um armazém (20.000 t) da PORTOBRÁS; dois armazéns graneleiros (11.000 t); um armazém do tipo inflável (2.850 t), e um armazém do tipo bateria (8.280 t), pertencentes à COCAR.

Cabe salientar que este porto possui as melhores condições hidrográficas do Sul do país, embora se torne necessária periodicamente a dragagem de seu canal de acesso. Sua localização, na embocadura do rio Cachoeira, coloca os navios ao abrigo, sem necessidade de construção de molhes. Suas ligações por terra permitem que o mesmo seja atingido de forma econômica pelos produtos das várias regiões do estado e mesmo dos estados vizinhos; seu equipamento operacional o coloca como o maior porto exportador do estado, notadamente para produtos de expressivo volume, como é o caso da soja e de seus derivados.

#### 2.3.4. Sistema aeroviário

"O sistema aeroviário opera com transporte de passageiros de renda mais elevada e com cargas leves e de maior valor. Desta forma, é um tipo de transporte limitado e que envolve apenas as áreas de maior concentração populacional e, especialmente, em países sub-desenvolvidos, os locais de maior concentração das atividades terciárias e, em menor grau, das secundárias.

O transporte aeroviário é dividido em níveis, segundo seu raio de ação, categoria dos aeroportos onde opera e tipo de aeronave. A chamada aviação de 1º nível, compreende as grandes rotas internacionais com aeronaves de grande capacidade e limitada a determinados aeroportos. A de 2º nível compreende linhas internas ligando áreas de maior importância nacional, tais como as capitais de estados e cidades principais. Opera, também, com aviões de grande capacidade e limita-se, ainda, a determinados aeroportos. Finalmente, a aviação de 3º nível opera em rotas de curta distância, com aviões menores que podem pousar em aeroportos menos aparelhados. A aviação de 3º nível é utilizada para ligar cidades menores às capitais e cidades maiores".

Em Santa Catarina, ocorrem a aviação de 2º e 3º níveis. A primeira conectando áreas importantes do litoral aos grandes centros urbanos nacionais, e a segunda ligando as cidades do lito

ral com as do planalto e mesmo com outros centros urbanos nacionais.

Existem 18 municípios com aeroportos no estado. Destes, apenas oito possuem pista asfaltada; cinco, pista de saibro; quatro, pista de terra; enquanto, apenas um possui pista de grama.

Florianópolis, Navegantes, Joinville, Criciúma, Lages e Chapecó são as cidades servidas por "Bandeirantes E 110", mas somente as três primeiras recebem, também, os aviões tipo "Boeing 727 e 737" (1).

As cidades que poderão tornar-se ponto de escala de aviões "Bandeirantes E 110" são: Rio do Sul, Caçador, Joaçaba, Concórdia, Videira e São Miguel D'Oeste.

#### 2.3.5. Prejuízos no sistema rodoviário em função das enxurradas ocorridas em 1983

As fortes chuvas que assolaram Santa Catarina, principalmente em julho de 1983, danificaram seriamente o sistema rodoviário estadual. Foram sérios os prejuízos para os municípios de todo o estado, uma vez que houve quedas acentuadas de barreiras e pontes, deslizamento do solo, rachaduras do asfalto, assoreamento de bueiros e esgotos. Na época, fez-se necessário, portanto, que os órgãos responsáveis, realizassem um levantamento da situação real das necessidades do sistema rodoviário catarinense.

As rodovias e as ferrovias do estado foram gravemente atingidas com os transportes inteiramente paralisados, ou altamente prejudicados, fosse em âmbito local, estadual ou interestadual. Os danos causados nas BR 101, BR 116, BR 153, e nas ferrovias EF 116 e EF 153 cortaram os fluxos Norte-Sul. As BR 470 e BR 280, também gravemente atingidas, paralisaram as comunicações do estado no sentido Leste-Oeste. O Porto de Itajaí sofreu prejuízos de expressivo vulto, principalmente pela destruição de seu cais.

Nesse sentido, a Secretaria dos Transportes e Obras, juntamente com o 16º Distrito Rodoviário e demais órgãos responsá-

---

(1) Minuta do Relatório Final do Projeto - Estudos dos Sistemas de Transporte (vol. 5) - STO/DER - abr/83.

veis pela administração e fiscalização dos sistemas de transpor - tes no estado, efetuou uma pesquisa junto aos vários municípios a fetados, procurando identificar a real situação de Santa Catarina.

A nível específico de município, a Secretaria dos Trans portes e Obras, através do Departamento de Estradas de Rodagem e do Fundo Estadual de Assistência Rodoviária, elaborou um relatô rio sucinto, mostrando as reais condições das estradas em cada mu nicípio afetado pelas chuvas de julho.

DANOS CAUSADOS AO SISTEMA RODOVIÁRIO MUNICIPAL  
PELAS ENCHENTES DE 1983

DISCRIMINAÇÃO	QUANTIDADE
Revestimento primário (m <sup>3</sup> )	5.201.076
Área de pavimentação (m <sup>2</sup> )	393.575
Volume terraplanagem (m <sup>3</sup> )	3.517.716
Tubulação (bueiros - m)	42.756
Celular (bueiros - m)	658
Ponte de concreto (m)	1.213
Ponte de madeira (m)	13.292
Ponte mista (m)	7.889
Número total de pontes	1.943

Fonte: STO/Fundo Estadual de Assistência Rodoviária - FEAR

Por outro lado, baseado nos danos causados, foram esti mados os recursos financeiros necessários.

RECURSOS FINANCEIROS NECESSÁRIOS PARA RECUPERAÇÃO  
DO SISTEMA RODOVIÁRIO MUNICIPAL, EM JULHO DE 1983

DISCRIMINAÇÃO	RECURSOS FINANCEIROS (cruzeiros)
Revestimento primário	13.116.682.383
Pavimentação	692.550.139
Remoção de barreiras	547.661.286
Escorregamento	2.539.348.778
Drenagem/obras de artes correntes	1.058.312.075
Outros serviços	399.693.880
Obras de artes especiais	4.080.179.858
<b>TOTAL</b>	<b>22.434.428.405</b>

Fonte: STO/FEAR

PONTES DESTRUÍDAS OU DANIFICADAS PELAS ENCHENTES  
EM 1983

DISCRIMINAÇÃO	PONTES DESTRUÍ- DAS (1)	NÃO RECUPERADAS (ATÉ DEZ/83) (2)	PERCENTUAL NÃO RECUPERADO (2/1)
Nº de pontes	2.110	671	31,80
Comprimento total (m)	24.960	9.101	36,46
Recursos previstos			
. Cruzeiros	9.208.839	3.304.101	35,88
. ORIN	1.220.363	437.863	-

Fonte: STO/FEAR

No entanto, após a conclusão do levantamento exposto, foi encaminhado um relatório, contendo todos os itens, às autoridades responsáveis, sendo tomadas todas as providências cabíveis para o restabelecimento da situação.

### **3. RECURSOS NATURAIS**





### 3. RECURSOS NATURAIS

O estado de Santa Catarina está localizado entre os paralelos 25° e 30° da latitude Sul e entre os meridianos 48° e 54° de longitude Oeste. Abrange uma área total de 95.985 km<sup>2</sup>, sendo 95.483 km<sup>2</sup> de área terrestre e 502 km<sup>2</sup> de águas internas. Representa 1,13% do território nacional.

O território catarinense apresenta forma retangular, com parte mais larga no litoral atlântico, estreitando-se para o Oeste à medida que se aproxima da divisa com a República Argentina. Sua formação caracteriza-se por duas regiões distintas. O Litoral com 552 km de extensão, comprimido, ao fundo, pela Serra Geral, e o Planalto, que se espraia além dessas serras, rumo ao Oeste, com área que corresponde, aproximadamente, a 2/3 do território estadual. No Litoral, encontram-se áreas planas nos vales dos rios banhados pelos tributários do Oceano Atlântico e também várzeas irrigáveis que se localizam junto ao mar.

#### - Sistema hidrográfico

O sistema hidrográfico do estado é formado por dois conjuntos independentes: o dos rios Uruguai e Iguaçu, e o conjunto de bacias isoladas que desaguam no Atlântico.

Os principais rios que formam as bacias e as áreas por elas ocupadas são:

- Bacia do Uruguai (47.343 km<sup>2</sup>): rios das Antas, Chapecô, Irani, Jacutinga, do Peixe, Canoas, Pelotinhas, Lava-Tudo e Pelotas.

- Bacia do Iguaçu (12.886 km<sup>2</sup>): rios Timbó, Canoinhas, São João e Negrinho.

- Bacias do Sudeste (35.756 km<sup>2</sup>): rios Araranguá, Tubarão, Cubatão, Tijucas, Itajaí e Itapocu (ver mapa 1).

#### - Vegetação

A vegetação do estado apresenta-se muito devastada pelo homem. Originalmente, as florestas ocupavam 65% do território e os campos 35%. Hoje, entretanto, as florestas estão bastante reduzidas e apresentam dois tipos: mata úmida subtropical, no Litoral

e na Serra do Mar, e mata de araucária (pinho do Brasil) cobrindo parte do planalto.

A mata úmida subtropical é semelhante à mata atlântica, existente em grande parte do território brasileiro, apresentando apenas árvores menores, em número mais reduzido de espécies e maior quantidade de musgos e líquens. Há, além da mata araucária, espécies nobres como imbuia, cedro, jacarandá, canela, etc.

Os campos, como os de Lages e os de São Joaquim, por exemplo, aparecem como manchas esparsas em meio às áreas de mata e são constituídos por uma cobertura contínua de vegetação rasteira.

#### - Clima e solo

##### . O Clima

O clima de Santa Catarina é o subtropical úmido, apresentando duas variações: subtropical úmido com verões quentes, nas áreas planas do Litoral e partes baixas do Planalto (Vale do Uruguai e Extremo-Oeste); e subtropical úmido com verões frios, no resto do planalto.

No primeiro caso, as temperaturas médias anuais situam-se entre 18°C e 20°C.

No segundo caso, estas médias variam entre 16°C e 18°C, e as diferenças de temperatura entre os meses de verão e inverno são bastante sensíveis.

Nesse último caso, é comum, no período maio-outubro, a ocorrência de temperaturas abaixo ou aproximadas de zero. Ocorrem, em decorrência do fenômeno, fortes geadas e até neve em alguns pontos do estado.

O clima, fator limitante na agricultura, tem grandes variações dentro do território estadual, mesmo a nível mesorregional, mas tais variações se acentuam quando são comparadas às três grandes regiões, conforme pode-se verificar a seguir:

FATOR OU ELEMENTO	REGIÃO		LITORAL		PLANALTO		OESTE	
Latitude	26°	a 29°30' S	26°	a 28°30' S	26°30'	a 27°30' S		
Longitude	48°30'	a 49°30' W	49°30'	a 51°00' W	51°00'	a 53°30' W		
Altitude	0	a 400 m	700	a 1.500 m	200	a 700 m		
Temp. Média Anual	17	a 21°C	13	a 17°C	15	a 19°C		
Temp. Mín. Méd. Anual	12	a 18°C	9	a 12°C	10	a 14°C		
Temp. Máx. Méd. Anual	23	a 26°C	19	a 24°C	23	a 26°C		
Variação de Temp. Mensal		21°C		23°C		34°C		
Precip. Total Anual	1.200	a 1.900 mm	1.300	a 1.900 mm	1.500	a 2.200 mm		
Evap. Pot. Total Anual	1.000	a 1.300 mm	900	a 1.100 mm	1.100	a 1.300 mm		
Excesso Hídrico To- tal Anual	100	a 500 mm	300	a 600 mm	400	a 1.200 mm		
Umidade Relat. Méd. Mensal	82	a 87%	78	a 83%	72	a 80%		

Fonte: SAA/EMPASC

#### . O Solo

"O solo catarinense, cultivado em aproximadamente dois milhões de hectares, caracteriza-se por um relevo bastante acidentado. De uma forma geral, pode-se distinguir cerca de 70% da área estadual com limitações às explorações agrícolas devido ao relevo, à pedregosidade e afloramento de rochas, enquanto os demais 30%, constituídos de áreas planas e ligeiramente onduladas, com condições de mecanização, apresentam menor fertilidade, devido, principalmente, à sua elevada acidez e baixo teor de fósforo disponível.

Nos solos de relevo acidentado, mais férteis, localiza-se a maior parte das pequenas propriedades, onde se produz a maior parcela de milho, feijão, soja, fumo, trigo, suínos e outros produtos.

Da superfície estadual, 33,3% apresentam relevo ondulado com declividade variando entre 8% e 15%, necessitando de práticas intensivas de conservação do solo.

Estes solos, cultivados indevidamente e sem as técnicas conservacionistas indicadas, vêm provocando sérios problemas de

erosão que, cada vez mais, fazem diminuir a fertilidade das terras catarinenses.

O relevo acidentado, as chuvas intensas predominantes nos meses de preparo do solo e início das culturas, a eliminação indiscriminada da vegetação original, permitem aquilatar o grau de erosão em que se encontram as terras. Numa grande parcela das propriedades, as áreas consideradas agricultáveis (com menos de 20% de declividade), já foram abandonadas para cultura e estão sendo utilizadas áreas com declive superior a 50%. Observam-se correntes migratórias dentro e para fora do estado. Esse fato vem acontecendo, muitas vezes, em regiões de recente colonização, onde há pouco mais de cinquenta anos chegaram os primeiros agricultores. Este fenômeno foi provocado, em parte, pela diminuição da fertilidade das terras erodidas.

Com a evolução da agropecuária, nos últimos anos, extensas áreas, anteriormente cobertas por matas e campos nativos, têm sido usadas para a produção de cereais, sendo que o desmatamento e os tratamentos da terra se fazem através da motomecanização sem os devidos cuidados contra a erosão.

As reservas florestais vêm diminuindo assustadoramente, sem que os desmatamentos sejam executados de forma racional, como é o caso ocorrido em muitas cabeceiras de rios, prejudicando grandemente as condições de meio ambiente, provocando problemas de secas e inundações.

Estima-se que, atualmente, no máximo 15% da área do estado encontra-se coberta com florestas" (1)

Os diferentes fatores climáticos, interagindo com diferentes materiais de origem e em relevos diversos, provocaram a formação de tipos diversificados de solos. A combinação desses fatores origina a aptidão agrícola dos solos que, no caso de Santa Catarina, pode ser quantificada da seguinte forma:

---

(1) JORDAN, Ingo. Os recursos hídricos nos ecossistemas rurais. Florianópolis, Instituto CEPA/SC, 1982. 60 p. (Cadernos de Economia Agrícola, 11)





## **4. FATORES DE PRODUÇÃO**





## 4. FATORES DE PRODUÇÃO

### 4.1. Terra

#### 4.1.1. Introdução

Hã duas afirmações, que são voz corrente, sobre a estrutura fundiária de Santa Catarina: uma é a de que o estado se caracteriza por ter uma das melhores distribuições da posse da terra; a outra, a de que a pequena propriedade é predominante.

A primeira destas características se fundamenta na comparação com outros estados brasileiros, ou seja, é relativa: independente das especificidades da questão agrária estadual a distribuição da terra é mais eqüitativa em Santa Catarina que na maioria das outras unidades da Federação.

A segunda, é uma característica interna: os estabelecimentos agrícolas catarinenses, na sua grande maioria, podem ser considerados pequenos - 88,9% dos estabelecimentos tinham, em 1980, menos de 50 hectares (tabela 11).

Vejamos no que se sustentam tais colocações.

#### 4.1.2. Comparação com a situação nacional

A afirmação que se refere à relativa boa distribuição das terras no estado baseia-se no fato de que, enquanto o Índice de Gini<sup>(\*)</sup> para o Brasil era, de 0,859, em 1980, em Santa Catarina não ia além de 0,676 (tabelas 6 e 7).

Mais do que a situação recente, isso é um fato histórico. De 1960 para cá, o Brasil sempre teve índices acima de 0,842 e crescentes, pois esse é o dado para aquele ano, tendo aumentado em 1970 para 0,844 e em 1975 para 0,855, alcançando 0,859 em 1980. Houve, portanto, concentração da posse da terra nos anos sessenta e setenta, a nível nacional (tabela 6).

Naqueles anos, Santa Catarina teve índice 0,667; 0,647; 0,659 e 0,676, respectivamente, num indicativo de que, de 60 para

---

(\*) O Índice de Gini expressa o nível de concentração da posse da terra na área geográfica a que se refere. O índice associa percentual de proprietários com o percentual da área apropriada. Quanto mais próximo da unidade, mais concentrada é a posse da terra.

70, a concentração diminuiu, mas de 70 para 80 aumentou, ainda que esses índices sejam sempre muito menores que as médias nacionais. Na verdade, a posse da terra, a nível nacional, foi naqueles anos 26,2%; 30,4%; 29,7% e 27,1% mais concentrada do que no estado, o que resulta, como média dos quatro pontos, que a concentração foi 28,4% maior a nível nacional (tabelas 6 e 7).

A grande diferenciação, com referência ao nível nacional, deve-se aos índices muito elevados das regiões norte (0,838, em 1980); nordeste (0,864); Centro-Oeste (0,847), enquanto a região Sudeste tem índice (0,772, em 1980) e a região Sul (0,746) é a mais próxima do estado (0,676), também porque a média regional é influenciada pelo índice de Santa Catarina, que tem menor concentração que o Rio Grande do Sul e o Paraná (tabelas 6 e 7).

#### 4.1.3. Comparação com outros estados

Os índices de Gini de Santa Catarina, quando comparados aos de outros estados, apresentam um quadro vantajoso para a situação da terra catarinense. De 1960 a 1980 só o Espírito Santo apresentou menor concentração da terra que Santa Catarina.

Considerando-se a média aritmética dos quatro pontos já citados, obtêm-se para Santa Catarina 0,662 e Espírito Santo 0,610, com a diferença de que neste, a tendência em todo o período foi de aumentar a concentração, enquanto, naquele, aconteceram oscilações - o ponto de menor concentração foi 1970, e só a partir daí é que concentra (tabela 7).

Santa Catarina, em verdade, teve a segunda menor concentração em 1960, a quarta em 1970, a quarta em 1975, e novamente a segunda em 1980. Quando à média dos diversos dados, à sua frente, no período, sempre esteve o Espírito Santo e do 3º ao 5º lugar Acre, Rondônia e Roraima (tabela 7).

A colocação do território e dos estados nortistas pode surpreender, mas deles apenas Roraima iniciou o período (1960) com um índice baixo (0,669) que depois cresceu, enquanto o Acre e Rondônia iniciaram com muita concentração (0,932 e 0,904, respectivamente) e depois diminuíram-na. Isso, provavelmente, por terem sido proporcionalmente os estados mais colonizados nas duas décadas, fazendo com que novas propriedades surgissem e equilibras

sem melhor a distribuição. Nesse sentido, destacou-se a década de 60 (tabela 7).

O que o Índice de Gini mostra é que um valor relativamente baixo representa uma distribuição mais eqüitativa, mas ela pode dar-se com propriedades de qualquer tamanho, pois o índice independe da área média do estabelecimento. Das cinco unidades da federação citadas, em 1980, a área média era amplamente diversificada: Santa Catarina, 34,6 ha; Espírito Santo, 64,5 ha; Rondônia, 114,9 ha; Acre, 213,7 ha; e Roraima, 662,2 ha.

Com isso, chega-se a uma conclusão preliminar: Santa Catarina tem a segunda melhor distribuição de terras entre os estados brasileiros, mas tem, também, a menor área média entre as unidades da federação de menor concentração, ou seja, há uma distribuição eqüitativa, mas escassa (a pequena propriedade).

As unidades federativas citadas têm índices médios menores que 0,750. Na grande maioria dos estados, eles situam-se entre 0,750 e 0,850. Acima disso, encontram-se as mais concentradas, em número de seis: Maranhão, Mato Grosso<sup>(\*)</sup>, Piauí, Amapá, Amazonas e Pará (tabela 7).

Os três estados do sul também se caracterizam de modo diferenciado. Santa Catarina tinha, em 1980, melhor distribuição (0,676) que o Paraná (0,746) e este, por sua vez, menos concentrado que o Rio Grande do Sul (0,763). Quanto à tendência, Rio Grande do Sul e Santa Catarina oscilaram nestes últimos 20 anos, apontando, entretanto, para a concentração - vale lembrar que no Rio Grande do Sul as oscilações foram menores. O Paraná, por sua vez, teve propensão contínua à concentração (tabela 7).

#### 4.1.4. Posse da terra em Santa Catarina

##### 4.1.4.1. Estabelecimentos, Área Total e Área Média

Os dados disponíveis sobre os estabelecimentos agrícolas de Santa Catarina, desde 1920, indicam que, à medida em que

---

(\*) Mato Grosso foi considerado como se ainda fosse um único estado por ser o desmembramento muito recente. A situação dos dois estados, depois da divisão, deve ser outra, pois há diferenças entre o norte e o sul.

as terras iam sendo colonizadas, a área total dos estabelecimentos ia aumentando, juntamente com o seu número, mas em proporções diferentes, de forma que a área média dos estabelecimentos caiu continuamente nos 50 anos que vão de 1920 a 1970 (tabela 8).

Nesse mesmo período, a área total cresce de um índice 100 para 197, enquanto o número de estabelecimentos aumentou de 100 para 614, ou seja, a área não chegou a duplicar e o número de estabelecimentos alcançou o sêxtuplo. Com isso, naturalmente, o índice de área média dos estabelecimentos caiu de 100 para 32, reduzindo-se a 1/3 do que era em 1920 (tabelas 8 e 9).

Já a partir de 1975, a tendência das três variáveis foi quebrada. A área total que vinha aumentando caiu, o mesmo acontecendo com o número de estabelecimentos, fazendo com que a área média permanecesse mais ou menos a mesma.

A tendência anterior a 1970 é retomada em 1980, quando os índices de área total e do número de estabelecimentos voltaram a crescer. Contudo, como a área cresceu proporcionalmente um pouco mais que o número, a área média aumentou de 33,3 ha para 34,6 ha, ou seja, a tendência de queda da área média foi revertida.

Através da taxa média anual de crescimento, pode-se verificar a evolução, período por período. Constata-se, então, mais facilmente, que o crescimento da área total foi desuniforme: o período 1940-60 teve um menor crescimento (1,01%) do que 1920-40 (1,56%) e 1960-70 (1,68%), provavelmente, porque a colonização de caiu naquele período.

Mais diferenciado foi o período 1970-75, no qual a área total caiu (-0,43%). À primeira vista, o fato é estranho, pois implica diminuição da área apropriada pelos estabelecimentos, ou a existência de problemas nos dados. Neste mesmo período, o número de estabelecimentos diminuiu (-6,89%), o que identifica concentração da posse da terra, fato, como já se disse, corriqueiro nos países (tabela 10).

A área média dos estabelecimentos decresceu de 1920 a 1975, sendo essa diminuição de área mais acentuada no início do período (-3,21%) e se aproximando da estabilidade no período 1970-75 (-0,36%) (tabela 10).

No período 1975-80, há, como já foi mencionado, uma re

versão da curva, pois as três variáveis cresceram. Isto é, a área total e o número de estabelecimentos voltaram a crescer, mas a área média cresceu, produzindo um fato preocupante, pois pela primeira vez aumentaram, tanto o Índice de Gini (de 0,659 para 0,676), como a área média ( de 33,3 ha para 34,6 ha).

#### 4.1.4.2. Estabelecimentos e área por estrato

Analisando-se mais detalhadamente, isto é, por estrato de área, pode-se verificar em que grupo de área total aconteceram as modificações do período 1970 a 1980.

O aumento dos estabelecimentos de 207.218 para 216.159 não se deu com os estabelecimentos de todos os estratos. Aumentaram os estabelecimentos de 0 a 20 hectares, principalmente de 0 a 10 hectares e também os com mais de 100 hectares. Simultaneamente, diminuíram os estabelecimentos na faixa intermediária de 20 a 100 hectares (tabela 11).

Tal quadro não é nada auspicioso, já que os estabelecimentos de menos de 20 hectares podem ser considerados minifúndios, principalmente se for levado em conta que os de 10 a 20 hectares tiveram uma média de 14,02 hectares em 1970 e 13,99 em 1980, o que agrava o quadro, pois tais áreas, além de insuficientes, diminuíram na década.

O mesmo aconteceu com o estrato mais problemático, o de menos de 10 hectares, que teve sua área média diminuída de 5,14 para 4,93 hectares (tabela 11).

Portanto, de 1970 para 1980, aumentou o número de estabelecimentos minifundiários, ao mesmo tempo em que suas áreas médias diminuíram, aumentando o problema da escassez da terra, o que atinge, aproximadamente, 60% dos estabelecimentos do estado, ou melhor, atingia 59,1% em 1970 e passou a 62,3% em 1980. A área mêdia diminuiu, pois o percentual de área apropriada permaneceu o mesmo (16%) (tabelas 11 e 12).

O aumento do número de estabelecimentos de mais de 100 hectares, por outro lado, não é um problema em si, mas revela a tendência de concentração da propriedade da terra nos grandes estabelecimentos, em detrimento das médias propriedades (20 a 100 ha) e do aumento das pequenas (menos de 20).

Os estabelecimentos de mais de 100 ha aumentaram de 8.945 (4,3%) para 9.480 (4,4%), e suas áreas médias aumentaram em todos os três estratos, pois a área apropriada cresceu de 43,4% para 48,2%.

A faixa intermediária (de 20 a 100 ha) diminuiu de 75.944 estabelecimentos para 71.845 ou de 36,6% para 33,2%. A área apropriada caiu de 40,3 para 35,8% (tabelas 11 e 12).

Fica assim mais clara a afirmação de que essa tendência não é auspiciosa, pois o que se verifica é que as propriedades médias (20 a 100 ha) que, em geral, podem ser exploradas familiarmente, estão diminuindo em número, quando, geralmente, são as mais adequadas para a agropecuária catarinense. E isso está acontecendo com o aumento dos estabelecimentos de menos de 20 ha, via de regra, insuficientes para o sustento de uma família média, já que as terras do estado são muito acidentadas.

A explicação mais simples seria a de que está acontecendo a divisão pura e simples dos estabelecimentos familiares de tamanho médio, pois a maior diminuição de estabelecimentos aconteceu no estrato de 20 a 50 ha, que têm uma média de 30 ha. Isso torna possível que, por simples divisão de uma parcela dos 3.592 estabelecimentos que desapareceram do estrato de 20 a 50 ha, tenha-se originado parte dos novos 2.707 estabelecimentos de 10 a 20 ha, enquanto uma outra parcela originou, por aglutinação, parte dos novos 244 estabelecimentos de 100 a 500 hectares.

#### 4.1.4.3. Regionalização dos estabelecimentos

Além das diferenças existentes entre os estratos de área, existem naturalmente diferenças regionais quanto à posse da terra em Santa Catarina.

A questão da evolução do número dos estabelecimentos, por exemplo, apresenta grandes diferenciações entre as microrregiões homogêneas do estado.

Considerando-se o ano de 1970 como 100, verifica-se que em 1975 quatro microrregiões tiveram índice maior que 100 - Litoral de Laguna (125), Colonial de Itajaí Norte (112), Colonial do Alto Itajaí (110) e Colonial do Oeste Catarinense (108). Duas microrregiões mantiveram o número de estabelecimentos: Carbonífera

e Campos de Lages. As demais tiveram seus estabelecimentos reduzidos quanto ao número, e as que mais se diferenciaram foram as do Litoral de Itajaí (84) e de Florianópolis (89) (tabela 13).

Em 1980, os maiores aumentos no número de estabelecimentos foram os da Colonial do Oeste Catarinense (124), Colonial do Alto Itajaí (117), Litoral de Laguna (116), Campos de Lages (103), Planalto de Canoinhas (102), Carbonífera (102) e Colonial de Itajaí Norte (102). A Colonial Sul Catarinense manteve o número, e as demais perderam estabelecimentos, principalmente Litoral de Itajaí (65), Florianópolis (78) e Colonial de Blumenau (89) (tabela 13).

Quanto à situação média do estado, em 1975, houve uma pequena redução que não chegou a 1% e, em 1980, houve um aumento de 4% (tabela 13).

O porquê de tais diferenças só pode ser verificado examinando-se cada microrregião mais detalhadamente, mas é inegável que elas existem.

#### 4.1.4.4. Destinação da área

A destinação da área é diferenciada tanto nos estratos de área como no tempo.

A área utilizada com lavouras em Santa Catarina, em termos percentuais, aumentou de 1970 para 1980 em todos os estratos, com exceção daquele de menos de 10 hectares. Neste, o percentual se manteve. As pastagens, por sua vez, aumentaram relativamente à área ocupada nos estratos de 0 a 100 hectares e diminuíram nos de mais de 100 hectares (tabela 14).

Essas modificações caracterizam um uso mais intensivo do solo, já que o aumento relativo das lavouras e de pastagens em alguns estratos deram-se nas áreas ocupadas por pastagens, matas ou terras ociosas.

Em termos estaduais, só as lavouras aumentaram sua participação relativa de 18,96%, em 1970, para 24,14% em 1980, enquanto as pastagens diminuíram de 35,13% para 33,33%, pois os aumentos acontecidos nos estratos até 100 hectares não compensaram as diminuições nos acima de 100 hectares. As matas diminuíram de 24,93% para 23,85% e as terras ociosas de 15,80 para 9,08% (tabela



la 14).

As matas diminuíram nos estratos abaixo de 500 hectares e aumentaram nos acima desta marca, enquanto as terras ociosas diminuíram em todos os estratos.

As diferenciações nas evoluções dos estratos acontecem porque a lógica dos estabelecimentos depende de suas dimensões. Assim, as áreas de lavouras dos estabelecimentos de menos de 10 hectares não aumentaram para mais de 63%, porque, provavelmente na maioria dos estabelecimentos do estado, não há condições para lavouras num percentual maior que este, pois as áreas de pastagens e matas ocupam terrenos não adequados às lavouras (tabela 14).

Isso pode ser comprovado pelo estrato imediatamente superior (10 a 20 hectares) no qual a área de lavouras cresceu de 42 para 49%, e as pastagens de 17 para 19%, havendo a diminuição das matas e terras ociosas.

Ao que parece, no período de 1970 a 1980, houve a intenção de aumentar a área cultivada com lavouras, e isso não foi feito apenas no estrato de menos de 10 hectares, por não haver área apropriada às lavouras.

As pastagens aumentaram nos estratos até 100 hectares, provavelmente na busca de diversificação, tendo acontecido o mesmo com os estabelecimentos de mais de 100 hectares, que são tradicionalmente de pecuária bovina, sendo a diversificação buscada através do aumento das lavouras. Os de mais de 500 hectares aumentaram também suas áreas de matas através de reflorestamento. As pastagens, neste último caso, foram substituídas por lavouras e florestas artificiais. Essa foi a faixa que teve áreas reflorestadas a ponto de aumentar de 1970 para 80 a área de matas, provavelmente, porque só as grandes propriedades puderam utilizar áreas para esse fim, pois as menores necessitam utilizar explorações de maior intensidade econômica (lavouras).

As terras produtivas não utilizadas, por sua vez, foram reduzidas a um mínimo. Os estratos que apresentaram maior percentual de terras nestas condições foram os de 20 a 100 hectares (15%), provavelmente porque estas terras, predominantemente de lavouras, estavam, não ociosas, mas em descanso. Isso pode ser feito nestes estratos, mas nos menores, como se pode verificar, o alqueive só

pode ser praticado em menor proporção (10 e 5% respectivamente). As propriedades acima de 100 hectares diminuem a área não utilizada, à medida em que cresce o estabelecimento, porque aumenta a área utilizada com pastagens e matas, não possibilitando o descanso da terra, como no caso das lavouras (tabela 14).

#### 4.1.4.5. Condição do produtor

Outra tendência preocupante da questão fundiária em Santa Catarina é a que identifica uma diminuição relativa dos proprietários rurais na década de 70, com aumento dos não-proprietários (arrendatários, parceiros e ocupantes). No geral, os proprietários tiveram diminuída sua participação de 82,7% para 79,4%, em dez anos, aumentando os arrendatários de 5,2 para 5,9%, os parceiros de 5,2 para 6,1% e os ocupantes de 6,9 para 8,5% (tabela 15).

O caso mais grave é o do estrato até 10 hectares, no qual o percentual de proprietários caiu de 65,7 para 61,3, o que equivale a dizer que dos estabelecimentos de menos de 10 ha, em 1980, existiam 38,7% de não-proprietários, sendo 10,6% arrendatários, 11,9% parceiros e 16,2% ocupantes. Todas as categorias de não-proprietários cresceram, principalmente a dos ocupantes que é a mais instável delas.

O estrato de 10 a 20 hectares também apresentou uma queda no número de proprietários, ainda que o patamar inicial fosse bem mais elevado. Caiu de 88,5 para 85,5%.

O quadro que se forma para os estabelecimentos de menos de 20 hectares é todo negativo, pois o número desses estabelecimentos cresceu, a área média caiu, e o percentual de não-proprietários aumentou. Isso tudo deu-se com os estabelecimentos que já tinham área, em princípio, insuficiente para uma exploração econômica.

O estrato de até 10 hectares, com área média por volta de 5 ha, é naturalmente o caso mais grave e atingia, em 1980, 35% dos estabelecimentos que ocupavam 5% da área. Somado aos de 10 a 20 hectares atingiu 62,3% dos estabelecimentos que possuíam 16% da área (tabelas 15 e 12).

O percentual de proprietários aumenta à medida que o estrato cresce. Em 1980, no estrato de menos de 10 ha, eram 61,3%, e

no de mais de mil, 95,0% (tabela 15).

Os arrendatários, por sua vez, são mais ou menos 10% no estrato de até 10 ha e 4% no de 10 a 20 ha, caindo nos estratos maiores para valores inferiores a isso. O caso dos parceiros é a proximadamente o mesmo e o dos ocupantes mais acentuado: 16,2 e 5,7% nos estratos de até 10 e de 10 a 20 ha respectivamente, em 1980.

#### 4.1.4.6. Condição do produtor por Microrregiões Homogêneas

Quando analisada por microrregião, a condição do produtor (nas quatro categorias) apresenta-se bastante diferenciada.

Como já foi visto, o percentual de proprietários diminuiu de 82,7 para 79,4, contudo, em quatro microrregiões houve aumento: Litoral de Itajaí, Colonial de Blumenau, Florianópolis, Colonial do Rio do Peixe.

Analisando-se caso a caso das microrregiões, chega-se à conclusão de que há as mais diversas combinações do comportamento das quatro categorias da condição do produtor (tabela 17).

A MRH Colonial de Joinville teve seu percentual de ocupantes elevado de 1970 para 1980, e as demais categorias decresceram, enquanto na média estadual, como já se viu, houve crescimento também do percentual de arrendatários e parceiros.

Na MRH Litoral de Itajaí, cresceu apenas o percentual de proprietários, decrescendo os das categorias de não-proprietários.

O caso da Colonial de Blumenau foi de decréscimo só de parceiros e no da Colonial de Itajaí do Norte de proprietários e arrendatários.

A situação, quanto ao número de estabelecimentos, área total e a participação de cada categoria no número de estabelecimentos e na área, para todas as microrregiões, consta das tabelas 16 e 17 deste trabalho, que deixam bem claro a diversificação regional da questão fundiária.

Mesmo as duas regiões de maior expressão agro-econômica tiveram comportamento diferente. Na Colonial do Rio do Peixe cresceram apenas os arrendatários, e na Colonial do Oeste Catarinense, os proprietários e ocupantes.

Fica, em síntese, a constatação geral de que os proprietários diminuíram sua participação no total de estabelecimentos do estado; que isso aconteceu principalmente nos pequenos estratos, como já foi visto e, principalmente, nas MRH Colonial do Alto Itajaí, Colonial Serrana Catarinense, Litoral de Laguna, Colonial Sul Catarinense, Campos de Lages e Planalto de Canoinhas que tiveram reduções maiores que a média estadual. Os casos mais destacados de redução do percentual de proprietários foram os da MRH Colonial do Alto Itajaí, Planalto de Canoinhas e Campos de Lages que apresentaram redução de participação de mais de 5% no período 1970-80 (tabela 17).

#### 4.1.4.7. Propriedade da terra por Microrregião Homogênea

O quadro geral do estado, quanto à propriedade da terra, mostra que o percentual de propriedades individuais decresceu de 1970 para 1980, ainda que esta redução tenha sido de 96,5 para 95,3%. Os condôminos, ou sociedades de pessoas, aumentaram de 1,6 para 2,3%; as sociedades anônimas, ou por quotas, de 1,0 para 1,2%; e as entidades públicas, de 0,6 para 0,9%. As instituições religiosas e as sem declaração mantiveram os percentuais e são insignificantes (0,1 e 0,2%) (tabelas 18 e 19).

Foram sete as MRH que tiveram redução da propriedade individual em percentuais maiores do que a média estadual: Planalto de Canoinhas, Colonial de Joinville, Litoral de Itajaí, Litoral Sul Catarinense, Colonial do Rio do Peixe, Colonial de Blumenau e Colonial do Itajaí do Norte.

Os maiores crescimentos de percentuais de condomínios e sociedades de pessoas deu-se nas MRH Litoral de Laguna, Litoral Sul Catarinense, Planalto de Canoinhas e Colonial do Alto Itajaí, com diminuições entre 2,1 e 1,5%.

Litoral de Itajaí, Carbonífera e Planalto de Canoinhas tiveram os maiores crescimentos de sociedades anônimas, ou por quotas (de 1,6 a 1,2%).

Houve, portanto, em determinadas MRH, uma transferência das propriedades individuais para os condomínios (ou sociedades de pessoas) ou, ainda, para sociedades anônimas (ou por quotas).

Tabela 6

ÍNDICE DE GINI DA DISTRIBUIÇÃO DA POSSE DA TERRA,  
BRASIL E GRANDES REGIÕES, 1960-1970-1975 E 1980

UNIDADE GEOGRÁFICA	1960	1970	1975	1980
Brasil	0,842	0,844	0,855	0,859
Região Norte	0,944	0,839	0,868	0,838
Região Nordeste	0,846	0,855	0,863	0,864
Região Sudeste	0,771	0,761	0,762	0,772
Região Sul	0,727	0,727	0,735	0,746
Região Centro-Oeste	0,845	0,856	0,856	0,847

Fonte: Boletim da ABRA - Vol. 12 - nº 6 - nov/dez-82

Tabela 7

ÍNDICE DE GINI DA DISTRIBUIÇÃO DA POSSE DA TERRA PELOS  
ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS NAS UNIDADES DA FEDERA-  
ÇÃO, DE ACORDO COM OS CENSOS AGROPECUÁRIOS DE 1960,  
1970 E 1975 E A SINOPSE PRELIMINAR DO CENSO AGROPECUÁ-  
RIO DE 1980

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	1960	1970	1975	1980	MÉDIA
Rondônia	0,904	0,682	0,623	0,677	0,722
Acre	0,932	0,619	0,632	0,702	0,721
Amazonas	0,958	0,736	0,921	0,874	0,872
Roraima	0,669	0,618	0,887	0,786	0,740
Pará	0,831	0,882	0,868	0,844	0,856
Amapá	0,936	0,871	0,855	0,850	0,878
Maranhão	0,920	0,926	0,927	0,927	0,925
Piauí	0,832	0,892	0,898	0,905	0,881
Ceará	0,752	0,791	0,784	0,783	0,777
R.Grande do Norte	0,803	0,853	0,862	0,851	0,842
Paraíba	0,817	0,823	0,845	0,829	0,828
Pernambuco	0,844	0,838	0,829	0,826	0,834
Alagoas	0,836	0,836	0,846	0,848	0,841
Sergipe	0,830	0,854	0,855	0,849	0,847
Bahia	0,786	0,801	0,812	0,828	0,807
Minas Gerais (*)	0,763	0,751	0,756	0,768	0,759
Espírito Santo (*)	0,550	0,604	0,628	0,660	0,610
Rio de Janeiro (**)	0,778	0,790	0,791	0,814	0,793
São Paulo	0,795	0,779	0,775	0,776	0,781
Paraná	0,700	0,702	0,729	0,746	0,719
Santa Catarina	0,667	0,647	0,659	0,676	0,662
R.Grande do Sul	0,755	0,756	0,755	0,763	0,757
Mato Grosso (***)	0,902	0,929	0,927	0,903	0,915
Goiás	0,767	0,738	0,749	0,758	0,753
Distrito Federal	0,777	0,795	0,783	0,752	0,777

(\*) Excluído em 1960 a região da Serra dos Aimorés.

(\*\*) Incluído em 1960 o estado da Guanabara.

(\*\*\*) Englobando os atuais estados do MT e MS.

Fonte: Boletim da ABRA V. 12 nº 6 nov/dez/82.

Elaboração: Instituto CEPA/SC.

Tabela 8

ÁREA TOTAL, NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E ÁREA MÉDIA DOS ESTABELECIMENTOS, SANTA CATARINA, CENSOS DE 1920 A 1980

VARIÁVEL \ ANO	1920	1940	1960	1970	1975	1980
Área Total (ha)	3.567.757	4.862.296	5.948.950	7.025.325	6.877.280	7.473.773
Estabelecimento (nº)	33.744	88.469	158.268	207.218	206.505	216.159
Área Média (ha)	105,7	55,0	37,6	33,9	33,3	34,6

Fonte: IBGE (Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1980)

Tabela 9

EVOLUÇÃO DE ÁREA TOTAL, NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E ÁREA MÉDIA DOS ESTABELECIMENTOS - SANTA CATARINA - CENSOS DE 1920 A 1980

VARIÁVEL \ ANO	(1920 = 100)				
	1940	1960	1970	1975	1980
Área Total	136	167	197	193	209
Estabelecimento	262	469	614	612	641
Área Média	52	36	32	32	33

Fonte dos dados básicos: Tabela 8

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 10

TAXA MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO DA ÁREA TOTAL, ÁREA MÉDIA E NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS EM SANTA CATARINA, SEGUNDO OS CENSOS DE 1920 E 1980

VARIÁVEL \ ANO	(%)				
	1920-40	1940-60	1960-70	1970-75	1975-80
Área Total	1,56	1,01	1,68	-0,43	1,68
nº de Estabelec.	4,94	4,94	2,73	-6,89	0,92
Área Média	-3,21	-1,88	-1,03	-0,36	0,77

Fonte dos dados básicos: Tabela 8

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 11

NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS, ÁREA TOTAL E ÁREA MÉDIA, SC, 1970, 1975 E 1980

GRUPO DE ÁREA TOTAL	1970			1975			1980		
	Nº de Estab.	Área Total	Área Média do Estab.	Nº de Estab.	Área Total	Área Média do Estab.	Nº de Estab.	Área Total	Área Média do Estab.
Menos de 10	66.074	339.873	5,14	69.921	344.507	4,93	75.724	376.792	4,98
10	56.236	788.319	14,02	55.203	766.700	13,89	58.943	824.559	13,99
20	61.180	1.834.402	29,98	58.035	1.739.018	29,96	57.588	1.720.446	29,88
50	14.764	987.259	66,87	14.693	979.633	66,68	14.257	953.380	66,87
100	7.603	1.471.772	193,58	7.338	1.415.766	192,94	7.847	1.552.057	197,79
500	874	591.453	676,72	832	570.245	685,39	1.009	694.035	687,84
Mais de 1.000	468	1.012.247	2.162,92	475	1.061.361	2.234,44	624	1.352.504	2.167,47
Sem declaração	19	-	-	08	-	-	167	-	-
TOTAL	207.218	7.025.325	33,90	206.505	6.877.280	33,30	216.159	7.473.773	34,58

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários de 1970, 1975 e 1980

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 12

PARTICIPÇÃO DOS ESTRATOS DE ÁREA NO NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E NA ÁREA TOTAL,  
SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

GRUPO DE ÁREA TOTAL	1970			1975			1980		
	Partic.no nº de Estabelecimentos Estrato	Partic. na Área Total Estrato	Partic. no nº de Estabelecimentos Estrato	Partic. na Área Total Estrato	Partic. no nº de Estabelecimentos Estrato	Partic. na Área Total Estrato	Partic. no nº de Estabelecimentos Estrato	Partic. na Área total Estrato	Partic. na Área total Estrato
Menos de 10	32,0	4,8	33,9	4,8	33,9	5,0	35,0	5,0	5,0
10	27,1	11,2	26,7	16,0	26,7	11,1	27,3	11,0	16,0
20	29,5	26,2	28,1	42,2	28,1	25,4	26,6	23,0	39,0
50	7,1	14,1	7,1	56,3	7,1	14,2	6,6	12,8	51,8
100	3,7	20,9	3,6	77,2	3,6	20,6	3,6	20,8	72,6
500	0,4	8,4	0,4	85,6	0,4	8,3	0,5	9,3	81,9
Mais de 1.000	0,2	14,4	0,2	100,0	0,2	15,4	0,3	18,1	100,0
Sem declaração	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,1	-	-
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários de 1970, 1975 e 1980)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 13

NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGRÍCOLAS E ÍNDICE DE CRESCIMENTO,  
POR MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA, SANTA CATARINA, 1970, 1975 e 1980.

MRH	Nº DE ESTABELECIMENTOS			ÍNDICE DE EVOLUÇÃO (1970 = 100)	
	1970	1975	1980	1975	1980
Col. Joinville	8.034	7.632	7.301	95	91
Lit. de Itajaí	2.291	1.917	1.487	84	65
Col. de Blumenau	12.833	18.025	16.807	96	89
Col. de Itajaí Norte	4.442	4.981	4.520	112	102
Col. do Alto Itajaí	12.603	13.915	14.749	110	117
Florianópolis	6.474	5.763	5.031	89	78
Col. Serrana Cat.	8.734	8.360	8.480	96	97
Lit. de Laguna	3.138	3.925	3.651	125	116
Carbonífera	12.662	12.606	12.970	100	102
Lit. Sul Cat.	7.282	6.894	6.924	95	95
Col. Sul Cat.	5.965	5.837	5.955	98	100
Campos de Lages	7.287	7.265	7.537	100	103
Campos de Curitibanos	12.780	11.906	12.636	93	99
Col. do Rio do Peixe	27.708	25.762	26.072	93	94
Col. do Oeste Cat.	53.072	57.300	65.977	108	124
Plan. de Canoinhas	15.673	15.177	16.062	97	102
Santa Catarina	206.978	207.270	216.159	100	104

Fonte: IBGE ( Censo Agropecuário 1970, 1975 e 1980 ).

Elaboração: Instituto CEPA/SC



Tabela 14

DESTINAÇÃO DA ÁREA EXPLORADA, POR ESTRATO, SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

Classes de Área ha	ANO	ÁREA TOTAL DOS ESTABELECIMENTOS		LAVOURA		PASTAGEM		VAZIOS		TERRA PRODUZIDA NÃO UTILIZADA	
		ha	%	ha	%	ha	%	ha	%	ha	%
Menos de 10	1970	339.874	100	213.195	62,73	50.216	14,77	25.820	7,60	35.872	10,55
	1975	374.744	100	237.055	63,28	56.311	15,02	22.080	5,91	27.294	7,29
	1980	376.793	100	237.057	62,94	52.641	13,97	21.895	5,81	20.161	5,35
10	1970	788.319	100	335.410	42,55	135.686	17,21	126.948	16,10	143.077	18,15
	1975	765.700	100	335.751	43,79	146.151	19,06	104.706	13,66	116.675	15,22
	1980	824.559	100	407.743	49,45	160.221	19,43	95.411	11,57	87.249	10,58
20	1970	1.834.402	100	518.865	28,29	360.266	19,64	406.085	22,14	431.571	23,53
	1975	1.739.018	100	517.980	29,78	373.068	21,48	338.924	19,49	373.247	21,48
	1980	1.720.446	100	600.133	34,88	430.335	25,03	289.903	16,85	259.444	15,08
50	1970	987.259	100	160.032	16,21	283.078	28,67	239.948	24,30	245.028	24,82
	1975	979.683	100	181.955	18,57	285.678	29,16	220.020	22,46	225.424	23,01
	1980	970.470	100	220.470	22,72	314.801	32,44	192.615	19,75	147.080	15,15
100	1970	1.471.772	100	81.945	5,57	733.686	49,85	415.511	28,23	176.602	12,00
	1975	1.415.768	100	132.939	9,39	672.247	47,48	376.528	26,60	162.715	11,49
	1980	1.552.057	100	206.652	13,31	722.726	46,57	405.623	26,13	113.528	7,31
500	1970	591.453	100	11.616	1,96	348.462	58,92	176.051	29,77	32.382	5,47
	1975	570.245	100	29.701	5,21	309.242	54,23	179.862	31,54	26.388	4,61
	1980	694.035	100	51.547	7,43	341.188	49,16	226.320	32,61	26.182	3,77
Mais de 1.000	1970	1.012.247	100	10.616	1,05	556.591	54,99	361.191	35,68	45.439	4,49
	1975	1.061.361	100	29.180	2,75	560.732	52,83	385.977	36,37	29.575	2,79
	1980	1.352.505	100	80.199	5,93	479.005	35,42	550.373	40,69	24.634	1,82
TOTALS	1970	7.025.326	100	1.331.679	18,96	2.467.895	35,13	1.751.554	24,93	1.109.971	15,80
	1975	6.877.280	100	1.434.431	20,86	2.404.029	34,96	1.628.097	23,67	961.219	13,98
	1980	7.473.775	100	1.803.801	24,14	2.490.917	33,33	1.782.140	23,85	678.278	9,08

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários de 1970, 1975 e 1980)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 15

CONDIÇÃO DO PRODUTOR, SEGUNDO OS ESTRATOS DE ÁREA, SC, 1970, 1975 E 1980

CLASSE DE ÁREA ha	ANO	PROPRIETÁRIO		ARRENDATÁRIO		PARCEIRO		OCUPANTE		TOTAL			
		Estabele- cimento	%	Área	%	Estabele- cimento	%	Área	%	Estabele- cimento	%	Área	%
Menos de 10	1970	43.423	65,7	236.791	69,7	6.501	10,0	30.791	9,1	7.288	11,0	32.818	9,7
	1975	44.969	64,3	230.385	66,9	6.558	9,4	30.847	9,0	7.119	10,2	34.809	10,1
	1980	46.456	61,3	240.924	63,9	8.027	10,60	39.284	10,4	8.990	11,9	43.737	11,6
10	1970	49.774	88,5	702.557	89,1	2.041	3,6	27.079	3,4	1.831	3,3	24.148	3,1
	1975	49.601	88,5	691.451	86,8	1.859	3,4	24.386	3,2	1.885	3,4	24.236	3,2
	1980	50.386	85,5	711.395	86,3	2.579	4,4	34.036	4,1	2.150	4,5	34.535	4,4
20	1970	56.196	91,9	1.690.502	92,2	1.610	2,6	46.153	2,5	1.340	2,2	37.957	2,1
	1975	53.071	92,8	1.617.753	93,0	1.160	2,0	33.389	1,9	1.049	1,8	29.881	1,7
	1980	52.649	91,4	1.578.819	91,8	1.526	2,6	44.152	2,6	1.343	2,3	38.180	2,2
50	1970	13.708	92,8	918.540	93,0	346	2,3	22.036	2,2	204	1,4	13.098	1,3
	1975	13.904	94,6	927.222	94,6	225	1,5	15.299	1,6	168	1,1	10.663	1,1
	1980	13.251	92,9	886.612	93,0	336	2,4	22.984	2,4	202	1,4	12.990	1,4
100	1970	6.975	91,7	1.360.778	92,5	324	2,9	39.618	2,7	74	1,0	12.551	0,9
	1975	6.826	93,0	1.319.923	93,2	171	2,3	34.096	2,4	66	0,9	12.373	0,9
	1980	7.216	92,0	1.426.631	91,9	294	3,7	61.339	4,0	97	1,2	18.663	1,2
500	1970	802	91,8	544.143	92,0	31	3,5	20.400	3,4	12	1,4	7.778	1,3
	1975	787	94,6	539.607	94,6	17	2,0	11.139	2,0	08	1,0	5.430	1,0
	1980	931	92,2	641.534	92,4	35	3,5	24.953	3,6	14	1,4	8.666	1,2
Mais de 1.000	1970	442	94,4	955.408	94,4	11	2,3	20.987	2,1	03	0,6	8.243	0,8
	1975	457	96,2	1.028.255	96,9	01	0,7	17.685	2,2	05	1,1	13.726	1,3
	1980	593	95,0	1.285.650	95,1	17	7,7	30.210	2,2	04	0,6	9.866	0,7
TOTAL	1970	171.320	82,7	6.408.719	91,2	10.844	5,2	206.964	2,9	10.752	5,2	136.503	1,9
	1975	169.415	82,0	6.343.596	92,2	10.002	4,8	151.401	2,2	10.279	5,0	130.508	1,9
	1980	171.482	79,4	6.771.565	90,6	12.814	5,9	256.658	3,4	13.280	6,1	165.671	2,2

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários, 1970, 1975 e 1980)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 16

CONDIÇÃO DO PRODUTOR, SEGUNDO AS MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS DE SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

MRH	ANO	PROPRIETÁRIO		ARRENDATÁRIO		PARCEIRO		OCUPANTE		TOTAL	
		Estabelecimento (nº)	Área (ha)	Estabelecimento (nº)	Área (ha)	Estabelecimento (nº)	Área (ha)	Estabelecimento (nº)	Área (ha)	Estabelecimento (nº)	Área (*) (ha)
Colonial de Joinville	1970	7.304	160.950	266	3.422	226	1.939	238	3.201	8.034	169.511
	1975	6.777	145.365	179	2.440	106	1.803	292	3.691	7.354	153.299
	1980	6.452	175.586	143	3.050	142	2.333	564	5.808	7.301	186.778
Litoral de Itajaí	1970	2.012	39.773	122	919	46	862	111	2.210	2.291	43.764
	1975	1.742	42.462	40	386	46	521	88	1.856	1.916	45.226
	1980	1.375	51.575	58	931	10	366	44	916	1.487	53.789
Colonial de Blumenau	1970	16.305	335.235	324	2.522	869	7.218	1.335	14.198	18.833	359.172
	1975	16.131	308.979	399	3.727	257	2.492	1.038	11.181	17.824	326.376
	1980	14.745	369.630	393	4.280	387	4.106	1.282	13.001	16.807	391.019
Col. do Itajaí do Norte	1970	3.902	100.030	156	2.707	42	661	342	18.431	4.442	121.809
	1975	4.305	103.146	241	2.877	33	582	398	7.707	4.977	114.312
	1980	3.913	114.447	127	1.472	70	874	410	6.119	4.520	122.914
Col. do Alto Itajaí	1970	10.940	314.051	581	10.848	388	5.926	694	10.578	12.603	341.403
	1975	10.723	288.203	1.411	14.287	616	7.050	1.072	10.706	13.822	320.246
	1980	10.673	312.014	825	11.593	1.738	19.854	1.513	15.776	14.749	359.239
Florianópolis	1970	5.689	111.864	190	1.726	245	2.086	350	4.881	6.474	120.556
	1975	4.957	92.942	165	1.218	75	862	498	6.042	5.695	101.064
	1980	4.432	101.286	138	2.436	120	2.909	341	3.542	5.031	110.175
Col. Serrana Catarinense	1970	6.996	279.661	585	12.473	370	4.519	783	18.114	8.734	314.766
	1975	6.616	275.242	495	5.812	275	2.393	970	11.704	8.356	295.152
	1980	6.404	279.283	433	9.377	417	5.470	1.226	15.890	8.480	310.022
Litoral de Laguna	1970	2.861	43.568	41	480	58	1.160	178	1.471	3.138	46.679
	1975	3.365	38.341	128	431	35	289	391	2.099	3.919	41.161
	1980	3.191	44.505	157	2.697	23	86	280	2.829	3.651	50.120
Carbonífera	1970	10.819	295.263	465	5.542	697	8.145	681	10.656	12.662	319.606
	1975	10.507	295.183	373	3.982	467	5.117	1.243	15.317	12.590	319.599
	1980	10.730	284.791	588	6.824	611	7.131	1.041	13.869	12.970	312.616
Lit. Sul Catarinense	1970	5.963	109.940	330	4.437	767	5.193	467	5.324	7.527	124.894
	1975	5.675	119.414	309	2.625	554	4.126	350	2.956	6.888	129.121
	1980	5.282	114.673	678	6.131	426	3.400	538	4.918	6.924	129.123
Col. Sul Catarinense	1970	4.216	106.823	694	8.545	849	9.544	206	3.915	5.965	128.826
	1975	3.966	107.474	281	2.741	1.374	13.795	213	2.311	5.834	126.322
	1980	3.955	109.968	448	5.276	1.267	11.950	285	5.353	5.955	130.548
Campos de Lages	1970	6.149	1.058.055	510	41.475	218	12.507	405	28.075	7.282	1.140.112
	1975	6.076	1.053.047	338	26.576	252	12.941	578	31.568	7.244	1.124.132
	1980	5.966	1.023.820	546	48.748	286	17.724	739	35.433	7.537	1.125.727
Campos de Curitiba	1970	10.029	964.607	986	24.295	318	10.507	1.447	51.542	12.780	1.050.951
	1975	8.941	867.495	807	22.374	415	8.358	1.727	44.233	11.890	942.460
	1980	9.575	917.659	1.139	57.001	293	7.085	1.629	40.599	12.636	1.022.346
Col. do Rio do Peixe	1970	23.303	858.822	2.054	37.796	1.200	23.308	1.151	19.971	27.708	939.897
	1975	22.443	902.771	1.018	19.348	1.105	17.471	1.191	21.615	25.756	961.164
	1980	22.204	903.063	1.201	23.710	1.327	21.619	1.340	19.120	26.072	967.514
Col. do Oeste Catarinense	1970	41.004	909.647	3.086	41.642	4.201	39.924	4.781	44.954	53.072	1.036.167
	1975	44.582	991.581	3.383	34.739	4.412	49.699	4.908	43.380	57.285	1.119.399
	1980	49.489	1.158.596	5.319	58.261	5.812	55.457	5.357	59.292	65.977	1.331.607
Planalto de Canoinhas	1970	13.836	720.453	454	8.035	258	3.005	1.125	35.720	15.673	767.214
	1975	12.608	711.948	435	7.835	257	3.407	1.853	35.013	15.153	758.204
	1980	13.100	810.666	622	14.866	353	5.302	1.987	39.398	16.062	870.234
TOTAL	1970	171.328	6.408.719	10.844	206.863	10.752	136.503	14.294	273.241	207.218	7.025.326
	1975	169.414	6.343.594	10.002	151.400	10.279	130.908	16.810	251.379	206.503	6.877.237
	1980	171.486	6.771.570	12.815	256.662	13.282	165.674	18.576	279.871	216.159	7.473.778

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários de 1970, 1975 e 1980)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

(\*) Inclui a Área não declarada

Tabela 17

PARTICIPAÇÃO DA CONDIÇÃO DO PRODUTOR NO TOTAL DE ESTABELECIMENTOS DAS MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS DE SANTA CATARINA,  
1970, 1975 E 1980

MRH	ANO	PROPRIETÁRIO		ARRENDATÁRIO		PARCEIRO		OCUPANTE		TOTAL	
		Estabele- cimento	Área	Estabele- cimento	Área	Estabele- cimento	Área	Estabele- cimento	Área	Estabele- cimento	Área
Colonial de Joinville	1970	90,9	94,9	3,3	2,0	2,8	1,1	3,0	1,9	100	100
	1975	92,2	94,8	2,4	1,6	1,4	1,2	4,0	2,4	100	100
	1980	88,4	94,0	2,0	1,6	1,9	1,2	7,7	3,1	100	100
Litoral de Itajaí	1970	87,8	90,9	5,3	2,1	2,0	2,0	4,8	5,0	100	100
	1975	90,9	93,9	2,1	0,9	2,4	1,2	4,6	4,1	100	100
	1980	92,5	95,9	3,9	1,7	0,7	0,7	3,0	1,7	100	100
Colonial de Blumenau	1970	86,6	93,3	1,7	0,7	4,6	2,0	7,1	4,0	100	100
	1975	90,5	94,7	2,2	1,1	1,4	0,8	5,8	3,4	100	100
	1980	87,7	94,5	2,3	1,1	2,3	1,1	7,6	3,3	100	100
Col.do Itajaí do Norte	1970	87,8	82,1	3,5	2,2	0,9	0,5	7,7	15,1	100	100
	1975	86,5	90,2	4,8	2,5	0,7	0,5	8,0	6,7	100	100
	1980	86,7	93,1	2,8	1,2	1,5	0,7	9,1	5,0	100	100
Col.do Alto Itajaí	1970	86,8	92,0	4,6	3,2	3,1	1,7	5,5	3,1	100	100
	1975	77,6	90,0	10,2	4,5	4,5	2,2	7,8	3,3	100	100
	1980	72,4	86,9	5,6	3,2	11,8	5,5	10,3	4,4	100	100
Florianópolis	1970	87,9	92,8	2,9	1,4	3,8	1,7	5,4	4,0	100	100
	1975	87,0	92,0	2,9	1,2	1,3	0,9	8,7	6,0	100	100
	1980	88,1	91,9	2,7	2,2	2,4	2,6	6,8	3,2	100	100
Col.Ser.Catarinense	1970	80,1	88,8	6,7	4,0	4,2	1,4	9,0	5,8	100	100
	1975	79,2	93,3	5,9	2,0	3,3	0,8	11,6	4,0	100	100
	1980	75,5	90,1	5,1	3,0	4,9	1,8	14,5	5,1	100	100
Litoral de Laguna	1970	91,2	93,3	1,3	1,0	1,8	2,5	5,7	3,2	100	100
	1975	85,9	93,1	3,3	1,0	0,9	0,7	10,0	5,1	100	100
	1980	87,4	88,8	4,3	5,4	0,6	0,2	7,7	5,6	100	100
Carbonífera	1970	85,4	92,4	3,7	1,7	5,5	2,5	5,4	3,3	100	100
	1975	83,5	92,4	3,0	1,2	3,7	1,6	9,9	4,8	100	100
	1980	82,7	91,1	4,5	2,2	4,7	2,3	8,0	4,4	100	100
Lit.Sul Catarinense	1970	79,2	88,0	4,4	3,6	10,2	4,2	6,2	4,3	100	100
	1975	82,4	92,5	4,5	2,0	8,0	3,2	5,1	2,3	100	100
	1980	76,3	88,8	9,8	4,7	6,2	2,6	7,9	3,8	100	100
Col.Sul Catarinense	1970	70,7	82,9	11,6	6,6	14,2	7,4	3,5	3,0	100	100
	1975	68,0	85,1	4,8	2,2	23,6	10,9	3,7	1,8	100	100
	1980	66,4	84,2	7,5	4,0	21,3	9,2	4,8	2,6	100	100
Campos de Lages	1970	84,4	92,8	7,0	3,6	3,0	1,1	5,6	2,5	100	100
	1975	83,9	93,7	4,7	2,4	3,5	1,2	8,0	2,8	100	100
	1980	79,2	90,9	7,2	4,3	3,8	1,6	9,8	3,1	100	100
Campos de Curitibanos	1970	78,5	91,8	7,7	2,3	2,5	1,0	11,3	4,9	100	100
	1975	75,2	92,0	6,8	2,4	3,5	0,9	14,5	4,6	100	100
	1980	75,8	89,8	9,0	5,6	2,3	0,7	12,9	4,0	100	100
Col.do Rio do Peixe	1970	84,1	91,4	7,4	4,0	4,3	2,5	4,2	2,1	100	100
	1975	87,1	93,9	4,0	2,0	4,3	1,8	4,6	2,2	100	100
	1980	85,2	93,3	4,6	2,5	5,1	2,2	5,1	2,0	100	100
Col.do Oeste Cat.	1970	77,3	87,8	5,8	4,0	7,9	3,9	9,0	4,3	100	100
	1975	77,8	88,6	5,9	3,1	7,7	4,4	8,6	3,9	100	100
	1980	75,0	87,0	8,1	4,4	8,8	4,2	8,1	4,5	100	100
Plan.de Canoinhas	1970	88,3	93,9	2,9	1,0	1,6	0,4	7,2	4,7	100	100
	1975	83,2	93,9	2,9	1,0	1,7	0,4	12,2	4,6	100	100
	1980	81,6	93,2	3,9	1,7	2,2	0,6	12,4	4,5	100	100
TOTAL	1970	82,7	91,2	5,2	2,9	5,2	1,9	6,9	3,9	100	100
	1975	82,0	92,2	4,8	2,2	5,0	1,9	8,1	3,7	100	100
	1980	79,4	90,6	5,9	3,4	6,1	2,2	8,5	3,7	100	100

Fonte dos dados básicos: Tabela 16

Elaboração: Instituto CEP/SC

Tabela 18

PROPRIEDADE DA TERRA, SEGUNDO AS MICROREGIÕES HOMÔGENEAS DE SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

MRR	ANO	TOTAL		ESTABELECIMENTOS DE ÁREA SEGUNDO A PROPRIEDADE DAS TERRAS										Sem Declar. Propried.	
		Estabele- cimento	Área (ha)	Estabele- cimento	Área (ha)	Individual	Condom. ou sociedade de pessoas	Sociedade Anônima ou p/ Quotas de Respons. Li- mitada e Cooperativa	Entidade Pública	Instituição Pia ou Religiosa	Estabele- cimento	Área (ha)	Estabele- cimento	Área (ha)	Estabele- cimento
Colonial de Joinville	1970	8.034	169.511	7.809	151.020	152	5.548	39	12.365	17	381	06	89	11	109
	1975	7.354	153.299	7.190	135.647	95	1.893	63	15.404	08	274	05	61	03	14
	1980	7.301	186.778	6.917	135.801	134	10.603	129	39.875	18	242	07	225	06	96
Litoral de Itajaí	1970	2.291	43.764	2.220	38.533	45	1.116	14	3.416	09	235	03	433	-	-
	1975	1.916	45.226	1.879	40.324	1	3.916	32	3.916	02	103	01	385	-	-
	1980	1.487	53.789	1.409	39.868	39	1.011	32	12.147	03	191	03	631	01	04
Colonial de Blumenau	1970	18.833	359.172	18.424	338.212	181	4.768	131	14.423	62	1.266	25	278	10	226
	1975	17.824	326.376	17.632	314.543	78	3.905	61	7.301	29	269	17	318	07	40
	1980	16.807	391.019	16.162	334.315	359	11.907	241	43.719	21	268	22	797	02	10
Col. do Itajaí do Norte	1970	4.442	121.809	4.249	104.984	41	1.272	11	799	141	14.754	-	03	-	85
	1975	4.977	114.312	4.803	108.497	14	216	11	4.475	139	5.037	03	03	07	65
	1980	4.520	122.914	4.258	106.655	64	3.371	55	9.267	138	3.419	-	-	05	200
Col. do Alto Itajaí	1970	12.603	341.403	12.330	316.698	128	4.265	57	19.417	35	286	14	480	29	238
	1975	13.822	320.246	13.565	305.755	72	1.688	48	11.938	07	111	09	436	01	18
	1980	14.749	353.239	14.292	321.445	292	8.400	127	28.850	21	115	15	427	02	-
Florianópolis	1970	6.474	120.556	6.206	92.296	161	19.557	25	5.644	60	2.538	07	283	15	239
	1975	5.695	101.064	5.576	89.249	62	1.577	15	5.833	33	4.116	03	271	06	17
	1980	5.031	110.175	4.856	89.549	87	3.427	59	14.933	20	1.797	08	447	01	-
Col. Serrana Catarinense	1970	8.734	314.766	8.339	288.618	116	18.423	09	8.47	166	4.838	19	353	05	1.687
	1975	8.356	295.152	8.257	282.500	63	3.353	10	8.525	77	2.822	05	323	04	10
	1980	8.480	310.022	8.166	280.215	189	14.011	92	14.561	27	874	03	359	01	-
Litoral de Laguna	1970	3.138	46.678	3.085	44.066	38	1.918	06	1.224	07	90	01	36	01	05
	1975	3.253	44.121	3.888	58.574	07	1.25	02	1.530	21	31	-	-	-	-
	1980	3.651	50.120	3.567	43.975	76	4.495	07	1.648	01	0	-	-	-	-
Carboxifera	1970	12.662	319.606	12.148	299.109	373	10.540	68	7.986	22	811	12	680	39	470
	1975	12.590	319.599	12.233	305.295	163	5.887	124	7.177	57	466	10	738	03	36
	1980	12.970	312.616	12.320	287.323	357	11.274	229	12.490	44	1.026	18	445	02	55
Lit. Sul Catarinense	1970	7.527	124.894	7.474	120.209	31	1.039	06	3.545	11	82	02	07	03	13
	1975	6.888	129.121	6.830	121.621	23	999	07	1.231	06	70	01	02	02	14
	1980	6.924	129.123	6.729	114.181	143	6.676	38	9.136	13	113	01	10	-	-
Col. Sul Catarinense	1970	5.955	128.826	5.754	121.006	183	6.411	10	697	08	277	04	130	06	306
	1975	5.955	130.546	5.778	124.526	43	1.408	02	1.408	05	161	02	120	04	20
	1980	5.955	130.546	5.684	120.912	255	6.118	09	3.322	01	22	02	113	04	40
Campos de Laços	1970	7.282	1.140.112	6.942	1.050.537	197	51.604	106	36.051	15	724	05	379	17	818
	1975	7.244	1.124.132	7.025	1.037.916	108	22.061	107	63.926	03	219	01	10	-	-
	1980	7.537	1.125.727	7.117	1.007.169	229	55.458	118	61.997	18	367	07	533	48	201
Campos de Curitibares	1970	12.780	1.050.951	12.303	965.718	235	25.681	146	57.123	27	343	05	322	64	1.765
	1975	11.890	942.460	11.638	845.814	177	13.526	143	87.586	33	679	03	56	01	18
	1980	12.698	1.022.346	12.185	825.330	157	46.597	243	149.183	45	1.116	06	118	-	-
Col. do Rio do Peixe	1970	27.708	939.897	27.056	859.399	345	30.959	237	57.024	36	485	22	724	12	305
	1975	25.756	961.164	25.305	862.481	260	38.323	142	59.069	31	788	10	407	08	96
	1980	26.072	967.514	25.003	795.344	648	70.369	338	96.887	56	4.355	15	528	12	27
Col. do Oeste Catarinense	1970	53.072	1.036.167	50.241	976.900	851	31.622	984	17.415	654	6.589	84	1.209	258	2.433
	1975	57.285	1.119.399	55.536	1.061.119	526	27.480	726	26.166	338	2.903	24	778	138	353
	1980	65.977	1.331.607	62.170	1.126.532	1.547	71.451	473	116.699	1.408	13.871	45	1.107	334	1.944
Planalto de Cansinhas	1970	15.673	767.214	15.280	682.056	189	14.941	140	64.005	26	5.875	03	61	26	276
	1975	15.153	758.294	14.749	666.613	174	15.788	169	68.373	58	6.008	05	37	01	07
	1980	15.062	670.234	15.213	650.591	474	36.639	337	165.542	31	17.334	07	126	-	-
TOTAL	1970	207.218	7.025.326	199.260	6.440.300	3.275	229.082	1.999	302.019	1.296	39.574	212	5.463	576	8.887
	1975	206.503	6.877.237	202.005	6.243.584	1.766	138.205	1.647	368.560	794	21.506	100	3.925	201	1.487
	1980	216.159	7.473.778	206.048	6.279.147	5.050	361.817	2.527	779.283	1.865	45.142	161	5.871	508	2.515

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários de 1970, 1975 e 1980)

Elaboração: Instituto CENPA/SC

(\*) Inclui a área não declarada

Tabela 19 PARTICIPAÇÃO DAS CATEGORIAS DE PROPRIEDADE DA TERRA NO TOTAL DOS ESTABELECIMENTOS E DA ÁREA, POR MUNICÍPIO, SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

MUNICÍPIO	ANO	ESTABELECIMENTOS DE ÁREA SEGUNDO A PROPRIEDADE DAS TERRAS													
		TOTAL		Individual		Comun. ou sociedade de pessoas		Sociedade Anônima ou Outras de Pessoas Ilimitada e Cooperativas		Entidade Pública		Instituição Pia ou Religiosa		Sem Declar. Propried.	
		Estabelecimento	Área (ha)	Estabelecimento	Área (ha)	Estabelecimento	Área (ha)	Estabelecimento	Área (ha)	Estabelecimento	Área (ha)	Estabelecimento	Área (ha)	Estabelecimento	Área (ha)
Colonial de Joinville	1970	100	100	97,2	89,0	1,8	3,3	0,5	7,3	0,2	0,2	0,1	0,1	0,1	0,1
	1975	100	100	97,7	88,5	1,2	1,2	0,9	10,0	0,1	0,2	0,1	0,0	0,0	0,0
	1980	100	100	94,7	72,7	1,8	5,7	1,8	21,3	0,2	0,1	0,1	0,1	1,3	0,0
Litoral de Itajaí	1970	100	100	96,9	88,0	2,0	2,6	0,6	7,9	0,4	0,5	0,1	1,0	-	-
	1975	100	100	96,1	89,2	0,6	1,5	1,1	8,7	0,1	0,2	0,1	0,4	-	-
	1980	100	100	94,7	74,0	2,6	1,9	2,2	22,5	0,2	0,4	0,2	1,2	0,1	0,0
Colonial de Blumenau	1970	100	100	97,8	94,1	1,0	1,3	0,7	4,0	0,3	0,4	0,1	0,1	0,1	0,1
	1975	100	100	99,9	96,4	0,4	1,2	0,3	2,2	0,2	0,1	0,1	0,1	0,0	0,0
	1980	100	100	95,2	85,5	2,1	2,3	1,4	11,2	0,1	0,1	0,1	0,2	0,0	0,0
Col. do Itajaí do Norte	1970	100	100	95,7	86,2	0,9	1,0	0,2	0,7	3,2	12,1	0,1	0,0	0,1	0,1
	1975	100	100	96,5	94,0	0,3	0,2	0,4	2,3	4,4	2,8	0,1	0,1	0,1	0,2
	1980	100	100	94,2	86,8	1,4	2,7	1,2	7,5	3,1	2,8	-	-	0,1	0,2
Col. do Alto Itajaí	1970	100	100	97,8	92,7	1,0	1,3	0,5	5,7	0,3	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1
	1975	100	100	99,0	95,5	0,5	0,6	0,3	3,7	0,1	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0
	1980	100	100	96,9	89,5	2,0	2,3	0,9	8,0	0,1	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0
Florianópolis	1970	100	100	95,9	76,5	2,5	15,2	0,4	4,7	0,9	2,1	0,1	0,2	0,2	0,2
	1975	100	100	97,8	89,5	1,1	1,1	0,2	5,8	0,6	4,1	0,1	0,2	0,1	0,0
	1980	100	100	96,5	81,3	1,7	3,1	1,2	13,6	0,4	1,6	0,1	0,4	0,0	-
Col. Serra da Catarinense	1970	100	100	95,5	91,7	1,3	5,9	0,1	0,3	1,9	1,5	0,2	0,1	1,0	0,5
	1975	100	100	98,8	95,7	0,7	1,1	0,1	2,9	0,2	0,1	0,1	0,1	0,0	0,0
	1980	100	100	96,3	90,4	2,2	4,5	1,1	4,7	0,3	0,3	0,1	0,1	0,0	0,0
Litoral de Laguna	1970	100	100	98,3	94,4	1,2	2,8	0,2	2,6	0,2	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0
	1975	100	100	99,2	96,1	0,2	0,1	0,1	3,7	0,5	0,1	0,1	-	-	-
	1980	100	100	97,7	87,7	2,1	9,0	0,2	3,3	0,0	0,0	-	-	-	-
Carbonífera	1970	100	100	95,9	83,6	2,9	3,3	0,5	2,5	0,2	0,3	0,1	0,2	0,3	0,1
	1975	100	100	97,2	93,6	1,8	1,8	1,0	2,2	0,4	0,1	0,1	0,2	0,0	0,0
	1980	100	100	95,0	81,9	2,8	3,6	1,8	4,0	0,3	0,3	0,1	0,1	0,0	0,0
Lit. Sul Catarinense	1970	100	100	99,3	96,2	0,4	0,8	0,1	2,8	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
	1975	100	100	99,2	94,2	0,3	0,8	0,1	4,8	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
	1980	100	100	97,2	88,4	2,1	5,2	0,5	6,3	0,2	0,1	0,0	0,0	0,3	0,1
Col. Sul Catarinense	1970	100	100	96,4	93,9	3,1	5,0	0,2	0,5	0,1	0,2	0,1	0,1	0,1	0,2
	1975	100	100	99,0	98,0	0,7	1,1	0,0	0,1	0,1	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0
	1980	100	100	95,4	92,6	4,3	4,7	0,2	2,5	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,0
Campos de Lages	1970	100	100	95,3	92,1	2,7	4,5	1,5	3,2	0,2	0,1	0,1	0,0	0,2	0,1
	1975	100	100	97,0	92,3	1,5	2,0	1,5	5,7	0,0	0,0	0,0	0,0	-	-
	1980	100	100	94,4	89,5	3,0	4,9	1,6	5,5	0,2	0,0	0,1	0,0	0,6	0,0
Campos de Curitiba	1970	100	100	96,3	91,9	1,8	2,4	1,1	5,4	0,2	0,0	0,0	0,0	0,5	0,2
	1975	100	100	97,9	94,7	0,6	1,4	1,2	8,8	0,3	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
	1980	100	100	96,4	80,7	1,2	4,6	1,9	14,6	0,4	0,1	0,0	0,0	-	-
Col. do Rio do Peixe	1970	100	100	97,6	90,5	1,2	3,3	0,9	6,1	0,1	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0
	1975	100	100	98,2	89,7	1,0	4,0	0,6	6,1	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
	1980	100	100	95,9	82,2	2,5	7,3	1,3	10,0	0,2	0,4	0,1	0,1	0,0	0,0
Col. do Oeste Catarinense	1970	100	100	94,7	94,3	1,6	3,1	1,3	1,7	1,2	0,6	0,2	0,1	0,5	0,2
	1975	100	100	96,9	94,8	0,9	2,5	1,3	2,3	0,6	0,2	0,0	0,1	0,2	0,1
	1980	100	100	94,2	84,6	2,3	5,4	0,7	8,8	2,1	1,0	0,1	0,1	0,5	0,1
Planalto de Capinzal	1970	100	100	97,4	88,9	1,3	1,6	0,9	8,3	0,2	0,8	0,0	0,0	0,2	0,0
	1975	100	100	97,3	89,2	1,1	1,0	0,9	9,0	0,2	0,8	0,0	0,0	0,0	0,0
	1980	100	100	94,7	74,8	3,0	4,2	2,1	19,0	0,2	2,0	0,0	0,0	-	-
TOTAL	1970	100	100	96,5	91,6	1,6	3,3	1,0	4,3	0,6	0,6	0,1	0,1	0,2	0,1
	1975	100	100	97,8	92,2	0,9	2,0	0,8	5,4	0,4	0,3	0,0	0,1	0,1	0,0
	1980	100	100	95,3	84,0	2,3	4,8	1,2	10,4	0,9	0,6	0,1	0,1	0,2	0,0

Fonte dos dados básicos: Tabela 18

Elaboração: Instituto CEPA/SC

## 4.2. Mão-de-Obra

### 4.2.1. População rural e urbana

A década de 70 caracterizou-se pela urbanização da população catarinense, no sentido de que a população urbana, num momento não determinado da década, ultrapassou os 50% - era 42,94% em 1970, e passou a 59,38%, em 1980 (tabela 20).

A transferência de pessoas do meio rural para o urbano pode ser facilmente constatada. Enquanto o total da população cresceu a taxas anuais de 2,261%, no meio urbano ela atingiu 5,628%, o que só foi possível através do decréscimo de 1,154% nas taxas anuais do meio rural (tabela 21).

Há diferenciações regionais extremadas, sendo os casos mais distanciados o da Colonial de Joinville, com apenas 14,97% de população rural, e a Colonial Sul Catarinense, com 76,03% de rurícolas. Seguem-se como regiões de pequenas proporções de população rural as microrregiões de Florianópolis (17,11%), Litoral de Itajaí (18,15%), Colonial de Blumenau (26,56%) e Campos de La ges (28,19%), dados influenciados, como é natural, pelos centros urbanos que servem de identificação a estas regiões e são os mais populosos do estado. A sexta colocação é da MRH Carbonífera, onde se encontra a cidade de Criciúma, que completa o elenco dos maiores centros urbanos (tabela 20).

As maiores taxas de crescimento da população total de ram-se, praticamente, nas mesmas regiões: Col.de Joinville, Florianópolis, Lit. de Itajaí, Col. do Oeste Catarinense e Col. de Blumenau, justamente por serem centros de atração no processo do êxodo rural. O mesmo acontece, mais provavelmente, a partir das regiões que tiveram as maiores taxas negativas na população rural: Lit. Sul Catarinense, Carbonífera, Florianópolis, Col. de Blumenau e Col. de Joinville (tabela 21).

O Censo de 1980 revelou, também, algumas regiões de comportamento excepcional, pela diferenciação que tiveram das demais. É o caso da MRH Colonial do Oeste Catarinense - única a ter acréscimo da população rural e, também, a maior das taxas de crescimento da população urbana, fazendo com que a região fosse a quarta em crescimento da população total.

Tal fato deve encontrar explicação na importância econômica da agropecuária da região (a de maior produção), o que permitiu um leve aumento (0,827%) da população rural, o mesmo não aconteceu em nenhuma outra região. O crescimento da população urbana é explicado, principalmente, pela cidade de Chapecó, centro urbano e industrial de relativa importância e que cresceu muito no período 1970-80 (tabela 21).

A região que teve o menor decréscimo da população rural (-0,321% a.a.) foi a Colonial do Rio do Peixe - não é coincidência ser ela a segunda região do estado em produção agrícola. A explicação qualitativa, portanto, é a mesma da Col. do Oeste Catarinense, havendo diferenças apenas quantitativas.

Por outro lado, a MRH Col. Serrana Catarinense teve redução até da população total (-0,398 a.a.), o que nada tem de incoerente, pois sua pobreza é um fato conhecido. Há outras quatro microrregiões que tiveram crescimento da população total menor que 1,0%: Campos de Curitibanos, Col. Sul Catarinense, Col. do Itajaí do Norte e Col. do Alto Itajaí. Essas cinco microrregiões (e talvez outras da tabela 21) são geradoras de migrações inter-regionais com destino àquelas já mencionadas que tiveram grande crescimento populacional.

Houve, portanto, dois tipos, no mínimo, de migrações na década de 70 - um, no sentido campo-cidade, e o outro das microrregiões economicamente mais deprimidas para as cidades-pólos.

#### 4.2.2. Pessoal ocupado

Com o decréscimo de quase 182 mil pessoas na população rural, o percentual de pessoas ocupadas aumentou de 46,1%, em 1970, para 56,8%, em 1980. Parece bastante lógico que as pessoas que saíram do meio rural foram as que estavam em pior situação, isto é, os desocupados, sub-ocupados e ocupados temporariamente.

Esse raciocínio, de certa forma, é reforçado pelo fato de que, mesmo aumentando quase 10% do percentual de pessoas ocupadas, não houve maior intensificação do uso de mão-de-obra feminina (32%) ou de menos de 14 anos. Estes últimos, aliás, foram menos utilizados em 1980, pois diminuíram de 19,6 para 19,1% (tabela 22).

Ainda que 182 mil pessoas tenham abandonado o meio rural na década de 70, provavelmente em busca de melhores condições, houve ocupação para 73 mil novas pessoas durante aquela década (tabela 22).

Isso foi possível graças à intensificação da agricultura e da pecuária do estado. Os estabelecimentos incorporaram, aproximadamente, 450 mil novos hectares de área; as lavouras cresceram 470 mil ha; as pastagens aumentaram 23 mil ha; foram implantados 30 mil ha de florestas e utilizados 430 mil novos hectares que estavam improdutivos (tabela 14).

#### 4.2.3. Pessoal ocupado por Microrregião Homogênea

O aumento que aconteceu de 1970 para 1980 no pessoal ocupado nos estabelecimentos agrícolas do estado (9,6%) não foi uniformemente distribuído nas MRH. Tanto não foi que em várias delas o pessoal ocupado diminuiu sensivelmente.

Em ordem decrescente de percentual de diminuição, tem-se as seguintes seis microrregiões: Col. de Joinville (-45,5%); Lit. de Itajaí (-36,6%); Florianópolis (-21,9%); Col. de Blumenau (-12,0%); Lit. de Laguna (-9%); Col. de Itajaí do Norte (-6,0%) (tabela 23).

As demais microrregiões tiveram aumento no pessoal ocupado, destacando-se a Col. do Oeste Catarinense, onde cresceu 36,2% a mão-de-obra dos estabelecimentos agropecuários.

Esta absorção tão expressiva de mão-de-obra na MRH Col. do Oeste, que chegou ao dobro da segunda colocada (Col. Sul Catarinense com 18,1%) deve-se à pujança da agropecuária da região. Mesmo com um aumento de 911% no número de tratores (foram utilizados 4.707 novos tratores), que normalmente poupam mão-de-obra, esta cresceu 36,2% na região.

Tal pujança da agricultura da microrregião fica mais clara quando se verifica que, mesmo tendo sido a primeira em absorção de mão-de-obra, foi a segunda em termos de aumento de tratores. Seu crescimento, na década, foi maior que o dobro da média estadual e alcançou, em 1980, um número de tratores superior ao de qualquer outra região.



#### 4.2.4. Pessoal ocupado por estrato

Conforme já se viu, a mão-de-obra cresceu na década de 70, em média, 9,6%, mas com grandes variações regionais e, como não podia deixar de ser, com grandes diferenciações nos estratos de área.

Nos estabelecimentos de mais de 100 hectares, a absorção de mão-de-obra foi maior à medida em que aumentava o estrato, chegando ao máximo (73,6%) no estrato de mais de 1.000 hectares. Tal crescimento é substancial em termos percentuais, mas muito pequeno em termos absolutos, porque, além dos grandes estabelecimentos serem poucos (tabela 11) também ocupam pouca mão-de-obra, sendo, portanto, relativamente fácil obter um alto percentual de aumento em dez anos. Na verdade, o aumento do pessoal ocupado no estrato de mais de mil hectares foi de apenas 3.680 pessoas (tabela 20), enquanto no estrato de 10 a 20 ha o aumento de 10,7% correspondeu a mais de 21,6 mil pessoas.

Os menores estratos (até 20 ha) apresentaram índices de crescimento maiores que a média estadual, porém, bastante mais próximos a ela do que os grandes estratos (tabela 24).

O comportamento mais diferenciado foi o dos estratos intermediários (de 20 a 100 hectares), nos quais o crescimento do pessoal ocupado foi mínimo (1,6%). A explicação pode ser encontrada com certa facilidade através da estrutura fundiária, pois estes foram os estratos que tiveram, tanto o número de estabelecimentos como a sua área, reduzidos de 1970 para 1980. O pessoal ocupado cresceu bem menos nestes estratos, simplesmente porque a área foi reduzida em 5,2% e cedida justamente para os estratos inferiores e superiores que, assim, puderam absorver mais mão-de-obra (tabelas 11 e 17).

Tabela 20

POPULAÇÃO DE SANTA CATARINA, POR MICRORREGIÃO HOMOGENEA, 1970 E 1980

MRH	POPULAÇÃO									
	1970					1980				
	Urbana (a)	Rural (b)	Total (c)	Participação Re- lativa		Urbana (a)	Rural (b)	Total (c)	Participação Re- lativa	
				(a/c)	(b/c)				(a/c)	(b/c)
Colonial de Joinville	156.602	67.544	224.146	69,87	30,13	304.346	53.597	357.943	85,03	14,97
Litoral de Itajaí	80.749	37.086	117.835	68,53	31,47	135.930	30,146	166.076	81,85	18,15
Colonial de Blumenau	154.592	121.759	276.351	55,94	44,06	263.348	95.258	358.606	73,44	26,56
Colonial Itajaí do Norte	7.064	30.919	37.983	18,60	81,40	14.149	26.278	40.427	35,0	65,0
Colonial do Alto Itajaí	41.708	97.337	139.045	30,0	70,0	64.898	84.965	149.863	43,30	56,70
Florianópolis	180.897	87.088	267.985	67,50	32,50	324.118	66.912	391.030	82,89	17,11
Col.Serrana Catarinense	15.208	59.604	74.812	20,32	79,67	20.048	51.818	71.866	27,90	72,10
Litoral de Laguna	32.629	43.952	76.581	42,61	57,39	48.556	35.091	83.637	58,06	41,94
Carbonífera	138.492	134.572	273.064	50,72	49,28	213.860	101.676	315.536	67,78	32,22
Litoral Sul Catarinense	24.867	63.544	88.411	28,13	71,87	55.052	46.692	101.744	54,11	45,89
Colonial Sul Catarinense	8.893	49.836	58.729	15,14	84,86	13.876	44.016	57.892	23,97	76,03
Campos de Lages	106.923	75.266	182.189	58,69	41,31	147.594	57.937	205.531	71,81	28,19
Campos de Curitibaos	42.087	109.209	151.296	27,82	72,18	63.777	88.902	152.679	41,77	58,23
Colonial do Rio do Peixe	90.183	197.704	287.887	31,33	68,67	139.666	191.396	331.062	42,19	57,81
Col. do Oeste Catarinense	83.358	359.555	442.913	18,82	81,18	196.648	390.348	586.996	33,50	66,50
Planalto de Canoinhas	81.791	120.716	202.507	40,39	59,61	148.372	108.673	257.045	57,72	42,28
<b>SANTA CATARINA</b>	<b>1.246.043</b>	<b>1.655.691</b>	<b>2.901.734</b>	<b>42,94</b>	<b>57,06</b>	<b>2.154.238</b>	<b>1.473.695</b>	<b>3.627.933</b>	<b>59,38</b>	<b>40,62</b>

Fonte: IBGE (Censo Demográfico de Santa Catarina, 1970 e 1980)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 21

TAXA ANUAL DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO URBANA, RURAL E TOTAL, POR MRH DE SANTA CATARINA, 1970 E 1980

MRH	URBANA	RURAL	TOTAL
Colonial de Joinville	6,873	(-) 2,362	4,782
Litoral de Itajaí	5,369	(-) 2,044	3,511
Colonial de Blumenau	5,470	(-) 2,414	2,642
Col.de Itajaí do Norte	7,199	(-) 1,607	0,631
Colonial do Alto Itajaí	4,527	(-) 1,323	0,770
Florianópolis	5,999	(-) 2,600	3,845
Col.Serrana Catarinense	2,826	(-) 1,396	(-) 0,398
Litoral de Laguna	4,063	(-) 2,228	0,890
Carbonífera	4,439	(-) 2,843	1,455
Lit. Sul Catarinense	8,264	(-) 3,123	1,413
Col. Sul Catarinense	4,527	(-) 1,221	0,139
Campos de Lages	3,279	(-) 2,584	1,121
Campos de Curitibaos	4,245	(-) 2,030	0,010
Col. do Rio do Peixe	4,472	(-) 0,321	1,409
Col. do Oeste Catarinense	8,960	0,827	2,962
Planalto de Canoinhas	6,138	(-) 1,038	2,417
<b>SANTA CATARINA</b>	<b>5,628</b>	<b>(-) 1,154</b>	<b>2,261</b>

Fonte dos dados básicos: Tabela 20

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 22

PESSOAL OCUPADO NOS ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS, POR SEXO E IDADE, SANTA CATARINA, 1970 E 1980

ANO	PESSOAL OCUPADO	HOMENS	PARTICIPAÇÃO %	MULHERES	PARTICIPAÇÃO %	DE 14 E MAIS ANOS		MENORES DE 14 ANOS					
						Homens	Participação %	Mulheres	Participação %	Homens	Participação %	Mulheres	Participação %
1970	763.501	457.188	59,9	306.313	40,1	369.810	48,4	243.971	32,0	87.378	11,4	62.342	8,2
1980	836.755	498.752	59,6	338.003	40,4	407.440	48,7	269.234	32,2	91.312	10,9	68.769	8,2
VARIAÇÃO 1980/70	9,6	9,1	10,3	10,2	10,4	4,5	10,3						

Fonte: IBGE (Censo Agropecuário de Santa Catarina - 1970 e 1980)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 23

PESSOAL OCUPADO E NÚMERO DE TRATORES, NOS ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS, POR MRH, SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

MRH	PESSOAL OCUPADO			NÚMERO DE TRATORES			RELAÇÃO PESSOAL OCUPADO/Nº DE TRATORES				
	1970	1975	1980	VARIAÇÃO % 80/70	1970	1975	1980	VARIAÇÃO % 80/70	1970	1975	1980
Colonial de Joinville	39.825	27.833	21.719	- 45,5	525	1.350	2.420	361	75,9	20,6	9,0
Litoral de Itajaí	8.859	7.056	5.617	- 36,6	92	384	820	791	96,3	18,4	6,8
Colonial de Blumenau	61.735	67.517	54.133	- 12,0	477	1.528	3.216	574	129,4	44,2	16,8
Col. Itajaí do Norte	17.251	22.653	16.226	- 6,0	189	599	1.089	476	91,3	37,8	14,9
Col. Alto Itajaí	51.276	63.662	58.739	14,5	679	2.601	5.277	677	75,5	24,5	11,1
Florianópolis	22.680	21.701	17.722	- 21,9	170	336	698	311	133,4	64,6	25,4
Col. Serrana Catarinense	30.800	36.037	33.191	7,8	118	243	1.427	1.109	261,0	148,3	23,3
Litoral de Laguna	12.672	18.659	11.490	- 9,3	47	43	101	115	269,6	433,9	113,8
Carbonífera	52.751	61.995	55.400	5,0	521	558	1.282	146	101,3	111,1	43,2
Lit. Sul Catarinense	28.697	33.127	29.334	2,2	382	496	938	146	75,1	66,8	31,3
Col. Sul Catarinense	26.562	31.743	31.362	18,1	693	949	1.459	111	38,3	33,4	21,5
Campos de Leões	28.754	30.744	28.930	0,6	342	602	1.507	341	84,1	51,1	19,2
Campos de Curitibaos	45.206	49.335	51.284	13,4	263	819	1.726	556	171,9	60,2	29,7
Col. Rio do Peixe	106.502	105.374	110.491	3,7	480	1.410	2.721	467	221,9	74,7	40,6
Col. Oeste Catarinense	184.712	222.474	251.590	36,2	464	2.244	5.171	911	398,1	99,1	48,7
Planalto de Canoinhas	54.219	58.824	59.527	9,8	621	1.479	3.253	424	87,3	39,8	18,3
TOTAL	763.501	858.734	836.755	9,6	6.063	15.641	33.105	446	125,9	54,9	25,3

Fonte: IBGE (Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1970, 1975 e 1980)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 24

PESSOAL OCUPADO NOS ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS,  
SEGUNDO OS GRUPOS DE ÁREA TOTAL, SANTA CATARINA,  
1970 E 1980

GRUPO DE ÁREA TOTAL		1970	1980	VARIAÇÃO (%) (1980/1970)
Menos de	10	197.756	228.935	15,7
10	— 20	201.921	223.543	10,7
20	— 50	251.853	254.455	1,3
50	— 100	67.811	70.632	4,2
100	— 500	34.322	43.022	25,3
500	— 1.000	4.836	7.109	47,0
1.000	e mais	5.002	8.682	73,6
TOTAL		763.501	836.378	9,6

Fonte: IBGE (Censo Agropecuário de Santa Catarina - 1970 e 1980)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

### 4.3. Capital

#### 4.3.1. Valor dos bens por Microrregião Homogênea

O capital será analisado sob uma ótica restrita que considera apenas os valores dos bens e dos investimentos na década de 70, sendo que ambos contemplam bens móveis e imóveis.

O valor dos bens imóveis, em relação ao total, representava 73,0% em 1970, 80,8% em 1975 e 78,3% em 1980, enquanto os de mais bens completaram os 100% (tabela 27).

Tais números identificam um comportamento ascendente dos bens imóveis até 1975 com uma queda posterior, o que, a grosso modo, acompanha o comportamento da economia nacional no mesmo período. Dito de outra maneira: enquanto a economia nacional crescia no seu todo, os bens imóveis cresciam na área agrícola do estado e, quando a economia perdeu o ritmo de crescimento, os bens imóveis e, portanto, de utilização mais permanente, perderam espaço em favor dos outros bens menos duradouros.

Entre os bens imóveis, destacaram-se as terras que tiveram um comportamento análogo aos bens imóveis em geral, pois foram 71,9%, 80,7% e 78,3% do total de imóveis nos três censos.

Os prédios, instalações e benfeitorias tiveram um comportamento justamente oposto, pois o ano de 1975 apresentou as maiores participações, ou seja, enquanto as terras cresciam em participação os outros bens imóveis decresciam e vice-versa (tabela 27).

Isso dá a entender que, em tempos de crescimento da economia, os bens que mais crescem em valor são os mais duradouros, ou seja, os imóveis e, dentre eles, o mais permanente, a terra.

Entre os outros bens (não imóveis), as culturas permantes e matas plantadas tiveram um comportamento semelhante aos da terra (maior participação no ano de 1975), enquanto os animais de criação e trabalho tiveram comportamento inverso. Isso deve indicar que, em tempos de abundância, ficam facilitados os investi-mentos de maturação demorada, como culturas permanentes e reflo-restamento (tabela 27).

Máquinas e instrumentos tiveram participação crescente, o que é coerente com a mecanização ocorrida no estado neste mesmo

período. Veículos e outros meios de transporte tiveram sua participação relativa em descenso na década de 70, ou seja, perderam importância como bens rurais, quando comparados com os restantes.

As microrregiões tiveram comportamento diferenciado quanto ao valor dos bens imóveis em geral. As MRH que se diferenciaram foram a Col. de Joinville e a Colonial do Rio do Peixe que tiveram a participação crescente dos bens imóveis, enquanto todas as demais tiveram os maiores percentuais em 1975, acompanhando a tendência geral do estado, conforme já foi visto e, provavelmente, pelos mesmos motivos (tabela 25).

A Colonial de Joinville teve o valor crescente dos imóveis por influência da também crescente valorização das terras, proporcionalmente maior que os outros bens no período 75-80.

Além da Colonial de Joinville, outras MRH aumentaram sua participação em função das terras: Col. de Blumenau, Col. do Alto Itajaí, Litoral de Laguna, Carbonífera, Lit. Sul Catarinense, Col. Sul Catarinense (tabela 25).

Instalações, outras benfeitorias, culturas permanentes e matas plantadas tiveram comportamentos diferenciados, conforme a microrregião. Enquanto animais de criação e trabalho tiveram participação decrescente em todas as regiões, à exceção de Florianópolis, máquinas e instrumentos cresceram em todas as MRH, excetuando-se o Litoral de Laguna.

Os maiores crescimentos do valor total dos bens ocorreram, na década de 70, nas MRH Col. do Oeste Catarinense, Florianópolis, Litoral de Laguna, Col. do Alto Itajaí e Planalto de Canoinhas, com crescimento acima da média estadual (tabela 25).

Quanto às terras, os maiores crescimentos de valor foram os das MRH Florianópolis, Col. do Oeste Catarinense, Planalto de Canoinhas, Col. do Alto Itajaí, Col. de Joinville e Col. de Blumenau, com valorizações acima da média (tabela 25).

Como se pode verificar, na maioria dos casos, há coincidência entre o crescimento dos imóveis em geral e das terras, pelo simples motivo de serem os bens mais valiosos da propriedade. O crescimento do valor das terras, na década, para todas as MRH foi maior que o aumento do valor dos bens em geral.

Por outro lado, os menores índices de crescimento do va

lor dos bens em geral ocorreram nas MRH Col. do Sul Catarinense, Col. do Itajaí do Norte, Carbonífera, Campos de Curitibanos e Campos de Lages, enquanto as menores valorizações das terras ocorreram na Col. do Sul Catarinense, Col. do Itajaí do Norte, Carbonífera, Campos de Lages e Colonial Serrana Catarinense. Nota-se que as duas listas quase que coincidem, como aconteceu com as de maior crescimento (tabela 25).

Os maiores crescimentos do valor das instalações e outras benfeitorias foram obtidos na Col. do Rio do Peixe, Lit. de Itajaí, Lit. de Laguna, Lit. Sul Catarinense e Col. do Oeste Catarinense.

Na verdade, de todos os itens, o que mais cresceu foi máquinas e instrumentos, inclusive, mais que a terra, o que prova o crescimento da mecanização no estado na década de 70. Destacaram-se, nesse sentido, as MRH Col. Serrana Catarinense, Col. do Oeste Catarinense, Planalto de Canoinhas, Campos de Curitibanos e Lit. de Itajaí (tabela 25).

A primeira e a última destas regiões tinham, em 1970, um número mínimo de tratores. O crescimento deu-se, então, a partir de uma base muito pequena que possibilitou um grande crescimento na década. A colonial do Oeste Catarinense, por sua vez, foi a região de maior desenvolvimento agrícola, enquanto a Campos de Curitibanos e a Planalto de Canoinhas são regiões em que as lavou ras cresceram nos campos e através da mecanização.

Os menores crescimentos de máquinas e instrumentos ocorreram nas MRH Lit. de Laguna, Florianópolis, Carbonífera, Lit. Sul Catarinense e Col. de Blumenau.

#### 4.3.2. Valor dos investimentos por Microrregião Homogênea

A distribuição do valor dos investimentos entre os bens imóveis e outros bens é diferente da que se refere ao valor dos bens. Enquanto nestes havia grande predomínio da participação dos bens imóveis e sua distribuição era oscilante (73, 80 e 78%), os investimentos mostraram-se decrescentes, e muito inferiores (50, 49 e 45%), ou seja, os investimentos em bens imóveis perderam terreno na década de 70 para os investimentos em outros bens. Vale dizer que os imóveis aumentaram sua participação no valor - não por

maiores proporções de investimento, mas sim pela valorização dos próprios bens imóveis (tabelas 27 e 28).

O valor dos imóveis são determinados, basicamente, pelas terras que representam 72, 81 e 78% dos imóveis, enquanto nos investimentos as terras representaram 37, 27 e 35% dos imóveis.

Nos investimentos, os itens importantes nos bens imóveis não foram as terras destacadamente, mas sem terras, prédios residenciais e instalações, numa divisão tripartite, quase equitativa no ano de 1980 - 35, 31 e 34% - (tabela 28).

Os investimento - em outros bens que cresceram de 50 para 54% do total, na década de 70 - destacam, em 1980, a participação dos animais de reprodução e trabalho (56%) e máquinas e instrumentos (24%).

Analisando-se por MRH, verifica-se que os maiores crescimentos nos valores dos investimentos, na década de 70, ocorreram nas MRH Litoral de Itajaí, Florianópolis, Col. do Rio do Peixe, Col. Serrana Catarinense e Col. de Blumenau; e os menores, na Campos de Lages, Col. de Itajaí do Norte, Campos de Curitibanos e Litoral de Laguna. As demais MRH ficaram na situação intermediária.

Nas microrregiões Litoral de Itajaí, Florianópolis e Campos de Curitibanos, os investimentos em bens imóveis cresceram, proporcionalmente, mais que os em bens móveis, enquanto nas demais microrregiões ocorreu o contrário.

Os maiores crescimentos dos investimentos em terras foram nas MRH Lit. de Itajaí, Florianópolis, Col. de Joinville, Col. de Blumenau e Litoral de Laguna; e os menores, na Col. Sul Catarinense, Campos de Lages, Col. do Itajaí do Norte e Carbonífera (tabela 26).

Esses crescimentos das microrregiões do Litoral podem significar exploração imobiliária com sítios próximos ao mar e grandes cidades, sem maiores resultados econômicos, mas, principalmente, estão ligados à expansão da cana-de-açúcar nas várzeas litorâneas das quatro primeiras microrregiões.

Os mais importantes investimentos em bens não imóveis, na década, foram os animais de reprodução e trabalho. Tais investimentos deram-se na MRH Col. do Rio do Peixe, Florianópolis, Col.



do Oeste Catarinense, Col. de Joinville, Lit. Sul Catarinense e Campos de Lages.

Para explicar o destaque dessas microrregiões, pode-se agrupá-las de duas em duas: a Col. do Rio do Peixe e a Col. do Oeste Catarinense explicam-se pelos suínos de reprodução e pelos bovinos de trabalho e reprodução; a Col. de Joinville e Campos de Lages são destaques pelos bovinos de leite e carne, respectivamente, bem como, pelos animais de trabalho; e Florianópolis e Lit. Sul Catarinense tiveram o grande crescimento facilitado pela insignificância dos investimentos em 1970, isto é, houve um grande crescimento, mas a partir de valores que eram considerados dos menores do estado no início da década.

Os menores crescimentos foram os das MRH Planalto de Canoas, Col. Serrana Catarinense, Carbonífera, Lit. de Itajaí e Col. do Alto Itajaí.

#### 4.3.3. Valor dos bens por estrato

Na década de 70 os maiores crescimentos nos valores dos bens (acima da média estadual), foram alcançados pelos estratos de mais de 1.000 ha, de 500 a 1.000 ha e menores de 10 ha, sendo os demais estratos inferiores à média. O pior desempenho foi o do estrato de 20 a 50 hectares (tabela 27).

Tais desempenhos estão ligados a duas causas principais: os estratos intermediários, como já se viu, diminuíram em número e área, enquanto os extremos cresceram em número, tendo os estratos inferiores perdido em área e os superiores aumentado.

Os crescimentos destacados estão ligados aos bens imóveis, que são o grosso do valor dos bens. Mas, nos grandes estratos (acima de 500 hectares), houve também crescimento dos outros bens, enquanto o estrato de menos de 10 ha foi o que teve o pior desempenho nesta última categoria.

Dentre os bens imóveis, os mais representativos são as terras, nas quais os mesmos estratos se distinguem: acima de 1.000 ha, abaixo de 10 ha e de 500 a 1.000 ha.

Em todos os estratos, a participação do valor dos bens imóveis cresceu na década de 70, o mesmo acontecendo com as terras, ou melhor, a valorização das terras foi que provocou um maior

crescimento da participação dos bens imóveis no total dos bens.

Os prédios residenciais perderam participação em todos os estratos, enquanto o mesmo acontecia com as instalações, com exceção dos estratos de 100 a 1.000 ha, nos quais as instalações cresceram em participação (tabela 27).

Nos outros bens, destaca-se a participação dos animais de reprodução e trabalho, que foi decrescente no período (de 53,8 para 45,5% dos outros bens). Decresceu também a participação dos veículos, tendo crescido o das lavouras permanentes e das máquinas e instrumentos.

Quanto aos animais, os maiores crescimentos foram dos mesmos estratos que têm se diferenciado: de 500 a 1.000 ha, de mais de 1.000 ha e de menos de 10 ha, sendo que todos os estratos tiveram decréscimo de participação, seguindo a média estadual no período (tabela 27).

#### 4.3.4. Valor dos investimentos por estrato

Os mais altos índices de crescimento do total dos investimentos, na década de 70, ocorreram nos estratos de 50 a 100 ha e até 10 ha, sendo o menor índice o do estrato de mais de 1.000 hectares (tabela 28).

A maior evolução positiva dos investimentos em bens imóveis aconteceu nos estratos de mais de 100 hectares que, inclusive, tiveram a participação crescente destes bens no total do valor dos investimentos, enquanto, nos estratos inferiores, os outros bens é que tiveram participação crescente.

Na maioria dos estratos, os crescimentos da participação dos imóveis deve-se à maior participação das terras. Só nos estratos de 50 a 500 ha é que as instalações colaboraram no crescimento (tabela 28).

Quanto aos outros bens, os maiores crescimentos foram apresentados pelos estratos de até 10 ha, de 50 a 100 ha e de 10 a 50 ha que tiveram participação crescente nesta categoria de investimento. O menor crescimento foi do estrato de mais de 1.000 hectares.

Os animais de reprodução e trabalho foram os maiores res

ponsáveis por esse comportamento, tendo, aliás, aumentado sua participação em todos os estratos. Sua participação, contudo, foi muito maior nos estratos inferiores, porque neles os investimentos em terra são pequenos em relação aos outros bens. Em 1980, por exemplo, o estrato de menos de 10 ha investiu 24,4% em terras, e o estrato de mais de 1.000 ha, 62,4%, para uma média estadual de 35,5% no total de bens imóveis.

#### 4.3.5. Valor dos bens, segundo a condição do produtor

É interessante se notar que os não-proprietários foram as categorias de produtores que mais ampliaram seus bens na década de 70. Dentre eles, a primeira colocação foi dos arrendatários, vindo, em seguida, os ocupantes e, por último, os parceiros. Essas três categorias cresceram acima da média, que foi diminuída pelos proprietários (tabela 29).

Quantitativamente, o fato tem pouca envergadura, pois os proprietários, em 1980, possuíam 90,1% do valor dos bens; os arrendatários, 3,5%; os parceiros, 2,8%; e os ocupantes, 3,6%. Mesmo assim, este fato é revelador e deve estar ligado à diminuição dos produtores na década de 70, e o aumento nas categorias de não-proprietários.

O destaque dos arrendatários deve-se, provavelmente, ao fato de ser esta categoria a mais estável das três. A segunda posição, a dos ocupantes, liga-se, provavelmente, à necessidade que esta tem de reforçar a posse da terra através do aumento dos bens. O parceiro tem uma situação muito transitória que não recomenda a ampliação dos bens, mesmo que existam condições para isso.

Com os bens imóveis aconteceu algo semelhante aos bens em geral, mesmo porque aqueles representavam, em 1980, de 78 a 83% destes. Cresceram mais os bens dos arrendatários, ocupantes e parceiros do que os dos proprietários - os únicos a apresentarem desempenhos abaixo da média (tabela 29).

Quanto às terras, que cresceram em importância em todas as categorias, o comportamento foi idêntico e representava, em 1980, entre 77 e 84% dos bens imóveis.

Na verdade, o raciocínio deve ser inverso, pois foram as terras que influenciaram o comportamento dos bens imóveis, e

estes determinaram o comportamento do total dos bens, já que as terras representam entre 60% e 67% do valor dos bens.

Os crescimentos destacados dos bens de arrendatários e ocupantes explicam-se, também, pela evolução dos outros bens (não-imóveis) que se somariam aos bens imóveis, e foram superiores aos dos proprietários e parceiros, que diminuíram a média estadual.

Em todas as categorias, os outros bens diminuíram sua participação. Este comportamento foi determinado pelos animais de criação e trabalho, em todas as categorias e na média estadual, com exceção dos parceiros que aumentaram a participação dos animais, máquinas e instrumentos, diminuindo a participação das lavouras permanentes e matas cultivadas. A explicação, provavelmente, é de que estas últimas são menos removíveis (ou dificilmente o são) quando comparadas àquelas.

#### 4.3.6. Valor dos investimentos segundo a condição do produtor

Os maiores índices de evolução positiva dos investimentos foram apresentados pelos arrendatários e ocupantes com desempenho acima da média estadual, ficando proprietários e parceiros abaixo dessa média (tabela 30).

Isso se explica pelo crescimento destas categorias, na década de 70, e se sustenta nos investimentos em bens móveis que tiveram participação crescente, enquanto os imóveis tiveram participação decrescente.

Os investimentos em bens imóveis tiveram maior crescimento na categoria dos proprietários, que sustentaram a média e apresentaram pequeno decréscimo na participação destes bens (de 50,6 para 46,8%); enquanto o descenso, nas categorias não proprietárias, foi acentuado: arrendatários, de 45,1 para 20,8%; ocupantes, de 49,4 para 31,8%; e parceiros de 33,5 para 27,8% (tabela 30).

Nos bens não imóveis (outros bens), os maiores crescimentos foram dos arrendatários e ocupantes, ficando proprietários e parceiros abaixo da média. Foram, aliás, os bens móveis que determinaram este mesmo comportamento nos bens totais.

Os outros bens tiveram participações crescentes, no período, para todas as categorias - principalmente nas duas citadas acima, e que foram determinadas pelo crescimento dos investimen-

tos em animais de reprodução e trabalho, os quais apresentaram os maiores crescimentos de participação entre os bens não-imóveis.

Os investimentos em máquinas e instrumentos cresceram apenas nos parceiros e menos nos ocupantes, tendo decrescido no total pelo decréscimo dos arrendatários e proprietários.



Tabela 26 VALOR DOS INVESTIMENTOS REALIZADOS SEGUNDO AS MICROREGIÕES HOMOGENEAS DE SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

MRR	ANO	TOTAL GERAL (*)	BENS I M O V E I S										O U T R O S B E N S										V E I C U L O S E O U T R O S M E I O S D E T R A N S P O R T E		
			Total Parcela	Participação em Relação ao Total	Terças Adquiridas	Participação em Relação ao Total	Prédios de Ciências e Artes	Participação em Relação ao Total	Instalações e outros Benefícios	Participação em Relação ao Total	Total Parcela	Participação em Relação ao Total	Novas OBRAS e Plantas	Participação em Relação ao Total	Reparação e de Trabalho	Máquinas e Instrumentos	Participação em Relação ao Total	Novos Veículos	Participação em Relação ao Total	Usados	Participação em Relação ao Total				
Colonial de Joinville	1970	7.791	2.994	38,4	530	18,0	35,7	1.386	46,3	4.796	61,6	1.933	40,3	926	19,3	469	10,0	1.300	5,9						
	1975	37.542	15.639	41,7	3.238	30,7	41,2	6.444	51,2	21.902	58,3	8.622	18,5	2.991	13,7	2.949	13,5	1.200	5,9						
	1980	760.867	294.819	38,7	85.534	29,0	105.862	35,1	103.423	35,1	486.040	61,3	98.028	12,2	221.603	27,5	22.396	4,8	14.027	3,0					
		1.940	1.035	53,5	343	33,1	24,3	44,1	42,6	35,5	6,0	10,0	11,5	783	45,4	100	11,5	97	10,1						
Litoral de Itajaí	1970	408.326	243.251	59,5	139.461	31,3	35.669	14,7	68.141	28,0	165.532	40,5	10.127	6,1	56.377	34,1	9.575	5,9	6.574	4,2					
	1975	55.302	30.862	55,8	10.461	33,8	2.464	45,7	13.321	43,7	36,7	11,5	360	11,5	1.158	37,0	318	10,2	332	10,6					
	1980	937.730	475.304	50,7	142.471	30,0	210.078	44,2	132.755	25,8	462.422	49,3	41.602	7,4	235.928	50,6	39.220	8,5	23.094	5,0					
		3.567	2.134	59,8	830	38,4	530	23,4	815	38,2	1.433	40,2	18	1,3	397	27,7	218	15,3	210	14,5					
Colonial do Itajaí do Norte	1970	36.386	20.217	55,6	2.073	10,3	38.601	51,9	13.128	64,9	16.109	44,4	2.111	1,3	3.500	21,6	2.520	15,6	665	4,1					
	1975	11.897	7.300	61,3	2.419	33,1	1.959	26,9	2.922	40,0	4.237	37,0	449	4,0	1.211	38,2	1.486	11,2	659	15,4					
	1980	225.856	117.143	51,9	41.160	35,1	171.276	36,3	163.942	34,8	138.515	28,9	1.729	1,3	20.959	58,7	31.320	9,6	1.786	4,9					
		8.232	4.572	55,7	1.712	10,3	3.725	27,3	5.476	50,0	11.985	60,2	4.214	13,1	488	20,0	482	11,2	1.786	4,9					
Colonial do Alto Itajaí	1970	7.900	4.572	57,9	1.712	10,3	3.725	27,3	5.476	50,0	11.985	60,2	4.214	13,1	488	20,0	482	11,2	1.786	4,9					
	1975	82.349	45.722	55,7	1.712	10,3	3.725	27,3	5.476	50,0	11.985	60,2	4.214	13,1	488	20,0	482	11,2	1.786	4,9					
	1980	882.761	471.733	53,4	171.276	36,3	163.942	34,8	138.515	28,9	1.729	1,3	20.959	58,7	31.320	9,6	1.786	4,9	20.984	5,0					
		2.938	1.809	61,6	34,2	27,7	489	38,1	1.529	55,4	3.331	94,8	28.734	61,7	200.861	60,5	31.812	9,6	6.380	1,9					
Florianópolis	1970	13.690	7.159	52,3	2.828	20,9	7.884	27,5	14.715	51,6	23.321	47,7	565	6,6	2.749	42,1	1.481	11,5	751	11,5					
	1975	51.980	28.527	54,9	9.958	20,9	7.884	27,5	14.715	51,6	23.321	47,7	565	6,6	2.749	42,1	1.481	11,5	751	11,5					
	1980	1.012.968	485.064	44,9	143.664	31,6	185.964	40,9	125.437	27,5	557.898	55,1	48.746	8,6	374.063	37,1	92.804	18,6	17.190	3,1					
		5.588	3.711	66,8	65,8	41,0	1.555	41,0	1.847	36,8	1.847	33,2	209	11,3	602	32,5	653	35,4	120	5,5					
Litoral Sul Catarinense	1970	34.145	20.636	60,4	8.775	42,5	3.245	29,6	9.457	29,6	22.620	41,5	1.149	8,5	3.894	28,8	5.968	44,2	1.434	10,6					
	1975	34.145	20.636	60,4	8.775	42,5	3.245	29,6	9.457	29,6	22.620	41,5	1.149	8,5	3.894	28,8	5.968	44,2	1.434	10,6					
	1980	546.794	321.168	58,5	133.125	41,4	93.686	29,1	94.597	29,6	227.620	41,5	11.624	5,1	129.160	56,7	68.979	30,3	9.921	4,4					
		4.396	3.103	70,5	1.663	53,6	514	16,6	926	29,8	2.293	42,5	258	11,2	409	17,0	1.182	56,2	430	18,8					
Colonial do Sul Catarinense	1970	3.103	1.663	53,6	514	16,6	926	29,8	2.293	42,5	258	11,2	409	17,0	1.182	56,2	430	18,8	45	2,0					
	1975	3.103	1.663	53,6	514	16,6	926	29,8	2.293	42,5	258	11,2	409	17,0	1.182	56,2	430	18,8	45	2,0					
	1980	398.629	171.388	44,8	75.891	42,7	65.353	36,7	36.736	20,6	220.810	55,4	16.339	7,4	76.880	34,8	104.615	47,4	14.000	6,1					
		21.868	8.117	34,0	4.669	57,5	1.984	24,5	1.984	24,5	15.782	66,0	9.335	59,2	2.596	16,5	1.270	8,1	1.711	10,9					
Campos de Lages	1970	104.420	51.029	48,9	29.367	57,5	7.223	14,2	14.439	24,3	45.792	44,8	3.709	11,4	11.936	25,3	7.723	14,5	4.322	3,7					
	1975	1.046.881	396.128	31,8	223.028	56,3	71.616	18,1	101.486	25,6	850.746	48,2	162.260	19,1	529.219	64,2	96.447	11,3	39.586	2,7					
	1980	1.447.759	566.595	39,1	294.852	52,4	109.324	19,3	160.219	20,3	881.158	60,9	182.186	20,7	496.137	49,5	170.146	19,3	60.576	6,9					
		22.510	12.580	56,3	9.542	27,5	5.828	24,3	2.515	30,6	14.284	63,5	7.896	55,3	2.750	19,3	1.931	13,5	986	6,9					
Campos de Curitiba	1970	38.120	18.341	48,0	5.924	32,4	4.693	25,6	7.713	42,0	19.809	52,0	9.328	21,0	3.028	17,0	1.182	56,2	430	18,8					
	1975	263.263	127.561	48,4	29.568	23,2	77.081	60,4	107.702	45,0	50.339	53,4	13.746	12,8	17.894	16,6	5.346	33,0	1.995	10,0					
	1980	4.234.452	1.824.213	42,9	369.481	20,3	520.090	28,5	934.642	51,2	2.430.233	57,1	146.905	6,0	1.806.729	74,4	287.936	11,9	103.747	4,5					
		60.254	34.678	57,6	12.580	36,3	9.542	27,5	5.828	24,3	2.515	30,6	14.284	63,5	7.896	55,3	2.750	19,3	1.931	13,5					
Colonial do Rio do Peixe	1970	435.946	211.222	48,5	48.382	22,9	56.528	27,7	104.312	49,4	25.577	42,4	3.228	14,6	6.465	25,3	9.922	28,4	2.401	9,4					
	1975	5.857.678	2.917.872	49,8	1.003.500	34,4	963.515	33,0	950.857	32,6	2.939.791	50,2	131.688	4,5	1.627.370	55,0	924.433	31,5	151.079	3,9					
	1980	114.352	7.032	48,8	1.512	36,8	6.937	22,9	2.900	41,3	7.330	51,1	998	13,6	1.335	18,2	1.987	27,3	2.241	11,3					
		1.330.492	544.334	40,9	197.132	36,2	162.770	29,9	184.422	31,5	786.151	59,1	130.401	16,6	149.946	19,1	362.085	46,0	93.642	6,4					

Fonte dos dados básicos: IBGE (Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1970, 1975 e 1980)  
Elaboração: Instituto CEPASA  
(\*) Inclui o valor dos imóveis não declarados

Tabela 27

VALOR DOS BENS E PARTICIPAÇÃO RELATIVA, SEGUNDO O GRUPO DE ÁREA TOTAL, SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

ESTADO DE ÁREA (ha)	ANO	BENS IMÓVEIS										OUTROS BENS										TOTAL (*)
		Total	Participação com relação à área	Terras	Participação com relação à área	Prédios residenciais e comerciais e/ou industriais	Participação com relação à área	Instalações e outras edificações	Participação com relação à área	Total	Participação com relação à área	Culturas permanentes e áreas plantadas	Participação com relação à área	Animais de criação e trabalho	Máquinas e instrumentos	Participação com relação à área	Veículos e outros meios de transporte	Participação com relação à área				
Menos de 10	1970	473.776	77,5	285.107	60,2	139.659	29,5	46.010	10,3	137.639	14.271	10,4	88.008	63,8	14.334	10,4	21.226	15,4	431.615			
	1975	4.381.358	86,1	2.952.908	67,4	1.002.812	23,9	425.577	9,7	706.230	52.314	7,4	450.949	63,8	1.843.603	18,0	90.624	19,0	5.088.243			
	1980	53.492.941	84,1	36.920.333	69,0	11.659.095	21,9	4.877.212	9,1	10.129.055	1.085.458	10,7	6.214.344	61,4	1.843.603	18,2	985.649	19,7	63.621.997			
	1970	6.481.952	75,3	4.357.713	63,9	1.660.343	23,5	85.794	12,6	2.233.770	37.368	10,3	1.344.697	60,2	35.293	15,8	30.611	13,7	905.623			
	1975	4.745.503	83,8	3.026.767	73,4	1.026.767	15,9	7.547.677	10,7	17.540.631	97.366	16,2	701.645	56,2	297.366	23,8	152.038	12,2	7.722.889			
10 — 20	1970	72.634.959	80,5	52.672.334	72,4	12.465.049	17,2	7.547.677	10,7	17.540.631	2.047.453	11,7	9.398.592	53,6	4.591.386	26,1	1.503.499	8,6	90.175.890			
	1975	1.158.630	74,8	791.879	67,8	142.502	20,0	1.425.302	12,2	393.943	22.035	10,7	1.080.238	50,3	541.160	25,2	285.641	13,8	1.562.573			
	1980	10.828.588	83,5	8.321.407	76,9	1.421.868	13,1	1.085.866	10,0	2.166.444	4.645.398	15,6	14.073.602	47,4	8.150.634	27,5	2.813.144	9,5	144.629.079			
	1970	4.661.189	87,2	3.601.458	82,5	1.175.881	14,9	12.362.197	10,0	23.692.779	29.135	12,8	88.346	54,7	23.989	14,9	28.949	17,6	627.780			
	1975	4.688.556	77,4	3.777.347	70,3	4.938.072	10,4	4.913.117	10,3	13.878.030	2.985.000	21,4	5.961.688	42,9	3.701.649	26,7	1.249.640	9,0	5.602.967			
500 — 1.000	1970	517.751	66,8	347.364	74,5	71.457	15,3	47.615	10,2	161.345	96.345	37,5	37,5	17.288	6,7	26.340	10,2	774.846				
	1975	6.046.934	79,8	5.421.017	87,7	798.234	4,8	335.243	5,5	1.535.018	684.216	20,2	684.216	39,4	548.879	25,7	172.092	8,3	7.581.953			
	1980	57.395.712	74,5	50.201.327	87,5	2.998.773	5,2	4.167.610	7,3	19.593.812	25,5	25,5	8.164.277	41,7	3.598.534	20,2	1.302.455	6,6	76.949.525			
	1970	3.142.791	70,0	1.633.532	89,4	9.795	5,4	89.318	2,9	1.191.854	482.276	40,5	600.584	50,4	81.007	7,4	7.147	9,1	351.495			
	1975	21.893.257	74,7	19.857.767	90,7	658.292	3,0	1.377.198	6,3	7.408.841	2.826.714	38,1	3.309.295	44,7	938.410	12,7	334.420	4,5	29.302.099			
Mais de 1.000	1970	243.144	65,7	158.144	65,7	223.332	91,8	8.839	3,7	10.873	136.742	34,3	69.325	47,6	51.191	40,4	7.130	5,6	389.886			
	1975	3.653.423	70,9	3.519.380	91,3	79.042	2,1	275.501	3,5	1.191.854	1.125.407	74,1	261.274	16,5	1.157.162	8,7	28.207	1,8	5.333.300			
	1980	31.657.097	71,7	31.654.686	94,0	828.704	2,5	1.191.854	3,5	13.293.464	8.142.255	61,3	3.643.724	27,4	1.157.162	8,7	350.300	2,6	46.980.582			
	1970	3.735.210	73,0	2.685.268	71,9	668.977	17,9	380.965	10,2	1.379.617	279.435	20,3	762.001	53,8	1.75.337	12,7	181.955	13,2	5.114.828			
	1975	35.396.359	80,8	31.807.642	80,7	4.322.864	8,3	3.267.721	9,3	9.336.357	2.782.042	29,8	4.065.011	43,6	1.636.917	17,5	852.383	9,1	48.734.585			
1980	401.813.929	78,3	314.426.047	78,3	50.748.339	12,6	36.439.543	8,1	111.542.575	27.880.887	25,0	90.777.939	45,5	24.342.338	21,8	8.541.509	7,7	511.156.505				

Fonte dos dados básicos: IBGE (Censo Agropecuario de Santa Catarina - 1970, 1975 e 1980)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

(\*) Inclui o valor dos imóveis não declarados

Tabela 28

VALOR DOS INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÃO RELATIVA, SEGUNDO O GRUPO DE ÁREA TOTAL, SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

GRUPO DE ÁREA TOTAL (ha)	ANO	BENS IMÓVEIS										OUTROS BENS										TOTAL
		Total	Participação com relação à área	Terras adquiridas	Participação com relação à área	Prédios residenciais e comerciais e/ou industriais	Participação com relação à área	Instalações e outras edificações	Participação com relação à área	Total	Participação com relação à área	Novos Oult. e terrenos	Participação com relação à área	Animais de reprodução e trabalho	Máquinas e instrumentos	Participação com relação à área	Veículos e outros meios de transporte	Participação com relação à área				
Menos de 10	1970	21.390	13,3	2.817	28,7	4.551	34,2	4.937	37,1	8.085	37,8	6,6	18.230	38,8	1.757	31,7	1.550	19,2	1.103			
	1975	124.887	21,8	14.527	20,1	24.304	33,5	33.637	46,4	52.420	42,0	2.373	19.230	36,7	19.699	37,6	7.119	13,6	3.797			
	1980	2.285.028	1,9	267.667	24,4	493.771	44,9	337.871	30,7	1.189.712	52,0	3,1	863.247	72,6	177.839	14,9	61.083	5,1	51.059			
	1970	40.099	24,597	7.796	31,7	7.054	29,7	9.747	39,6	15.502	38,7	6,6	5.272	34,0	5.659	37,8	1.580	10,2	1.767			
	1975	254.219	141,127	25.672	18,2	42.034	29,8	73.401	52,0	113.092	44,5	3,008	30.983	27,4	3.908	23,9	11.464	10,1	8.435			
10 — 20	1970	3.629.285	1,846,541	523.698	28,4	713.231	38,6	609.612	33,0	1.782.738	49,1	82.840	1.120.635	62,9	48.698	23,9	70.847	4,0	81.518			
	1975	69.353	30,272	12.787	32,6	10.937	27,8	15.549	39,6	30.681	43,4	7,0	8.038	26,7	12.347	41,1	3.592	11,9	3.989			
	1980	608.130	2,792,299	873.175	31,3	941.010	31,7	978.114	35,9	3.428.017	54,1	147.938	1.874.221	57,0	898.068	27,3	213.127	6,5	156.713			
	1970	25.402	13,612	5.128	39,1	3.130	23,0	5.154	37,9	10.915	46,4	7,8	3.330	28,3	3.907	33,1	2.614	10,5	3.989			
	1975	197.160	95,929	28.112	48,6	28.112	35,8	38.565	46,2	10.565	10,4	10.565	18.230	36,7	19.699	37,6	7.119	13,6	3.797			
500 — 1.000	1970	2.840.682	1,205,192	431.772	35,8	299.564	24,9	473.432	39,3	1.635.483	57,6	175.787	835.168	52,3	431.149	26,4	147.289	7,6	69.896			
	1975	30.419	14,426	8.036	55,7	1.999	13,9	4.391	20,4	24.993	54,2	1.094	13.504	17,3	3.174	12,7	2.614	10,5	3.989			
	1980	222.871	96,958	44.503	43,5	14.690	15,1	58.154	38,4	1.042.951	53,9	31.604	17.871	14,2	54.312	43,1	17.289	7,7	6.887			
	1970	3.370.531	1,437,128	682.959	47,5	245.315	17,1	1.042.951	35,4	1.933.393	57,4	191.730	1.042.951	53,9	496.321	25,7	147.289	7,6	69.896			
	1975	11.662	4,100	35,1	88,9	2,857	19,1	6.787	35,3	7.582	46,7	5.543	14.709	12,8	1.491	10,6	2.614	10,5	3.989			
Mais de 1.000	1970	89.478	4,571	2.821	61,7	665	14,6	1.086	17,6	60.644	72,9	14.709	14.709	12,8	1.491	10,6	2.614	10,5	3.989			
	1975	89.478	24,261	13.541	55,8	1.630	6,7	6.787	35,3	38.502	63,4	14.709	14.709	12,8	1.491	10,6	2.614	10,5	3.989			
	1980	1.317.932	531,185	311.731	62,4	100.369	17,0	98.545	18,6	786.739	59,7	31.303	39.953	30,5	169.214	23,5	54.050	6,9	9.219			
	1970	226.795	113,883	42.454	50,2	29.120	25,6	42.369	37,1	112.912	49,8	32.945	137.086	19,4	319.740	26,5	13.580	12,0	10.411			
	1975	1.587.700	642,140	185.971	27,2	167.585	24,6	328.684	48,2	707.756	40,0	11.725	1.042.951	53,9	496.321	25,7	147.289	7,6	69.896			
1980	20.587.700	9,348,280	45,5	3,322,430	35,5	2.870,773	30,7	3.155,077	33,8	11.215,414	54,5	1.061,425	6.284,995	56,0	2.744,891	24,5	696,356	6,2	431,747			

Fonte dos dados básicos: IBGE (Censo Agropecuario de Santa Catarina - 1970, 1975 e 1980)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

(\*) Inclui o valor dos imóveis não declarados



Tabela 29

VALOR DOS BENS E PARTICIPAÇÃO RELATIVA, SEGUNDO A CONDIÇÃO DO PRODUTOR, SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

CONDIÇÃO DO PRODUTOR	ANO	BENS IMÓVEIS										OUTROS BENS										TOTAL
		Total (*)	Participação Relativa	Terras	Participação Relativa	Prédios Residenciais e/ou comerciais	Participação Relativa	Instalações e outros bens móveis	Participação Relativa	Total	Participação Relativa	Culturas Permanentes e Matas Plantadas	Participação Relativa	Animais de Criação e de Trabalho	Participação Relativa	Veículos e outros meios de Transporte	Participação Relativa					
Proprietário	1970	3.396.504	72,8	2.431.795	71,6	611.312	19,0	353.397	10,4	1.271.257	27,2	251.664	19,8	682.763	53,7	164.730	13,0	172.059	13,5	4.667.762		
	1975	36.188.911	80,5	29.227.109	80,8	3.945.131	10,9	3.016.672	8,3	8.704.990	19,5	2.644.301	30,2	3.774.949	43,2	1.524.625	17,4	601.115	9,2	44.933.901		
	1980	360.509.258	78,0	281.356.524	78,0	45.815.530	12,7	33.337.203	9,3	1.011.931.433	22,0	25.634.776	25,2	46.121.310	45,3	22.185.349	21,8	7.850.396	7,7	462.301.092		
	1970	110.749	74,7	85.593	77,3	16.885	15,2	9.271	7,5	37.532	25,3	9.760	26,0	20.597	54,9	4.119	11,0	3.046	8,1	148.271		
Arrendatário	1975	967.528	85,3	802.133	82,9	16.308	10,1	68.087	7,0	166.203	14,7	34.028	14,5	82.151	49,7	43.789	26,3	15.855	9,5	1.133.731		
	1980	14.277.601	78,7	11.986.690	84,0	1.307.082	9,1	983.848	6,9	3.894.738	21,3	1.168.383	30,3	1.469.415	38,1	958.767	24,9	258.201	6,7	18.132.338		
	1970	100.496	76,2	76.307	75,9	15.811	15,7	8.379	8,4	31.387	23,8	12.569	40,0	13.711	43,7	2.942	9,4	2.164	6,9	131.883		
	1975	920.434	81,9	743.934	80,8	89.560	9,7	68.941	9,5	203.948	18,1	87.792	43,0	68.584	31,6	34.812	17,1	12.760	6,3	1.124.382		
Ocupante	1980	11.790.422	82,9	9.507.196	80,6	1.288.639	10,9	994.586	8,5	2.436.800	17,1	465.961	19,1	1.231.444	50,5	573.694	23,6	165.609	6,8	14.227.222		
	1970	127.461	76,4	91.574	71,8	24.969	19,6	10.918	8,6	39.451	23,6	5.432	13,7	25.829	65,5	3.546	9,0	4.645	11,8	166.912		
	1975	1.321.354	85,7	1.034.467	78,3	190.865	14,4	96.022	7,3	221.217	14,3	25.927	11,7	138.926	62,8	33.712	15,2	22.652	10,3	1.582.571		
	1980	15.036.647	81,3	11.575.635	77,0	2.337.107	15,5	1.123.904	7,5	3.459.203	18,7	611.795	17,7	1.935.668	56,5	624.325	18,1	267.212	7,7	18.495.850		
TOTAL	1970	3.735.210	73,0	2.685.268	71,9	668.977	17,9	380.965	10,2	1.379.617	27,0	279.425	20,3	742.900	53,8	176.337	12,7	181.955	13,2	5.114.828		
	1975	39.398.228	80,8	31.807.642	80,7	4.322.864	11,0	3.267.721	8,3	9.336.357	19,2	2.782.047	29,8	4.095.011	43,6	1.636.317	17,5	852.383	9,1	48.734.585		
	1980	401.613.929	78,3	314.426.047	78,3	50.748.339	12,6	36.438.543	9,1	1.111.542.575	21,7	271.880.887	25,0	50.777.839	45,5	24.342.338	21,8	8.541.509	7,7	513.156.505		
	Fonte dos dados básicos: IBGE (Censo Agropecuário de Santa Catarina - 1970, 1975 e 1980)																					

Elaboração: Instituto CEPA/SC  
(\*) Inclui o valor dos imóveis não declarados

Tabela 30

VALOR DOS INVESTIMENTOS REALIZADOS E PARTICIPAÇÃO RELATIVA, SEGUNDO A CONDIÇÃO DO PRODUTOR, SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

CONDIÇÃO DO PRODUTOR	ANO	BENS IMÓVEIS										OUTROS BENS										TOTAL
		Total (*)	Participação Relativa	Terras Adquiridas	Participação Relativa	Prédios Residenciais e/ou comerciais	Participação Relativa	Instalações e outros bens móveis	Participação Relativa	Total	Participação Relativa	Novas Oult. e Matrizes Plantadas	Participação Relativa	Animais de Reprodução e de Trabalho	Participação Relativa	Veículos e outros meios de Transporte	Participação Relativa					
Proprietário	1970	214.984	108,753	41.040	37,7	27.355	25,2	40.359	37,1	106.231	49,4	30.049	28,3	24.862	23,2	28.607	26,9	12.999	12,3	9.913	9,3	
	1975	1.315.340	651.680	179.786	27,6	158.557	24,3	313.637	48,1	663.660	50,5	112.092	16,9	122.599	18,5	301.161	45,4	89.102	13,4	36.346	5,8	
	1980	19.200.137	8.982.952	3.322.430	37,0	2.686.126	29,9	2.974.396	33,1	10.217.178	53,2	990.172	9,7	5.668.389	55,5	2.910.816	24,6	650.209	6,3	397.592	3,9	
	1970	3.319	1.496	449	30,0	477	31,9	571	38,1	1.822	54,9	209	11,5	659	36,2	578	31,7	260	14,3	116	6,3	
Arrendatário	1975	23.848	6.182	25,9	1.211	19,6	1.704	27,6	3.267	52,8	17.666	74,1	2.992	16,9	4.727	26,7	7.980	45,2	1.476	8,4	491	2,8
	1980	530.877	110.308	20,8	41.247	37,4	69.061	62,6	420.525	79,2	16.160	3,8	267.419	63,6	108.438	25,8	16.546	3,9	11.952	2,9		
	1970	3.541	1.188	33,5	332	28,0	404	34,0	2.353	66,5	1.356	57,6	497	21,2	332	14,1	61	2,6	107	4,5		
	1975	19.664	8.530	43,4	3.401	39,9	3.312	38,8	11.134	56,6	1.276	11,5	3.950	35,5	4.716	42,3	910	8,2	281	2,5		
Ocupante	1980	281.244	78.254	27,8	37.627	48,1	40.627	51,9	202.986	72,2	14.636	7,2	116.690	57,5	58.096	28,6	8.426	4,2	5.158	2,5		
	1970	4.950	2.445	49,4	633	25,9	885	36,2	927	37,9	632	25,2	912	36,4	427	17,0	260	10,4	275	11,0		
	1975	31.054	15.758	50,7	1.773	11,3	5.507	34,9	8.479	53,8	1.368	8,9	5.451	39,6	5.882	38,5	1.263	8,3	1.331	8,7		
	1980	555.481	176.764	31,8	105.772	59,8	70.992	40,2	378.712	68,2	40.475	10,7	232.493	61,4	67.537	17,8	21.173	5,6	17.034	4,5		
TOTAL	1970	226.795	113.883	50,2	42.454	37,3	29.120	25,6	42.909	37,1	112.912	49,8	32.847	28,6	26.729	23,8	29.945	26,5	13.580	12,0	10.411	9,2
	1975	1.389.905	682.149	49,1	186.871	27,2	187.595	24,6	328.694	46,2	707.756	50,9	117.729	16,6	137.086	19,4	319.740	45,2	92.751	13,1	40.450	5,7
	1980	20.567.700	9.348.280	45,5	3.321.430	35,5	2.870.773	30,7	3.155.077	33,8	11.219.414	54,5	1.061.425	9,5	6.284.995	56,0	2.744.891	24,5	696.356	6,2	431.747	3,8
	Fonte dos dados básicos: IBGE (Censo Agropecuário de Santa Catarina - 1970, 1975 e 1980)																					

Elaboração: Instituto CEPA/SC  
(\*) Inclui o valor dos imóveis não declarados

#### 4.4. Conclusão

Com a análise feita sobre a situação da terra, da mão-de-obra e do capital na década de 70, pôde-se chegar a algumas conclusões preliminares que dependerão de confirmação através de estudos mais pormenorizados, principalmente a nível de microrregião e estrato de área, e segundo a condição do produtor.

Mesmo assim, alguns pontos podem ser destacados, pois se tornam evidentes, mesmo numa análise superficial como a desenvolvida nas páginas precedentes, e devem ser encarados com a atenção que merecem os problemas estruturais.

A primeira dessas evidências é a que registra que Santa Catarina tem a segunda melhor distribuição da terra entre os estados brasileiros, mas é o que tem a menor área média entre os estados de melhor distribuição e a 6ª posição no Brasil, só sendo superior a cinco estados nordestinos. A área mediana dos estabelecimento é de 14 hectares e a tendência de 1970-80 era de concentração da posse da terra<sup>(1)</sup>.

Na década de 70, surgiram mais 9.650 estabelecimentos de menos de 10 hectares, aumentando este tipo de estabelecimento de 32,0 para 35,0% do total, enquanto a área apropriada cresceu de 4,8 para 5% e a área média caiu de 5,14 para 4,93 hectares. Tais dados dispensam comentários.

Os estabelecimentos de 10 a 20 hectares, com área média caindo de 14,02 para 13,99 ha, portanto minifundiários, aumentaram mais 2.707 unidades na década, subindo de 27,1 para 27,3% do total.

O somatório desses dois tipos de estabelecimentos, que são os mais problemáticos, resultou no seguinte: aumentaram de 59,1 para 62,3% e continuaram apropriando apenas 16,0% da área.

Some-se a isso a diminuição dos estabelecimentos de tamanho médio (20 a 100 hectares), e o aumento dos grandes (mais de 100 ha) e conclui-se que, caso a tendência da década de 70 se mantenha, as perspectivas da distribuição da terra em Santa Catarina

---

(1) BOLETIM REFORMA AGRÁRIA. Campinas. 1982. v. 6. n. 6.

são preocupantes.

Essa proliferação de estabelecimentos não acontece, con tudo, em todo o estado. Há quatro microrregiões que provocam es ses aumentos: Litoral de Laguna, Colonial do Itajaí do Norte, Co lonial do Alto Itajaí, Colonial do Oeste Catarinense; enquanto duas, Carbonífera e Campos de Lages, mantiveram o número e as ou tras dez o diminuíram.

Dentre essas microrregiões, a Col. do Oeste Catarinense diferenciou-se, porque o aumento do número de estabelecimentos não impediu que fosse a única microrregião (entre as 16) a aumentar sua população rural e a primeira em absorção de mão-de-obra, ten do esta crescido o dobro da MRH que lhe ficou mais próxima. Tais fatos, no entanto, não atestam que a proliferação de estabeleci - mentos não tenha causado danos sócio-econômicos à microrregião e ao estado, inclusive êxodo rural. Seu desempenho, quase com certe za, seria ainda melhor na ausência dos citados problemas fundiá - rios.

Outra tendência preocupante da posse da terra em Santa Catarina é a da diminuição relativa dos proprietários com aumento dos não proprietários (arrendatários, parceiros e ocupantes). Es sas formas instáveis da posse da terra cresceram, principalmente nos estratos inferiores, o que piora o quadro, pois, além de cres cerem os estabelecimentos com área insuficiente, isto está aconte cendo com agricultores não proprietários, ou seja, sem terra juri dicamente sua.

No decênio surgiram 1.911 novos estabelecimentos de ar rendatários, 2.530 de parceiros e 4.282 de ocupantes, atingindo, em 1980, 44.673 estabelecimentos, somadas todas as categorias.

Houve exceções a nível regional, sendo que em quatro mi crorregiões os proprietários aumentaram sua participação relativa: Litoral de Itajaí, Colonial de Blumenau, Florianópolis e Colonial do Rio do Peixe.

Há ainda a tendência apresentada, na década, para uma le ve diminuição da propriedade individual ou familiar em favor de diversas formas de propriedade grupal.

O uso do solo intensificou-se nos anos 70, pois todos os estratos aumentaram o percentual de área utilizada com lavou-

ras, com exceção daqueles de menos de 10 hectares, nos quais, provavelmente, isso não podia ser feito por estarem esgotadas as áreas aptas para lavouras.

Além disso, as pastagens ocuparam percentualmente mais área nos estabelecimentos até 100 hectares e menos nos de área maior. Isso indica que, além de intensificação, houve diversificação, já que o aumento de pastagens só pode ter sido feito através do cultivo de pastagens de melhor qualidade, e a diminuição deu lugar às lavouras e às matas cultivadas, pois estas últimas aumentaram sua participação dos estratos acima de 500 hectares.

Além da ociosidade e/ou descanso terem diminuído de 15,8 para 9,1% da área dos estabelecimentos, houve intensificação e diversificação, que se basearam na troca de pastagem nativa por lavoura, pastagem nativa por mata artificial, mata nativa por lavoura, pastagem nativa por cultivada, etc.

A intensificação do uso e a diminuição das terras em descanso provocam maiores produções físicas e/ou econômicas a curto e/ou médio prazo, mas caso não haja tratamento condizente ao solo, sua exaustão ocorrerá num prazo não muito longo.

Como já foi visto, a regra geral, no estado, foi a diminuição da população rural no decênio passado, tendo, inclusive, passado a marca dos 50% (de 57,06% para 40,62%), podendo dizer-se que Santa Catarina urbanizou-se nos anos 70.

Os centros de atração no êxodo foram as MRH que contêm os grandes centros industriais e populacionais do estado, e que recebem população das regiões economicamente mais deprimidas.

As microrregiões que mais conseguiram reter a população rural foram as de economia agrícola mais consolidada: A Col. do Oeste - única a aumentar a população rural, e a Col. do Rio do Peixe - a que menos diminuiu. O desempenho destacado dessas duas MRH deve-se não só a fatores restritos à produção agropecuária, mas, também, aos estímulos à demanda regional proporcionados pela agroindústria de alimentos. A agroindústria nessas microrregiões é mais desenvolvida que em quaisquer outras do estado e se acha perfeitamente integrada à economia agrícola da região.

Além do êxodo entre regiões, houve deslocamento campocidade no interior das microrregiões. Joinville e Chapecó, por

exemplo , além de receberem migrantes de outras microrregiões, receberam também os de sua própria MRH.

Os estabelecimentos agropecuários do estado utilizaram, na década de 70, mais 73 mil pessoas. Contudo, mesmo assim, 182 mil pessoas abandonaram o meio rural, durante a década, em busca de melhores condições. Se for considerado que em 1980 57% da população rural estavam ocupados, seriam necessárias mais de 103,7 mil vagas para ocupar, no campo, a mão-de-obra que o abandonou no decênio.

O crescimento havido no pessoal ocupado, apenas 9,6% em 10 anos, não pode ser generalizado, pois em muitas microrregiões a mão-de-obra utilizada diminuiu sensivelmente. Não se pode esquecer que, na década, foram introduzidos 27 mil tratores no estado e não é por acaso que as menores relações pessoal ocupado/número de tratores são encontrados nas regiões que mais dispensaram mão-de-obra. Assim, a Col. de Joinville, que em 1980 ficou com um trator para 9 pessoas ocupadas, teve uma queda de 45,5% no pessoal ocupado, enquanto na Col. do Oeste o pessoal ocupado aumentou 36,2%. Em 1980, porém, a relação ainda era de um trator para 40,6 pessoas ocupadas, nesta região.

Há um antagonismo entre mecanização e mão-de-obra ocupada. Contudo, se houver desenvolvimento agrícola compatível, pode existir crescimento dos dois fatores. Foi o que ocorreu com a MRH Colonial do Oeste que teve o maior crescimento de mão-de-obra ocupada e o segundo crescimento em tratores nos anos 70.

O maior crescimento da mão-de-obra deu-se nos grandes estratos (acima de 100 ha), mas como estes ocupavam apenas 5,8% do pessoal, em 1980 passaram a ocupar 7,0%, sem influenciar muito o total. Os estratos até 20 ha crescerem acima da média e menos que os grandes, enquanto os estratos médios (20 a 100 ha) foram os que menos cresceram (abaixo da média).

Tais dados estão ligados à diminuição do número de estabelecimentos médios e ao aumento dos grandes e pequenos, o que já foi mencionado como algo pouco auspicioso.

O valor dos bens imóveis dos estabelecimentos agropecuários do estado cresceram de 1970 para 1975 em relação ao to-

tal, mas caíram entre 1975 e 1980. Isso identifica um comportamento semelhante ao da economia nacional: enquanto a economia do país crescia, o valor dos bens imóveis também cresceu; e quando perdeu ritmo, os bens imóveis perderam em participação.

O grosso do valor dos bens imóveis (78,3% em 1980) deveu-se às terras. Tal comportamento dá a entender que, em tempos de crescimento da economia, os bens que mais crescem em valor são os mais duradouros, ou seja, os imóveis e, dentre eles, o mais permanente (a terra).

Em tempos de abundância, ficam facilitados os investimentos de retornos mais demorados como foi o caso de culturas permanentes e matas plantadas.

Correspondendo à modernização da agricultura ocorrida no decênio, o item máquinas e instrumentos teve participação crescente. Destacaram-se, neste item, as microrregiões Colonial do Oeste (a que mais se desenvolveu), Colonial Serrana e Litoral de Itajaí (que tinham um número insignificante em 1970) e Planalto de Canoinhas e Campos de Curitibanos (regiões onde a agricultura avançou nos campos).

As MRH Colonial de Joinville e Colonial do Rio do Peixe se diferenciaram das demais, pois a participação do valor dos seus bens imóveis foi crescente, enquanto nas outras a maior participação foi em 1975.

Os maiores crescimentos do valor total dos bens ocorreram nas MRH Colonial do Oeste, Florianópolis, Litoral de Laguna, Colonial do Alto Itajaí e Planalto de Canoinhas e os menores na Colonial do Sul Catarinense, Colonial do Itajaí do Norte, Carbonífera, Campos de Curitibanos e Campos de Lages.

A análise dos investimentos revela que os imóveis aumentaram sua participação, mas não por maiores proporções de investimentos e sim pela própria valorização dos bens imóveis, principalmente as terras que determinam o comportamento dos bens imóveis.

Os maiores crescimentos dos investimentos em terras ocorreram nas MRH Litoral de Itajaí, Florianópolis, Colonial de Joinville e Colonial de Blumenau e devem estar ligados à expansão da cana-de-açúcar nas várzeas litorâneas e, secundariamente, à es

peculação imobiliária feita com sítios junto ao mar e às grandes cidades que fazem parte dessas microrregiões.

Salientaram-se, entre os bens não-imóveis, os investimentos feitos com animais de reprodução e trabalho, principalmente nas MRH Col. do Rio do Peixe e Col. do Oeste (suínos e bovinos de reprodução e animais de trabalho), Col. de Joinville a Campos de Lages (reprodutores bovinos de leite e carne, respectivamente, e animais de trabalho) e Florianópolis e Lit. Sul Catarinense (que tinham valores insignificantes em 1970).

Quanto aos estratos de área os maiores crescimentos nos valores dos bens deram-se nos estratos de mais de 500 ha e nos de menos de 10, mas é preciso lembrar que estes estratos aumentaram em número de estabelecimentos, enquanto houve diminuição dos intermediários.

Esses crescimentos destacados deveram-se, principalmente, às terras, mas nos estratos de mais de 500 ha os bens móveis também colaboraram no crescimento, enquanto no de menos de 10 ha estes últimos tiveram o menor crescimento de todos os estratos.

Os investimentos apresentaram seus mais altos índices de crescimento nos estratos de 50 a 100 ha e até 10 ha, sendo o menor o do estrato de mais de 1.000 ha. Isso sugere que só houve relação de causa e efeito entre aumento do valor dos investimentos e do valor dos bens nos estabelecimentos de menos de 10 ha, pois nos outros a relação foi inversa. Os de mais de 1.000 ha, por exemplo, tiveram as maiores valorizações dos bens com os menores crescimentos dos investimentos, ainda que tenham aumentado no número.

Os estratos de grande porte investiram mais em terras, e os pequenos em bens móveis, principalmente animais de reprodução e trabalho. Em 1980, o estrato de mais de 1.000 ha investiu 62,4% do total dos seus investimentos em terras, e o de menos de 10 ha apenas 24,4%.

O motivo disso parece óbvio: os grandes estratos têm lucros totais, bem como garantias para financiamentos que lhes permitam investir em terras; os pequenos estratos, não alcançando esse patamar, investem seus pequenos lucros e garantias na intensificação da exploração das terras que possuem, especialmente

animais de reprodução e trabalho.

Em consonância com a diminuição dos proprietários, as outras categorias (arrendatários, parceiros e os ocupantes) foram as que mais fizeram crescer o valor dos seus bens na década, ainda que sua participação seja mínima (em 1980, possuíam 3,5; 2,8 e 3,6% dos bens, respectivamente, enquanto os proprietários tinham 90,1%).

Nesse caso, os investimentos foram compatíveis, pois, como nos bens, os maiores crescimentos foram os apresentados por arrendatários e ocupantes e se destinaram aos bens móveis, principalmente animais de criação e trabalho.





## **5. CRÉDITO RURAL**



## 5. CRÉDITO RURAL

A política de crédito rural do Brasil é coordenada e fiscalizada pelo Banco Central do Brasil. Participam do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) o Banco do Brasil, bancos regionais, estaduais e particulares.

O Crédito Rural é um dos importantes instrumentos da política agrícola e tem como objetivos específicos:

- a) estimular o incremento ordenado dos investimentos rurais, inclusive para armazenamento, beneficiamento e industrialização dos produtos agropecuários, quando efetuado por cooperativas ou pelo próprio produtor na sua propriedade rural;
- b) favorecer o custeio oportuno e adequado da produção e comercialização de produtos agropecuários;
- c) possibilitar o fortalecimento econômico dos produtores rurais, notadamente os pequenos e médios;
- d) incentivar a introdução de métodos racionais de produção, visando ao aumento da produtividade, à melhoria do padrão de vida das populações rurais e à adequada defesa do solo.

As estatísticas elaboradas pelo Banco Central do Brasil dificultam a análise do alcance desse instrumento. Elas informam, apenas, o número e o valor dos contratos realizados, independente do número de estabelecimentos, estratificação dos produtores, áreas financiadas e outros parâmetros que seriam fundamentais para medir a eficiência da política de crédito rural.

A nível de Brasil, há estimativas de que, aproximadamente, 20% dos agricultores brasileiros são atendidos pela política oficial de crédito rural, mas este atendimento vai ao encontro, principalmente, dos médios e grandes produtores.

Para Santa Catarina, essa situação parece não ser a mesma. Através da relação do número de contratos concedidos pelo número de estabelecimentos existentes, em 1980, chegou-se a um valor consideravelmente superior no estado (0,94) em relação ao país (0,54). Acredita-se, portanto, que mais de 20% dos agricultores catarinenses são beneficiários da política de crédito rural.

Através das estatísticas do Banco do Brasil - o qual re

presenta, aproximadamente, 75% do valor dos créditos concedidos a produtores e cooperativas do estado - têm-se o porte dos beneficiários e a área das culturas beneficiadas com a política de crédito rural para 1982 e 1983 (tabelas 31, 32, 33, 34 e 35).

É oportuno observar que os recursos dos contratos firmados com cooperativas são geralmente repassados para os associados, especialmente mini e pequenos produtores, aumentando a participação destes no total de créditos concedidos.

Do valor total de créditos concedidos às lavouras pelo Banco do Brasil, tanto em 1982 como em 1983, os mini e pequenos produtores e as cooperativas, somados tiveram participação expressiva nas modalidades de custeio e investimento, enquanto o crédito de comercialização esteve concentrado, principalmente, na categoria dos grandes produtores (especialmente em 1982, com 62,6%).

Quanto à pecuária, os grandes produtores foram contemplados com, praticamente, todo o crédito de comercialização (96,3% em 83) e tiveram participação expressiva no crédito de custeio (50,8% em 1983), sendo que o crédito para investimento ficou quase totalmente com os mini, pequenos e médios produtores (96,8% em 1983).

Comparando-se a área favorecida com o crédito de custeio do Banco do Brasil à área total da cultura plantada no estado, (tabela 35) em termos relativos, as culturas mais favorecidas foram o fumo (87% em 1983) e a cana-de-açúcar (61% em 1983) e, em números absolutos, destacaram-se o milho (425.838 ha em 1982) e a soja (146.842 ha em 1982).

A participação média da Região Sul e de Santa Catarina no valor total dos contratos concedidos a produtores e cooperativas, de 1970 a 1982, foi de 36,3% e 3,2%, respectivamente, sendo que, o maior percentual que o estado alcançou foi 4,81% (1982) e o menor 1,86% (1971).

Os dados da tabela 37, evidenciam um crescimento no valor total dos contratos concedidos no estado. Em valores corrigidos a preços de dezembro de 1983, o total de Cr\$ 434.498.765.000,00 (1975), chegou a Cr\$ 572.009.460.000,00 (1979) e Cr\$ 585.317.373.000,00 (1982); Esse aumento se deveu à atividade agrícola (lavouras), pois o valor de crédito à pecuária decaiu de forma significativa,

principalmente em 1981 e 1982.

A atividade "lavouras" (tabela 38) sempre teve participação relativa maior que a pecuária. Em 1970, esses valores eram 60% e 40%, respectivamente, e a diferença se acentuou nos últimos anos, 85,4% e 14,6% (1982). A fatia máxima que a pecuária deteve, foi em 1976 de 41,2%.

Em relação ao número de contratos, houve um aumento substancial de 74.254 (1970) para 202.751 (1982) que pode ser atribuído principalmente ao crédito para custeio, devido ao incremento deste a partir de 1975. Não significa, no entanto, um aumento de beneficiários em igual proporção, pois um único agricultor pode contrair mais de um financiamento.

Nas modalidades custeio, investimento, comercialização, as operações para custeio sempre tiveram maior participação no número de contratos, mas, em termos de valor, passaram a superar o crédito para investimentos somente a partir de 1976. O crédito para investimentos por sua vez, decresceu consideravelmente a partir de 1980, devido, principalmente, ao encarecimento das taxas de juros para máquinas e equipamentos e à não disponibilidade de recursos financeiros junto às agências bancárias.

As lavouras mais favorecidas pelo crédito de custeio foram: milho, 31,0%; fumo, 16,4%; soja, 13,1%; arroz, 7,8%; e feijão, 7,6%. Esses percentuais se referem à média da participação relativa dos anos de 1980, 1981 e 1982.

Para comercialização dos produtos agrícolas, as estatísticas disponíveis não contemplam todos os principais produtos do estado. Utilizando a metodologia anterior, os valores são: soja, 30,5%; milho, 20,0%; algodão, 8,5%<sup>(1)</sup> e arroz, 5,9%.

O crédito para a pecuária - tanto o de custeio quanto o de comercialização - foi quase que totalmente absorvido pelas atividades suinícola e avícola. Em 1980, 1981 e 1982, a participação relativa média da atividade suinícola foi de 49,0% e 55,8% para custeio e comercialização, respectivamente. Quanto à atividade avícola, na mesma ordem, foi de 38,9% e 20,7%.

---

(1) Aquisição das indústrias têxteis em outros estados através de EGF.

O crédito rural orientado, a exemplo do que já vinha a contecendo, continua tendo menor participação, tanto no número quanto no valor total de crédito concedido a produtores e cooperativas do estado (tabela 39). Em 1982, essa participação foi de 3,1% e 2,6% do número e valor dos contratos, respectivamente; em 1977, foi de 11,4% e 9,7%.

Essa diminuição da procura pelo crédito rural orientado se deve, principalmente, às medidas tomadas pelo Governo no sentido de desvincular a assistência técnica do crédito. Um exemplo dessas medidas é a "Circular 706", baixada pelo Banco Central do Brasil. A mesma desobriga elaboração de planos e projetos para obter financiamentos até 2.000 MVR (Cr\$ 56.000.000,00 dezembro/83), superiores a, praticamente, todos os valores médios de contratos concedidos a produtores e cooperativas do estado (tabela 40).

Tabela 31

CRÉDITO CONCEDIDO À LAVOURA PELO BANCO DO BRASIL, SEGUNDO FINALIDADES E PORTE DOS BENEFICIÁRIOS, SANTA CATARINA, 1982

BENEFICIÁRIOS	TOTAL				CUSTEIO				INVESTIMENTO				COMERCIALIZAÇÃO			
	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	%	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	%	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	%	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	%
Mini Produtor	83.171	63,0	21.143.960	21,3	60.973	64,0	15.469.068	32,3	21.533	62,3	5.502.762	42,9	665	29,3	172.130	0,4
Pequeno Produtor	43.049	32,6	21.885.797	22,0	30.432	32,0	15.576.870	32,6	11.788	34,1	5.238.551	40,8	829	36,5	1.070.376	2,8
Médio Produtor	4.649	3,5	8.430.103	8,5	3.337	3,5	6.875.348	14,4	1.127	3,3	1.053.172	8,2	185	8,2	501.583	1,3
Grande Produtor	552	0,4	27.161.482	27,4	306	0,3	2.117.804	4,4	77	0,2	855.368	6,7	169	7,5	24.188.310	62,6
Cooperativas	522	0,4	16.534.287	16,6	175	0,2	7.820.038	16,3	15	0,1	175.463	1,4	332	14,6	8.538.786	22,1
Outros Beneficiários	89	0,1	4.161.165	4,2	-	-	-	-	-	-	-	-	89	3,9	4.161.165	10,8
TOTAL	132.032	100	99.316.794	100	95.223	100	47.859.128	100	34.540	100	12.825.316	100	2.269	100	38.632.350	100

Fonte dos dados básicos: Banco do Brasil (Boletim Trimestral dos Créditos Concedidos - 1982)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 32

CRÉDITO CONCEDIDO À PECUÁRIA PELO BANCO DO BRASIL, SEGUNDO FINALIDADES E PORTE DOS BENEFICIÁRIOS, SANTA CATARINA, 1982

BENEFICIÁRIOS	TOTAL			CUSTEIO			INVESTIMENTO			COMERCIALIZAÇÃO			
	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	%
Mini Produtor	11.152	57,2	2.256.600	18,6	5,014	898.030	12,5	6,138	62,7	1.358.570	40,6	-	-
Pequeno Produtor	5.755	29,5	2.416.086	19,9	3,060	1.332.542	18,6	2,691	27,5	1.047.887	31,3	4	10,5
Médio Produtor	2.304	11,8	2.875.162	23,6	1,398	1.978.828	27,5	899	9,2	780.584	23,3	7	18,4
Grande Produtor	299	1,5	4.095.659	33,7	220	2.664.523	37,1	55	0,6	147.116	4,4	24	63,2
Cooperativas	6		324.032	2,7	5	309.032	4,3	1	-	15.000	0,4	-	-
Outros Beneficiários	3		186.296	1,5	-	-	-	-	-	-	-	3	7,9
TOTAL	19.519	100	12.153.835	100	9.697	7.182.955	100	9.784	100	3.349.157	100	38	100

Fonte dos dados básicos: Banco do Brasil (Boletim Trimestral dos Créditos Concedidos, 1982)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 33

CRÉDITO CONCEDIDO À LAVOURA PELO BANCO DO BRASIL, SEGUNDO FINALIDADES E PORTE DOS BENEFICIÁRIOS, SANTA CATARINA, 1983

BENEFICIÁRIOS	TOTAL			CUSTEIO			INVESTIMENTO			COMERCIALIZAÇÃO			
	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	%
Mini Produtor	100.734	66,0	35.688.280	28,4	87.961	67,7	30.331.009	39,7	12.706	58,5	5.314.620	36,2	67
Pequeno Produtor	47.574	31,2	35.215.334	28,0	39.188	30,1	28.033.950	36,7	8.138	37,5	6.261.930	42,6	248
Médio Produtor	3.449	2,3	12.768.293	10,2	2.554	2,0	10.032.499	13,1	805	3,7	2.062.337	14,0	90
Grande Produtor	428	0,3	18.997.416	15,1	249	0,2	3.808.053	5,0	54	0,3	879.479	6,0	125
Cooperativas	311	0,2	16.132.091	12,8	36	-	4.205.788	5,5	7	-	181.889	1,2	268
Outros Beneficiários	135	-	6.899.801	5,5	-	-	-	-	-	-	-	-	135
TOTAL	152.631	100	125.701.215	100	126.988	100	76.411.299	100	21.710	100	14.700.255	100	933

Fonte dos dados básicos: Banco do Brasil (Boletim Trimestral dos Créditos Concedidos, 1983)

Elaboração: Instituto CEPA/SC



Tabela 34

CRÉDITO CONCEDIDO À PECUÁRIA PELO BANCO DO BRASIL, SEGUNDO FINALIDADES E PORTE DOS BENEFICIÁRIOS, SANTA CATARINA, 1983

BENEFICIÁRIOS	TOTAL			CUSTEIO			INVESTIMENTO			COMERCIALIZAÇÃO						
	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	%	Cr\$ 1.000	%			
Mini Produtor	14.165	65,7	4.269.948	17,3	9,781	68,4	2.632.028	16,6	4.365	60,8	1.629.321	42,6	19	29,2	8.599	0,2
Pequeno Produtor	5.894	27,4	3.435.681	13,9	3,659	25,6	1.997.231	12,6	2.235	31,1	1.438.450	37,6	-	-	-	-
Médio Produtor	1.283	6,0	3.106.139	12,6	738	5,1	2.360.435	14,9	538	7,5	634.673	16,6	7	10,8	111.031	2,2
Grande Produtor	203	0,9	12.963.244	52,6	124	0,9	8.029.934	50,8	41	0,6	124.716	3,2	38	58,5	4.808.594	96,3
Cooperativas	3	-	808.619	3,3	3	-	808.619	5,1	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros Beneficiários	1	-	66.800	0,3	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1,5	66.800	1,3
TOTAL	21.549	100	24.650.431	100	14.305	100	15.828.247	100	7.179	100	3.827.160	100	65	100	4.995.024	100

Fonte dos dados básicos: Banco do Brasil (Boletim Trimestral dos Créditos Concedidos, 1983)  
Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 35

ÁREA DE LAVOURAS CONTEMPLADAS COM O CRÉDITO DE CUSTEIO DO BANCO DO BRASIL E PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL NO TOTAL DA ÁREA PLANTADA DE SANTA CATARINA, SAFRAS 1982/83 E 1983/84

PRODUTO	SAFRA			1982/83			1983/84		
	Área Plantada (ha)	Área contemplada da com crédito de custeio (ha)	Participação (%)	Área Plantada (ha)	Área contemplada da com crédito de custeio (ha)	Participação (%)	Área Plantada (ha)	Área contemplada da com crédito de custeio (ha)	Participação (%)
Arroz	144.987	59.705	41	148.620	55.396	37			
Batata Inglesa	17.132	6.734	39	17.610	5.327	30			
Cana-de-Açúcar	13.629	7.245	53	13.000	7.893	61			
Feijão	422.087	135.668	32	390.000	77.403	20			
Fumo	89.369	74.834	84	95.766	83.589	87			
Mandioca	79.522	23.197	29	79.522	6.711	8			
Milho	1.095.896	425.838	39	1.150.000	187.329	16			
Soja	404.300	146.842	36	437.000	134.914	31			
Trigo	25.812	11.756	46	18.000	5.686	32			
Frutas diversas	-	10.070	-	-	7.753	-			
Hortaliças diversas	-	7.225	-	-	7.264	-			
Outras Culturas	-	60.034	-	-	54.754	-			
TOTAL	-	969.148	-	-	634.019	-			

(\*) Estimativa: IBGE/GCEA-SC

Fonte dos dados básicos: Banco do Brasil (Boletim Trimestral dos Créditos Concedidos - 1982 e 1983) e IBGE/GCEA-SC

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 36  
 CRÉDITO RURAL CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS DE SANTA CATARINA, 1970 a 1983  
 (a preços correntes)

ANO	MODALIDADE	CUSTEIO			INVESTIMENTO			COMERCIALIZAÇÃO			TOTAL		
		Nº de Contratos	Valor (C\$ 1.000)	Nº de Contratos	Valor (C\$ 1.000)	Nº de Contratos	Valor (C\$ 1.000)	Nº de Contratos	Valor (C\$ 1.000)	Nº de Contratos	Valor (C\$ 1.000)	Nº de Contratos	Valor (C\$ 1.000)
1970	Lavoura	31.029	24.536.850	17.264	18.756.400	1.520	8.532.196	49.813	51.823.446				
	Pecuária	5.941	4.981.854	16.080	24.159.814	2.420	5.343.677	24.441	34.495.385				
	Total	36.970	29.518.704	33.344	42.916.214	3.940	13.875.873	74.254	86.318.831				
1971	Lavoura	28.988	25.977.112	10.986	16.697.937	510	7.465.828	40.484	50.140.877				
	Pecuária	4.109	5.931.012	12.011	19.553.191	1.487	1.761.444	16.602	27.245.647				
	Total	33.097	31.908.124	22.997	36.251.128	1.997	9.227.272	58.091	77.386.524				
1972	Lavoura	30.637	29.409.728	12.453	24.228.359	677	11.877.714	43.767	65.515.801				
	Pecuária	7.925	12.046.991	14.698	24.968.298	1.711	2.070.074	24.334	39.085.463				
	Total	38.562	41.456.719	27.151	49.196.657	2.388	13.947.788	68.101	104.601.264				
1973	Lavoura	32.671	38.524.994	15.393	42.270.988	1.716	27.449.892	49.780	108.245.874				
	Pecuária	6.172	18.546.330	15.426	31.732.361	1.795	2.634.537	22.493	52.913.418				
	Total	38.843	57.071.324	29.919	74.003.349	3.511	30.084.429	72.273	161.159.292				
1974	Lavoura	34.004	70.652.109	24.462	70.866.382	1.381	26.943.505	59.847	168.461.996				
	Pecuária	9.038	27.651.738	16.161	53.791.117	2.771	5.635.384	27.970	87.078.239				
	Total	43.042	98.303.847	40.623	124.657.499	4.152	32.578.889	87.817	255.540.235				
1975	Lavoura	99.821	101.103.183	30.961	103.853.655	3.541	75.962.941	134.323	280.919.779				
	Pecuária	18.118	59.107.252	19.106	66.284.988	6.784	28.186.746	44.497	133.538.786				
	Total	118.428	160.210.435	50.067	170.138.643	10.325	104.149.687	178.820	434.458.565				
1976	Lavoura	105.206	108.052.892	22.621	89.920.663	3.866	76.753.624	131.713	274.726.179				
	Pecuária	18.118	59.107.252	19.106	66.284.988	6.784	28.186.746	44.497	133.538.786				
	Total	123.324	175.152.913	34.063	154.351.101	10.325	104.149.687	178.820	434.458.565				
1977	Lavoura	86.038	112.384.549	20.888	71.059.709	3.558	81.800.548	110.454	265.244.896				
	Pecuária	17.979	58.316.887	10.862	38.983.750	8.238	51.577.653	32.637	149.876.290				
	Total	99.475	170.701.436	31.820	111.041.549	11.796	133.378.201	143.091	415.121.186				
1978	Lavoura	91.099	145.510.742	30.432	86.271.186	3.610	82.426.052	125.141	314.207.980				
	Pecuária	17.979	58.316.887	10.862	38.983.750	8.238	51.577.653	32.637	149.876.290				
	Total	108.178	203.827.629	43.710	125.845.810	12.576	137.223.274	164.464	468.902.356				
1979	Lavoura	89.837	192.977.938	33.837	86.641.170	3.236	86.594.344	126.910	366.213.452				
	Pecuária	21.888	72.615.125	18.013	61.356.566	10.892	70.014.426	49.379	205.758.002				
	Total	110.311	265.593.063	51.850	147.997.736	14.128	156.608.770	176.289	572.009.458				
1980	Lavoura	125.070	222.641.008	22.029	44.386.857	3.457	102.243.192	150.556	369.273.057				
	Pecuária	21.888	72.615.125	18.013	61.356.566	10.892	70.014.426	49.379	205.758.002				
	Total	146.958	295.256.133	38.408	85.420.545	17.448	173.111.430	202.814	553.788.108				
1981	Lavoura	127.700	222.441.610	22.029	44.386.857	3.457	102.243.192	150.556	369.273.057				
	Pecuária	11.976	52.582.032	10.933	20.999.657	2.877	95.474.368	162.942	367.661.583				
	Total	139.676	275.023.642	43.298	70.446.252	9.102	118.462.905	192.076	463.931.799				
1982	Lavoura	126.340	258.225.079	22.099	47.745.605	2.877	95.474.368	162.942	367.661.583				
	Pecuária	13.575	45.455.513	11.757	20.999.657	2.877	95.474.368	162.942	367.661.583				
	Total	139.915	303.680.592	55.612	88.758.177	7.224	118.462.905	192.076	463.931.799				
1983 (*)	Lavoura	157.355	90.782.312	22.099	47.745.605	1.065	70.650.882	180.519	274.441.969				
	Pecuária	14.260	38.946.825	7.271	27.661.812	389	9.041.414	21.920	57.801.601				
	Total	171.615	129.729.137	29.370	75.407.417	1.454	79.692.296	202.439	332.243.570				

(\*) Situação até setembro  
 Fonte dos dados básicos: Banco Central do Brasil (Depto. de Crédito Rural)  
 Fonte dos dados básicos: Tabela 36 e FGJ  
 Fonte dos dados trabalhados: Instituto CEPA/SC  
 Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 38

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DA AGRICULTURA E PECUÁRIA NO TOTAL DO CRÉDITO CONCEDIDO  
À PRODUTORES E COOPERATIVAS DE SC, 1970 A 1983

ANO	TOTAL		AGRÍCOLA		PECUÁRIA	
	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000,00	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000,00	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000,00
1970	100	100	67,1	60,0	32,9	40,0
1971	100	100	69,7	64,8	30,3	35,2
1972	100	100	64,3	62,6	35,7	37,4
1973	100	100	68,9	67,2	31,1	32,8
1974	100	100	68,1	65,9	31,9	34,1
1975	100	100	75,1	64,7	24,9	35,3
1976	100	100	76,3	58,8	23,7	41,2
1977	100	100	77,2	63,9	22,8	36,1
1978	100	100	76,1	67,0	23,9	33,0
1979	100	100	72,0	64,0	28,0	36,0
1980	100	100	74,2	66,7	25,8	33,3
1981	100	100	84,8	79,2	15,2	20,8
1982	100	100	85,2	85,4	14,8	14,6
1983 (*)	100	100	93,6	82,6	6,4	17,4

(\*) Situação até setembro

Fonte dos dados básicos: Tabela 36

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 39

CRÉDITO RURAL ORIENTADO APLICADO EM SANTA CATARINA,  
1976 A 1983

ANO	NÚMERO DE CONTRATOS	VALOR		VALOR MÉDIO DOS CONTRATOS (a preços de dez/83)
		A preços correntes	A preços de dez/83	
1976	13.610	429.423	44.188.413	3.247
1977	16.342	558.395	40.279.521	2.465
1978	14.393	683.356	35.548.874	2.470
1979	15.815	1.149.722	38.843.272	2.456
1980	12.651	1.848.483	31.189.603	2.465
1981	8.094	2.263.247	18.193.743	2.248
1982	6.269	3.703.025	15.231.014	2.430
1983	3.872	5.249.642	8.483.036	2.191

Fonte dos dados básicos: EMATER/SC-ACARESC e ACARPESC

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 40

VALOR MÉDIO DOS CONTRATOS CONCEDIDOS A PRODUTORES E COOPERATIVAS DE SANTA CATARINA, 1970 A 1982  
(Cr\$ 1.000,00 a preços de dez/83)

ANO	AGRICOLA + PECUÁRIA				AGRÍCOLA				PECUÁRIA			
	Total	Custeio	Investi- mento	Comercia- lização	Total	Custeio	Investi- mento	Comercia- lização	Total	Custeio	Investi- mento	Comercia- lização
1970	1.163,00	799,00	1.287,00	3.522,00	1.040,00	791,00	1.086,00	5.613,00	1.411,00	840,00	1.502,00	2.208,00
1971	1.332,00	964,00	1.576,00	4.621,00	1.239,00	896,00	1.520,00	14.639,00	1.547,00	1.443,00	1.628,00	1.185,00
1972	1.536,00	1.075,00	1.812,00	5.841,00	1.497,00	960,00	1.946,00	17.545,00	1.606,00	1.520,00	1.699,00	1.210,00
1973	2.230,00	1.469,00	2.473,00	8.569,00	2.174,00	1.179,00	2.746,00	15.996,00	2.352,00	3.005,00	2.185,00	1.468,00
1974	2.910,00	2.284,00	3.069,00	7.847,00	2.815,00	2.078,00	2.897,00	19.510,00	3.113,00	3.059,00	3.328,00	2.034,00
1975	2.430,00	1.353,00	3.398,00	10.087,00	2.091,00	1.013,00	3.354,00	21.452,00	3.451,00	3.177,00	3.469,00	4.155,00
1976	2.707,00	1.420,00	4.531,00	9.044,00	2.086,00	1.027,00	3.975,00	19.751,00	4.708,00	3.704,00	5.631,00	5.379,00
1977	2.901,00	1.716,00	3.490,00	11.307,00	2.401,00	1.306,00	3.407,00	22.991,00	4.592,00	4.340,00	3.647,00	6.261,00
1978	2.851,00	1.903,00	2.879,00	10.912,00	2.511,00	1.597,00	2.835,00	22.833,00	3.934,00	3.532,00	2.980,00	6.112,00
1979	3.245,00	2.424,00	2.854,00	11.085,00	2.886,00	2.148,00	2.561,00	26.760,00	4.168,00	3.635,00	3.406,00	6.428,00
1980	2.731,00	2.009,00	2.224,00	9.922,00	2.453,00	1.780,00	2.015,00	29.576,00	3.531,00	3.318,00	2.505,00	5.065,00
1981	2.415,00	1.969,00	1.627,00	13.015,00	2.256,00	1.742,00	1.537,00	33.185,00	3.304,00	4.391,00	1.893,00	3.693,00
1982	2.887,00	2.170,00	1.596,00	26.700,00	2.893,00	2.044,00	1.600,00	66.991,00	2.853,00	3.348,00	1.583,00	4.611,00

Fonte dos dados básicos: Tabela 36

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 41

CRÉDITO CONCEDIDO AO SETOR AGROPECUÁRIO CATARINENSE, 1982

(a preços correntes)

ATIVIDADES	CUSTEIO		INVESTIMENTO		COMERCIALIZAÇÃO		TOTAL	
	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000
1. LAVOURA	126.340	62.780.714	43.855	17.054.808	2.558	41.662.559	172.753	121.498.081
Culturas anuais	119.364	54.869.989	-	-	1.642	18.926.089	121.006	73.796.078
Culturas perenes	2.388	3.405.394	44	107.125	-	-	2.432	3.512.519
Outras culturas	3.320	2.654.256	-	-	916	22.736.470	4.236	25.390.726
Melhor. explorações	-	-	23.213	7.900.118	-	-	23.213	7.900.118
Máq. equip. veículos e animais de serviço	-	-	14.003	6.084.571	-	-	14.003	6.084.571
Equip. p/beneficiamento	-	-	1.351	932.048	-	-	1.351	932.048
Sementes e mudas melhoradas	35	101.914	-	-	-	-	35	101.914
Repasses a cooperados	5	84.043	-	-	-	-	5	84.043
Outros custeios	1.228	1.665.118	-	-	-	-	1.228	1.665.118
Outros investimentos	-	-	5.244	2.030.946	-	-	5.244	2.030.946
2. PECUÁRIA	13.575	11.051.382	11.757	4.524.581	4.666	5.230.657	29.998	20.806.620
Aves	1.092	4.314.635	22	45.074	1.085	1.107.339	2.199	5.467.048
Bovinos	1.236	987.366	1.686	535.445	81	292.094	3.003	1.814.905
Suínos	10.374	4.767.553	758	187.540	3.466	2.263.703	14.598	7.218.796
Outros animais ou prod.	195	480.044	203	139.190	34	1.567.521	432	2.186.755
Melhor. das explorações	-	-	6.541	1.949.341	-	-	6.541	1.949.341
Máq. equip. veículos e animais de serviço	-	-	1.393	564.242	-	-	1.393	564.242
Equip. p/beneficiamento	-	-	84	16.377	-	-	84	16.377
Outros custeios	678	501.784	-	-	-	-	678	501.784
Outros investimentos	-	-	1.070	1.087.372	-	-	1.070	1.087.372
TOTAL (1 + 2)	139.915	73.832.096	55.612	21.579.389	7.224	46.893.216	202.751	142.304.701

Fonte dos dados básicos: Bando Central do Brasil (Depto. de Crédito Rural)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 42

CRÉDITO CONCEDIDO AO SETOR AGROPECUÁRIO CATARINENSE, 1983<sup>(\*)</sup>

ATIVIDADES	(a preços correntes)							
	CUSTEIO		INVESTIMENTO		COMERCIALIZAÇÃO		TOTAL	
	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000
<b>1. LAVOURA</b>	<b>157.355</b>	<b>90.782.312</b>	<b>22.099</b>	<b>14.257.728</b>	<b>1.065</b>	<b>36.415.584</b>	<b>180.519</b>	<b>141.455.624</b>
Culturas anuais	75.518	58.613.964	-	-	799	29.205.165	76.317	87.819.129
Culturas perenes	1.480	7.572.748	191	779.413	3	20.000	1.674	8.372.161
Outras culturas	1.378	2.757.308	-	-	263	7.190.419	1.641	9.947.727
Melhor. das explorações	-	-	6.311	3.300.497	-	-	6.311	3.300.497
Máq. equip. veículos e animais de serviço	-	-	8.521	5.299.587	-	-	8.521	5.299.587
Equip. p/beneficiamento	-	-	824	515.262	-	-	824	515.262
Sementes e mudas melhoradas	270	656.003	-	-	-	-	270	656.003
Repasses a cooperados	2	56.655	4	1.234	-	-	6	57.889
Outros custeios	78.707	21.125.634	-	-	-	-	78.707	21.125.634
Outros investimentos	-	-	6.248	4.361.735	-	-	6.248	4.361.735
<b>2. PECUÁRIA</b>	<b>14.260</b>	<b>20.074.362</b>	<b>7.271</b>	<b>4.660.216</b>	<b>389</b>	<b>5.058.101</b>	<b>21.920</b>	<b>29.792.679</b>
Aves	396	8.394.424	8	46.031	60	965.908	464	9.406.363
Bovinos	474	576.284	1.256	654.427	18	352.468	1.748	1.583.179
Suínos	4.633	8.055.066	598	228.792	282	1.046.290	5.513	9.330.148
Outros animais ou prod.	267	748.991	190	126.419	29	2.693.435	486	3.568.845
Melhor. das explorações	-	-	2.683	1.486.790	-	-	2.683	1.486.790
Máq. equip. veículos e animais de serviço	-	-	634	393.176	-	-	634	393.176
Equip. p/beneficiamento	-	-	748	194.124	-	-	748	194.124
Outros custeios	8.490	2.299.597	-	-	-	-	8.490	2.299.597
Outros investimentos	-	-	1.154	1.530.457	-	-	1.154	1.530.457
<b>TOTAL (1 + 2)</b>	<b>171.615</b>	<b>110.856.674</b>	<b>29.370</b>	<b>18.917.944</b>	<b>1.454</b>	<b>41.473.685</b>	<b>202.439</b>	<b>171.248.303</b>

(\*) Situação, até setembro

Fonte dos dados básicos: Banco Central do Brasil (Departamento de Crédito Rural)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 43

CRÉDITO CONCEDIDO AO SETOR AGROPECUÁRIO CATARINENSE, 1982

ATIVIDADES	(a preços de dez/83)							
	CUSTEIO		INVESTIMENTO		COMERCIALIZAÇÃO		TOTAL	
	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000
<b>1. LAVOURA</b>	<b>126.340</b>	<b>258.225.079</b>	<b>43.855</b>	<b>70.148.599</b>	<b>2.558</b>	<b>171.363.415</b>	<b>172.753</b>	<b>499.737.093</b>
Culturas anuais	119.364	225.687.258	-	-	1.642	77.845.416	121.006	303.532.674
Culturas perenes	2.388	14.006.820	44	440.619	-	-	2.432	14.447.439
Outras culturas	3.320	10.917.293	-	-	916	93.517.999	4.236	104.435.292
Melhor. das explorações	-	-	23.213	32.494.192	-	-	23.213	32.494.192
Máq. equip. veículos e animais de serviço	-	-	14.003	25.026.616	-	-	14.003	25.026.616
Equip. p/beneficiamento	-	-	1.351	3.833.632	-	-	1.351	3.833.632
Sementes e mudas melhoradas	35	419.185	-	-	-	-	35	419.185
Repasses a cooperados	5	345.680	-	-	-	-	5	345.680
Outros custeios	1.228	6.848.843	-	-	-	-	1.228	6.848.843
Outros investimentos	-	-	5.244	8.353.540	-	-	5.244	8.353.540
<b>2. PECUÁRIA</b>	<b>13.575</b>	<b>45.455.744</b>	<b>11.757</b>	<b>18.610.179</b>	<b>4.666</b>	<b>21.514.359</b>	<b>29.998</b>	<b>85.580.282</b>
Aves	1.092	17.746.645	22	185.395	1.085	4.554.626	2.199	22.486.666
Bovinos	1.236	4.061.162	1.686	2.202.354	81	1.201.420	3.003	7.464.936
Suínos	10.374	19.609.553	758	771.376	3.466	9.310.899	14.598	29.691.828
Outros animais ou produtos	195	1.974.482	203	572.506	34	6.447.414	432	8.994.402
Melhor. das explorações	-	-	6.541	8.017.888	-	-	6.541	8.017.888
Máq. equip. veículos e animais de serviço	-	-	1.393	2.320.799	-	-	1.393	2.320.799
Equip. p/beneficiamento	-	-	84	67.361	-	-	84	67.361
Outros custeios	678	2.063.902	-	-	-	-	678	2.063.902
Outros investimentos	-	-	1.070	4.472.500	-	-	1.070	4.472.500
<b>TOTAL (1 + 2)</b>	<b>139.915</b>	<b>303.680.823</b>	<b>55.612</b>	<b>88.758.778</b>	<b>7.224</b>	<b>192.877.774</b>	<b>202.751</b>	<b>585.317.375</b>

Fonte dos dados básicos: Tabela 41 e FGV

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 44

CRÉDITO CONCEDIDO AO SETOR AGROPECUÁRIO CATARINENSE, 1983 (\*)

(a preços de dez/83)

ATIVIDADES	CUSTEIO		INVESTIMENTO		COMERCIALIZAÇÃO			TOTAL	
	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000	Nº de Contratos	Valor Cr\$ 1.000	
<b>1. LAVOURA</b>	<u>157.355</u>	<u>176.129.276</u>	<u>22.099</u>	<u>27.661.813</u>	<u>1.065</u>	<u>70.650.882</u>	<u>180.519</u>	<u>274.441.971</u>	
Culturas anuais	75.518	113.718.573	-	-	799	56.661.748	76.317	170.380.321	
Culturas perenes	1.480	14.692.098	191	1.512.161	3	38.803	1.674	16.243.062	
Outras culturas	1.378	5.349.530	-	-	263	13.950.331	1.641	19.299.861	
Melhor.das explorações	-	-	6.311	6.403.386	-	-	6.311	6.403.386	
Máq.equip. veículos e animais de serviço	-	-	8.521	10.281.875	-	-	8.521	10.281.875	
Equip. p/beneficiamento	-	-	824	999.674	-	-	824	999.674	
Sementes e mudas melhoradas	270	1.272.730	-	-	-	-	270	1.272.730	
Repasses a cooperados	2	109.918	4	2.394	-	-	6	112.312	
Outros custeios	78.707	40.986.427	-	-	-	-	78.707	40.986.427	
Outros investimentos	-	-	6.248	8.462.323	-	-	6.248	8.462.323	
<b>2. PECUÁRIA</b>	<u>14.260</u>	<u>38.946.825</u>	<u>7.271</u>	<u>9.041.414</u>	<u>389</u>	<u>9.813.362</u>	<u>21.920</u>	<u>57.801.601</u>	
Aves	396	16.286.254	8	89.306	60	1.873.985	464	18.249.545	
Bovinos	474	1.118.065	1.256	1.269.672	18	683.833	1.748	3.071.570	
Suínos	4.633	15.627.856	598	443.886	282	2.029.936	5.513	18.101.678	
Outros animais ou produtos	267	1.453.138	190	245.269	29	5.225.608	486	6.924.015	
Melhor.das explorações	-	-	2.683	2.884.562	-	-	2.683	2.884.562	
Máq.equip. veículos e animais de serviço	-	-	634	762.812	-	-	634	762.812	
Equip. p/beneficiamento	-	-	748	376.625	-	-	748	376.625	
Outros custeios	8.490	4.461.512	-	-	-	-	8.490	4.461.512	
Outros investimentos	-	-	1.154	2.969.282	-	-	1.154	2.969.282	
<b>TOTAL (1 + 2)</b>	<u>171.615</u>	<u>215.076.101</u>	<u>29.370</u>	<u>36.703.227</u>	<u>1.454</u>	<u>80.464.244</u>	<u>202.439</u>	<u>332.243.572</u>	

(\*) Situação até setembro

Fonte dos dados básicos: Tabela 42 e FGV

Elaboração: Instituto CEPA/SC



## **6. INSUMOS E TRATORES**





## 6. INSUMOS E TRATORES

### 6.1. Tratores

A indústria brasileira de tratores e implementos agrícolas foi um dos últimos segmentos da indústria de automotores a se desenvolver.

Fruto da política econômica implantada no período de 1956/60 com todos os seus acordos, conseqüências e objetivos - dentre os quais a substituição das importações era um dos que mais se evidenciava. No entanto, só a partir da década de 60 é que esse ramo da indústria alcançaria melhor espaço para o seu desenvolvimento. Contudo, seria apenas na década 70 que esse processo se faria sentir de maneira mais forte. De fato, em períodos anteriores, a mecanização agrícola brasileira era incipiente, tanto que a relação trator/hectares apresentava baixos índices - em 1940, a relação era de 4.142 ha por trator; em 1950, 2.269 ha; em 1960, 544 ha (tabela 45).

Embora em unidades mais desenvolvidas da federação, como São Paulo e Rio Grande do Sul esta relação fosse de 90 e 145 hectares para cada trator, e o crescimento considerável do índice brasileiro tivesse passado para 362 ha em 1970, a relação ainda é bem distante das alcançadas por países mais desenvolvidos como Noruega, EUA e Hungria, que possuíam 11, 27 e 30, respectivamente, isto, já em 1967<sup>(1)</sup>.

O desenvolvimento deste setor industrial acompanharia a economia de maneira geral, crescendo rapidamente no período desenvolvimentista do "milagre brasileiro" (1968-73). Contudo, o setor também viria sofrer os reveses da política recessiva do pós "milagre".

O processo de mecanização agrícola se intensificou no país, ainda que com grandes diferenciações regionais.

Sendo as máquinas agrícolas, um dos bens de capital mais importantes à agricultura, que àquela época, já se voltaria ao

---

(1) RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Agricultura. Demanda e oferta de tratores no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1973, 22p.

mercado externo, calcada, basicamente, na expansão da fronteira agrícola, juntamente com a introdução das culturas de exportação - nelas imbutido todo um pacote tecnológico de utilização de insumos. Além do mais, todo o processo de mecanização entre 1961-79, foi viabilizado por relações de troca favoráveis aos agricultores, preço do produto agrícola/preço do trator, e crédito abundante/juros baixos.

As mudanças na economia e as modificações principalmente na política agrícola, ao final dos anos 70, praticamente subvertem as condições do período de desenvolvimento da indústria nacional de tratores e implementos agrícolas.

A indústria nacional de tratores chega ao auge em 1976, produzindo 72.493 unidades. A partir daí, inicia-se uma queda que atinge 60% em 1983, comparando-se ao ano base 1975, ano em que os índices de crescimento eram altos, reflexo provável do período eufórico da economia brasileira. Com exceção de 1976 e 1980, quando a produção cresceu 9 e 6%, respectivamente, nos demais anos a produção sempre foi inferior ao ano base (tabela 46).

Considerando-se apenas os tratores de quatro rodas, cuja produção representa mais de 80% do total, suas vendas também acompanharam a tendência de queda e que se tornou bastante expressiva a partir de 1980. A nível de Brasil e Santa Catarina, em 1983, as vendas significaram apenas 39% e 25%, respectivamente, do volume comercializado em 1975 (tabela 46).

Entretanto, é importante notar-se a leve reação, em sentido positivo, da produção e venda de tratores nos anos de 1979 e 1980 fruto da melhoria dos preços recebidos pelos agricultores na safra 1978/79 e da produção da safra de 1979/80. Deve ter influenciado também, de certa forma, a anunciada "prioridade para a agricultura". A partir de 1980, porém, com a recessão, caem substancialmente a produção e as vendas de tratores.

A exportação brasileira de tratores em geral, passou a ter expressão, em números absolutos, apenas a partir de 1977, crescendo até 1981, quando atinge seu pico máximo, com 10.649 unidades exportadas. A exportação, nesse ano, a maior do período, representou 22,6% da produção e 37,9% da venda interna do País. A grande queda, desta, nos dois últimos anos, principalmente em 1983 (apenas 20,8% do volume exportado em 1981, o maior), atri-

bui-se basicamente as condições recessivas da economia mundial, diminuindo drasticamente, as condições de compra dos nossos principais importadores, como Argentina, República Sul Africana, China, Perú e outros (tabela 46).

Portanto, as exportações, que apareceram como esperança de crescimento deste setor industrial, mesmo dentro de uma economia recessiva, não passaram de um desafogo momentâneo para a simples subsistência do setor.

As modificações na política de crédito, trazendo a falta de crédito de investimento e taxas de juros à mercê da especulação do mercado financeiro, tornaram-se um dos principais fatores da quase estagnação do processo de mecanização nos últimos anos. Por outro lado, o volume de produção e venda não ultrapassou os níveis de reposição da frota agrícola, prevalecendo a manutenção e recuperação do existente, às vezes até obsoleto, quando de veria ser substituída.

Portanto, a correspondência entre oferta de crédito de investimento para o setor agropecuário no Brasil com a produção e venda no mercado interno demonstra claramente que, com a redução do volume ofertado (em 1982, apenas 30% do volume de 1975), há redução da produção e venda de tratores (em 1982 apenas 57% e 43% da produção e venda, respectivamente, de 1975).

Em Santa Catarina, o volume de crédito de investimento, específico para a compra de tratores em 1982, caiu 69% em relação a 1975, tornando-se um dos fatores de maior peso para a variação negativa das vendas no estado, sendo que essas decresceram em relação a 1975 (tabela 46).

Outro indicador das condições de troca, favoráveis ou não para o produtor, é a quantidade de unidades de produto necessária para a aquisição de um trator.

Para se chegar as quantidades necessárias de produtos agrícolas para adquirir um trator médio no estado, os dados utilizados, foram os preços médios pagos pelos agricultores por um trator médio e os preços recebidos pelos agricultores, por quilograma dos produtos (arroz, feijão, milho e soja).

Ao se analisar os índices de crescimento - lembrando que as referências se farão sempre tomando o ano de 1975 como base, e

a saca de 60 kg como unidade básica - pode-se observar que, de maneira geral, a cultura do arroz apresenta as relações de troca mais desfavoráveis, o feijão, as melhores, enquanto a soja tem as relações de troca um pouco mais favoráveis que a cultura do milho.

No ano de 1980, para as culturas mencionadas, ocorreram as relações mais favoráveis do período, em função, principalmente, da queda dos preços dos tratores em 31%. Entretanto, os três últimos anos apresentam os piores índices para os agricultores. Para as culturas do arroz e feijão, 1983 é o pior ano, pois, quando em 1975 eram necessárias 571 e 610 sacas, respectivamente, em 1983 foram necessários 1.335 e 660, para adquirir um trator médio, representando um acréscimo de 134% e 8%, respectivamente (tabelas 46 e 47).

Para as culturas de milho e soja, 1982 apresentou as relações mais desfavoráveis. Quando em 1975 foram necessários 1.205 sacos de milho e 855 de soja, em 1982 foram necessários 1.840 e 1.127, respectivamente, significando uma variação de 53% e 32% no período (tabelas 46 e 47).

A mecanização da agricultura catarinense intensificou-se de maneira bastante rápida na década de 70, o que fica demonstrado por alguns indicadores, fundamentados nas informações estatísticas censitárias de 1970, 1975 e 1980. O parque de tratores agrícolas do estado cresceu 158% no período 1970-75 e 112% no período 1975-80.

Como indicador, serve também, a tendência nitidamente declinante nas relações de ha cultivados/trator, pessoal rural ocupado/trator e nº de estabelecimentos/trator (tabela 48). Um outro indicador é o aumento do número de colheitadeiras e automotrizes: de 4.644 unidades em 1975, para 5.850 unidades, em 1980, com crescimento de 26% no período.

Ao analisar-se mais detalhadamente as informações censitárias, observam-se, talvez, as tendências e o tipo do processo de mecanização da agricultura do Estado.

Como é conhecido, Santa Catarina se caracteriza por ser um estado minifundiário (62,3% dos estabelecimentos tinham menos de 20 ha em 1980), embora também venha apresentando indicativos de tendência à concentração de terras (o índice de Gini cresceu de 0,647 em 1970, para 0,676 em 1980).

Os estratos de área de menos de 10 a 50 ha somaram, nos anos de 1970, 1975 e 1980, respectivamente, 88,6%, 88,7% e 89,0%, do total dos estabelecimentos agrícolas no estado, enquanto os de mais estratos de área, somados, participaram apenas com 11,4%, 11,3% e 11,0% do total dos estabelecimentos em 1970, 1975 e 1980, respectivamente. Pode-se observar que os três estratos intermediários (20 - 50, 50 - 100 e 100 - 500 ha) apresentaram decréscimo em suas participações percentuais, enquanto os estratos extremos (menos de 10, 10 - 20 e 500 - 1.000 e mais de 1.000 ha), cresceram em participação no período considerado (tabela 50).

Também os tratores acompanharam de certa forma o mesmo sentido, embora com índices inferiores, onde os três menores estratos de área participaram com 59,5, 59,4 e 64,4% do total de tratores do estado, em 1970, 75 e 80, respectivamente. Da mesma forma o estrato de área de 20 - 50 ha teve maior participação com 35,0%, 37,4% e 38,0% do total em 1970, 1975 e 1980, respectivamente, demonstrando um crescimento, juntamente com o estrato de 10 - 20 ha, no período 1970-80. Já os demais estratos somados participaram, nos três anos com, respectivamente, 40,5%, 40,6% e 35,6% do total de tratores, apresentando nos quatro maiores estratos tendência decrescente no decênio 1970-80 (tabela 52).

O aumento do número de tratores de maior potência, em substituição aos de menor potência, é facilmente observado, quando se analisa, comparativamente, o quadro de participação das várias faixas de potência de tratores, nos diversos estratos, em relação ao total de tratores em cada estrato de área (tabela 52-A).

Dentro deste raciocínio, os tratores de menos de 10 CV, diminuíram sua participação em todos os estratos no período de 1970-80. Os tratores de 10 a menos de 50 CV cresceram em participação nos três estratos menores e decresceram nas quatro maiores estratificações de área, do primeiro ao terceiro ano censitário considerados. Os tratores com potência de 50 a menos de 100 CV tiveram crescimento geral, com variações significativas em todos os estratos de área (tabela 52-A).

No decênio, como constatação coerente, os tratores de potência de mais de 100 CV decresceram nos dois menores estratos,

de maneira bastante brusca, e cresceram em participação nos demais estratos, destacando-se nos dois maiores (tabela 52-A).

Os três últimos censos apresentam informações sobre o número de tratores para as quatro condições do produtor, nas diversas faixas de potência dos tratores.

Ao se estabelecer a participação de cada condição do produtor no total do número de tratores para os três anos, observa-se que os proprietários - que efetivamente trabalham a terra - têm uma participação de 92,0, 93,4 e 90,3% em 1970, 1975 e 1980, respectivamente (tabela 52). O mesmo ocorre com a participação destes no número de estabelecimentos, com 82,7%, 82,0% e 79,4% (tabela 51) em 1970, 1975 e 1980, respectivamente, ficando demonstrado a pouca expressividade, em números relativos, das condições de arrendatários, parceiros e ocupantes.

Quando se verifica, na condição de proprietários, que nos quinquênios 70-75/75-80 a participação do número de tratores por faixa de potência, em relação ao total, aumenta nas duas maiores faixas e diminui na faixa de menos de 10 CV, confirma-se a tendência de substituição dos tratores de menor potência pelos de maior potência (tabelas 52 e 52-A).

Tabela 45

RELAÇÃO DA ÁREA CULTIVADA PELO Nº DE TRATOR, BRASIL,  
1940, 1950, 1960 E 1970

ANO	Nº DE TRATORES	ÁREA CULTIVADA	ha/TRATOR
1940	3.380	14.000.000	4.142
1950	8.372	19.000.000	2.269
1960	63.500	34.600.000	544
1970	103.000	37.300.000	362

Fonte: IBGE

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 46 QUANTIDADES DE PRODUTOS AGRÍCOLAS NECESSÁRIAS PARA AQUISIÇÃO DE UM TRATOR MÉDIO EM SANTA CATARINA, SAFRAS 1975/76 A 1982/83

SAFRA	PRODUÇÃO BRASILEIRA DE GRÃOS (tonelada)			PREÇOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES DE SANTA CATARINA (C\$ 1.000,00 a preços de dez/83)			PRODUÇÃO BRASILEIRA DE TRATOR BRASILEIRAS (HP)	VENDA DE TRATORES DE 4 RODAS (HP)		PREÇOS MÉDIOS P/4 RODAS (C\$ 1.000 a dez/83)	CRÉD. DE INVEST. CONCEDIDO P/PRODUTORES E COOP. P/O Setor Agropecuario do Brasil		UNIDADES DE PRODUTO NECESSÁRIO P/ADQUIRIR UM TRATOR MÉDIO EM SANTA CATARINA								
	Arroz	Felção	Milho	Arroz	Felção	Soja		Brasil	Santa Catarina		A preços correntes dez/83	A preços de correntes dez/83	Arroz (sc 60kg)	Felção (sc 60kg)	Milho (sc 60kg)	Soja (sc 60kg)					
1974/75	7.781.538	2.282.466	16.334.516	9.893.008	254,32	238,33	120,62	170,03	66.274	826	57.995	3.820	8.719	205.979	29.934.547	179.962	26.153.466	571	610	1.205	855
1975/76	9.757.079	1.840.315	17.751.070	11.227.123	169,78	378,67	100,84	155,38	72.493	543	63.776	2.917	6.592	306.478	31.434.246	240.047	24.701.276	646	290	1.088	706
1976/77	8.993.696	2.290.007	19.255.936	12.513.406	129,84	365,00	75,74	176,72	59.419	4.817	46.568	2.466	6.492	303.485	21.891.726	270.035	19.478.829	833	296	1.429	612
1977/78	7.296.142	2.193.977	13.569.401	9.540.577	166,46	282,47	105,60	166,46	55.874	6.399	41.619	2.060	6.970	423.161	22.013.265	384.271	19.990.168	698	411	1.100	698
1978/79	7.595.214	2.186.343	16.306.380	10.240.306	189,87	267,23	112,16	184,80	64.511	7.978	49.523	2.469	7.263	804.825	27.190.952	708.218	23.927.092	638	453	1.079	655
1979/80	9.775.720	1.986.165	20.372.072	15.155.804	179,02	561,87	115,24	156,41	69.993	8.508	50.994	2.456	6.006	767.155	12.944.268	669.719	11.300.223	559	178	869	640
1980/81	8.260.547	2.338.718	21.098.300	14.977.972	126,04	498,08	90,35	129,10	47.022	10.649	28.104	1.389	7.090	1.201.051	9.654.984	1.125.120	9.044.591	938	237	1.308	915
1981/82	9.716.026	2.906.259	21.865.439	12.834.624	163,99	282,48	76,09	124,25	37.610	6.627	24.662	1.652	8.399	2.193.373	9.021.623	1.996.857	8.213.327	854	496	1.840	1.127
1982/83	7.749.513	1.586.993	18.743.761	14.582.052	143,00	289,15	126,52	192,45	26.627	2.219	22.546	965	11.453	-	-	-	-	1.335	660	1.509	992

Fonte dos dados básicos: IBGE (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola), FGV, EMATER-SC/ACARESC, ANFAVEA, Banco Central do Brasil.

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 47 EVOLUÇÃO DAS QUANTIDADES DE PRODUTOS AGRÍCOLAS NECESSÁRIAS PARA AQUISIÇÃO DE UM TRATOR MÉDIO EM SANTA CATARINA, SAFRAS 1975/76 A 1982/83

SAFRA	PRODUÇÃO BRASILEIRA DE GRÃOS			PREÇOS RECEBIDOS PELO AGRICULTOR DE SANTA CATARINA			PRODUÇÃO BRASILEIRA DE TRATORES DE TRATORES DE TRATORES	VENDA DE TRATORES DE 4 RODAS		PREÇOS MÉDIOS P/4 RODAS (C\$ 1.000 a dez/83)	CRÉDITO DE INVEST. P/PRODUTORES E COOPERATIVAS		UNIDADES DE PROD. NECESSÁRIO P/ADQUIRIR UM TRATOR MÉDIO EM S. CATARINA				
	Arroz	Felção	Milho	Arroz	Felção	Soja		Brasil	Santa Catarina		P/ aquisição de trator em S. Cat.	Arroz	Felção	Milho	Soja		
1975/76	125	81	109	113	67	159	84	91	66	110	76	105	94	113	48	90	83
1976/77	116	100	118	126	51	153	63	104	583	84	65	74	74	146	49	119	72
1977/78	94	96	83	96	65	119	88	98	775	72	54	80	74	122	67	91	82
1978/79	98	96	100	104	75	112	93	109	966	85	65	83	91	112	74	90	77
1979/80	126	87	125	153	70	235	96	92	1.030	88	64	69	43	98	29	72	75
1980/81	106	102	129	151	50	209	75	76	1.289	48	36	81	32	164	39	109	107
1981/82	125	127	134	130	64	118	63	73	802	43	43	96	30	150	81	153	132
1982/83	100	70	115	147	56	121	105	113	269	39	25	131	-	234	108	125	116

Fonte dos dados básicos: Tabela 46  
Elaboração: Instituto CEPA/SC



Tabela 48

RELAÇÃO DA ÁREA CULTIVADA, PESSOAL OCUPADO E Nº DE ESTABELECIMENTO/TRATOR EM SC, 1970, 1975 E 1980

ANO	ha CULTIVADOS/Nº TRATORES	PESSOAL RURAL OCUPADO/ Nº DE TRATORES	Nº ESTABELECIMENTOS/ Nº TRATORES
1970	303,4	125,9	34,2
1975	131,4	54,9	13,2
1980	83,5	25,3	6,5

Fonte dos dados básicos: IBGE (Censo Agropecuário de 1970, 1975 e 1980).

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 49

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS, SEGUNDO A CONDIÇÃO DO PRODUTOR, POR CLASSE DE ÁREA, SANTA CATARINA, 1970, 1975 e 1980

CLASSES DE ÁREA (ha)	PROPRIETÁRIO			ARRENDATÁRIO			PARCEIRO			OCUPANTE			TOTAL		
	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980
Menos de 10	43.423	44.969	46.456	6.581	6.558	8.027	7.288	7.119	8.990	8.782	11.277	12.251	66.074	69.923	75.724
10 —	49.774	48.601	50.386	2.041	1.869	2.579	1.831	1.865	2.630	2.590	2.868	3.348	56.236	55.203	58.943
20 —	56.196	53.871	52.649	1.610	1.160	1.526	1.340	1.049	1.343	2.034	1.955	2.070	61.180	58.035	57.588
50 —	13.708	13.904	13.251	346	225	336	204	168	202	506	396	468	14.764	14.693	14.257
100 —	6.975	6.826	7.216	224	171	294	74	65	97	330	276	240	7.603	7.338	7.847
500 —	802	787	931	31	17	35	12	8	14	29	20	29	874	832	1.009
Mais de 1.000	442	457	593	11	2	17	3	5	4	12	11	10	468	475	624
TOTAL	171.320	169.415	171.482	10.844	10.002	12.814	10.752	10.279	13.280	14.283	16.803	18.416	207.199	206.499	215.992

Fonte : IBGE (Censos Agropecuários de 1970, 1975 e 1980)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 50

PARTICIPAÇÃO RELATIVA NO TOTAL DOS ESTABELECIMENTOS, POR ESTRATO DE ÁREA, SEGUNDO A CONDIÇÃO DO PRODUTOR, SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

CLASSES DE ÁREA (ha)	PROPRIETÁRIO			ARRENDATÁRIO			PARCEIRO			OCUPANTE			TOTAL		
	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980
Menos de 10	25,35	26,54	27,09	60,69	65,57	62,64	67,78	69,26	67,70	61,49	67,11	66,52	31,89	33,86	35,06
10 — 20	29,05	28,69	29,38	18,82	18,69	20,13	17,03	18,14	19,80	18,13	17,07	18,18	27,14	26,73	27,29
20 — 50	32,80	31,80	30,70	14,85	11,60	11,91	12,46	10,21	10,11	14,24	11,63	11,24	29,53	28,10	26,66
50 — 100	8,00	8,21	7,71	3,19	2,25	2,62	1,90	1,63	1,52	3,54	2,36	2,54	7,13	7,12	6,60
100 — 500	4,07	4,03	4,21	2,07	1,71	2,29	0,69	0,63	0,73	2,31	1,64	1,30	3,67	3,55	3,63
500 — 1.000	0,47	0,46	0,54	0,29	0,17	0,27	0,11	0,08	0,11	0,20	0,12	0,16	0,42	0,40	0,47
Mais de 1.000	0,26	0,27	0,27	0,10	0,02	0,13	0,03	0,05	0,03	0,08	0,07	0,05	0,23	0,23	0,29
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte dos dados básicos: Tabela 49

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 51

PARTICIPAÇÃO RELATIVA NO TOTAL DOS ESTABELECIMENTOS, SEGUNDO A CONDIÇÃO DO PRODUTOR, POR ESTRATO DE ÁREA, SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

CLASSES DE ÁREA (ha)	PROPRIETÁRIO			ARRENDATÁRIO			PARCEIRO			OCUPANTE			TOTAL		
	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980
Menos de 10	65,72	64,31	61,35	9,96	9,38	10,60	11,03	10,18	11,87	13,29	16,12	16,18	100,00	100,00	100,00
10 — 20	88,51	88,04	85,48	3,63	3,39	4,38	3,26	3,38	4,46	4,61	5,20	5,68	100,00	100,00	100,00
20 — 50	91,85	92,83	91,42	2,63	2,00	2,65	2,19	1,81	2,33	3,32	3,37	3,59	100,00	100,00	100,00
50 — 100	92,85	94,63	92,94	2,34	1,53	2,36	1,38	1,14	1,42	3,43	2,70	3,28	100,00	100,00	100,00
100 — 500	91,74	93,02	91,96	2,95	2,33	3,75	1,00	0,89	1,24	4,34	3,76	3,06	100,00	100,00	100,00
500 — 1.000	91,76	94,59	92,27	3,55	2,04	3,47	1,37	1,00	1,39	3,32	2,40	2,87	100,00	100,00	100,00
Mais de 1.000	94,44	96,21	95,03	2,35	0,42	*272	0,64	1,05	0,64	2,56	2,32	1,60	100,00	100,00	100,00
TOTAL	82,68	82,04	79,39	5,23	4,84	5,93	5,19	5,00	6,15	6,89	8,14	8,53	100,00	100,00	100,00

Fonte dos dados básicos: Tabela 49

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 52

PARTICIPAÇÃO RELATIVA, POR POTÊNCIA DE TRATORES, SEGUNDO A CONDIÇÃO DO PRODUTOR, CLASSE DE ATIVIDADE E GRUPO DE ÁREA TOTAL, SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

DISCRIMINAÇÃO	POTÊNCIA MENOS DE 10 CV			DE 10 A MENOS DE 50 CV			DE 50 A MENOS DE 100 CV			DE 100 CV E MAIS			TOTAL		
	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980
<b>CONDIÇÃO DO PRODUTOR</b>															
Proprietário	93,5	93,5	89,2	90,9	94,5	90,4	90,5	92,8	91,2	91,6	88,5	88,8	92,0	93,4	90,3
Arrendatário	2,8	2,7	2,5	3,8	1,6	2,8	4,1	3,1	4,4	3,2	4,9	5,4	3,4	2,6	3,4
Parceiro	1,9	1,7	4,1	3,0	1,4	2,9	3,1	2,0	2,2	2,6	5,2	2,2	2,5	1,8	2,9
Ocupante	1,8	2,1	4,3	2,4	2,5	3,9	2,3	2,1	2,2	2,6	1,5	3,5	2,1	2,2	3,4
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
<b>CLASSE ATIVIDADE ECONÔMICA</b>															
Agricultura	76,4	84,8	73,3	66,2	66,7	70,5	56,7	66,5	64,9	38,1	58,9	60,3	68,5	73,6	68,7
Pecuária	12,6	12,3	17,6	16,8	26,6	19,3	15,5	23,9	21,8	16,8	21,8	19,9	14,6	19,8	19,8
Agropecuária	7,8	0,4	4,1	7,3	0,7	4,1	6,6	0,5	4,0	4,5	0,7	3,9	7,3	0,5	4,0
Horticultura	0,5	1,2	2,1	0,4	1,4	1,4	0,1	0,3	0,4	-	-	0,3	0,4	0,9	1,2
Silvicultura	0,4	0,0	0,1	3,0	0,9	0,3	13,2	3,2	1,6	27,1	12,5	2,8	4,2	1,8	0,8
Avicultura	0,8	0,6	1,9	0,8	1,3	2,2	0,3	2,2	3,6	0,1	1,1	2,6	0,7	1,3	2,7
Canil/Api/Sericicultura	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,1	-	0,0	0,0	-	-	-	0,0	0,0	0,1
Extração Vegetal	0,5	0,6	0,9	3,1	2,3	2,1	5,9	3,3	3,7	12,3	5,0	10,2	2,6	2,1	2,7
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
<b>GRUPO DE ÁREA TOTAL</b>															
Menos de 10	10,4	9,7	14,7	7,3	5,7	10,1	4,8	2,0	2,9	14,8	1,5	2,1	8,5	6,0	8,3
10 — 20	20,6	26,2	28,3	13,9	14,6	21,9	8,8	5,7	8,7	11,0	5,2	5,4	16,0	16,1	18,1
20 — 50	42	45,6	41,1	33,2	41,8	42,3	22,0	26,5	33,5	19,4	10,9	19,6	35,0	37,3	38,0
50 — 100	16,3	12,9	10,2	19,9	18,7	15,0	17,9	22,3	21,7	9,7	9,6	12,8	17,6	17,1	16,2
100 — 500	81	4,5	4,4	16,8	14,4	8,3	25,5	26,4	22,2	16,1	30,7	32,0	14,3	14,8	13,3
500 — 1.000	1,7	0,9	0,5	4,3	3,0	1,2	7,7	9,3	5,2	10,3	18,0	10,8	3,8	4,7	2,8
Mais de 1.000	0,9	0,2	0,7	4,5	1,9	1,1	13,2	7,8	5,8	18,7	24,0	17,2	4,7	3,9	3,3
S/Declaração	-	-	-	0,1	-	0,0	0,2	-	-	-	-	-	0,1	-	0,0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte dos dados básicos: Tabela 49

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 52-A

PARTICIPAÇÃO RELATIVA, POR POTÊNCIA DE TRATORES, SEGUNDO A CONDIÇÃO DO PRODUTOR, CLASSE DE ATIVIDADE E GRUPO DE ÁREA TOTAL, SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

DISCRIMINAÇÃO	POTÊNCIA MENOS DE 10 CV			DE 10 A MENOS DE 50 CV			DE 50 A MENOS DE 100 CV			DE 100 CV E MAIS			TOTAL		
	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980
<b>CONDIÇÃO DO PRODUTOR</b>															
Proprietário	46,9	40,1	22,7	33,7	25,2	37,6	16,9	31,0	36,1	2,5	3,7	3,6	100	100	100
Arrendatário	38,2	40,9	16,7	38,2	15,6	31,2	21,1	36,3	46,3	2,5	7,3	5,8	100	100	100
Parceiro	35,1	36,7	32,5	41,1	18,7	37,4	21,2	33,6	27,2	2,6	11,10	2,9	100	100	100
Ocupante	39,8	39,1	29,3	38,3	28,3	43,5	18,8	30,0	23,4	3,1	2,6	3,8	100	100	100
Total	46,2	40,1	23,0	34,1	24,9	37,5	17,2	31,1	35,8	2,5	3,9	3,7	100	100	100
<b>CLASSE ATIVIDADE ECONÔMICA</b>															
Agricultura	51,5	46,2	24,5	32,9	22,5	38,5	14,2	28,2	33,8	1,4	3,1	3,2	100	100	100
Pecuária	39,8	24,8	20,4	39,3	33,4	36,5	18,2	37,5	39,4	2,9	4,3	3,7	100	100	100
Agropecuária	49,0	33,7	23,3	33,9	31,3	38,0	15,6	30,1	35,2	1,6	4,8	3,5	100	100	100
Horticultura	62,5	52,1	41,9	33,3	37,5	44,2	4,2	10,4	12,8	-	-	1,0	100	100	100
Silvicultura	4,3	1,1	1,9	24,9	13,1	15,0	54,2	57,7	70,4	16,6	28,1	12,7	100	100	100
Avicultura	41,2	18,2	16,4	39,5	25,6	31,4	7,0	52,7	48,7	2,3	3,4	3,5	100	100	100
Canil/Api/Sericicultura	50,0	20,0	26,1	50,0	60,0	60,9	-	20,0	13,0	-	-	-	100	100	100
Extração Vegetal	8,9	12,4	8,0	40,5	28,2	29,1	38,6	49,8	48,9	12,0	9,6	14,0	100	100	100
Total	46,2	40,1	23,0	34,1	24,9	37,5	17,2	31,1	35,8	2,5	3,9	3,7	100	100	100
<b>GRUPO DE ÁREA TOTAL</b>															
Menos de 10	56,5	65,2	40,7	29,3	23,6	45,9	9,7	10,3	12,5	4,5	1,0	0,9	100	100	100
10 — 20	59,3	65,1	36,1	29,6	22,5	45,5	9,4	11,1	17,3	1,7	1,3	1,1	100	100	100
20 — 50	55,4	48,9	24,9	32,3	27,8	41,7	10,8	22,1	31,5	1,4	1,1	1,9	100	100	100
50 — 100	42,6	30,2	14,5	38,5	27,1	34,8	17,4	40,5	47,9	1,4	2,2	2,9	100	100	100
100 — 500	26,3	12,1	7,7	40,2	24,2	23,6	30,7	55,6	59,9	2,9	8,2	8,8	100	100	100
500 — 1.000	20,6	8,0	4,4	38,2	16,0	15,9	34,3	61,0	65,8	6,9	15,0	14,0	100	100	100
Mais de 1.000	9,1	2,3	5,2	32,9	11,9	12,2	47,9	61,9	63,3	10,1	24,0	19,4	100	100	100
S/Declaração	-	-	-	50,0	-	100	50,0	-	-	-	-	-	100	100	100
Total	46,2	40,1	23,0	34,1	24,9	37,5	17,2	31,1	35,8	2,5	3,9	3,7	100	100	100

Fonte dos dados básicos: Tabela 49

Elaboração: Instituto CEPA/SC

## 6.2. Fertilizantes

As alterações da política agrícola verificada nos últimos anos trouxeram mudanças significativas para o setor de fertilizantes.

O aumento das taxas de juros para os financiamentos, que até o final de 1980 tinham taxa zero, em 1981 passaram a 35,0% a.a., nas áreas da SUDAM/SUDENE, e 45,0% a.a., nas demais regiões. O aumento da participação dos recursos próprios nos financiamentos de custeio, no início de 1982, também fez parte das alterações mais significativas.

O consumo aparente de fertilizantes no Brasil cresceu até 1980, quando o volume estimado de nutrientes consumido foi de 4.200,6 mil toneladas, apresentando o maior índice de crescimento no período 1969-82, de 566%, em relação ao ano de 1969. Em 1981, o consumo aparente caiu 34,4% em relação a 1980, enquanto, de 1981 para 1982, manteve-se praticamente inalterado (caiu apenas 1,3%). Acredita-se, no entanto, que o consumo real não deve ter caído na mesma proporção, devido aos estoques retidos pelas cooperativas e pelos próprios agricultores.

Diferentemente das demais regiões, o Sul<sup>(1)</sup> iniciou o declínio do consumo aparente a partir de 1980, com queda de 8,1% em relação a 1979. O crescimento em 1979 foi de 567%, apresentando o maior volume do período - 1.008,3 mil toneladas - e, em 1980, cresceu 513%, ambos em relação a 1969 (tabelas 53 e 54).

Proporcionalmente à concentração da produção agrícola, do nº de tratores, etc, a região Centro/Sul<sup>(1)</sup> do país concentrou também em média, no período 1969-82, 90,5% do volume de nutrientes. Da mesma forma que a produção agrícola, a distribuição do consumo aparente de fertilizantes não se deu de maneira uniforme. As três grandes regiões<sup>(1)</sup> Norte/Nordeste, Centro e Sul, apresentaram uma participação média, no período, de 9,5%, 63,3% e 27,2%, respectivamente, no consumo aparente.

---

(1) Segundo critérios da regionalização do SIACESP, a região Centro corresponde os estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás; a região Sul, os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e a região Norte/Nordeste, os demais estados.

Acompanhando o grande incentivo ao desenvolvimento da agricultura no cerrado, a região Centro<sup>(1)</sup> teve aumentada sua participação para 68,3% nos anos de 1980 e 1981, em detrimento da participação da região Sul. O mesmo aconteceu com a região Norte/Nordeste que aumentou seu consumo aparente, nos últimos anos, atingindo o auge em 1981 (14,3%).

O preço de fertilizante e o preço do produto agrícola são, também, fatores determinantes no comportamento declinante do consumo, principalmente nos últimos anos.

Os preços dos fertilizantes cresceram de maneira geral no período 1970-75 com exceção do calcário moído, que cresceu só a partir de 1974, do sulfato de amônio e superfosfato de cálcio simples que cresceram apenas a partir de 1973, tomando como base o ano de 1970.

No período 1975-83, os preços apresentaram tendência de crescente em relação ao ano de 1975. Alguns fertilizantes, como o calcário moído e o cloreto de potássio, decresceram até 1980, quando houve uma leve reação nos preços, voltando a cair nos anos subseqüentes.

O superfosfato de cálcio triplo e a uréia, cujos preços são aparecem na tabela 55, a partir de 1974 (ano base = 1974), apresentaram preços decrescentes. Observa-se uma leve reação em 1980, mas tornaram a cair, representando, em 1983, apenas 51 e 49%, respectivamente, dos preços destes fertilizantes em 1975.

Os fosfatos naturais têm seus preços em queda até 1980, crescendo 15% em 1981, em relação ao ano anterior, e caoindo 30% em 82, em relação a 1981.

O calcário moído não apresenta grandes variações de preço no período 1970-83. Apenas de 1974 a 1977, e em 1980, os preços são maiores que em 1970, numa tentativa das indústrias de compensar a diminuição do consumo, com o aumento dos preços.

Acredita-se, no entanto, que, com o Programa de Investimentos Agrícolas (PROINVEST) - que objetiva a melhoria da produtividade, mediante a correção do solo (calagem) - haja um estímulo

---

(1) Idem página anterior.

ao consumo de calcário e conseqüente aumento dos preços, na região Centro/Sul, área de abrangência do programa (tabela 55).

A relação preço produto agrícola/preço fertilizante pode servir como demonstrativo das condições de troca dos agricultores.

Dentre os quatro produtos agrícolas comparados, o feijão apresentou as melhores relações de troca. Pode-se observar que o ano de 1975 apresentou as relações de troca mais desfavoráveis, devido aos baixos preços do produto contra os altos preços dos fertilizantes. Nos anos subseqüentes, as relações de troca tornaram-se mais favoráveis aos agricultores e o ano de 1980, de maneira geral, apresentou as melhores relações de preços produto agrícola/preço fertilizante. Nos últimos anos da série, as relações voltadas a se deteriorar (tabela 55). Importante observar, ainda, que a relação preço produto agrícola/preço fertilizante apresentou grande semelhança de comportamento e das tendências indicadas, pela relação preço produto agrícola/preço trator, também integrantes deste trabalho.

Tabela 53

CONSUMO APARENTE DE FERTILIZANTES (NPK), POR REGIÃO <sup>(1)</sup>  
E BRASIL, 1969 A 1982

ANO	(t)			
	NORTE/NORDESTE	CENTRO	SUL	BRASIL
1969	52.462	426.762	151.161	630.385
1970	73.562	662.613	262.901	999.076
1971	95.040	709.131	360.865	1.165.036
1972	151.508	948.148	646.869	1.746.525
1973	141.483	1.050.242	487.422	1.679.147
1974	169.717	1.061.529	593.390	1.824.636
1975	135.339	1.280.182	562.171	1.977.692
1976	276.374	1.639.808	611.959	2.528.141
1977	319.691	2.003.259	885.946	3.208.896
1978	314.366	1.959.203	948.817	3.222.386
1979	339.322	2.219.362	1.008.355	3.567.039
1980	405.143	2.868.847	926.629	4.200.619
1981	395.425	1.880.399	477.905	2.753.729
1982	326.697	1.756.910	634.862	2.718.469

(1) Segundo Critérios de Regionalização do SIACESP

Fonte: ISACESP/MA e IEA

Tabela 54

ÍNDICE DE CRESCIMENTO E PARTICIPAÇÃO RELATIVA DO CONSUMO  
APARENTE DE FERTILIZANTES, POR REGIÃO E BRASIL, 1969 a  
1982

ANO	ÍNDICE DE CRESCIMENTO				PARTICIPAÇÃO RELATIVA (%)		
	Norte/ Nordeste	Centro	Sul	Brasil	Norte/ Nordeste	Centro	Sul
1969	100	100	100	100	8,3	67,7	24,0
1970	140	155	174	158	7,4	66,3	26,3
1971	181	166	239	185	8,2	60,8	31,0
1972	289	222	428	277	8,7	54,3	37,0
1973	270	246	322	266	8,4	62,6	29,0
1974	324	249	393	289	9,3	58,2	32,5
1975	258	300	372	314	6,8	64,8	28,4
1976	527	384	405	401	10,9	64,9	24,2
1977	609	469	586	509	10,0	62,4	27,6
1978	599	459	628	511	9,8	60,8	29,4
1979	647	520	667	566	9,5	62,2	28,3
1980	772	672	613	666	9,6	68,3	22,1
1981	754	441	316	437	14,3	68,3	17,4
1982	623	412	420	431	12,0	64,6	23,4

Fonte dos dados básicos: Tabela 53

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 55

PREÇOS PAGOS PELOS AGRICULTORES DE SANTA CATARINA PARA FERTILIZANTES, DEFENSIVOS, SEMENTES E MUDAS, 1970 A 1983

(a preços correntes - Cr\$ 1,00)

DISCRIMINAÇÃO	ANO	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983
<b>FERTILIZANTES - kg</b>															
Calcário Moído (t)		49	53	62	76	122	158	210	295	356	510	1.182	2.339	4.234	9.906,38
Cloreto de Potássio		0,34	0,46	0,54	0,61	1,41	1,79	1,62	2,01	2,82	4,61	13,64	26,47	45,55	116,03
Fosfatos Naturais		0,25	0,30	0,40	0,55	1,45	1,94	1,75	1,92	2,53	3,28	6,60	15,96	21,86	71,17
Nitrocálcio		0,36	0,46	0,59	0,64	1,45	2,35	2,13	2,77	4,13	5,39	11,20	20,12	44,48	113,18
Salitre do Chile		0,73	0,82	1,08	1,10	2,27	3,68	4,44	5,64	6,98	10,89	22,86	56,43	112,33	241,44
Sulfato de Amônia		0,34	0,36	0,47	0,61	1,75	2,28	1,74	2,04	2,72	4,24	10,57	22,59	39,69	102,87
Sup.Fosfato Ca Simples		0,28	0,31	0,38	0,46	1,45	2,04	1,63	2,01	2,49	4,22	9,52	19,65	38,16	102,18
Sup.Fosfato Ca Triplo		-	-	-	-	2,81	3,60	3,22	3,89	4,94	7,33	18,53	35,69	66,13	163,80
Uréia		-	-	-	-	2,29	3,62	2,91	3,67	4,72	7,22	18,35	36,66	62,23	129,27
<b>DEFENSIVOS - kg</b>															
Aldrin em pó 5%		2,19	2,45	2,71	3,00	4,33	5,45	6,32	8,63	13,53	20,82	42,68	109,29	225,76	554,46
Aldrin em pó 40%		-	-	-	-	18,68	26,35	33,05	49,07	70,15	103,58	232,55	600,00	1.133,00	3.125,44
BHC em pó 2%		-	-	-	-	2,78	3,59	3,90	5,81	9,14	17,41	30,54	61,53	108,28	305,23
BHC em pó 3%		1,13	1,38	1,45	1,84	3,24	4,22	-	6,80	10,22	16,22	33,86	80,28	142,56	361,64
BHC em pó 12%		-	-	-	-	-	-	10,04	13,65	17,31	23,55	41,25	97,41	168,61	500,92
Formicida em pó		2,36	2,71	3,19	3,68	5,56	5,40	7,05	9,58	14,53	22,00	44,96	101,49	215,64	545,54
Herbicida em pó		-	-	-	-	41,02	61,98	83,58	115,00	151,00	218,00	522,00	1.269,00	2.888,00	5.896,41
<b>MUDAS E SEMENTES</b>															
Capim		3,02	3,21	3,82	3,69	6,51	8,17	10,93	12,39	16,72	23,80	29,75	43,23	122,70	577,65
Milho Híbrido		0,94	1,12	1,48	1,76	2,46	3,62	4,49	6,20	9,24	13,46	25,36	58,71	117,67	282,06
Muda de Café (planta)		-	-	-	-	-	-	-	-	1,75	1,89	2,99	4,17	10,18	29,83
Muda de Eucalipto (planta)		-	-	-	-	-	0,33	0,38	0,49	0,69	0,91	1,50	2,79	5,63	7,50
Muda de Laranja (planta)		2,25	2,77	3,20	3,43	4,38	5,80	7,33	9,82	12,05	21,34	41,13	100,82	185,18	354,56

Fonte: EMATER/SC-ACARESC e FGV

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 56

PREÇOS CORRIGIDOS PAGOS PELOS AGRICULTORES DE SANTA CATARINA PARA FERTILIZANTES, DEFENSIVOS E SEMENTES E MUDAS

1970 A 1983

(a preços de dez/83 - Cr\$ 1,00)

DISCRIMINAÇÃO	ANO	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983
<b>FERTILIZANTES - kg</b>															
Calcário Moído (t)		19.007	17.086	17.038	18.177	22.672	22.962	21.609	21.280	18.519	17.230	19.944	18.803	17.415	16.008
Cloreto de Potássio		132	148	148	146	262	260	167	145	147	156	230	213	187	187
Fosfatos Naturais		97	97	110	132	269	282	180	138	132	111	111	128	90	115
Nitrocálcio		140	148	162	153	269	342	219	200	215	182	189	162	183	183
Salitre do Chile		283	264	297	263	422	535	457	407	363	368	386	454	462	390
Sulfato de Amônia		132	116	129	146	325	331	179	147	141	143	178	182	163	166
Sup.Fosfato Ca Simples		109	100	104	110	269	296	168	145	130	143	161	158	157	165
Sup.Fosfato Ca Triplo		-	-	-	-	522	523	331	281	257	248	313	287	272	265
Uréia		-	-	-	-	426	526	299	265	246	244	310	295	256	209
<b>DEFENSIVOS - kg</b>															
Aldrin em pó 5%		849	790	745	718	805	792	650	623	704	703	720	879	929	896
Aldrin em pó 40%		-	-	-	-	3.471	3.829	3.401	3.540	3.649	3.499	3.924	4.823	4.660	5.050
BHC em pó 2%		-	-	-	-	517	522	401	419	475	588	515	495	445	493
BHC em pó 3%		438	445	398	440	602	613	-	491	532	548	571	645	586	584
BHC em pó 12%		-	-	-	-	-	-	1.033	985	900	796	696	783	694	809
Formicida em pó		915	874	877	880	1.033	785	725	691	756	743	759	816	887	882
Herbicida em pó		-	-	-	-	7.623	9.007	8.601	8.295	7.855	7.365	8.808	10.201	11.879	9.528
<b>SEMENTES E MUDAS - kg</b>															
Capim		1.171	1.035	1.050	883	1.210	1.187	1.125	894	870	804	502	348	505	933
Milho Híbrido		365	361	407	421	457	526	462	447	481	455	428	472	484	456
Muda de Café (planta)		-	-	-	-	-	-	-	-	91	64	50	34	42	48
Muda de Eucalipto (planta)		-	-	-	-	-	48	39	35	36	31	25	22	23	12
Muda de Laranja (planta)		873	893	879	820	814	843	754	708	627	721	694	810	762	573

Fonte dos dados básicos: Tabela 55

Elaboração: Instituto CEPA/SC



Tabela 57  
 ÍNDICE DE CRESCIMENTO DOS PREÇOS PAGOS PELOS AGRICULTORES DE SANTA CATARINA PARA FERTILIZANTES, DEFENSIVOS E SEMENTES E MUDAS, 1970 A 1983  
 (1970 = 100)

DISCORNTEÇÃO	ANO												
	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983
FERTILIZANTES - Kg													
Calcário Múdo (t)	90	90	96	119	121	114	112	97	91	105	99	92	84
Cloreto de Potássio	112	112	111	198	197	127	110	111	118	174	161	142	142
Fosfatos Naturais	100	113	136	277	291	186	142	136	114	114	132	93	119
Nitrosalício	106	116	109	192	244	156	143	154	130	135	116	131	131
Sulfato de Cálcio	144	162	144	231	292	250	222	198	201	211	248	252	213
Sulfato de Amônio	88	98	111	246	251	136	111	107	108	135	138	123	126
Sup. Fosfato Ca Simplex	92	95	101	247	272	154	133	119	131	148	145	144	151
Sup. Fosfato Ca Triplo	-	-	-	100	100	63	54	49	46	60	55	52	51
Ureia	-	-	-	100	123	70	62	58	57	73	69	60	49
DEFENSIVOS - Kg													
Aldrin em pó 5%	93	88	85	95	93	77	73	83	83	85	104	109	106
Aldrin em pó 40%	-	-	-	100	110	98	102	105	101	113	139	134	145
BHC em pó 2%	-	-	-	100	101	78	81	92	114	100	96	86	95
BHC em pó 3%	102	91	100	137	140	-	112	121	125	130	147	134	133
BHC em pó 12%	-	-	-	-	100	95	87	77	76	67	67	67	78
Fenitida em pó	96	96	96	113	86	79	76	83	81	83	89	97	96
Rebutilida em pó	-	-	-	100	118	113	109	103	97	116	134	156	125
SEMENTES E MUDAS - Kg													
Canim	88	90	75	103	101	96	76	74	69	43	30	43	80
Milho Híbrido	99	112	115	125	144	127	122	112	128	117	129	133	125
Muda de Café (planta)	-	-	-	-	-	-	-	100	70	55	37	46	53
Muda de Eucalipto (planta)	-	-	-	-	100	81	73	75	65	52	46	48	25
Muda de Laranjeira (planta)	102	101	94	93	97	86	81	72	83	79	93	87	66

Fonte dos dados básicos: Tabela 55  
 Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 58

QUANTIDADES DE PRODUTOS AGRÍCOLAS NECESSÁRIAS PARA ADQUIRIR UMA TONELADA DE FERTILIZANTE, SANTA CATARINA, 1975 A 1983

ANO	PREÇOS PAGOS PELOS AGRICULTORES DE SANTA CATARINA, (C\$ 1,00=247/83)			PREÇOS PAGOS PELOS AGRICULTORES CATARINENSES PELOS FERTILIZANTES (247/83 - C\$ /kg)			CALCÁRIO MÓDIO (t)			CLORETO DE POTÁSSIO (t)			SUPER FOSFATO DE CÁLCIO SIMPLES (t)			SUPER FOSFATO DE CÁLCIO TRIPLO (t)			UMCEA (t)									
	CANTIDADES (kg)			CANTIDADES (kg)			CANTIDADES (kg)			CANTIDADES (kg)			CANTIDADES (kg)			CANTIDADES (kg)			CANTIDADES (kg)									
	Arroz	Folhoso	Milho	Arroz	Folhoso	Milho	Arroz	Folhoso	Milho	Arroz	Folhoso	Milho	Arroz	Folhoso	Milho	Arroz	Folhoso	Milho	Arroz	Folhoso	Milho	Arroz	Folhoso	Milho	Soja			
1975	254,32	238,33	120,62	170,03	170,03	170,03	260	266	523	1,6	3,2	2,3	17,0	18,2	35,9	25,5	19,4	26,7	40,9	29,0	34,3	36,6	72,3	51,3	34,5	36,8	72,7	51,6
1976	169,78	378,67	100,84	155,38	167	168	331	299	21.609	2,1	0,9	2,3	16,4	7,4	27,6	17,9	16,5	7,4	27,8	18,0	32,5	14,6	54,7	35,5	22,5	13,2	49,4	32,1
1977	129,84	365,00	75,74	176,72	145	145	281	265	21.280	2,7	1,0	4,7	18,6	6,6	31,9	13,7	18,6	6,6	31,9	13,7	36,1	61,8	26,5	34,0	12,1	58,3	25,0	
1978	166,46	282,47	105,60	166,46	147	130	257	246	18.519	1,9	1,1	2,9	14,7	8,7	23,2	14,7	13,0	7,7	20,5	13,0	25,7	15,2	40,6	25,7	24,6	14,5	38,8	24,6
1979	189,87	267,23	112,16	184,80	156	143	248	244	17.230	1,5	1,1	2,6	13,7	9,7	23,2	14,1	12,6	6,9	21,2	12,9	21,8	15,5	36,9	22,4	21,4	15,2	36,3	22,0
1980	179,02	561,87	115,24	156,41	230	161	313	310	19.940	1,9	0,6	2,9	21,4	6,8	33,3	24,5	15,0	4,5	23,3	17,2	29,1	9,3	45,3	33,4	28,9	9,2	44,8	33,0
1981	126,04	489,08	90,35	129,10	213	158	287	295	18.803	2,5	0,6	3,4	28,2	7,1	39,3	27,5	20,9	5,3	29,1	20,4	38,0	9,6	52,9	37,1	39,0	9,9	54,4	38,1
1982	163,99	282,48	76,09	124,25	187	157	272	256	17.415	1,8	1,0	3,8	19,0	11,0	41,0	25,1	16,0	9,3	34,4	21,1	27,6	16,0	59,6	36,5	26,0	15,1	56,1	34,3
1983	143,00	289,15	126,52	192,45	187	165	265	209	16.008	1,9	0,9	2,1	21,6	10,8	24,5	16,2	19,2	9,5	21,7	14,3	29,8	15,3	34,9	22,9	24,4	12,0	27,5	18,1

Fonte dos dados básicos: EMATER/SC-ACRINESC e FGV  
 Elaboração: Instituto CEPA/SC

### 6.3. Defensivos Agrícolas

O consumo aparente de defensivos agrícolas no Brasil cresceu, de 1975 a 1980, a uma taxa média de 5,2% ao ano, apresentando crescimento negativo apenas em 1976 de 11,5% (tabela 59).

Em 1980, atingiu-se o maior volume físico do período 1975-83, com 97.054 t, crescendo 15,0% em relação ao ano anterior, dos quais as classes de inseticidas, fungicidas e herbicidas participaram com 33,2%; 37,6% e 29,2%, respectivamente, do total geral dos defensivos agrícolas (tabela 59).

A partir de 1980, iniciam-se as quedas no volume físico, caindo 31,0% em 1981, 17,1% em 1982 e 6,4% em 1983, sempre em relação ao ano anterior (tabela 59).

Em 1983, o consumo aparente foi de 52.001 t, representando apenas 53,6% do volume físico de 1980, com participação, no total, de 23,2%, 40,2% e 36,6% das classes de inseticidas, fungicidas e herbicidas, respectivamente.

Pode-se observar, ainda, que as classes de fungicidas e herbicidas têm aumentado o percentual relativo no volume total, enquanto os inseticidas vêm decrescendo nos últimos anos (tabela 60).

A tendência do aumento do uso de herbicida em relação às outras classes deve-se, basicamente, à dificuldade de obtenção de mão-de-obra e seu conseqüente encarecimento, como também à difusão do plantio direto em grandes extensões.

Várias são as fundamentações para o comportamento do setor de defensivos, principalmente quanto à queda do consumo: a) aumento das taxas de juros no financiamento de custeio agrícola; b) dificuldade de obtenção de crédito; c) escoamento dos estoques de defensivos em poder das cooperativas; d) difusão de tecnologias alternativas (manejo integrado de cultura); e) tendência ao uso racional, com conseqüente diminuição do consumo desnecessário; f) aumento dos preços dos defensivos acima das taxas da inflação; g) aprovação do receituário agrônômico em vários estados.

As perspectivas do uso de defensivos agrícolas no país acham-se basicamente limitadas pela conjugação dos vários fatores acima expostos - com tendência a permanecerem enquanto perdurar a

atual política recessiva - e, também, pela conscientização que le va a um consumo menor por unidade de área.

Embora o volume da produção nacional de defensivos agrí colas tenha se reduzido a partir de 1980, sua participação percen tual cresceu de 1975 a 1980 no total do consumo aparente, cumprin do, de certa forma, o seu papel na política de redução das impor tações.

Enquanto em 1975 a produção nacional alcançou 25.184 t, participando com 32,7% do total do consumo aparente, em 1983 pro duziu-se 41.197 t, participando com 79,2%.

Neste período (75-83) as três classes de defensivos a presentaram crescimento da produção nacional com relação ao consu mo total aparente de cada classe (tabela 61 ).

A classe de fungicidas apresentou os maiores índices de participação no período, alcançando 89,3% em 1983. Mas, foi a clas se de herbicidas que mostrou o maior crescimento da participação no período; enquanto em 1975 representou 3,1%, em 1983, passou a 76,0% no volume físico do consumo aparente.

Desta forma, com a redução do consumo aparente e aumen to da participação da produção nacional, no total, as importações sofreram diminuição significativa.

Enquanto em 1975 o país importou 51.889 t de defensivos, em 1983, o volume físico foi reduzido para 10.804 t, representan do uma queda de 79,2%.

O volume físico da classe de inseticidas, fungicidas e herbicidas importados vem apresentando decréscimos relevantes. Em 1975, foram importados - nas três classes - 25.398 t, 5.789 t e 20.718 t, respectivamente, equivalentes a 49,0%, 11,1% e 39,9% do volume físico total. Contudo, em 1983, os valores respectivos fo ram da ordem de 4.005 t/37,1%; 2.236 t/20,7% e 4.563 t/42,2%, res pectivamente (tabela 61). Pode-se verificar, desta forma, que o volume físico importado decresceu no período, em 84,2% para os in seticidas, 61,3% para os fungicidas e 78,0% para a classe dos her bicidas (tabela 59 ).

Além da política de substituição das importações que vem apresentando êxito no seu desempenho, surge também a oportunidade da exportação.

A partir de 1975, as exportações vêm crescendo a uma taxa média de 27,5% ao ano. No período 1975-82, só houve decréscimo em 1976 (12,4%), e a maior taxa de crescimento verificou-se em 1979, com 89,8% em relação ao ano anterior.

Em 1982, exportou-se um volume de 13.536 mil t no valor de US\$ 42.339,3 mil dólares, o que significa um crescimento de 364% e 625% para o volume e valor, respectivamente.

Destes totais, do volume e do valor, participam, respectivamente, os preparados/carrapaticidas/formicidas/inseticidas e semelhantes, (17,0% e 19,9%); os fungicidas (47,8% e 34,1%) e os herbicidas (33,5% e 44,5%).

Pode-se observar, portanto, que o maior volume exportado foi de fungicidas - 47,8%. No entanto, o maior valor FOB exportado foi o de herbicidas - 44,5% (tabela 62).

Esta caracterização do desempenho do setor industrial de defensivos indica uma possível maturidade tecnológica, permitindo competitividade do produto nacional no mercado internacional, onde apenas a Argentina, Tanzânia, Paraguai e Indonésia, absorvem 50% das vendas externas.

Quanto ao uso indiscriminado de defensivos agrícolas, a legislação tem avançado nos últimos anos visando a um maior controle, em função da alta toxicidade da maioria desses produtos.

Pelo simples fato da comodidade, ou por falta de conhecimento técnico (modo de usar, época e forma de aplicação dosagem correta, período de carência, etc.) ou mesmo por negligência pessoal, tanto da área técnica, da indústria dos revendedores e do próprio usuário, o uso inadequado de defensivos tem levado a consequências irreversíveis, pondo em risco o meio ambiente e a vida do ser humano.

Há normas, neste sentido, como é o caso da Portaria nº 007, de 13/01/81, do Ministério da Agricultura.

O passo mais importante, porém, foi a aprovação do primeiro receituário agrônomo do país, no Rio Grande do Sul. Essa lei regula o uso e comercialização dos defensivos, proibindo, sobretudo, a utilização dos clorados, como DDT, BHC, Endrin e Lindane. São Paulo, Paraná e Mato Grosso, por exemplo, também já têm aprovados o receituário agrônomo.

Em outros estados, como Santa Catarina, o projeto já tramita na Assembléia Legislativa, para urgente aprovação, respondendo à mobilização de várias categorias profissionais, demonstrando sensibilidade ao problema e o nível de conscientização alcançada.

Espera-se, portanto, que assim o uso desses produtos seja o mais racional possível, diminuindo o seu consumo no estado e no país. Há que se buscar soluções contra as conseqüências da deterioração das condições de equilíbrio ambiental, para que se tenha uma vida mais saudável, especialmente entre agricultores - por um manuseio adequado - e ainda da população em geral - por um menor índice de resíduos tóxicos nos alimentos, na água, na atmosfera.

Tabela 59

CONSUMO APARENTE DE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS NO BRASIL, 1975 A 1983

CLASSE/ORIGEM	(toneladas)								
	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981 (*)	1982 (*)	1983
<u>INSETICIDAS</u>	41.014	25.940	33.303	37.786	38.851	32.201	19.389	14.698	12.054
Importação	25.398	18.202	23.251	20.628	21.127	19.287	8.562	5.388	4.005
Produção Nacional	15.616	7.738	10.052	17.158	17.724	12.914	10.827	9.310	8.049
<u>FUNGICIDAS</u>	14.681	18.917	25.128	20.660	25.416	36.536	22.004	19.615	20.923
Importação	5.783	9.865	13.225	9.959	10.511	8.736	2.914	2.864	2.236
Produção Nacional	8.898	9.052	11.903	10.701	14.905	27.800	19.090	16.751	18.687
<u>HERBICIDAS</u>	21.388	23.357	19.926	23.001	20.127	28.317	25.622	22.261	19.024
Importação	20.718	22.767	15.595	17.318	10.494	12.776	12.079	7.284	4.563
Produção Nacional	670	590	4.331	5.683	9.633	15.541	13.543	13.977	14.461
<u>TOTAL GERAL</u>	77.083	68.214	78.357	81.447	84.394	97.054	67.015	55.574	52.001
Importação	51.889	50.834	52.071	47.905	42.132	40.799	23.555	15.536	10.804
Produção Nacional	25.184	17.380	26.286	33.542	42.262	56.255	43.460	40.038	41.197

(\*) No item "produção nacional", foram consideradas apenas as quantidades entregues efetivamente para consumo interno.

Fonte: SINPAG/ANDEF

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 60

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DO CONSUMO APARENTE DE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS NO BRASIL, 1975 A 1983

CLASSE/ORIGEM	(volume físico %)								
	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983
<u>INSETICIDAS</u>	53,2	38,0	42,5	46,4	46,0	33,2	28,9	26,0	23,2
Importação	49,0	35,8	44,7	43,1	50,1	47,3	36,3	34,7	37,1
Produção Nacional	62,0	44,5	38,2	51,2	41,9	23,0	24,9	23,3	19,5
<u>FUNGICIDAS</u>	19,0	27,7	32,1	25,4	30,1	37,6	32,9	35,3	40,2
Importação	11,1	19,4	25,4	20,8	25,0	21,4	12,4	18,4	20,7
Produção Nacional	35,3	52,1	45,3	31,9	35,3	49,4	43,9	41,8	45,4
<u>HERBICIDAS</u>	27,8	34,3	25,4	28,2	23,9	29,2	38,2	38,3	36,6
Importação	39,9	44,8	29,9	36,1	24,9	31,3	51,3	46,9	42,2
Produção Nacional	2,7	3,4	16,5	16,9	22,8	27,6	31,2	34,9	35,1

Fonte dos dados básicos: Tabela 59

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 61

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DO CONSUMO APARENTE DE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS NO BRASIL, DA  
DA IMPORTAÇÃO E DA PRODUÇÃO NACIONAL NAS DIVERSAS CLASSES, 1975 A 1983

CLASSES/ORIGEM	(volume físico %)								
	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983
<u>INSETICIDAS</u>	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Importação	62,0	70,1	69,8	54,5	54,3	59,9	44,2	36,7	33,2
Produção Nacional	38,0	29,9	30,2	45,5	45,7	40,1	55,8	63,3	66,8
<u>FUNGICIDAS</u>	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Importação	39,3	52,1	52,6	48,2	41,3	23,9	13,2	14,6	10,7
Produção Nacional	60,7	47,9	47,4	51,8	58,7	76,1	86,8	85,4	89,3
<u>HERBICIDAS</u>	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Importação	96,8	97,4	78,2	75,2	52,1	45,1	47,1	34,3	24,0
Produção Nacional	3,2	2,6	21,8	24,8	47,9	54,9	52,9	65,7	76,0
<u>TOTAL GERAL</u>	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Importação	67,3	74,5	66,4	58,8	49,9	42,0	35,1	28,0	20,8
Produção Nacional	32,7	25,5	33,6	41,2	50,1	58,0	64,9	72,0	79,2

Fonte dos dados básicos: Tabela 59

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 62

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS, POR CLASSE, 1975 A 1982

ANO	PREP./CARRAP./FORMIC./ INSETIC.E SEMELHANTES		FUNGICIDA		HERBICIDA		OUTROS		TOTAL	
	Volume (t)	Valor FOB (US\$)	Volume (t)	Valor FOB (US\$)	Volume (t)	Valor FOB (US\$)	Volume (t)	Valor FOB (US\$)	Volume (t)	Valor FOB (US\$)
1975	548.220	1.049.129	2.143.107	3.919.343	198.869	820.792	29.216	49.139	2.919.412	5.838.403
1976	662.142	1.719.039	1.703.245	2.892.109	58.284	296.901	133.021	136.775	2.556.692	5.044.824
1977	780.094	1.527.357	2.198.825	3.377.396	18.400	83.677	110.624	184.613	3.107.943	5.173.043
1978	1.310.655	4.007.856	3.750.098	5.605.511	187.136	576.645	112.976	186.140	5.360.865	10.376.152
1979	1.040.022	2.047.024	7.971.311	13.166.616	961.809	6.692.075	203.968	496.169	10.177.110	22.401.884
1980	1.095.967	3.523.259	8.803.136	17.259.675	1.504.021	5.963.927	174.250	483.224	11.577.374	27.230.085
1981	1.408.131	6.082.670	8.198.028	15.987.104	2.206.178	9.185.977	216.033	538.293	12.028.370	31.794.044
1982 <sup>(1)</sup>	2.317.420	8.412.606	6.472.565	14.452.340	4.529.126	18.860.456	217.522	613.880	13.536.633	42.339.282

(1) Dado preliminar

Fonte: Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil

Elaboração: Instituto CEPA/SC



**7. BALANÇO DE OFERTA  
E DEMANDA DE PRODUTOS  
AGROPECUÁRIOS**





## 7. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS

Ao se estimar o balanço de oferta e demanda de produtos agropecuários de Santa Catarina, para as safras 1982/83 e 1983/84, (tabelas 63 e 64) procurou-se retratar uma situação normal do se tor, sem se levar em consideração variações climáticas que poderão ocorrer durante o ano de 1984, tais como estiagens, geadas, granizo, influenciando direta ou indiretamente na produção final.

Ainda com relação às tabelas mencionadas, cabe destacar, na composição do balanço de oferta e demanda, alguns aspectos es pecíficos para cada produto considerado:

**ALHO:** Considerou-se, sobre a produção bruta, 15% de perdas decorrentes de quebras de cura, armazenagem e descartes diversos durante o beneficiamento e a embalagem. Os alhos industriais são os tipos considerados abaixo da classificação, sem valor para comércio "in natura". O volume destinado ao consumo interno é baseado no consumo de 386 g/per capita/ano (levantamento da G.HORT/SNAP/MA).

**ARROZ:** Apesar do excedente de produção em relação à demanda interna, o estado de Santa Catarina importa anualmente cerca de 100 mil toneladas, principalmente do Rio Grande do Sul, com a finalidade de atender as necessidades dos engenhos.

**BATATA-INGLESA:** O estado apresenta, na safra 1982/83, uma produção de batata-semente certificada da ordem de 39.500 t. Esta produção foi quase na sua totalidade comercializada junto aos estados do Paraná, São Paulo e Minas Gerais. A demanda estadual de sementes certificadas de batata corresponde a apenas 10% da área total de batata para consumo implantada anualmente.

**CEBOLA:** A reserva de bulbos para plantio destina-se à produção de sementes, uma vez que essa cultura completa seu ciclo bienalmente. O consumo médio é estimado de maio a dezembro em 404 g/habitante/mês. A oferta líquida compreende o volume exportado para outros estados, considerando o produto "curado".

**FEIJÃO:** O excedente do produto é vendido para os mercados de São Paulo, Rio de Janeiro e para algumas praças do Nordeste brasileiro.

FUMO: Toda a produção é industrializada fora de Santa Catarina, sendo que, a nível de estado, a matéria-prima é apenas pré-beneficiada. Parte do produto é transformado em cigarros, principalmente no estado do Rio Grande do Sul, enquanto a outra parcela é destinada ao comércio exterior sob a forma de fumo em folha.

MILHO: Nas estimativas do consumo animal está computado, inclusive, o produto destinado à transformação em ração balanceada.

SOJA: Foi considerada como demanda industrial a capacidade de esmagamento instalada no estado, 1.350.000 t. A produção obtida dessa leguminosa não atende as necessidades existentes, fazendo-se necessária a importação do produto de outros estados brasileiros. Entretanto, cabe salientar que Santa Catarina exporta o produto para o mercado internacional.

TRIGO: As necessidades do produto são supridas pela produção de outros estados da federação e pela importação realizada pelo Governo Federal. Cabe salientar que a comercialização e a sua distribuição são efetuadas pelo Governo.

SUÍNOS: No superávit apresentado, estão inseridas as exportações do produto nas formas industrializadas ou em equivalente-carcaças, além das vendas de suínos vivos (no cálculo transformado em carne) para outras unidades da federação.

LEITE: Na coluna "consumo humano" computaram-se o produto "in natura" pasteurizado (80.402.600 l) e aquele consumido sem ter passado pelas usinas de beneficiamento, ou seja, consumido a nível de propriedade rural ou nas periferias das cidades (187.597.400 l). Na coluna "consumo industrial" foi computado todo o leite transformado em derivados (queijo, manteiga, yogurte, etc.) nas usinas e nas unidades produtoras.

Tabela 63

ESTIMATIVA DO BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS DE SANTA CATARINA, 1982/83  
(toneladas)

PRODUTO	OFERTAS	DEMANDA ESTADUAL						SALDO (Déficit ou Superávit)
		PERDAS	Consumo			Reservas p/sementes	TOTAL	
			Animal "in natura"	Humano "in natura"	Industrial			
Alho	8.589	1.300	-	1.400	1.200	2.000	5.900	2.689
Arroz em casca	395.317	39.000	-	270.000	-	15.000	324.000	71.317
Batata inglesa	118.494	23.500	-	97.000	-	24.000	144.500	(-)26.006
Cebola	125.710	37.700	-	10.500	-	500	48.700	77.010
Feijão	162.428	16.000	-	90.000	-	13.000	119.000	43.428
Fumo	132.063	9.250	-	-	-	-	9.250	122.813
Mandioca	999.746	10.000	453.480	61.800	469.180	-	994.460	5.286
Milho	1.687.125	170.000	2.130.000	60.000	60.000	6.000	2.426.000	(-)738.875
Soja	405.400	12.160	9.700	1.000	1.350.000	23.000	1.395.860	(-)990.460
Tomate	33.694	7.000	-	24.000	-	-	31.000	2.694
Trigo	9.881	400	-	-	229.000	1.300	230.700	(-)220.819
Banana	273.250	27.000	-	20.000	22.000	-	69.000	204.250
Maçã	57.338	3.596	-	7.000	4.673	-	15.269	42.069
Carne de aves	418.286	-	-	99.165	-	-	99.165	319.121
Carne bovina	37.685	9.545	-	56.134	-	-	65.679	(-)27.994
Carne suína	286.554	-	-	76.780	-	-	76.780	209.774
Leite (1000 ℓ)	529.015	-	122.015	267.626	139.374	-	529.015	-

Fonte dos dados básicos: IBGE/GCEA-SC, Instituto CEPA/SC, Agroindústrias, Cooperativas e EMATER-SC/ACARESC

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 64

ESTIMATIVA DO BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS DE SANTA CATARINA, 1983/84  
(toneladas)

PRODUTO	OFERTAS	DEMANDA ESTADUAL						SALDO (Déficit ou Superávit)
		PERDAS	Consumo			Reservas p/sementes	TOTAL	
			Animal "in natura"	Humano "in natura"	Industrial			
Alho	9.721	1.150	-	1.500	1.250	2.000	5.900	3.821
Arroz em casca	440.388	44.039	-	272.000	-	15.000	331.039	109.349
Batata inglesa	152.755	30.555	-	97.000	-	23.000	150.555	2.200
Cebola	120.216	36.000	-	10.500	-	50	46.550	73.666
Feijão	313.028	31.300	-	90.000	-	13.000	134.300	178.728
Fumo	171.163	12.000	-	-	-	-	12.000	159.163
Mandioca	1.040.000	11.000	471.000	64.000	488.000	-	1.034.000	6.000
Milho	2.426.598	291.000	2.200.000	60.000	60.000	4.500	2.615.500	188.902
Soja	578.763	17.800	10.000	1.000	1.350.000	23.000	1.401.800	(-)823.037
Tomate	42.000	12.600	-	24.000	-	-	36.600	5.400
Trigo	15.000	700	-	-	229.000	1.400	231.100	(-)216.100
Banana	279.400	28.000	-	20.000	23.000	-	71.000	208.400
Maçã	85.000	4.250	-	7.000	6.800	-	18.050	66.950
Carne de aves	364.520	-	-	99.000	-	-	99.000	265.520
Carne bovina	37.000	-	-	55.000	-	-	55.000	(-)18.000
Carne suína	276.000	-	-	75.000	-	-	75.000	201.000
Leite (1000 ℓ)	527.015	-	122.015	268.000	137.000	-	527.015	-

Fonte dos dados básicos: IBGE/GCEA-SC, Instituto CEPA/SC, Agroindústrias, Cooperativas e EMATER-SC/ACARESC

Elaboração: Instituto CEPA/SC



**8. EXPORTAÇÃO  
INTERNACIONAL DE  
PRODUTOS AGROPECUÁRIOS**



## 8. EXPORTAÇÃO INTERNACIONAL DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS

Santa Catarina exportou em 1983, segundo a CACEX, o equivalente a 885.831 mil dólares (valor FOB). Em 1981 e 1982 esse valor foi 946.061 mil e 848.905 mil dólares, respectivamente, e de janeiro a abril de 1984, 301.855 mil dólares (tabela 65).

Para o ano de 1983 (situação até agosto), para produtos agropecuários (produtos pecuários, agrícolas "in natura" e agrícolas industrializados), os dados da CACEX indicavam Santa Catarina como 4ª exportador do país, ficando atrás somente dos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná.

Nos anos de 1981 e 1982 a participação do estado em relação ao valor total exportado pelo país (23.293.035 mil dólares em 1981 e 20.175.071 mil dólares FOB em 1982) é 4,06% e 4,21%, respectivamente, conferindo-lhe a posição de 7ª exportador brasileiro.

A participação relativa no valor total exportado - 848.905 mil dólares FOB 1982 - destaca como principais importadores do estado, os seguintes países: França, 13,6%; Estados Unidos, 12,3%; Alemanha Ocidental, 6,4%; Arábia Saudita, 6,0%; Iraque, 5,6%; Países Baixos, 5,6%; Reino Unido, 5,4%, entre outros.

Em 1983 (situação até julho), houve pequenas mudanças na ordem de importância e a inclusão de outros importadores, figurando entre os principais. A participação relativa, nesse período, foi a seguinte: Estados Unidos, 12,76%; Países Baixos, 8,96%; URSS, 8,57%; Alemanha Ocidental, 8,11%; França, 6,77%; Reino Unido, 5,33% e a Índia com 5,32%, entre os que se destacaram.

Aproximadamente 80% dos produtos exportados tem seu embarque feito no próprio estado. Em 1981 e 1982 de um total de 3.104.333 toneladas exportadas, 2.455.762 escoaram através dos portos catarinenses e 648.571 através de outros estados.

Em 1982, o estado se destacou a nível nacional, como o 1ª exportador de carne de aves congelada (156.798 toneladas), 2ª exportador de fumo em folhas (31.630) e açúcar refinado (345.337); 3ª exportador de óleo de soja em bruto (22.785) e 4ª exportador de farelo de soja (839.490).

Em 1981, a posição do estado como exportador desses pro



duto era a mesma, variando apenas as quantidades exportadas: carne de aves congelada, 129.018 toneladas; fumo em folha, 25.636 toneladas; açúcar refinado, 276.703 toneladas; óleo de soja em bruto, 105.811 toneladas e farelo de soja, 657.917 toneladas.

Apesar do incremento do volume total das exportações em 1983, nota-se, através da tabela seguinte, que seu valor decresceu em relação a 1981 e teve um superficial aumento em relação a 1982, significando uma queda considerável no valor médio dos produtos. Podemos tomar, como exemplos, alguns entre os principais produtos exportados, utilizando para isso os valores recebidos em US\$ por tonelada nos anos de 1981 e 1983, respectivamente: carnes de aves, US\$ 1.210 e 800; açúcar refinado, US\$ 406 e 220 e óleo de soja em bruto, US\$ 510 e 420.

Quanto ao ano de 1984 (janeiro-abril), tanto os principais produtos como o total exportado pelo estado apresentaram uma recuperação no valor recebido por tonelada em relação ao ano de 1983.

Uma perspectiva de incremento das exportações brasileiras, e inclusive as catarinenses, surge com o emprego do sistema de "marketing", através do qual empresários estão divulgando com mais afinco o produto brasileiro nos mercados consumidores atuais, e tentando ampliar estes mercados.

Tabela 65

EXPORTAÇÃO TOTAL E DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS, SANTA CATARINA, 1981 A 1984

PRODUTO	1981		1982		1983		1984 <sup>(1)</sup>	
	Tonelada	US\$ 1.000 FOB	Tonelada	US\$ 1.000 FOB	Tonelada	US\$ 1.000 FOB	Tonelada	US\$ 1.000 FOB
Carne de Aves congelada	129.018	156.527	156.798	146.642	153.603	123.072	44.079	37.599
Farelo de Soja	657.917	150.773	839.490	180.417	715.863	143.739	121.800	26.740
Fumo	25.636	77.473	31.630	116.099	28.790	85.392	4.340	13.887
Óleo de Soja em bruto	105.811	53.560	22.785	10.661	31.217	13.184	25.419	12.817
Óleo de Soja refinado	18.724	8.701	51.240	21.778	72.583 <sup>(2)</sup>	28.073 <sup>(2)</sup>	-	-
Açúcar refinado	276.703	126.464	345.337	81.758	216.369	48.075	87.669	16.517
SUB-TOTAL	1.213.809	573.498	1.447.280	557.355	1.218.425	441.535	283.307	107.560
TOTAL GERAL	1.469.359	946.061	1.634.974	848.905	1.968.240	885.831	517.053	301.855

(1) Período de janeiro à abril

(2) Situação até julho

Fonte: CACEX do Banco do Brasil

Elaboração: Instituto CEPA/SC

## **9. VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA**



## 9. VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA

### - Metodologia utilizada

Para os cálculos do Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP), seja a nível de microrregião homogênea, seja a nível de Santa Catarina, foram utilizados os seguintes parâmetros de referência:

#### 1. Quanto aos preços:

a) Lavoura e Pecuária - tomaram-se por base os preços médios mensais praticados pelo produtor, no ano, ponderados por microrregiões produtora, coletados pela EMATER/SC-ACARESC.

Com alguns produtos o critério utilizado foi diferente, em função de que os dados estão disponíveis de outra forma, a saber:

b) Alho - foram considerados os preços médios recebidos pelos agricultores, ocorridos no período de maior comercialização da safra, coletados através do Instituto CEPA/SC.

c) Frutas - para as culturas de maçã e de uva vinífera, utilizaram-se os preços médios ponderados do produto vendido (para consumo "in natura" e para fins industriais) nas regiões onde as culturas recebem a orientação do PROFIT - Projeto de Fruticultura de Clima Temperado da EMATER/SC-ACARESC; para a cultura da banana empregaram-se os preços da EMATER/SC-ACARESC, coletados através de seus Escritórios Regionais e Locais.

d) Pescado - contemplaram-se os preços recebidos pelos pescadores nos locais de desembarque do produto, tais como trapiches, portos, beira de praias, ou quando da chegada do pescado na indústria pesqueira.

e) Produção florestal - computaram-se os preços unitários constatados a nível de produtor dos itens madeira em geral (árvores nativas e cultivadas para papel e celulose), carvão vegetal, lenha, erva-mate e palmito, coletados pela Fundação IBGE, através dos Censos Agropecuários de Santa Catarina de 1970, 1975 e 1980. Para 1983, os preços foram coletados junto ao IBDF, indústrias madeireiras e de pasta mecânica. Os dados intercensitários e subsequentes foram estimados pelo Instituto CEPA/SC, baseado nos preços básicos.

## 2. Quanto às quantidades produzidas:

a) Lavoura - utilizaram-se as quantidades produzidas, por MRH, conforme dados oficiais da Fundação IBGE.

b) Pecuária - nos itens bovinos, suínos e aves, consideraram-se os animais vendidos para abate, mais os abatidos na propriedade, por MRH, segundo o IBGE, através dos dados censitários de 1975 e 1980. Os dados intercensitários e subseqüentes foram estimados pelo Instituto CEPA/SC, fundados nos informes básicos dos Censos de 1975 e 1980.

No item "leite", considerou-se todo o produto produzido na propriedade, inclusive aquele consumido pelo terneiro. Os dados de produção foram originários dos Censos Agropecuários de Santa Catarina de 1975 e 1980. Foram feitas estimativas dos anos intercensitários e subseqüentes através do Instituto CEPA/SC.

c) Frutas - para as culturas de maçã e uva vinífera, comparam-se as quantidades produzidas localizadas na área do PROFIT; para a cultura da banana consideraram-se os dados de produção do IBGE.

d) Pescado - utilizou-se, para efeito de cálculo, a quantidade de produto desembarcado, conforme já mencionado anteriormente.

e) Produção florestal - utilizou-se o mesmo raciocínio empregado no item "preços".

Cabe salientar que o Valor Bruto da Produção Agropecuária aqui apresentado é apenas uma aproximação do VBP do Setor para Santa Catarina, pois:

1º) no item "bovinos" estão incluídos os animais oriundos de outros estados da federação;

2º) os produtos agrícolas utilizados na alimentação animal, principalmente o milho, sofreram dupla contagem, uma vez que aparecem no subsetor "lavoura" e estão incorporados no VBP da pecuária;

3º) em contrapartida, aos itens 1º e 2º não estão incluídos aqueles produtos agropecuários que, individualmente, têm menor importância econômica para o estado.

Para se eliminar os efeitos inflacionários ocorridos no

transcorrer dos meses do ano, a fim de se obter uma visão mais aproximada da realidade agrícola estadual, utilizou-se nas análises que seguem o Índice Geral de Preços - IGP (Disponibilidade Interna) Coluna 2, da revista Conjuntura Econômica, publicada pela Fundação Getúlio Vargas, transformando-se os valores a preços de dezembro de 1983.

#### - Considerações sobre o VBP Agropecuário

Ao analisar-se o comportamento do VBP agrícola catari - nense nas safras de 1976/77 (1977) a 1982/83 (1983), considerando os produtos oriundos dos subsetores de lavouras, frutas, pecuária, pescado e produção florestal (tabela 68), observa-se uma oscilação bastante expressiva, uma vez que na safra 1976/77 verificou-se um VBP agropecuário de Cr\$ 1.149.892 milhão, atingindo seu nível máximo na safra 1979/80 com o valor de Cr\$ 1.795.524 milhão, baixando novamente para Cr\$ 1.421.697 milhão na safra 1982/83.

Na participação percentual dos subsetores agropecuários para a formação do VBP, na safra 1982/83, destacam-se a pecuária com 44,51%; seguida pelas lavouras, com 39,76%; produção florestal, 11,12%; frutas, 2,51%; e pescado, 2,10% (tabela 69).

Cabe salientar que a participação do subsetor lavouras decresceu nas safras de 1977/78 e 1978/79, em função da estiagem, afetando seriamente aqueles produtos vegetais mais representativos no estado. Na safra de 1982/83, ocorreu novamente frustração de safra, devido às fortes chuvas ocorridas no período maio/julho de 1983, afetando, principalmente, os grãos e com menos intensidade o pescado e os rebanhos de leite e de corte.

Continuando a análise do VBP da safra 1982/83, a nível de produto, pela ordem de importância econômica no setor agropecuário, relacionando-se as dez principais explorações com participação no VBP acima de 3% e que perfazem no seu total 83,04%, aparecem os suínos terminados em primeira posição, 16,62%; seguem as aves abatidas, 15,71%; a cultura do milho, 13,04%; a madeira (nativa + papel e celulose), 7,96%; o fumo, 5,99%; os bovinos, 5,60%; o leite, 5,54%; a soja, 5,17%; o arroz 4,30%; e o feijão 3,11% (tabela 69).

Ao analisar a participação percentual dos produtos no VBP agrícola (tabela 70), por subsetor (safra 1982/83), na ativi-

dade lavoura, a cultura do milho mantém a primeira posição, com 32,80%; seguindo-se o fumo, com 15,08%; a soja, 13,00%; o arroz, 10,81%; o feijão 7,81%; a batata-inglesa, 5,68%; a cebola, 5,06%; o alho, 3,36%; aparecendo a raiz de mandioca em 9<sup>a</sup> posição com 3,28%, perfazendo, no conjunto, 96,88% do VBP.

Na atividade frutas, merece destaque a cultura da banana, contribuindo com 55,89%, seguida pela maçã, com 43,27%.

Na pecuária, os suínos terminados assumem a primeira posição, participando com 37,34%; seguem as aves abatidas, 35,28%; os bovinos, 12,59%; o leite, 12,46%; e o mel de abelha, com 1,48%.

No pescado, o grupo de peixes participou com 66,08%, com destaque para as sardinhas, enquanto no grupo dos crustáceos houve uma contribuição de 33,43%, proporcionados pelos camarões "rosa" e "sete barbas", principalmente pelo seu alto valor unitário se comparado com os peixes.

No subsetor produção florestal, merece destaque a exploração da madeira, seja nativa ou para papel e celulose, participando com 71,62% do VBP, enquanto o item lenha contribuiu em 17,04%.

No que tange ao comportamento do VBP agropecuário na safra 1982/83, quando comparado com a safra 1981/82, e tendo-se eliminado os efeitos inflacionários, observa-se, conforme tabelas 68 e 71, uma diminuição real no seu montante de -3,60%.

Esse decréscimo foi ocasionado pela redução dos subsectores lavoura em torno de -13,05%; das frutas, -22,60%; e, do pescado em -2,26%. Por outro lado, a elevação dos montantes dos subsectores pecuária em 3,23% e da produção florestal em 17,09% não foi suficiente para evitar a queda do Valor Bruto da Produção agropecuária estadual.

No subsetor lavoura, a retração da produção das culturas de batata-inglesa (-26,32%); cana-de-açúcar (-18,71%); feijão (-49,42%); raiz de mandioca (-12,39%); milho (-35,81%); soja .... (-24,08%); e tomate (-13,36%), precedida pelo preço médio baixo a nível de produtor, verificado junto às culturas de alho (-28,83%); arroz (-7,40%); cana-de-açúcar (-23,28%); cebola (-18,68%); feijão (-5,71%); fumo em folha (-19,63%); e raiz de mandioca (-8,84%) contribuiu de maneira decisiva na redução do VBP da lavoura na safra 1982/83, comparada com a safra anterior.

No subsetor pecuária, a elevação do valor bruto da produção foi consequência do aumento das produções de aves, 2,22%; suínos, 5,97%; mel de abelha, 16,67%; ovos, 0,78%, enquanto a exploração leiteira manteve, em 1983, a mesma produção do ano anterior.

Quanto aos preços unitários verificados em 1983, comparados com o ano de 1982, as aves cresceram 3,49%; os bovinos de corte, 6,14%; e o mel de abelha, 56,15%, enquanto o leite decresceu -7,19%; os suínos, -1,84% e os ovos em -8,20%. No entanto, o aumento da produção de suínos terminados compensou plenamente a redução do seu preço unitário.

A produção de pescado verificada em 1983, comparada com o ano anterior, mostrou um decréscimo do VBP nos três itens computados (peixes, crustáceos e moluscos) de -2,26%.

O grupo de peixes apresentou uma redução na produção de -3,35%, ocasionado, principalmente, pela redução na captura de sardinha verdadeira (-2,3%) - produto mais representativo quantitativamente nesse grupo; da tainha (-23,10%); da castanha (-52,3%); e da anchova (-26,4%).

O grupo de crustáceos, representado principalmente pelo camarão sete barbas, camarão rosa, camarão legítimo e siri, apresentou um crescimento negativo do VBP de -3,11%, tendo como responsável a redução de captura do camarão sete barbas (-19,7%) e camarão rosa (-1%).

O grupo dos moluscos (berbigão, lula, marisco, etc) apresentou VBP negativo de -35,69%, ocasionado pela diminuição das quantidades físicas capturadas e de seus preços unitários.

O subsetor frutas identificou VBP negativo de -22,60%, verificando-se taxas negativas de crescimento na produção da banana (-0,32%), maçã (-26,98%) e uva vinífera (-44,62%), cujos preços unitários foram decrescentes para a cultura da banana (-5,96%) e maçã (-12,94%), e crescente para uva vinífera em apenas 0,62%.

O subsetor produção florestal mostrou uma evolução do VBP de 17,09%, com o item madeira em geral subindo em 14,45%, sendo que "papel e celulose" evoluiu em 0,58% e "madeiras nativas" em 20,50%. O fator responsável, no primeiro caso, foi a verificação de uma oferta crescente do produto reflorestado, em função, prin-



principalmente, do amadurecimento das florestas implantadas e, no segundo caso, esse aumento significativo está em função de uma procura crescente e de uma oferta reprimida, uma vez que as florestas naturais tornam-se a cada ano mais escassas, ocasionando um aumento acentuado dos preços unitários do produto.

Para os demais itens analisados, todos apresentaram seu VBP com crescimento positivo em 1983, comparado com o ano anterior: carvão vegetal (9,86%); lenha (26,22%); erva-mate (24,77%); e palmito (6,19%). Esse comportamento ascendente ocorreu em função do mercado estar comprador e dos preços se apresentarem altas.

Finalmente, cabe salientar que o decréscimo do VBP agropecuário na safra 1982/83, em relação à safra 1981/82 (-3,60%), foi em decorrência de fatores climáticos adversos, conforme já mencionado em trabalhos e artigos publicados pela Secretaria da Agricultura e do Abastecimento, de suas vinculadas e de outros órgãos ligados ao setor agrícola catarinense, e reafirmado no volume 1 da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina, 1983-84 no item "Desempenho da Safra 1982/83 e Perspectivas para a Safra 1983/84", a partir da página 32.

Com o início das chuvas abril/maio-83 e intensificadas nos meses de junho/julho-83, o setor agropecuário estadual sofreu prejuízos sem precedentes face ao volume das águas e à extensão territorial do fenômeno, trazendo perdas acentuadas para a maioria dos produtos agropecuários mais representativos sócio-economicamente, não contando os danos causados ao solo agrícola e às benfeitorias das propriedades rurais.

Os produtos e explorações que apresentaram perdas nas quantidades físicas - na safra 1982/83, relacionada com a safra anterior - foram: arroz (30.090 t); batata-inglesa (42.325 t); cana-de-açúcar (191.298 t); feijão (158.650 t); fumo em folha (67 t); mandioca (141.351 t); milho (941.431 t); soja (128.603 t); tomate (5.195 t); banana (875 t); maçã (19.858 t); uva vinífera (1.457 t); bovinos (19.500 t); leite (180 mil litros); peixe (2.493 t) e crustáceos (663 t).

Essas perdas, além de elevarem os preços abruptamente para alguns produtos, provocaram problemas no abastecimento a nível interno e mesmo nacional, como foi o caso do milho e do arroz

- cuja importação foi necessária - ou do feijão que foi suprido a través dos estoques da CFP. Tais perdas também exerceram reflexos negativos junto ao homem do campo, uma vez que ocorreu uma queda acentuada do seu poder aquisitivo, gerando, desta forma, uma certa intranquilidade e insegurança, com riscos de abandono de sua atividade e conseqüente êxodo; trazendo, ainda como conseqüências das perdas, uma alta verificada nos custos de produção de aves e de suínos, devido à insuficiência no abastecimento de insumos (milho e soja) para essas criações (tabelas 72 e 73).

#### - Análise do VBP Agropecuário por Microrregião Homogênea

Tomando-se a safra 1981/82, por ser normal, verifica-se, de um total de 16 microrregiões homogêneas, que as 5 com participação acima de 5% no valor bruto das lavouras somaram 68,58% do total, enquanto as demais 11 microrregiões participaram com apenas 31,42% (tabela 85).

Entre as 5 MRH que se destacam, há também grandes disparidades. A microrregião Colonial do Oeste Catarinense colocou-se muito à frente das demais, com 33,25% do VBP das lavouras do estado. Esse destaque deveu-se principalmente a três produtos: soja, milho e feijão que foram responsáveis por 65,02%, 54,57% e 52,42%, respectivamente, do Valor Bruto dessas lavouras no estado.

A segunda MRH, que participa com menos de 1/3 da primeira, é a Colonial do Rio do Peixe, responsável por 11,28% do VBP das lavouras do estado. Contribuem para isso, principalmente, a uva vinífera, com 100,00%; a maçã, com 55,10%; o milho, com 19,61%, e a batata-inglesa, com 11,59% da produção estadual.

A microrregião Colonial do Alto Itajaí coloca-se na terceira posição, com 10,84% do estado, sendo as contribuições mais destacadas as da cebola (42,24%), da mandioca (30,57%), do fumo (23,85%), da batata-inglesa (10,81%), do feijão (9,31%), e do arroz (8,41%), em relação à produção total.

Segue-se a MRH Planalto de Canoinhas, que participa com 7,30%, divididos principalmente entre o feijão (13,53%), batata-inglesa (12,51%), soja (11,38%), trigo (9,34%), fumo (7,46%), e tomate (6,41%), considerando-se a produção catarinense.

A quinta posição, na formação do Valor Bruto da Produ

ção da lavoura estadual, é da Carbonífera, com 5,91%, destacando-se o fumo (17,98%), a batata (14,22%), o tomate (14,20%), a mandioca (9,75%) e o arroz (6,51%), do total produzido.

As microrregiões Colonial de Blumenau, Colonial Serrana Catarinense, Litoral Sul Catarinense, Colonial Sul Catarinense e Campos de Curitibanos ocupam as posições seguintes, com participações individuais superiores a 3%, enquanto as demais 6 microrregiões contribuem com valores inferiores a esse percentual.

A pecuária estadual - expressa na forma de Valor Bruto da Produção e tendo como base os dados censitários do rebanho de Santa Catarina (bovinos, suínos e aves) sobre os quais calcularam-se as respectivas taxas de desfrute e conseqüente produção - apresenta uma concentração maior que a das lavouras, devido à significativa ocorrência da exploração avícola e suinícola nas microrregiões homogêneas Colonial do Oeste Catarinense e do Rio do Peixe. Essas duas microrregiões somam 64,3% do Valor Bruto da Produção da pecuária estadual, enquanto as outras 14 MRH são responsáveis por 35,68%.

A participação das microrregiões homogêneas e dos produtos, com relação à produção total do Estado, configura-se da seguinte maneira:

1. A microrregião Colonial do Rio do Peixe detém a primeira colocação, contribuindo com 32,65% do VBP da pecuária, com destaque para a distribuição de 48,14% de aves, 32,26% de suínos, 15,27% de leite e 11,67% de bovinos, sendo a maior MRH produtora de frangos do estado;

2. Aparece na segunda posição a microrregião Colonial do Oeste Catarinense, que participa com 31,67% do VBP pecuário, representado por 49,71% de suínos, 24,14% de aves, 18,73% de leite e 14,01 de bovinos, sendo esta MRH a de maior expressão na produção de suínos;

3. A microrregião Carbonífera é a que apresenta o terceiro desempenho, alcançando 4,65% do Valor Bruto da Produção da pecuária, sendo 6,60% com a participação de bovinos, 5,97% de leite, 5,10% de suínos e 2,89% de aves;

4. A seguir, aparecem os Campos de Curitibanos com 4,45%, sendo 14,58% de participação de bovinos, e 8,0% de leite;

5. A microrregião Colonial de Blumenau ocupa o 5º lugar, com 4,41% do valor bruto da produção pecuária, creditando-se 9,51% ao leite, 8,05% aos bovinos, 3,51% às aves e 2,05% aos suínos (tabelas 85 a 90).

6. Participando com mais de 3% na formação do Valor Bruto da Produção pecuária, aparecem as microrregiões de Florianópolis (3,92%); Colonial do Alto Itajaí (3,20%) e Campos de Lages (3,60%);

7. A microrregião Colonial de Joinville e Planalto de Canoinhas apresenta uma contribuição com mais de 2%, ficando as 9 restantes com participação abaixo de 2%.

Adicionando-se os valores brutos das lavouras aos da pecuária, que compõem parte substancial da agricultura, pois não estão sendo considerados a extração vegetal, as olerícolas e o pescado, obtém-se a seguinte distribuição, conforme tabela 90:

1. As 5 microrregiões que possuem participação acima de 5% somam 71,61% do valor bruto das lavouras e dos rebanhos, vistos em conjunto;

2. a microrregião Colonial do Oeste Catarinense, sozinha, é responsável por 32,49% do total estadual, vindo logo a seguir a Colonial do Rio do Peixe que, apesar de estar bem à frente das demais, participa com 21,56%;

3. as outras 3 microrregiões que se salientam ocupam um terceiro patamar: Colonial do Alto Itajaí (7,16%), Carbonífera (5,31%) e Planalto de Canoinhas (5,09%), ficando as 11 microrregiões restantes com 28,39% do Valor Bruto da Produção agropecuária catarinense.

PREÇOS MÉDIOS UNITÁRIOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES DE SANTA CATARINA,  
SAFRA DE 1976/77 A 1982/83

PRODUTO	(Cr\$/kg - a preços de dez/83)							
	SAFRA	1976/77	1977/78	1978/79	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83
Alho	-	-	-	705,58	907,95	3.111,22	2.214,30	
Arroz	125,97	166,63	189,58	180,28	123,21	167,02	154,66	
Batata-inglesa	154,79	186,09	114,18	268,93	202,88	126,30	271,11	
Cana-de-açúcar	10,04	8,54	8,50	10,17	8,84	10,01	7,68	
Cebola	-	-	-	395,70	106,95	279,89	227,59	
Feijão	366,79	277,53	264,08	542,57	499,74	288,14	271,70	
Fumo	801,96	901,06	709,06	630,34	658,84	802,89	645,31	
Mandioca	45,63	20,96	23,20	47,11	31,75	20,37	18,57	
Milho	72,24	105,44	109,54	110,93	91,45	76,60	109,83	
Soja	179,34	167,71	185,83	162,22	130,39	126,02	181,23	
Tomate	262,39	221,48	243,03	262,04	232,40	225,31	266,59	
Trigo	186,96	171,77	153,15	170,54	119,09	161,53	164,61	
Banana	89,23	102,47	123,84	115,61	84,05	77,54	72,92	
Maçã	293,19	254,68	269,29	257,00	248,52	329,72	287,07	
Uva vinífera	188,16	177,74	208,55	345,14	225,91	163,96	164,97	
Aves (cabeça)	1.040,00	1.060,00	1.230,00	1.170,00	960,00	860,00	890,00	
Bovinos (cabeça)	326.210,00	423.800,00	658.330,00	553.550,00	364.680,00	293.050,00	311.050,00	
Leite (litro)	196,13	...	179,26	186,50	183,90	165,67	154,56	
Suínos (cabeça)	70.240,00	61.700,00	70.560,00	66.750,00	47.470,00	56.280,00	55.260,00	
Mel	1.165,92	3.200,00	1.205,43	1.195,47	1.345,93	1.425,75	2.226,33	
Ovos (cúzia)	-	-	-	493,14	431,99	475,05	439,06	

Fonte dos dados básicos: EMATER-SC/ACARESC e FGV

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 67

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS DE SANTA CATARINA,  
1976/77 A 1982/83

(a preços correntes-Cr\$ 1.000,00)

PRODUTO	SAFRA	1976/77	1977/78	1978/79	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83
<b>LAVOURA</b>		<u>7.835.908</u>	<u>9.598.143</u>	<u>15.710.547</u>	<u>49.065.537</u>	<u>88.864.915</u>	<u>153.021.668</u>	<u>349.454.775</u>
Alho		-	-	-	141.720	557.760	4.347.750	6.871.200
Arroz		585.312	893.879	1.470.977	4.539.049	5.990.422	14.991.708	37.063.249
Batata-inígesa		283.138	417.486	580.302	2.646.188	3.913.280	4.864.862	21.297.057
Cana-de-açúcar		130.127	173.793	273.211	721.978	1.135.571	2.460.912	3.801.413
Cebola		-	-	-	1.574.255	2.164.013	7.967.252	17.382.071
Feijão		677.406	660.092	1.497.507	4.215.306	15.198.553	21.969.971	26.693.399
Fumo		1.286.507	2.261.526	2.927.308	4.349.787	8.090.080	24.282.507	42.571.656
Mandioca		807.481	478.264	789.167	2.802.741	4.746.246	5.380.392	11.566.980
Milho		2.755.207	3.435.539	5.579.418	20.436.947	35.288.589	48.196.891	124.338.006
Soja		1.175.952	1.139.368	2.342.936	6.855.032	10.597.462	16.117.940	50.963.704
Tomate		82.201	124.216	231.874	600.278	1.078.159	2.106.737	5.234.348
Trigo		52.577	13.980	17.847	182.256	104.780	334.746	1.671.692
<b>FRUTAS</b>		<u>266.484</u>	<u>424.621</u>	<u>942.913</u>	<u>1.781.175</u>	<u>3.577.106</u>	<u>9.976.401</u>	<u>20.554.298</u>
Banana		218.530	374.442	791.942	1.430.234	2.557.357	5.120.655	14.099.700
Maçã		43.838	45.501	142.682	330.795	946.446	4.757.868	6.343.195
Uva vinífera		4.116	4.678	8.289	20.146	73.303	97.878	111.403
<b>PECUÁRIA</b>		<u>6.243.200</u>	<u>9.462.686</u>	<u>18.994.690</u>	<u>41.875.445</u>	<u>75.672.687</u>	<u>127.536.064</u>	<u>391.206.919</u>
Aves		1.153.633	2.024.252	4.728.521	6.122.801	25.689.453	30.307.060	142.010.303
Bovinos de Corte		1.101.383	2.012.537	4.446.218	12.495.390	11.763.473	19.536.229	51.446.118
Leite		1.428.256	1.803.676	2.592.354	5.958.230	12.005.997	20.264.955	47.920.855
Suínos		2.511.384	3.548.301	7.088.251	16.615.163	24.804.954	54.812.114	140.610.509
Mel de abelha		48.544	73.920	139.346	323.640	773.685	1.236.348	5.904.150
Ovos		-	-	-	360.221	635.125	1.379.358	3.314.984
<b>PESCADO</b>		<u>370.511</u>	<u>605.171</u>	<u>1.066.475</u>	<u>2.542.886</u>	<u>2.821.017</u>	<u>7.560.756</u>	<u>18.428.331</u>
Peixe		209.687	334.023	692.765	1.750.782	1.928.573	4.954.887	12.177.254
Crustáceos		158.773	269.437	319.153	677.232	866.529	2.549.872	6.161.268
Moluscos		2.051	1.711	54.557	114.872	25.915	55.997	89.809
<b>PRODUÇÃO FLORESTAL</b>		<u>1.225.403</u>	<u>2.034.698</u>	<u>3.458.696</u>	<u>6.102.112</u>	<u>14.608.692</u> <sup>(*)</sup>	<u>31.930.174</u> <sup>(*)</sup>	<u>91.970.924</u> <sup>(*)</sup>
Madeira em geral		921.235	1.529.810	2.604.685	4.589.488	10.828.230	24.053.760	70.070.384
Carvão vegetal		16.963	28.692	48.133	116.852	286.533	657.206	1.470.000
Lenha		205.965	309.260	464.287	697.100	2.048.800	4.239.000	11.165.000
Erva-mate		76.580	158.757	328.501	679.247	1.405.029	2.906.208	9.065.540
Palmito		4.660	8.179	13.090	19.425	40.100	74.000	200.000
<b>TOTAL</b> <sup>(1)</sup>		<u>15.941.506</u>	<u>22.125.319</u>	<u>40.173.321</u>	<u>101.367.155</u>	<u>185.544.417</u>	<u>330.025.063</u>	<u>871.615.247</u>

(1) Este valor é uma aproximação do VBP do setor primário, porque:

- no sub-item "bovinos" estão incluídos os animais oriundos de outros estados;
- os produtos agrícolas utilizados na alimentação animal (principalmente o milho) sofrem dupla contagem, pois, aparecem no item "lavoura" e estão embutidos no VBP da pecuária;
- em contrapartida aos itens "a" e "b", não estão incluídos na tabela produtos agropecuários que, individualmente, têm menor importância econômica para o Estado.

(\*) Estimativa do Instituto CEPA/SC, através de dados básicos coletados junto ao IBDF, Indústrias Madeireiras e de Pasta Mecânica e Secretaria de Indústria e Comércio.

Fonte dos dados básicos: IBGE/GCEA, EMATER/SC-ACARESC, Agroindústrias, Cooperativas e Associações

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 68

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS DE SANTA CATARINA,  
1976/77 A 1982/83

(a preços de dez/83-Cr\$ 1.000,00)

PRODUTO	SAFRA	1976/77	1977/78	1978/79	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83
<u>LAVOURA</u>		<u>561.927.837</u>	<u>487.965.300</u>	<u>528.761.215</u>	<u>827.742.213</u>	<u>725.064.909</u>	<u>650.063.297</u>	<u>565.206.144</u>
Alho		-	-	-	3.334.577	6.101.424	24.594.194	19.018.623
Arroz		41.941.772	46.490.935	49.252.876	77.314.765	49.787.018	62.462.304	61.139.788
Batata-inglesa		19.949.879	21.581.611	19.709.015	38.422.943	30.824.648	20.310.882	32.124.829
Cana-de-açúcar		9.589.754	8.912.439	9.216.453	11.901.079	8.858.027	10.239.978	6.386.712
Cebola		-	-	-	40.996.367	16.211.680	31.826.742	28.610.072
Feijão		49.324.326	34.154.004	50.645.621	65.093.655	123.062.009	92.503.306	44.120.628
Fumo		96.112.211	117.407.083	99.179.886	80.175.614	66.083.216	106.085.316	85.221.535
Mandioca		56.572.512	25.326.807	26.004.912	46.883.402	39.839.363	23.241.304	18.566.032
Milho		193.194.566	167.435.653	187.169.779	334.581.522	289.196.657	201.354.203	185.318.875
Soja		85.429.256	59.484.263	78.999.145	116.598.086	84.495.875	67.292.911	73.469.648
Tomate		6.013.134	6.437.495	8.002.918	9.223.161	9.529.255	8.762.057	8.982.543
Trigo		3.800.427	735.010	580.610	3.217.042	1.075.737	1.390.100	2.246.859
<u>FRUTAS</u>		<u>18.474.511</u>	<u>22.394.187</u>	<u>34.035.935</u>	<u>31.854.789</u>	<u>30.311.179</u>	<u>46.058.381</u>	<u>35.651.216</u>
Banana		14.661.202	19.476.678	28.021.160	24.244.804	20.297.066	21.255.653	19.925.390
Maçã		3.473.679	2.640.770	5.666.496	7.146.117	9.245.335	24.267.408	15.427.558
Uva vinífera		339.630	276.739	348.279	463.868	768.778	535.320	298.268
<u>PECUÁRIA</u>		<u>453.037.681</u>	<u>562.040.036</u>	<u>635.528.966</u>	<u>797.286.016</u>	<u>607.957.832</u>	<u>613.071.501</u>	<u>632.865.672</u>
Aves		82.839.164	105.017.207	158.492.659	182.444.797	205.606.674	209.749.711	223.286.066
Bovinos de Corte		78.942.887	105.103.395	148.123.699	212.165.201	97.771.930	80.793.466	79.691.641
Leite		102.142.439	162.879.847	87.837.675	98.620.337	95.208.026	84.519.661	78.823.880
Suínos		185.638.749	185.194.947	236.494.299	292.713.017	198.247.706	227.125.008	236.356.967
Mel de abelha		3.474.442	3.844.640	4.580.634	5.379.615	6.056.685	5.132.700	9.350.586
Ovos		-	-	-	5.963.049	5.066.811	5.750.955	5.356.532
<u>PESCADO</u>		<u>26.702.728</u>	<u>31.487.046</u>	<u>36.014.861</u>	<u>36.021.917</u>	<u>22.793.819</u>	<u>30.545.453</u>	<u>29.853.895</u>
Peixe		15.112.141	17.379.216	23.394.674	22.706.648	15.582.870	20.017.742	19.727.151
Crustáceos		11.442.771	14.018.807	10.777.796	11.384.271	7.001.554	10.301.483	9.981.254
Moluscos		147.816	89.023	1.842.391	1.930.998	209.395	226.228	145.490
<u>PRODUÇÃO FLORESTAL</u>		<u>89.749.238</u>	<u>105.756.720</u>	<u>116.807.722</u>	<u>102.619.354</u>	<u>116.466.799</u>	<u>135.036.367</u>	<u>158.120.562</u>
Madeira em geral		66.393.408	79.491.818	87.960.234	77.149.290	87.045.751	98.936.187	113.228.962
Carvão vegetal		1.222.565	1.492.526	1.626.270	1.964.375	2.303.440	2.702.900	2.969.400
Lenha		16.278.450	16.086.700	15.685.750	11.762.430	15.442.830	21.352.000	26.950.000
Erva-mate		5.518.985	8.260.100	11.093.437	11.416.740	11.352.374	11.740.910	14.649.000
Palmito		335.830	425.576	442.031	326.519	322.404	304.370	323.200
<b>TOTAL</b>		<b>1.149.891.995</b>	<b>1.209.643.289</b>	<b>1.351.148.699</b>	<b>1.795.524.289</b>	<b>1.502.594.538</b>	<b>1.474.774.999</b>	<b>1.421.697.489</b>

Fonte dos dados básicos: Tabela 67 e FGV

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 69

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS NA FORMAÇÃO DO VBP,  
SANTA CATARINA, 1976/77 A 1982/83

PRODUTO \ SAFRA	(%)						
	1976/77	1977/78	1978/79	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83
<u>LAVOURA</u>	<u>48,87</u>	<u>40,34</u>	<u>39,13</u>	<u>46,10</u>	<u>48,25</u>	<u>44,08</u>	<u>39,76</u>
Alho	-	-	-	0,19	0,41	1,67	1,34
Arroz	3,65	3,84	3,64	4,31	3,31	4,24	4,30
Batata-inglesa	1,73	1,78	1,46	2,14	2,05	1,38	2,26
Cana-de-açúcar	0,83	0,74	0,68	0,66	0,59	0,69	0,44
Cebola	-	-	-	2,28	1,08	2,16	2,01
Feijão	4,29	2,82	3,75	3,63	8,19	6,27	3,11
Fumo	8,36	9,71	7,34	4,47	4,40	7,19	5,99
Mandioca	4,92	2,09	1,93	2,61	2,65	1,58	1,31
Milho	16,80	13,84	13,85	18,63	19,25	13,66	13,04
Soja	7,43	4,92	5,85	6,49	5,62	4,56	5,17
Tomate	0,53	0,53	0,59	0,51	0,63	0,59	0,63
Trigo	0,33	0,06	0,04	0,18	0,07	0,09	0,16
<u>FRUTAS</u>	<u>1,61</u>	<u>1,85</u>	<u>2,52</u>	<u>1,77</u>	<u>2,02</u>	<u>3,12</u>	<u>2,51</u>
Banana	1,28	1,61	2,07	1,35	1,35	1,44	1,40
Maçã	0,30	0,22	0,42	0,40	0,62	1,64	1,09
Uva vinífera	0,03	0,02	0,03	0,02	0,05	0,04	0,02
<u>PECUÁRIA</u>	<u>39,40</u>	<u>46,46</u>	<u>47,04</u>	<u>44,40</u>	<u>40,46</u>	<u>41,57</u>	<u>44,51</u>
Aves	7,20	8,68	11,73	10,16	13,68	14,22	15,71
Bovinos de Corte	6,87	8,69	10,96	11,82	6,51	5,48	5,60
Leite	8,88	13,46	6,51	5,49	6,34	5,73	5,54
Suínos	16,15	15,31	17,50	16,30	13,19	15,40	16,62
Mel de abelha	0,30	0,32	0,34	0,30	0,40	0,35	0,66
Ovos	-	-	-	0,33	0,34	0,39	0,38
<u>PESCADO</u>	<u>2,32</u>	<u>2,61</u>	<u>2,67</u>	<u>2,01</u>	<u>1,52</u>	<u>2,07</u>	<u>2,10</u>
Peixe	1,31	1,44	1,73	1,26	1,04	1,36	1,39
Crustáceos	0,99	1,16	0,80	0,64	0,47	0,70	0,70
Moluscos	0,02	0,01	0,14	0,11	0,01	0,01	0,01
<u>PRODUÇÃO FLORESTAL</u>	<u>7,80</u>	<u>8,74</u>	<u>8,64</u>	<u>5,72</u>	<u>7,75</u>	<u>9,16</u>	<u>11,12</u>
Madeira (nativa + papel celulose)	5,77	6,57	6,51	4,29	5,79	6,71	7,96
Carvão vegetal	0,10	0,12	0,12	0,11	0,15	0,18	0,21
Lenha	1,42	1,33	1,16	0,66	1,03	1,45	1,90
Erva-mate	0,48	0,68	0,82	0,64	0,76	0,80	1,03
Palmito	0,03	0,04	0,03	0,02	0,02	0,02	0,02

Fonte dos dados básicos: Tabela 68

Elaboração: Instituto CEPA/SC



Tabela 70

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS NO VBP AGROPECUÁRIO, POR SUB-SETOR, SANTA CATARINA,  
1976/77 A 1982/83

PRODUTO \ SAFRA	(%)						
	1976/77	1977/78	1978/79	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83
<u>LAVOURA</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>
Alho	-	-	-	0,40	0,84	3,78	3,36
Arroz	7,46	9,53	9,31	9,34	6,87	9,61	10,81
Batata inglesa	3,55	4,42	3,73	4,64	4,25	3,12	5,68
Cana-de-açúcar	1,71	1,83	1,74	1,45	1,22	1,58	1,13
Cebola	-	-	-	4,95	2,24	4,90	5,06
Feijão	8,78	7,00	9,58	7,86	16,97	14,23	7,81
Fumo	17,10	24,06	18,76	9,69	9,12	16,32	15,08
Mandioca	10,07	5,19	4,92	5,66	5,49	3,58	3,28
Milho	34,38	34,31	35,40	40,42	39,89	30,97	32,80
Soja	15,20	12,19	14,94	14,09	11,65	10,35	13,00
Tomate	1,07	1,32	1,51	1,11	1,31	1,35	1,59
Trigo	0,68	0,15	0,11	0,39	0,15	0,21	0,40
<u>FRUTAS</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>
Banana	79,36	86,97	82,33	76,11	66,96	46,15	55,89
Maçã	18,80	11,79	16,65	22,43	30,50	52,69	43,27
Uva vinífera	1,84	1,24	1,02	1,46	2,54	1,16	0,84
<u>PECUÁRIA</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>
Aves	18,28	18,69	24,94	22,88	33,82	34,21	35,28
Bovinos de Corte	17,42	18,70	23,31	26,67	16,08	13,18	12,59
Leite	22,55	28,98	13,82	12,37	15,66	13,79	12,46
Suínos	40,98	32,96	37,21	36,71	32,61	37,04	37,34
Mel de abelha	0,77	0,68	0,72	0,68	1,00	0,84	1,48
Ovos	-	-	-	0,75	0,83	0,94	0,85
<u>PESCADO</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>
Peixe	56,60	55,19	64,95	63,04	68,36	65,53	66,08
Crustáceos	42,85	44,52	29,93	31,60	30,72	33,73	33,43
Moluscos	0,55	0,28	5,12	5,36	0,92	0,74	0,49
<u>PRODUÇÃO FLORESTAL</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>	<u>100,00</u>
Madeira em tora	73,98	75,16	75,30	75,18	74,74	73,27	71,62
Carvão vegetal	1,37	1,41	1,39	1,91	1,98	2,00	1,88
Lenha	18,14	15,21	13,43	11,46	13,25	15,81	17,04
Erva-mate	6,15	7,82	9,50	11,13	9,75	8,69	9,26
Palmito	0,37	0,40	0,38	0,32	0,28	0,23	0,20

Fonte dos dados básicos: Tabela 68

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 71

ÍNDICE DE CRESCIMENTO DO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS  
DE SANTA CATARINA, 1976/77 A 1982/83

(1976/77 = 100)

SAFRA PRODUTO	1977/78	1978/79	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83
<u>LAVOURA</u>	<u>87</u>	<u>94</u>	<u>147</u>	<u>129</u>	<u>116</u>	<u>101</u>
Alho	-	-	100	183	738	570
Arroz	111	117	184	119	149	146
Batata-inglesa	108	99	193	155	102	161
Cana-de-açúcar	93	96	124	92	107	67
Cebola	-	-	100	41	78	70
Feijão	69	103	132	249	188	89
Fumo	122	103	83	69	110	89
Mandioca	44	46	83	70	41	33
Milho	87	97	173	150	104	96
Soja	70	92	136	99	79	86
Tomate	107	133	153	158	146	149
Trigo	19	15	85	28	37	59
<u>FRUTAS</u>	<u>121</u>	<u>184</u>	<u>172</u>	<u>164</u>	<u>249</u>	<u>193</u>
Banana	133	191	165	138	145	136
Maçã	76	163	206	266	699	444
Uva vinífera	81	103	137	226	158	88
<u>PECUÁRIA</u>	<u>124</u>	<u>140</u>	<u>176</u>	<u>134</u>	<u>135</u>	<u>140</u>
Aves	127	191	220	248	253	270
Bovinos de Corte	133	188	269	124	102	101
Leite	159	86	97	93	83	77
Suínos	100	127	158	107	122	127
Mel de abelha	111	132	155	174	148	269
Ovos	-	-	100	85	96	90
<u>PESCADO</u>	<u>118</u>	<u>135</u>	<u>135</u>	<u>85</u>	<u>114</u>	<u>112</u>
Peixe	115	155	150	103	132	131
Crustáceos	123	94	99	61	90	87
Moluscos	60	1.246	1.306	142	153	98
<u>PRODUÇÃO FLORESTAL</u>	<u>118</u>	<u>130</u>	<u>114</u>	<u>130</u>	<u>150</u>	<u>176</u>
Madeira em tora (m <sup>3</sup> )	120	132	116	131	149	171
Carvão vegetal	122	133	161	188	221	243
Lenha	99	96	72	95	131	166
Erva-mate	150	201	207	206	213	265
Palmito	127	132	97	96	90	96
<b>TOTAL</b>	<b>105</b>	<b>118</b>	<b>156</b>	<b>131</b>	<b>128</b>	<b>124</b>

Fonte dos dados básicos: Tabela 68

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 72

ÍNDICE DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS DE SANTA CATARINA,  
1976/77 A 1982/83

PRODUTO	(1976/77 = 100)						
	SAFRA	1977/78	1978/79	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83
<u>LAVCURA</u>							
Alho		-	-	100	142	167	182
Arroz		84	78	129	121	112	119
Batata-inglesa		90	134	111	118	125	92
Cana-de-açúcar		109	114	123	105	107	87
Cebola		-	-	100	146	110	121
Feijão		92	143	89	183	239	121
Fumo		109	117	106	84	110	110
Mandioca		97	90	80	101	92	80
Milho		59	64	113	118	98	63
Soja		74	89	151	136	112	85
Tomate		122	144	154	179	170	147
Trigo		21	19	93	44	42	67
<u>FRUTAS</u>							
Banana		116	138	128	147	167	166
Maçã		88	178	235	314	621	454
Uva vinífera		86	93	74	189	181	100
<u>PECUÁRIA</u>							
Aves		124	162	196	268	307	314
Bovinos de Corte		102	93	158	111	114	106
Leite		93	94	103	99	98	98
Suínos		114	127	166	158	153	162
Mel de abelha		107	128	151	151	121	141
Ovos		-	-	100	97	100	101
<u>PESCADO</u>							
Peixe		116	104	138	83	99	96
Crustáceos		113	85	112	82	86	79
Moluscos		49	1.328	1.042	102	190	293

Fonte dos dados básicos: Fundação IBGE, EMATER-SC/ACARESC, Agroindústrias, Cooperativas, SUDEPE e Instituto CEPA/SC  
Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 73

ÍNDICE DE CRESCIMENTO DOS PREÇOS MÉDIOS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS DE  
SANTA CATARINA, 1976/77 A 1982/83

PRODUTO	SAFRA	(1976/77 = 100)					
		1977/78	1978/79	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83
<u>LAVOURA</u>							
Alho		-	-	100	127	441	314
Arroz		132	150	143	98	132	123
Batata-inglesa		120	74	173	134	82	175
Cana-de-açúcar		85	85	101	88	100	76
Cebola		-	-	100	27	71	58
Feijão		76	72	148	136	79	74
Fumo		112	88	79	82	100	80
Mandioca		51	51	103	70	45	41
Milho		146	152	154	127	48	152
Soja		93	104	90	73	70	101
Tomate		88	93	100	86	86	102
Trigo		85	82	91	64	86	88
<u>FRUTAS</u>							
Banana		115	139	130	94	86	82
Maçã		87	92	88	85	112	98
Uva vinífera		94	111	183	120	87	88
<u>PECUÁRIA</u>							
Aves		102	118	113	92	83	86
Bovinos de Corte		130	202	170	112	90	95
Leite		172	91	95	94	84	79
Suínos		88	100	95	66	80	79
Mel de abelha		103	103	103	115	122	191
Ovos		-	-	100	88	96	89
<u>PESCADO</u>							
Peixe		99	149	109	124	134	137
Crustáceos		109	111	89	75	104	111
Moluscos		122	94	125	138	81	34

Fonte dos dados básicos: EMATER-SC/ACARESC e FGV

Elaboração: Instituto OEPA/SC



Tabela 76

VBP DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICULTURÁRIOS, POR MUN. SANTA CATARINA, SAFRA 1977/78

(Café 1.000,00 - a preços correntes)

MICROREGIÃO HMOCEBENA	L A V O U R A										F R U T A S					P E C U Á R I A					P E S C A D O					
	Arroz	Batata	Cana-de- Açúcar	Feijão	Fumo	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva Vinífera	Maçã	Frango	Leite	Suíno	Bovina	Porco	Peixe	Crustáceos	Moluscos	P E S C A D O					
																					Crustáceos	Moluscos	Pescado			
Colônia de Joinville	108.656	6.495	30.458	32	4.005	34.957	33.345	-	4.508	-	-	43.337	106.677	50.722	58.793	17.474	19.531	32	-	-	639	-	-	-		
Litoral de Itajaí	36.650	-	55.883	1.485	5.340	4.287	1.451	-	2.234	-	-	12.495	14.079	6.240	13.201	110.482	77.245	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Colônia de Blumenau	169.909	11.883	14.255	5.785	146.620	27.880	55.503	118	5.170	-	-	89.875	214.439	110.486	126.936	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Colônia de Itajaí Norte	3.584	1.354	-	3.675	137.338	11.865	21.822	133	-	47	-	14.735	65.003	35.009	43.741	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Colônia do Alto Itajaí	80.200	71.883	-	29.614	540.132	106.466	113.690	459	11.159	-	-	31.245	150.726	90.949	75.512	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Florianópolis	16.924	10.792	23.132	3.445	14.242	10.253	6.982	-	12.905	-	-	44.628	29.584	7.936	28.335	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Colônia Serrana Catarinense	3.266	58.682	20.558	10.378	134.986	14.480	46.565	21	15.190	13	-	2.346	61.433	41.155	47.132	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Litoral de Laguna	9.264	199	306	2.165	7.161	12.873	2.682	-	26.019	10	-	68.613	110.148	114.469	88.654	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Carionifera	67.440	55.959	7.475	25.302	211.645	54.070	87.776	463	294	10	-	24.390	38.648	17.353	44.386	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Litoral Sul Catarinense	84.260	2.184	3.084	12.951	181.903	46.432	24.430	1.587	108	171	-	13.197	35.511	45.475	18.339	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Colônia Sul Catarinense	129.272	841	3.141	9.864	387.702	9.638	93.910	-	23.174	436	-	10.704	83.700	38.962	520.780	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Campos de Lages	2.156	51.945	-	19.861	48.869	-	1.150	13.437	12.806	1.313	59	5.779	84.075	94.250	362.315	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Campos de Quilombos	9.102	48.563	-	52.359	67.723	3.844	162.469	195.917	5.274	3.077	-	919.577	279.290	1.087.655	237.753	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Colônia do Rio do Peixe	12.007	23.123	2.533	34.867	35.921	9.975	826.962	190.570	830	7.534	-	650.088	442.169	1.678.054	217.576	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Colônia do Oeste Catarinense	132.819	33.850	12.968	357.827	180.406	86.072	1.732.146	708.660	4.545	1.369	-	35.297	80.009	126.161	96.191	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pianalto de Capinzal	29.370	43.733	-	90.482	157.533	45.172	354.300	68.003	124.216	13.980	-	2.024.252	1.803.676	3.548.301	2.012.537	334.023	269.437	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SANTA CECILIA	893.879	417.486	173.793	660.092	2.261.526	478.264	3.435.539	1.139.368	4.678	45.501	-	2.024.252	1.803.676	3.548.301	2.012.537	334.023	269.437	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte dos dados básicos: Fundação IBGE, SUDEPE e EMATER-SC/ACARESC

Elaboração: Instituto CEAR/SC

Tabela 77

VBP DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICULTURÁRIOS, POR MUN. SANTA CATARINA, SAFRA 1977/78

(Café 1.000,00 - a preços de dez/83)

MICROREGIÃO HMOCEBENA	L A V O U R A										F R U T A S					P E C U Á R I A					P E S C A D O					
	Arroz	Batata	Cana-de- Açúcar	Feijão	Fumo	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva Vinífera	Maçã	Frango	Leite	Suíno	Bovina	Porco	Peixe	Crustáceos	Moluscos	P E S C A D O					
																					Crustáceos	Moluscos	Pescado			
Colônia de Joinville	5.761.034	307.019	1.565.206	1.636	226.337	1.958.331	1.710.818	-	229.604	-	-	-	2.219.056	5.514.175	2.657.328	3.012.538	909.172	1.016.198	1.665	-	-	-	-	-	-	-
Litoral de Itajaí	1.943.547	-	2.924.029	74.933	278.272	221.287	79.100	-	110.079	-	-	-	638.984	740.715	300.440	678.667	5.748.378	4.019.057	31.247	-	-	-	-	-	-	-
Colônia de Blumenau	8.997.033	712.881	732.361	303.495	7.443.950	1.487.864	2.963.809	12.054	266.793	-	-	-	4.627.272	11.146.296	5.787.352	6.480.407	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Colônia de Itajaí Norte	182.716	69.815	-	191.195	7.139.806	629.308	1.131.001	7.084	-	2.524	-	-	769.630	3.402.527	1.834.769	2.225.549	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Colônia do Alto Itajaí	4.341.259	3.843.539	-	1.542.274	28.266.724	5.530.796	5.903.621	176.310	575.045	-	-	-	1.625.209	7.901.360	4.753.785	3.689.444	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Florianópolis	871.869	566.127	1.210.826	178.401	785.804	544.229	384.028	-	677.026	-	-	-	2.300.668	1.537.852	409.167	1.481.078	4.684.583	1.231.790	42.092	-	-	-	-	-	-	-
Colônia Serrana Catarinense	164.298	2.702.615	1.005.513	537.365	6.423.418	771.345	2.408.107	1.172	795.231	673	-	-	1.048.924	3.213.043	2.132.633	2.422.945	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Litoral de Laguna	463.200	10.200	15.380	113.913	373.179	669.960	140.411	-	-	-	-	-	223.714	443.165	191.265	1.711.166	1.330.355	7.290.912	-	-	-	-	-	-	-	
Carionifera	3.481.025	2.890.650	376.462	1.296.662	11.159.700	2.852.092	4.534.980	23.625	1.357.849	505	-	-	3.558.348	5.722.189	5.954.110	4.564.543	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Litoral Sul Catarinense	4.266.622	111.703	143.861	662.566	10.225.308	2.382.268	2.948.514	88.570	14.845	505	-	-	1.243.913	1.975.581	876.114	2.245.324	4.766.728	440.850	12.019	-	-	-	-	-	-	
Colônia Sul Catarinense	6.693.635	42.678	158.172	499.338	19.658.555	497.004	4.712.086	671.402	1.137.597	23.224	-	-	671.174	1.087.684	2.311.134	916.507	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Campos de Lages	103.070	2.656.631	-	1.038.575	2.335.748	-	3.629.756	671.402	4.919	9.088	-	-	969.412	4.380.181	2.020.365	26.661.486	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Campos de Quilombos	477.029	2.490.673	-	2.733.830	3.529.077	207.536	8.455.407	8.152.812	665.947	78.829	-	-	1.898.980	4.376.910	4.960.238	18.581.129	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Colônia do Rio do Peixe	617.481	1.190.675	127.567	1.812.119	1.955.032	528.668	39.861.114	9.929.132	266.196	160.779	-	-	47.858.484	14.572.756	56.838.014	12.175.613	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Colônia do Oeste Catarinense	6.836.038	1.748.016	653.042	18.556.118	9.397.153	4.561.930	80.711.469	36.923.851	43.540	393.039	-	-	33.906.207	23.011.005	87.669.697	13.193.675	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pianalto de Capinzal	1.491.169	2.230.389	-	4.611.584	8.209.020	2.394.189	7.976.412	3.498.251	232.924	65.844	-	-	1.457.232	73.854.400	6.496.436	4.863.324	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SANTA CECILIA	46.490.935	21.581.611	8.912.439	34.154.004	117.407.083	25.236.807	167.495.653	59.484.263	6.437.495	735.010	-	-	276.739	2.640.770	162.879.847	185.194.947	105.103.395	17.379.216	14.018.807	89.023	-	-	-	-	-	-

Fonte dos dados básicos: Tabela 76 e FGV.

Elaboração: Instituto CEAR/SC

Tabela 78 VBP DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS, POR MRH, SANTA CATARINA, SAFRA 1978/79

MICROREGIÃO HOMOGENEA	L A V O U R A												F R U T A S					P E C U Á R I A					P E S C A D O		
	Arroz	Batata	Cana-de-Açúcar	Feijão	Fumo	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva Vinífera	Maçã	Frango	Leite	Suínos	Bovinos	Peixe	P E S C A D O							
																		Crustáceos	Moluscos						
Colônia de Joinville	266.011	10.371	50.100	2.065	11.163	49.585	50.510	-	8.199	-	-	117.828	150.561	99.490	142.278	20.122	27.885	135							
Litoral de Itajaí	47.304	-	55.428	1.698	8.492	9.894	2.544	-	3.915	-	-	29.511	27.522	10.475	35.931	399.522	165.458	50.750							
Colônia de Blumenau	374.717	27.927	23.955	16.203	227.270	45.111	137.288	141	5.479	-	-	217.788	294.808	225.320	286.778	-	-	-							
Colônia de Itajaí Norte	3.402	2.381	-	8.026	156.774	15.840	44.496	465	3.391	-	-	38.623	87.980	74.376	99.379	-	-	-							
Colônia de Alto Itajaí	124.145	93.282	-	46.848	617.374	172.600	206.727	6.271	16.211	53	-	80.463	218.331	169.896	173.178	-	-	-							
Florianópolis	27.776	13.430	60.655	8.374	31.950	20.491	9.601	-	32.287	-	-	121.442	50.413	20.272	60.894	165.667	39.792	2.269							
Colônia Sarrana Catarinense	5.223	61.330	42.764	16.900	197.218	26.935	89.099	-	24.322	-	-	42.265	80.399	99.521	98.535	-	-	-							
Litoral de Laguna	15.525	150	517	4.248	16.927	19.935	3.822	-	-	-	-	7.176	11.319	1.006	59.000	44.352	67.256	71							
Catrolândia	97.962	58.035	12.098	41.291	420.724	106.222	110.778	1.014	42.418	13	-	144.967	160.597	224.124	180.047	-	-	-							
Litoral Sul Catarinense	156.976	1.634	4.912	28.466	238.975	110.940	27.940	2.636	5.575	256	-	49.968	56.945	34.844	92.256	63.102	18.762	1.332							
Colônia Sul Catarinense	262.683	885	3.580	29.821	469.385	19.354	85.729	-	197	333	-	28.170	47.860	88.385	39.426	-	-	-							
Campes de Leões	1.366	84.438	-	12.502	35.024	53.875	12.524	-	26.188	788	-	39.512	122.128	72.000	1.178.888	-	-	-							
Campes de Curitiba	4.334	56.056	76	148.044	31.645	14.909	164.285	242.532	34.282	763	-	75.646	122.020	183.375	760.972	-	-	-							
Colônia do Rio do Peixe	6.771	39.193	4.555	64.825	67.120	13.248	1.084.877	266.216	8.560	2.122	8.289	105.669	382.572	2.155.495	530.860	-	-	-							
Colônia do Oeste Catarinense	39.759	75.216	14.571	838.637	108.237	106.003	3.207.644	1.654.440	-	8.317	-	1.604.382	664.648	3.375.838	501.289	-	-	-							
Pianalto de Carolinas	37.023	55.974	-	228.769	289.030	58.120	206.203	156.717	7.546	5.202	-	72.608	114.231	253.834	206.507	-	-	-							
SANTA CATARINA	1.470.977	580.302	273.211	1.497.308	2.927.208	789.167	5.979.418	2.342.936	231.874	17.847	8.289	142.682	4.728.521	2.592.354	7.088.251	4.446.218	692.765	319.153	54.357						

Fonte dos dados básicos: Fundação IBGE, SUDEPE e EMATER-SC/AGROSEC  
Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 79 VBP DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS, POR MRH, SANTA CATARINA, SAFRA 1978/79

MICROREGIÃO HOMOGENEA	L A V O U R A												F R U T A S					P E C U Á R I A					P E S C A D O		
	Arroz	Batata	Cana-de-Açúcar	Feijão	Fumo	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva Vinífera	Maçã	Frango	Leite	Suínos	Bovinos	Peixe	P E S C A D O							
																		Crustáceos	Moluscos						
Colônia de Joinville	9.042.284	356.303	1.760.938	69.495	567.663	1.664.669	1.720.896	-	274.854	-	-	3.994.550	5.116.646	3.484.800	4.726.502	4.726.502	679.520	941.676	4.559						
Litoral de Itajaí	1.619.111	-	1.835.567	56.385	356.807	321.483	89.165	-	128.775	-	-	969.807	894.649	374.004	1.164.634	1.164.634	13.491.858	5.587.517	1.713.828						
Colônia de Blumenau	12.393.759	928.772	655.596	534.935	7.660.243	1.500.236	4.646.371	5.604	183.003	-	-	7.285.096	9.986.802	7.499.070	9.520.958	-	-	-	-						
Colônia de Itajaí Norte	113.681	78.688	-	298.832	6.400.434	523.736	1.480.008	15.977	71.460	-	-	1.286.298	2.967.930	2.454.133	3.298.620	-	-	-	-						
Colônia de Alto Itajaí	4.166.722	3.141.918	-	1.572.306	21.193.866	5.747.597	7.027.626	206.428	537.696	1.678	-	2.706.166	7.389.399	5.671.163	5.741.257	-	-	-	-						
Florianópolis	945.767	461.030	2.030.061	281.498	886.389	690.457	324.149	-	1.074.292	-	-	4.059.360	1.710.558	663.657	2.033.094	5.594.575	1.343.776	76.624							
Colônia Sarrana Catarinense	184.047	2.094.445	1.532.880	567.772	6.301.250	889.536	2.724.453	-	784.010	-	-	1.399.880	2.764.440	3.356.947	3.259.743	-	-	-							
Litoral de Laguna	524.544	6.544	17.601	151.962	588.539	662.747	124.538	-	-	-	-	218.064	4.865.246	5.444.674	7.447.755	6.068.634	-	-							
Catrolândia	3.571.146	1.988.793	411.707	1.405.361	13.629.638	3.509.617	3.732.855	33.979	1.432.247	458	-	4.865.246	3.262.695	30.556	2.021.136	1.497.767	2.271.235	2.398							
Litoral Sul Catarinense	5.129.792	55.569	196.771	960.730	8.269.691	3.572.580	925.087	90.826	182.005	8.084	-	1.670.059	1.926.700	1.133.870	3.031.109	2.130.954	633.592	44.982							
Colônia Sul Catarinense	8.570.541	29.847	121.852	1.173.811	14.846.674	620.359	2.816.450	-	6.821	10.525	-	945.708	1.611.321	2.868.144	1.296.131	-	-	-							
Campes de Leões	46.160	2.968.840	-	470.493	1.202.156	-	1.815.360	396.436	1.593.657	20.831	-	1.040.014	1.330.400	4.127.519	2.387.289	39.395.818	-	-							
Campes de Curitiba	144.712	1.889.661	2.576	4.903.985	998.631	531.352	5.860.067	8.065.374	1.169.711	25.818	-	415.535	2.565.218	4.120.200	6.125.659	25.424.652	-	-							
Colônia do Rio do Peixe	227.676	1.291.198	155.020	2.182.736	2.374.907	370.544	37.017.811	8.956.773	310.333	70.934	-	68.693.966	12.935.912	71.972.122	17.637.934	-	-	-							
Colônia do Oeste Catarinense	1.332.663	2.554.848	495.884	28.346.804	3.853.923	3.488.384	110.176.561	55.984.791	-	278.007	-	54.042.090	22.639.653	112.418.765	16.681.346	-	-	-							
Pianalto de Carolinas	1.240.271	1.862.559	-	7.668.516	10.049.075	1.912.615	6.988.382	5.243.157	254.054	164.275	-	2.450.751	3.871.617	8.506.365	6.822.131	-	-	-							
SANTA CATARINA	49.252.876	19.709.015	9.216.453	50.645.621	99.179.886	26.004.912	187.169.779	78.999.145	8.002.918	980.610	348.279	5.666.496	158.492.659	87.837.675	236.494.299	146.123.699	23.394.674	10.777.796	1.842.391						

Fonte dos dados básicos: Tabela 78 e FGV  
Elaboração: Instituto CEPA/SC





VBP DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS, POR MUN. SANTA CATARINA, SAFRA 1980/81

MICROREGIÃO HOMOGÊNEA	L A V O U R A										F R U T A S					P E C U Á R I A					P E S C A D O	
	Arroz	Batata	Cana-de-Açúcar	Cebola	Fechão	Fumo	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva Vinífera	Maçã	Frambo	Leite	Suínos	Bovinos	Porcos	Crustáceos	Moluscos		
Colônia de Joinville	881.490	41.518	193.908	-	27.284	57.500	185.497	228.278	-	73.875	-	-	-	627.059	800.325	348.457	420.448	-	-	-		
Litoral de Itajaí	14.886	-	273.134	-	18.500	19.380	53.259	24.756	-	8.484	-	-	-	156.604	161.508	28.070	140.512	-	-	-		
Colônia de Blumenau	1.080.750	141.210	66.596	50.978	219.809	384.231	388.959	642.231	1.114	20.912	-	-	-	906.881	1.338.263	552.161	710.770	-	-	-		
Colônia de Itajaí Norte	38.189	19.044	-	16.654	96.268	598.125	162.680	305.281	5.605	-	-	-	-	62.410	480.870	140.964	234.786	-	-	-		
Colônia do Alto Itajaí	509.131	415.637	-	1.128.936	959.132	2.256.995	1.253.288	1.313.955	21.767	37.343	-	-	-	439.958	998.488	480.967	550.687	-	-	-		
Florianópolis	121.818	209.258	306.569	19.560	70.369	64.388	80.840	34	191.928	-	-	-	-	2.053.310	257.727	40.828	257.922	-	-	-		
Colônia Serrana Catarinense	28.583	542.700	210.095	623.932	183.212	504.112	232.857	506.067	102	117.855	-	-	-	117.959	400.587	217.662	379.019	-	-	-		
Litoral de Laguna	98.475	832	3.217	2.300	19.971	43.400	139.562	11.887	-	2.304	-	-	-	113.546	67.804	21.160	209.213	-	-	-		
Litoral Sul Catarinense	384.273	616.870	35.588	35.091	558.478	1.457.005	480.702	866.663	1.040	181.692	-	-	-	735.227	679.008	1.321.436	778.877	-	-	-		
Colônia Sul Catarinense	483.676	21.453	10.797	44.883	320.268	622.440	724.210	271.720	13.955	12.269	-	-	-	498.059	256.668	66.250	286.171	-	-	-		
Colônia de Lages	783.134	8.570	514	140	189.963	859.807	90.963	693.713	-	1.474	-	-	-	97.791	191.965	270.911	166.109	-	-	-		
Campos de Lages	10.297	345.751	-	79.205	481.644	63.920	10.184	653.887	91.086	136.085	-	-	-	334.029	82.406	667.208	158.473	-	-	-		
Campos de Curitiba	111.588	214.981	428	25.334	1.654.160	62.270	10.071	1.541.470	1.411.771	185.925	-	-	-	550.172	1.011.486	426.833	1.639.350	-	-	-		
Colônia do Rio do Peixe	315.281	380.370	19.583	42.232	833.369	97.020	50.795	7.932.565	1.380.301	66.856	-	-	-	12.645.785	1.753.368	8.121.998	1.376.302	-	-	-		
Colônia do Oeste Catarinense	743.314	476.200	5.142	23.814	6.874.963	286.615	453.941	18.083.960	6.564.300	6.003	-	-	-	6.388.526	2.278.705	11.921.714	1.715.973	-	-	-		
Planalto de Cocalinha	385.537	478.886	-	70.954	2.691.103	712.871	257.892	2.131.316	1.106.387	35.154	-	-	-	233.740	662.617	687.070	495.632	-	-	-		
SANTA CATARINA	5.990.422	3.913.280	1.135.571	2.164.013	15.198.553	8.090.080	4.746.246	35.288.589	10.597.462	1.078.159	104.780	73.303	946.446	25.689.453	12.005.997	24.804.954	11.763.473	1.928.573	866.529	25.915		

Fonte dos dados básicos: Fundação IBGE, SUDEPE e EMATER-SC/ACARESC

Elaboração: Instituto CEPA/SC

VBP DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS, POR MUN. SANTA CATARINA, SAFRA 1980/81

MICROREGIÃO HOMOGÊNEA	L A V O U R A										F R U T A S					P E C U Á R I A					P E S C A D O	
	Arroz	Batata	Cana-de-Açúcar	Cebola	Fechão	Fumo	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva Vinífera	Maçã	Frambo	Leite	Suínos	Bovinos	Porcos	Crustáceos	Moluscos		
Colônia de Joinville	7.809.636	322.238	1.481.727	-	216.695	466.400	1.461.511	1.802.785	-	565.344	-	-	-	4.803.749	6.188.588	2.707.831	3.314.112	-	-	-		
Litoral de Itajaí	2.073.769	-	2.167.565	-	151.239	106.284	303.402	195.085	-	73.017	-	-	-	1.251.153	1.264.200	277.793	1.161.884	-	-	-		
Colônia de Blumenau	8.212.774	1.114.651	575.074	383.684	1.767.253	3.958.136	3.031.903	5.306.588	9.075	184.995	-	-	-	7.250.144	10.694.954	4.427.682	6.945.604	-	-	-		
Colônia de Itajaí Norte	313.564	156.516	-	126.379	791.580	4.384.690	1.325.605	2.584.932	47.451	-	-	-	-	840.598	3.843.966	1.137.813	1.931.664	-	-	-		
Colônia do Alto Itajaí	4.017.120	3.211.907	-	8.435.913	7.768.068	17.343.750	9.550.817	10.761.075	165.777	325.060	-	-	-	3.547.005	8.689.592	3.867.668	4.529.888	-	-	-		
Florianópolis	987.634	1.682.051	2.402.371	144.630	578.864	535.970	2.066.599	667.442	271	1.581.480	-	-	-	16.007.407	2.068.649	330.396	2.113.985	-	-	-		
Colônia Serrana Catarinense	223.279	4.389.256	1.668.479	4.674.181	1.478.164	3.834.695	1.924.695	4.183.607	813	992.611	-	-	-	941.276	3.209.239	1.758.626	3.092.221	-	-	-		
Litoral de Laguna	813.403	8.340	25.028	15.611	162.775	402.994	1.173.657	98.842	-	22.286	-	-	-	1.051.053	530.699	218.186	1.702.087	-	-	-		
Catamborá	3.111.313	5.051.549	254.026	271.303	4.536.205	13.483.960	3.924.042	7.131.630	8.262	1.553.074	-	-	-	5.859.427	5.395.020	10.651.610	6.426.892	-	-	-		
Litoral Sul Catarinense	3.693.688	167.018	84.020	335.262	2.504.632	4.537.558	5.330.305	2.142.874	110.798	100.603	-	-	-	3.871.526	1.979.256	518.052	2.281.276	-	-	-		
Colônia Sul Catarinense	5.931.014	66.086	4.001	1.041	1.480.093	6.799.786	668.961	5.461.382	-	12.109	-	-	-	756.567	1.464.071	2.127.704	1.318.917	-	-	-		
Campos de Lages	87.178	2.766.562	-	603.803	3.945.993	617.419	118.094	5.343.687	708.595	1.193.657	-	-	-	661.747	5.247.271	1.273.434	19.943.761	-	-	-		
Campos de Curitiba	913.091	1.731.075	3.334	187.158	13.526.912	543.084	116.781	12.802.580	11.312.882	1.964.769	-	-	-	1.053.147	4.405.883	7.970.169	3.441.376	-	-	-		
Colônia do Rio do Peixe	2.561.695	2.938.104	152.392	328.407	6.816.705	900.886	588.992	65.448.892	11.051.532	581.921	-	-	-	768.778	4.911.821	101.137.946	13.861.895	-	-	-		
Colônia do Oeste Catarinense	6.051.517	3.678.329	40.010	189.126	56.133.638	2.269.791	5.263.696	148.351.865	52.551.418	63.322	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Planalto de Cocalinha	2.986.323	3.540.766	-	515.182	21.193.193	5.807.813	2.990.393	16.893.391	8.528.991	315.007	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
SANTA CATARINA	49.787.018	30.824.648	8.858.027	16.211.680	123.062.009	66.083.216	39.839.363	289.196.657	84.452.875	9.529.255	1.075.737	768.778	9.245.335	205.606.674	95.208.026	198.247.706	97.771.930	15.582.870	7.001.554	209.395		

Fonte dos dados básicos: Tabela 82 e FGV

Elaboração: Instituto CEPA/SC



VBP DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS, POR MUN. SANTA CATARINA, SAFRA 1982/83

MICROREGIÃO HOMOGÊNEA	L A V O U R A										FRUTAS				PECUÁRIA				PESCADO	
	Arroz	Batata	Canva-de-Açúcar	Cebola	Feijão	Fumo	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva Vinífera	Maçã	Frango	Leite	Suínos	Bovinos	Peixes	Crustáceos	Moluscos
Colônia de Joinville	5.906.674	180.559	474.877	-	56.209	293.239	471.384	723.079	-	297.974	-	-	-	3.866.660	2.557.054	2.320.451	1.896.224	878.441	921.138	5.507
Litoral de Itajaí	1.519.446	-	1.083.232	-	39.589	194.446	63.066	40.529	-	344.517	-	-	-	1.017.247	430.997	200.929	699.767	6.781.323	2.648.208	29.842
Colônia de Blumenau	6.893.191	249.398	303.889	307.093	270.572	2.797.635	698.771	2.409.600	-	138.066	-	-	-	5.533.648	3.242.145	4.149.362	-	-	-	-
Colônia de Itajaí Norte	153.696	333.263	-	43.168	177.835	2.747.932	407.930	572.575	-	-	-	-	-	443.651	1.458.225	635.895	872.633	-	-	-
Colônia do Alto Itajaí	3.540.588	1.405.231	-	8.044.983	2.045.395	7.328.978	2.573.936	2.536.541	16.836	111.823	-	-	-	2.169.280	4.578.800	2.879.551	2.384.653	-	-	-
Florianópolis	508.173	504.583	777.022	129.239	142.524	232.735	451.902	410.941	-	723.066	-	-	-	11.130.027	810.357	249.864	1.109.701	1.729.076	1.408.810	37.084
Colônia Serrana Catarinense	271.333	2.731.088	659.122	6.760.013	523.256	4.121.683	366.217	1.698.227	-	745.959	-	-	-	742.603	1.539.552	1.079.628	1.621.915	-	-	-
Litoral de Laguna	617.730	16.899	18.951	16.174	92.357	328.092	442.080	71.718	-	848.701	-	-	-	569.558	281.112	151.709	1.254.105	680.472	1.031.217	5.040
Carbonífera	1.717.325	4.516.725	97.821	345.309	900.408	5.305.538	1.164.758	2.904.289	715	1.441.910	-	-	-	4.471.505	3.423.559	8.237.660	3.448.588	-	-	-
Litoral Sul Catarinense	2.700.168	100.377	35.301	316.866	424.109	5.708.351	1.751.677	566.192	112.024	108.119	-	-	-	2.769.402	934.077	365.366	1.213.324	-	-	-
Colônia Sul Catarinense	5.951.160	181.113	27.916	50.116	398.907	5.495.318	202.901	1.794.964	17.031	7.294	313	-	-	498.363	1.113.759	1.460.500	651.228	2.105.942	151.795	12.336
Campos de Lages	15.638	3.227.773	-	98.175	649.666	900.53	-	1.036.686	499.086	608.940	-	-	-	507.420	2.844.382	795.716	10.053.864	-	-	-
Campos de Curitibaos	469.841	1.204.079	1.115	112.305	4.014.789	429.264	44.663	3.238.932	7.865.498	793.622	203.743	-	-	2.878.394	1.970.756	2.575.532	7.305.060	-	-	-
Colônia do Rio do Peixe	1.384.860	2.527.694	74.921	539.949	2.175.075	1.414.270	168.072	25.521.604	4.698.991	191.151	71.373	-	-	69.385.990	7.311.105	49.087.739	5.973.897	-	-	-
Colônia do Oeste Catarinense	3.978.289	1.972.912	247.246	215.030	10.274.290	1.997.973	2.190.683	74.503.441	32.993.806	34.687	1.322.441	-	-	34.648.108	11.272.191	63.434.312	6.635.779	-	-	-
Planalto de Canelhas	1.435.137	2.145.363	-	406.451	4.518.418	3.635.771	568.910	6.398.688	4.759.717	265.639	62.543	-	-	1.378.427	2.256.030	3.893.512	2.246.018	-	-	-
SANTA CATARINA	37.063.249	21.297.057	3.801.413	17.382.071	26.693.399	42.571.656	11.566.986	124.338.006	50.963.704	5.234.348	1.671.692	-	-	47.920.955	142.010.303	470.610.509	51.446.118	12.177.254	6.161.268	89.809

Fonte dos dados básicos: Fundação IGEF, SUDEPE e EMATER/SC-ACARESC  
Elaboração: Instituto CEPA/SC

VBP DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS, POR MUN. SANTA CATARINA, SAFRA 1982/83

MICROREGIÃO HOMOGÊNEA	L A V O U R A										FRUTAS				PECUÁRIA				PESCADO	
	Arroz	Batata	Canva-de-Açúcar	Cebola	Feijão	Fumo	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva Vinífera	Maçã	Frango	Leite	Suínos	Bovinos	Peixes	Crustáceos	Moluscos
Colônia de Joinville	9.702.932	224.985	824.265	-	89.029	583.631	736.847	1.068.389	-	520.208	-	-	-	5.962.253	4.147.031	3.499.237	2.893.986	1.423.074	1.493.244	8.921
Litoral de Itajaí	2.547.848	-	1.805.118	-	64.066	424.289	95.277	64.026	-	577.185	-	-	-	1.608.018	718.049	304.800	1.030.529	10.986.983	4.290.259	48.344
Colônia de Blumenau	11.239.866	367.188	498.887	515.753	442.303	6.041.452	1.002.449	3.627.352	-	225.793	-	-	-	8.602.018	8.449.966	5.022.483	6.344.732	-	-	-
Colônia de Itajaí Norte	270.158	501.335	-	84.640	323.269	6.474.239	721.603	865.003	-	-	-	-	-	729.398	2.375.735	976.424	1.390.198	-	-	-
Colônia do Alto Itajaí	6.039.926	2.038.767	-	13.265.416	3.374.520	15.103.225	4.210.908	3.893.545	23.858	185.252	-	-	-	3.436.581	7.641.248	4.488.988	3.810.981	-	-	-
Florianópolis	1.011.887	739.621	1.321.427	217.619	226.665	694.925	609.224	-	-	1.221.352	-	-	-	17.517.055	3.505.624	383.646	1.750.369	2.801.103	2.282.272	60.076
Colônia Serrana Catarinense	415.060	4.043.093	1.091.175	11.170.992	843.678	7.333.758	562.855	2.998.747	-	1.218.153	-	-	-	1.134.826	436.846	325.762	1.975.408	1.102.365	1.670.571	8.165
Litoral de Laguna	1.035.623	24.879	31.853	26.637	124.390	676.295	600.143	83.993	-	25.726	-	-	-	7.003.269	5.616.544	12.756.163	5.456.861	-	-	-
Carbonífera	2.831.058	6.729.645	164.406	562.942	1.522.101	12.473.697	1.912.422	4.357.372	1.062	1.422.409	9.515	-	-	4.877.141	1.540.349	556.104	1.966.634	-	-	-
Litoral Sul Catarinense	4.333.646	146.530	59.330	474.556	694.534	10.365.441	2.811.779	853.779	208.263	208.116	7.612	-	-	770.992	1.827.912	2.260.611	1.055.107	-	-	-
Colônia Sul Catarinense	9.903.886	269.511	46.917	79.103	627.424	9.370.011	317.196	2.613.770	25.321	12.743	476	-	-	4.677.141	1.540.349	556.104	1.966.634	-	-	-
Campos de Lages	29.528	4.709.220	-	160.021	1.037.072	1.031.740	-	1.557.612	734.170	962.431	-	-	-	751.612	4.613.480	1.327.836	15.756.436	-	-	-
Campos de Curitibaos	759.205	1.858.996	1.873	197.911	6.570.130	1.043.615	71.767	4.655.586	10.197.041	1.455.263	309.389	-	-	2.158.469	4.461.475	3.147.955	3.976.204	11.405.362	-	-
Colônia do Rio do Peixe	2.236.449	3.932.544	125.920	833.423	3.565.271	2.790.618	363.201	37.948.501	7.066.542	459.944	122.650	-	-	6.036.156	4.461.475	3.147.955	3.976.204	11.405.362	-	-
Colônia do Oeste Catarinense	6.184.196	3.234.330	415.543	364.629	17.199.756	4.367.686	3.520.066	111.171.588	47.941.478	59.838	1.694.002	-	-	54.575.847	18.639.481	116.475.529	10.391.908	-	-	-
Planalto de Canelhas	2.596.120	3.314.175	-	656.430	7.415.900	6.446.903	981.263	9.551.378	7.271.913	430.130	103.215	-	-	1.150	2.148.643	6.037.365	3.400.932	-	-	-
SANTA CATARINA	61.139.788	32.124.829	6.386.712	28.610.072	44.120.628	85.221.535	18.566.032	185.318.875	73.469.648	8.982.543	2.246.859	-	-	78.823.880	236.356.967	79.691.641	19.727.151	9.981.254	145.490	

Fonte dos dados básicos: Tabela 86 e FGV  
Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 88

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DO VBP DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS, POR MRH, SANTA CATARINA, SAFRA 1981/82

MICROREGIÕES HOMOGENEAS	L A V O R A										FRUTAS					PECUÁRIA					PESCAÇO		
	Arroz	Batata	Caná-de-Açúcar	Folhoso	Fumo	Tomate	Cebola	Mandioca	Milho	Soja	Trigo	Uva Verde/Seca	Maçã	Frango	Leite	Suínos	Bovinos	Peixes	Crustáceos	Moluscos			
Colonial de Joinville	19,24	1,17	14,12	0,15	0,51	6,43	-	4,21	0,57	-	-	-	2,59	4,64	1,34	3,48	7,53	13,41	8,66				
Litoral de Itajaí	4,76	0,23	23,88	0,09	0,28	6,90	0,67	0,04	-	-	-	-	0,72	1,38	0,11	1,14	52,46	55,57	56,51				
Colonial de Blumenau	19,82	3,92	8,65	0,96	7,65	2,48	3,02	5,98	2,09	0,00	-	-	3,51	9,51	2,05	8,05	-	-	-				
Colonial de Itajaí Norte	0,34	0,51	-	0,95	8,20	-	4,76	0,75	0,06	-	-	-	0,39	3,97	0,51	1,85	-	-	-				
Colonial do Alto Itajaí	8,91	10,81	-	9,31	23,85	3,08	42,33	30,57	4,07	0,08	-	-	1,59	9,47	1,88	4,56	-	-	-				
Florianópolis	2,04	4,59	23,12	0,35	0,54	14,43	0,60	4,55	0,26	-	-	-	9,04	2,93	0,16	2,23	16,38	13,70	13,21				
Colonial Serrana Catarinense	0,42	11,77	17,35	1,11	5,84	17,19	42,24	4,53	1,38	-	-	-	0,55	4,42	0,77	3,13	-	-	3,66				
Litoral de Laguna	2,81	0,03	0,21	0,15	0,34	-	0,17	2,23	0,03	-	-	-	2,89	5,97	5,10	6,60	-	-	-				
Litoral Sul Catarinense	6,51	14,22	1,84	2,80	17,98	14,20	1,64	9,75	2,79	0,01	-	-	2,06	2,23	0,22	2,45	17,59	1,56	17,97				
Carbonífera	8,92	0,80	0,93	1,44	9,33	1,03	1,67	14,38	0,83	0,19	-	-	0,39	1,42	0,90	1,41	-	-	-				
Colonial Sul Catarinense	15,42	0,42	0,69	1,03	10,89	0,13	0,27	1,50	1,40	-	-	-	0,28	5,60	0,51	18,58	-	-	-				
Campos de Lages	0,04	6,88	-	1,84	1,27	15,67	1,09	-	1,63	1,08	-	-	0,28	5,60	0,51	18,58	-	-	-				
Campos de Curitiba	0,74	6,75	0,02	8,14	0,63	8,00	0,74	0,31	4,13	11,42	5,71	-	2,13	8,00	1,67	14,58	-	-	-				
Colonial do Rio do Peixe	2,05	11,59	1,62	5,73	1,68	3,64	2,13	1,63	19,61	10,76	100,00	-	48,14	15,27	32,26	11,68	-	-	-				
Colonial do Oeste Catarinense	4,58	13,79	7,55	52,42	3,54	0,42	1,68	9,44	54,57	65,02	81,75	-	24,14	18,73	49,71	14,01	-	-	-				
Planalto de Canolinas	3,90	12,51	-	13,53	7,46	6,41	1,81	5,88	5,84	11,38	9,34	-	1,00	5,55	2,64	4,22	-	-	-				
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0				

Fonte dos dados básicos: Tabela 85  
Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 89

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DAS PRINCIPAIS MRH NA COMPOSIÇÃO DO VBP AGROPECUÁRIA, SANTA CATARINA, SAFRA 1981/82 (ATE APROXIMADAMENTE 90%)

MRH	ARROZ	BURRA	CANA-DE-AÇÚCAR	FELHÃO	FUMO	TOMATE	CEBOLA	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TRIGO	UVA	MAÇÃ	FRANGO	LEITE	SUÍNOS	BOVINOS	PEIXE	CRUSTÁCEOS
Colonial de Joinville	19,24	14,12	6,43	4,21	0,57	-	-	2,59	4,64	1,34	3,48	7,53	13,41	8,66	56,51	55,57	52,46	55,57	56,51
Litoral de Itajaí	4,76	23,88	6,90	0,67	0,04	-	-	0,72	1,38	0,11	1,14	52,46	55,57	56,51	56,51	56,51	56,51	56,51	56,51
Colonial de Blumenau	19,82	8,65	7,65	2,48	3,02	5,98	2,09	0,00	0,00	0,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Col. de Itajaí do Norte	0,34	0,51	-	0,95	8,20	-	4,76	0,75	0,06	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Colonial do Alto Itajaí	8,41	10,81	14,43	9,31	23,85	14,43	42,33	30,57	4,07	0,08	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Florianópolis	4,59	23,12	17,19	5,84	17,98	14,20	4,53	4,55	0,26	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Col. Serrana Catarinense	11,77	17,35	17,19	5,84	17,98	14,20	4,53	4,55	0,26	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Litoral de Laguna	6,51	14,22	14,20	2,80	17,98	14,20	9,75	2,79	0,01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Carbonífera	8,92	0,80	0,93	1,44	9,33	1,03	1,67	14,38	0,83	0,19	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Litoral Sul Catarinense	15,42	0,42	0,69	1,03	10,89	0,13	0,27	1,50	1,40	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Campos de Lages	0,04	6,88	-	1,84	1,27	15,67	1,09	-	1,63	1,08	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Campos de Curitiba	0,74	6,75	0,02	8,14	0,63	8,00	0,74	0,31	4,13	11,42	5,71	-	-	-	-	-	-	-	-
Colonial do Rio do Peixe	2,05	11,59	1,62	5,73	1,68	3,64	2,13	1,63	19,61	10,76	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-
Colonial do Oeste Catarinense	4,58	13,79	7,55	52,42	3,54	0,42	1,68	9,44	54,57	65,02	81,75	-	-	-	-	-	-	-	-
Planalto de Canolinas	3,90	12,51	-	13,53	7,46	6,41	1,81	5,88	5,84	11,38	9,34	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	91,56	92,91	91,20	91,93	91,20	92,87	91,53	93,65	91,01	98,58	91,09	100,00	97,83	90,31	91,13	91,00	91,34	94,06	98,44

Fonte dos dados básicos: Tabela 85

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 90

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DAS MRH NO VALOR BRUTO DA  
PRODUÇÃO DAS LAVOURA, PECUÁRIA e TOTAL - SANTA  
CATARINA, SAFRA 1981/82

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	LAVOURA	PECUÁRIA	TOTAL
Colonial de Joinville	2,63	2,53	2,58
Litoral de Itajaí	1,03	0,64	0,84
Colonial de Blumenau	4,58	4,41	4,50
Colonial de Itajaí Norte	1,95	1,13	1,55
Colonial do Alto Itajaí	10,84	3,20	7,16
Florianópolis	1,32	3,92	2,57
Colonial Serrana Catarinense	4,69	1,52	3,16
Litoral de Laguna	0,45	0,62	0,53
Carbonífera	5,91	4,65	5,31
Litoral Sul Catarinense	3,51	1,45	2,52
Colonial Sul Catarinense	3,93	0,86	2,46
Campos de Lages	2,76	3,60	3,17
Campos de Curitibanos	4,57	4,45	4,51
Colonial do Rio do Peixe	11,28	32,65	21,56
Colonial do Oeste Catarinense	33,25	31,67	32,49
Planalto de Canoinhas	7,30	2,70	5,09

Fonte dos dados básicos: Tabela 85

Elaboração: Instituto CEPA/SC

## **10. INFORMAÇÕES BÁSICAS**



## 10. INFORMAÇÕES BÁSICAS

Tabela 91

EVOLUÇÃO DA CULTURA DO ALHO EM SANTA CATARINA, SAFRA  
1947/48 A 1984/85

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1947/48	495	718	1.451
1948/49	561	929	1.656
1949/50	550	900	1.636
1950/51	620	847	1.366
1951/52	648	1.154	1.781
1952/53	656	1.325	2.020
1953/54	682	1.537	2.254
1954/55	769	1.635	2.126
1955/56	793	1.558	1.965
1956/57	756	1.562	2.066
1957/58	788	1.494	1.896
1958/59	800	1.558	1.948
1959/60	847	1.646	1.943
1960/61	878	1.754	1.998
1961/62	938	1.770	1.887
1962/63	1.003	2.040	2.034
1963/64	1.085	2.466	2.273
1964/65	1.075	2.175	2.023
1965/66	1.065	2.147	2.016
1966/67	975	2.241	2.298
1967/68	900	2.043	2.270
1968/69	877	1.909	2.177
1969/70	867	1.859	2.144
1970/71	859	1.883	2.192
1971/72	824	1.771	2.149
1972/73	832	1.793	2.155
1973/74	670	1.312	1.958
1974/75	451	859	1.904
1975/76	150	550	3.666
1976/77	240	946	3.941
1977/78	261	928	3.555
1978/79	528	1.702	3.223
1979/80	1.299	4.724	3.637
1980/81	3.544	6.720	1.896
1981/82	2.490	7.905	3.175
1982/83	2.588	8.589	3.319
1983/84	2.568	9.724	3.803
1984/85 (*)	2.140	8.200	3.831

(\*) Estimativa

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários e Produção Agrícola Municipal) e  
IBGE/GCEA-SC (1982/83 e 1983/84)

Elaboração: Instituto CEPA/SC



Tabela 92

EVOLUÇÃO DA CULTURA DE ARROZ EM SANTA CATARINA, SAFRA  
1946/47 a 1983/84

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1946/47	31.184	79.500	2.549
1947/48	31.765	81.349	2.561
1948/49	29.409	72.641	2.470
1949/50	33.473	82.190	2.455
1950/51	34.581	82.713	2.392
1951/52	33.153	78.062	2.355
1952/53	33.937	85.071	2.507
1953/54	40.313	86.092	2.136
1954/55	41.790	99.488	2.381
1955/56	48.951	130.179	2.659
1956/57	73.246	157.046	2.144
1957/58	59.165	134.132	2.267
1958/59	54.707	154.754	2.829
1959/60	61.627	135.698	2.202
1960/61	56.014	155.905	2.783
1961/62	59.644	136.824	2.294
1962/63	60.999	160.110	2.625
1963/64	66.467	179.012	2.693
1964/65	70.009	178.450	2.549
1965/66	71.260	171.791	2.411
1966/67	78.251	212.176	2.711
1967/68	80.316	213.016	2.652
1968/69	81.179	210.688	2.595
1969/70	86.128	214.151	2.486
1970/71	97.222	207.815	2.138
1971/72	101.896	217.161	2.131
1972/73	107.184	222.326	2.074
1973/74	101.576	231.400	2.278
1974/75	124.975	292.700	2.342
1975/76	153.593	318.283	2.072
1976/77	148.164	332.950	2.247
1977/78	133.330	279.012	2.093
1978/79	156.074	259.794	1.665
1979/80	153.491	428.871	2.794
1980/81	148.920	404.068	2.713
1981/82	148.168	373.978	2.524
1982/83	144.987	395.317	2.727
1983/84	138.589	440.388	3.178

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários e Produção Agrícola Municipal) e  
IBGE/GCEA-SC (1982/83 e 1983/84)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 93

EVOLUÇÃO DA CULTURA DA BANANA EM SANTA CATARINA, SAFRA  
1946/47 A 1983/84

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1946/47	4.433	29.872	6.739
1947/48	4.558	31.408	6.891
1948/49	6.428	69.944	10.881
1949/50	7.628	76.728	10.059
1950/51	4.427	60.856	13.747
1951/52	5.672	68.568	12.089
1952/53	6.305	65.560	10.398
1953/54	6.536	71.832	10.990
1954/55	6.871	53.048	7.721
1955/56	6.274	70.760	11.278
1956/57	6.912	75.520	10.926
1957/58	6.747	77.272	11.453
1958/59	7.233	84.568	11.692
1959/60	8.086	88.784	10.980
1960/61	8.283	89.552	10.812
1961/62	8.367	89.560	10.704
1962/63	9.455	97.184	10.279
1963/64	8.971	82.864	9.237
1964/65	8.788	85.496	9.729
1965/66	6.286	75.336	11.985
1966/67	6.967	78.816	11.313
1967/68	6.511	86.088	13.222
1968/69	6.792	90.240	13.286
1969/70	7.285	94.392	12.957
1970/71	7.836	111.680	14.252
1971/72	8.508	118.656	13.946
1972/73	12.926	134.432	10.400
1973/74	13.056	178.600	13.679
1974/75	11.690	164.200	14.046
1975/76	13.842	141.308	10.200
1976/77	14.998	164.072	10.940
1977/78	17.134	190.072	11.093
1978/79	18.366	226.269	12.320
1979/80	18.643	209.712	11.249
1980/81	21.484	241.488	11.240
1981/82	21.500	274.125	12.750
1982/83	22.500	273.250	12.144
1983/84	23.000	289.800	12.600

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários e Produção Agrícola Municipal) e  
IBGE/GCEA-SC (1982/83 e 1983/84)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 94

EVOLUÇÃO DA CULTURA DA BATATA-INGLESA EM SANTA CATARINA,  
SAFRA 1946/47 A 1983/84

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1946/47	6.812	28.907	4.244
1947/48	7.241	29.810	4.117
1948/49	8.607	35.060	4.073
1949/50	9.201	35.294	3.836
1950/51	9.352	36.633	3.917
1951/52	10.271	37.870	3.687
1952/53	11.216	40.995	3.655
1953/54	12.270	41.816	3.480
1954/55	12.327	40.758	3.306
1955/56	12.639	46.485	3.678
1956/57	13.965	48.136	3.447
1957/58	14.048	51.537	3.656
1958/59	14.873	51.711	3.477
1959/60	16.790	57.056	3.398
1960/61	17.971	60.668	3.376
1961/62	19.372	57.457	2.966
1962/63	19.837	66.895	3.372
1963/64	21.390	72.950	3.410
1964/65	23.384	84.182	3.560
1965/66	23.068	135.044	5.854
1966/67	22.241	144.639	6.503
1967/68	27.328	182.313	6.671
1968/69	27.694	182.798	6.601
1969/70	25.625	171.610	6.697
1970/71	18.545	122.934	6.629
1971/72	18.665	113.221	6.066
1972/73	17.317	117.582	6.790
1973/74	18.349	141.980	7.737
1974/75	24.000	175.910	7.330
1975/76	17.984	141.065	7.844
1976/77	15.964	128.886	8.074
1977/78	16.555	115.977	7.006
1978/79	19.903	172.617	8.673
1979/80	20.114	142.876	7.103
1980/81	18.313	151.936	8.297
1981/82	19.064	160.819	8.436
1982/83	17.132	118.494	6.917
1983/84	17.210	157.050	9.126

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários e Produção Agrícola Municipal) e  
IBGE/GCEA-SC (1982/83 e 1983/84)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 95

EVOLUÇÃO DA CULTURA DA CANA-DE-AÇÚCAR EM SANTA CATARINA,  
SAFRA 1946/47 A 1983/84

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1946/74	37.653	858.651	22.804
1947/48	36.338	863.741	23.770
1948/49	39.932	976.262	24.448
1949/50	39.573	1.012.905	25.596
1950/51	34.081	1.148.095	33.687
1951/52	35.100	1.199.536	34.175
1952/53	35.829	1.172.082	32.713
1953/54	31.570	993.607	31.473
1954/55	30.937	760.548	24.584
1955/56	29.022	813.334	28.025
1956/57	29.867	942.431	31.554
1957/58	28.316	870.867	30.755
1958/59	32.703	1.086.556	33.225
1959/60	32.326	1.087.822	33.652
1960/61	28.647	890.103	31.071
1961/62	31.693	877.944	27.702
1962/63	33.712	1.039.394	30.832
1963/64	32.257	1.051.925	32.611
1964/65	38.648	1.277.004	33.042
1965/66	40.126	1.434.150	35.741
1966/67	40.322	1.473.142	36.534
1967/68	38.994	1.424.175	36.523
1968/69	39.135	1.450.377	37.061
1969/70	35.060	1.428.484	40.744
1970/71	33.313	1.408.640	42.285
1971/72	31.871	1.352.509	42.437
1972/73	25.331	949.127	37.469
1973/74	13.980	559.130	39.994
1974/75	15.500	620.000	40.000
1975/76	10.626	552.552	52.000
1976/77	13.282	796.920	60.000
1977/78	20.913	1.043.126	49.879
1978/79	20.124	1.084.780	53.905
1979/80	24.667	1.170.361	47.446
1980/81	19.809	1.001.920	50.579
1981/82	19.641	1.022.700	52.070
1982/83	18.499	831.402	44.943
1983/84	20.000	1.040.000	52.000

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários e Produção Agrícola Municipal) e  
IBGE/GCEA-SC (1982/83 e 1983/84)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 96

EVOLUÇÃO DA CULTURA DA CEBOLA EM SANTA CATARINA, SAFRA  
1946/47 A 1984/85

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1946/47	1.106	2.185	1.976
1947/48	1.270	2.388	1.880
1948/49	1.452	3.453	2.378
1949/50	1.614	8.513	5.274
1950/51	2.022	8.235	4.073
1951/52	2.193	8.077	3.683
1952/53	2.292	9.925	4.330
1953/54	2.283	6.373	2.792
1954/55	2.287	7.629	3.336
1955/56	2.476	8.748	3.533
1956/57	2.705	9.920	3.667
1957/58	2.662	10.388	3.902
1958/59	2.745	10.722	3.906
1959/60	2.903	11.292	3.890
1960/61	3.215	11.294	3.513
1961/62	3.317	11.432	3.446
1962/63	3.409	11.873	3.483
1963/64	3.719	13.117	3.527
1964/65	3.941	18.888	4.793
1965/66	3.681	22.418	6.090
1966/67	3.364	20.340	6.046
1967/68	3.405	21.244	6.239
1968/69	3.220	18.888	5.866
1969/70	3.200	18.648	5.828
1970/71	3.164	18.458	5.834
1971/72	3.138	18.129	5.777
1972/73	3.500	17.780	5.080
1973/74	5.590	42.648	7.629
1974/75	5.030	38.090	7.573
1975/76	5.934	42.899	7.229
1976/77	6.846	49.794	7.274
1977/78	5.724	47.129	8.234
1978/79	10.736	94.017	8.757
1979/80	12.307	103.605	8.418
1980/81	16.920	151.581	8.959
1981/82	11.380	113.602	9.983
1982/83	12.338	125.710	10.189
1983/84	12.267	120.216	9.800
1984/85 (*)	14.000	140.000	10.000

(\*) Estimativa

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários e Produção Agrícola Municipal) e  
IBGE/GCEA-SC (1982/83 e 1983/84)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 97

EVOLUÇÃO DA CULTURA DO FEIJÃO EM SANTA CATARINA, SAFRA  
1946/47 A 1983/84

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1946/47	44.045	53.742	1.220
1947/48	36.178	44.880	1.241
1948/49	38.759	48.145	1.242
1949/50	38.937	45.666	1.173
1950/51	47.441	47.721	1.006
1951/52	49.076	51.542	1.050
1952/53	52.288	55.012	1.052
1953/54	61.788	65.685	1.063
1954/55	65.124	73.365	1.127
1955/56	68.977	71.601	1.038
1956/57	67.830	71.323	1.052
1957/58	67.641	70.160	1.037
1958/59	70.454	74.474	1.057
1959/60	76.927	78.713	1.023
1960/61	80.927	84.953	1.050
1961/62	85.889	86.528	1.007
1962/63	92.074	91.785	997
1963/64	91.660	95.923	1.047
1964/65	95.874	102.364	1.068
1965/66	100.589	93.266	928
1966/67	113.162	119.781	1.058
1967/68	112.119	112.707	1.055
1968/69	111.607	104.383	935
1969/70	112.351	99.542	886
1970/71	159.023	93.346	587
1971/72	155.143	105.031	677
1972/73	126.450	91.682	725
1973/74	173.466	127.900	737
1974/75	185.065	169.300	915
1975/76	158.025	98.965	626
1976/77	188.874	134.477	712
1977/78	197.106	122.992	624
1978/79	227.777	189.403	832
1979/80	276.011	119.972	435
1980/81	291.100	246.250	846
1981/82	373.000	321.040	861
1982/83	422.087	162.428	385
1983/84	398.598	313.028	785

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários e Produção Agrícola Municipal) e  
IBGE/GCEA-SC (1982/83 e 1983/84)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 98

EVOLUÇÃO DA CULTURA DO FUMO EM SANTA CATARINA, SAFRA  
1946/47 A 1983/84

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1946/47	9.624	7.902	821
1947/48	11.955	7.732	647
1948/49	14.551	8.193	563
1949/50	15.355	9.320	607
1950/51	17.827	10.445	586
1951/52	21.040	12.263	583
1952/53	27.344	20.303	746
1953/54	30.240	22.646	749
1954/55	32.439	23.811	734
1955/56	11.952	13.146	1.000
1956/57	13.290	15.800	1.189
1957/58	16.374	17.902	1.093
1958/59	16.487	19.643	1.191
1959/60	18.118	21.082	1.164
1960/61	20.762	24.293	1.170
1961/62	22.162	24.556	1.108
1962/63	26.959	30.078	1.116
1963/64	26.637	31.517	1.183
1964/65	32.291	37.751	1.169
1965/66	32.573	44.416	1.364
1966/67	31.586	47.927	1.517
1967/68	30.524	46.723	1.531
1968/69	31.943	50.326	1.575
1969/70	32.879	50.239	1.528
1970/71	34.905	54.067	1.549
1971/72	35.980	53.430	1.485
1972/73	34.727	47.819	1.377
1973/74	43.151	70.600	1.635
1974/75	49.000	78.600	1.603
1975/76	75.760	91.304	1.205
1976/77	80.533	119.846	1.488
1977/78	90.527	130.299	1.439
1978/79	76.190	139.876	1.835
1979/80	76.642	127.401	1.662
1980/81	61.250	100.303	1.637
1981/82	71.384	132.130	1.851
1982/83	89.369	132.063	1.478
1983/84	90.000	157.500	1.750

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários e Produção Agrícola Municipal) e  
IBGE/GCEA-SC (1982/83 e 1983/84)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 99

EVOLUÇÃO DA CULTURA DA MAÇÃ EM SANTA CATARINA, SAFRA  
1976/77 A 1983/84

SAFRA	ÁREA PLAN TADA (ha)	ÁREA CO LHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)
1976/77	3.815	1.375	12.355	8.985
1977/78	5.287	1.965	10.854	5.524
1978/79	6.337	2.668	21.410	8.025
1979/80	7.154	3.815	28.225	7.398
1980/81	8.031	5.287	39.175	7.410
1981/82	9.036	6.337	76.664	12.098
1982/83	10.035	7.154	57.338	8.015
1983/84 (*)	10.808	8.031	85.000	10.584

(\*) Estimativa

Fonte: IBGE e EMATER/SC-ACARESC

Elaboração: Instituto CEPA/SC



Tabela 100

EVOLUÇÃO DA CULTURA DA MANDIOCA EM SANTA CATARINA, SAFRA  
1946/47 A 1983/84

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1946/47	83.065	1.250.618	15.056
1947/48	80.807	1.203.701	14.896
1948/49	86.421	1.356.642	15.698
1949/50	80.777	1.331.569	16.485
1950/51	84.393	1.422.363	16.854
1951/52	91.146	1.518.946	16.665
1952/53	95.701	1.617.591	16.903
1953/54	97.823	1.598.466	16.340
1954/55	105.894	1.716.811	16.213
1955/56	95.237	1.543.276	16.205
1956/57	95.482	1.530.250	16.027
1957/58	104.756	1.701.963	16.243
1958/59	99.906	1.694.114	16.957
1959/60	106.188	1.735.165	16.340
1960/61	113.726	1.837.789	16.160
1961/62	121.235	1.866.014	15.392
1962/63	124.113	2.017.472	16.255
1963/64	131.253	2.202.675	16.782
1964/65	138.398	2.226.537	16.088
1965/66	129.822	2.438.129	18.781
1966/67	119.730	2.553.442	21.327
1967/68	130.686	2.832.020	21.670
1968/69	138.674	2.936.226	21.174
1969/70	142.816	3.017.231	21.127
1970/71	155.431	3.065.236	19.721
1971/72	152.585	2.869.240	18.354
1972/73	161.708	2.297.852	14.210
1973/74	142.174	2.128.200	14.969
1974/75	85.046	1.429.241	16.805
1975/76	80.846	1.303.973	16.129
1976/77	82.962	1.239.687	14.943
1977/78	77.528	1.208.159	15.584
1978/79	66.879	1.120.967	16.761
1979/80	60.995	995.195	16.316
1980/81	75.066	1.254.926	16.718
1981/82	79.033	1.141.097	14.438
1982/83	76.480	999.746	13.072
1983/84	80.000	1.040.000	13.000

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários e Produção Agrícola Municipal) e  
IBGE/GCEA-SC (1982/83 e 1983/84)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 101

EVOLUÇÃO DA CULTURA DO MILHO EM SANTA CATARINA, SAFRA  
1946/47 A 1983/84

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1946/47	205.486	353.797	1.722
1947/48	199.630	360.385	1.805
1948/49	194.890	321.690	1.651
1949/50	179.842	345.202	1.920
1950/51	200.359	375.600	1.875
1951/52	218.169	398.062	1.825
1952/53	233.241	442.800	1.898
1953/54	246.234	434.778	1.766
1954/55	245.516	457.404	1.863
1955/56	259.479	494.559	1.906
1956/57	262.587	506.790	1.930
1957/58	283.532	548.287	1.934
1958/59	295.753	571.061	1.931
1959/60	319.363	596.897	1.869
1960/61	322.608	615.218	1.907
1961/62	341.719	616.922	1.805
1962/63	374.255	670.275	1.791
1963/64	384.938	684.434	1.778
1964/65	407.614	748.442	1.836
1965/66	427.299	699.052	1.636
1966/67	488.007	897.667	1.839
1967/68	474.868	792.498	1.669
1968/69	537.455	989.626	1.841
1969/70	563.604	1.081.556	1.919
1970/71	706.077	1.228.573	1.740
1971/72	695.593	1.231.119	1.770
1972/73	800.142	1.560.276	1.950
1973/74	936.320	2.218.100	2.369
1974/75	942.400	2.123.000	2.253
1975/76	1.005.274	2.452.627	2.440
1976/77	1.063.584	2.674.175	2.514
1977/78	1.055.633	1.587.902	1.579
1978/79	1.078.025	1.708.649	1.585
1979/80	1.128.441	3.016.233	2.673
1980/81	1.150.000	3.162.500	2.750
1981/82	1.108.615	2.628.756	2.371
1982/83	1.095.886	1.687.325	1.540
1983/84	970.639 <sup>(*)</sup>	2.426.598	2.500

(\*) - Apesar de na safra 1983/84 ter ocorrido um crescimento de aproximadamente 5%, os números constantes da série são inferiores aos da safra 1982/83, em face do IBGE/GCEA-SC ter procedido a um reajuste da área cultivada;

- esse reajuste, decorreu da reavaliação que tomou como base o levantamento censitário de 1980;
- na próxima edição deste documento será publicada a série reajustada.

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários e Produção Agrícola Municipal) e IBGE/GCEA-SC (1982/83 e 1983/84)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 102

EVOLUÇÃO DA CULTURA DA SOJA EM SANTA CATARINA, SAFRA  
1951/52 A 1983/84

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1951/52	40	51	1.275
1952/53	47	60	1.277
1953/54	2.200	4.162	1.892
1954/55	2.782	4.069	1.463
1955/56	2.026	2.628	1.297
1956/57	2.191	2.827	1.290
1957/58	3.116	4.003	1.285
1958/59	2.214	3.558	1.607
1959/60	2.220	3.761	1.694
1960/61	2.365	3.970	1.679
1961/62	2.468	4.129	1.673
1962/63	2.805	4.339	1.547
1963/64	3.002	4.733	1.577
1964/65	3.412	5.123	1.501
1965/66	5.700	7.595	1.332
1966/67	7.342	9.187	1.251
1967/68	11.507	14.827	1.289
1968/69	32.049	31.650	988
1969/70	65.956	52.998	800
1970/71	101.694	77.376	760
1971/72	115.930	99.448	857
1972/73	202.000	260.000	1.287
1973/74	364.985	431.850	1.183
1974/75	361.475	467.200	1.292
1975/76	339.370	409.885	1.208
1976/77	350.642	476.365	1.359
1977/78	408.785	354.681	868
1978/79	504.570	433.863	860
1979/80	520.401	718.764	1.381
1980/81	483.880	648.000	1.339
1981/82	445.000	534.000	1.200
1982/83	404.300	405.400	1.003
1983/84	420.246	578.863	1.377

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários e Produção Agrícola Municipal) e IBGE/GCEA-SC (1982/83 e 1983/84)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 103

EVOLUÇÃO DA CULTURA DO TOMATE EM SANTA CATARINA, SAFRA  
1946/47 A 1983/84

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1946/47	85	250	2.941
1947/48	101	304	3.010
1948/49	125	320	2.560
1949/50	141	469	3.326
1950/51	190	484	2.547
1951/52	221	661	2.991
1952/53	233	736	3.159
1953/54	266	613	2.305
1954/55	253	621	2.455
1955/56	280	1.154	4.121
1956/57	339	1.712	5.050
1957/58	429	2.561	5.970
1958/59	525	3.700	7.048
1959/60	752	3.376	4.489
1960/61	694	3.474	5.006
1961/62	824	3.610	4.381
1962/63	795	4.104	5.162
1963/64	842	4.768	5.663
1964/65	749	6.455	8.618
1965/66	669	9.036	13.507
1966/67	645	11.811	18.312
1967/68	657	12.098	18.414
1968/69	881	18.170	20.624
1969/70	891	17.998	20.200
1970/71	872	16.775	19.273
1971/72	1.184	24.190	20.431
1972/73	841	17.570	20.892
1973/74	621	14.311	23.045
1974/75	740	17.590	23.770
1975/76	943	25.217	26.741
1976/77	926	22.917	24.748
1977/78	997	28.029	28.113
1978/79	1.100	32.930	29.936
1979/80	1.260	35.197	27.934
1980/81	1.389	41.004	29.520
1981/82	1.426	38.900	27.279
1982/83	1.545	33.694	21.808
1983/84	1.500	42.000	28.000

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários e Produção Agrícola Municipal) e  
IBGE/GCEA-SC (1982/83 e 1983/84)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 104

EVOLUÇÃO DA CULTURA DO TRIGO EM SANTA CATARINA, SAFRA  
1946/47 A 1984/85

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1946/47	73.443	77.388	1.054
1947/48	88.941	84.908	955
1948/49	96.698	99.383	1.028
1949/50	101.481	107.537	1.060
1950/51	105.875	72.178	682
1951/52	135.941	132.548	975
1952/53	150.404	138.114	918
1953/54	146.438	111.887	764
1954/55	139.575	141.760	1.016
1955/56	91.453	91.471	1.000
1956/57	110.248	93.609	849
1957/58	116.790	96.915	830
1958/59	113.734	109.433	962
1959/60	111.692	108.949	975
1960/61	100.445	79.165	788
1961/62	104.097	105.098	1.010
1962/63	102.874	70.903	689
1963/64	102.277	95.457	933
1964/65	98.585	84.830	860
1965/66	77.993	63.311	812
1966/67	77.401	67.685	874
1967/68	81.087	72.138	890
1968/69	96.668	81.694	845
1969/70	119.434	92.203	772
1970/71	116.302	78.154	672
1971/72	121.500	61.965	510
1972/73	71.950	55.250	768
1973/74	99.100	80.820	816
1974/75	67.776	30.484	450
1975/76	37.522	20.328	542
1976/77	37.522	20.328	542
1977/78	11.620	4.279	368
1978/79	4.587	3.791	826
1979/80	34.749	18.864	543
1980/81	19.255	9.033	469
1981/82	8.953	8.606	961
1982/83	25.812	13.650	529
1983/84	17.319	9.881	571
1984/85 (*)	20.000	18.000	900

(\*) Estimativa: IBGE/GCEA-SC

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários e Produção Agrícola Municipal) e  
IBGE/GCEA-SC (1982/83 e 1983/84)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 105

EVOLUÇÃO DA CULTURA DA UVA EM SANTA CATARINA, SAFRA  
1974/75 A 1983/84

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1974/75	3.901	39.871	10.221
1975/76	4.143	53.859	13.000
1976/77	4.270	59.896	14.027
1977/78	4.043	57.323	14.178
1978/79	4.946	65.104	13.163
1979/80	3.802	32.565	8.565
1980/81	5.255	75.383	14.345
1981/82	5.080	80.530	15.852
1982/83	5.322	54.747	10.287
1983/84	5.400	64.800	12.000

Fonte: IBGE (Censo Agropecuário de Santa Catarina 1975 e 1980 e Produção Agrícola Municipal) e IBGE/GCEA-SC (1982/83 e 1983/84)

Elaboração: Instituto CEPA/SC

Tabela 106

CONSUMO DE LENHA, POR SETOR, SANTA CATARINA,  
1980 E 1981

SETOR	(metro estêreo)	
	1980	1981
<b>INDUSTRIAL</b>	<u>3.458.042</u>	<u>3.968.890</u>
Cerâmica	288.754	265.746
Têxtil	193.187	398.837
Química	200.100	234.120
Metal mecânico	4.626	4.671
Sabões	294	330
Alimentos/bebidas	2.387.801	2.615.655
Couros/peles	35.000	35.000
Papel celulose	272.811	370.255
Matéria plástica	-	-
Fumo	75.469	44.276
<b>COMERCIAL</b>	<u>484.266</u>	<u>512.053</u>
Padaria	198.660	205.860
Hotel	43.206	44.791
Hospital	20.100	34.335
Supermercado	172.800	175.200
Restaurante	49.500	51.867
<b>TRANSFORMAÇÃO</b>	<u>715.345</u>	<u>674.446</u>
Termelétrica (auto)	141.000	165.000
Carvoarias	574.345	509.446
<b>RESIDENCIAL</b>	<u>8.597.000</u>	<u>8.737.000</u>
Rural	6.247.000	6.243.000
Urbano	2.350.000	2.494.000
<b>AGROPECUÁRIO</b>	<u>2.238.765</u>	<u>2.626.122</u>
Secagem (grãos/ervas)	338.765	326.122
Secagem de fumo	1.900.000	2.300.000
<b>TOTAL</b>	<u>15.493.418</u>	<u>16.518.511</u>

Fonte: Secretaria da Indústria e do Comércio, IBGE,  
IBDF, Instituto CEPA/SC e AFUBRA

Tabela 107

QUANTIDADE E VALOR DA PRODUÇÃO DE PRODUTOS EXTRATIVOS E DA SILVICULTURA, POR MUNICÍPIO DE SANTA CATARINA, 1970, 1975 E 1980

MUNICÍPIO	ANO	CARVÃO VEGETAL (NATIVO)		MADEIRA PARA PAPEL E CELULOSE (REFLORESTADA)		EUCALIPTO (EXISTENTE)		PINHEIRO (EXISTENTE)		PINUS (EXISTENTE)		MÁQUINA NÓVA (EXISTENTE)		ERVA-MATE		LENHA (ATIVAS)		MODEIRA (ATIVAS)		PALMITO	
		Tonelada	Mil. Cruz-zeiros	1.000 m <sup>3</sup>	Mil. Cruz-zeiros	1.000 Árvores	1.000 Árvores	1.000 Árvores	1.000 Árvores	Tonelada	Mil. Cruz-zeiros	1.000 m <sup>3</sup>	Mil. Cruz-zeiros	1.000 m <sup>3</sup>	Mil. Cruz-zeiros	1.000 m <sup>3</sup>	Mil. Cruz-zeiros	Tonelada	Mil. Cruz-zeiros	Tonelada	Mil. Cruz-zeiros
Colonial de Joinville	1970	989	86	-	-	47	626	3.673	0,0	-	-	403	1.372	32	922	98	48	-	-	-	-
	1975	1.579	564	0,8	6.138	2.621	92	9.751	0,0	-	-	227	3.240	253	52.142	-	-	-	-	-	-
	1980	2.908	8.924	-	-	1.516	234	30.686	23	0,5	67	146	23.145	0,62	89.594	498	7.798	-	-	-	-
Litoral de Itajaí	1970	129	11	-	-	22	14	158	-	-	-	131	556	11	507	18	18	-	-	-	-
	1975	101	35	-	-	42	42	121	-	-	-	97	1.153	0,7	1.153	0	0	-	-	-	-
	1980	220	1.354	-	-	349	89	845	-	-	-	56	10.385	17	41.939	0	0	-	-	-	-
Colonial de Blumenau	1970	1.679	112	-	-	656	42	2.001	0,0	-	-	862	3.304	96	3.320	374	176	-	-	-	-
	1975	5.441	1.484	-	-	1.091	288	3.883	0,0	-	-	572	9.562	145	18.593	291	10.507	-	-	-	-
	1980	13.400	51.913	0,0	96	3.891	1.378	26.241	0,3	150	2.100	625	104.355	175	241.229	-	-	-	-	-	-
Col. Itajaí do Norte	1970	51	5	-	-	20	61	151	-	-	-	187	537	15	419	276	57	-	-	-	-
	1975	19	0,9	-	-	125	139	590	0,0	-	-	224	1.438	15	2.042	3	62	-	-	-	-
	1980	1.939	7.037	-	-	516	527	5.666	0,0	66	2.702	114	15.155	36	51.510	-	-	-	-	-	-
Colonial Alto Itajaí	1970	228	21	-	-	56	639	2.064	0,1	-	-	579	1.787	71	2.057	-	-	-	-	-	-
	1975	147	109	-	-	192	889	3.107	0,1	-	-	468	5.798	27	3.580	-	-	-	-	-	-
	1980	832	3.166	-	-	1.117	1.686	8.127	1,3	213	4.754	349	56.782	56	55.234	56	55.234	-	-	-	-
Florianópolis	1970	72	14	-	-	515	0,1	3.577	0,7	-	-	347	1.581	0,3	101	0,9	0,4	-	-	-	-
	1975	152	67	-	-	1.075	29	12.590	0,7	-	-	229	4.207	43	3.656	20	400	-	-	-	-
	1980	722	3.599	0,1	1.138	1.215	366	10.318	170	-	-	187	35.157	52	71.734	20	400	-	-	-	-
Col. Serrana Catarinense	1970	32	0,45	-	-	51	33	1.320	-	-	-	460	1.607	33	1.103	62	18	-	-	-	-
	1975	924	2.967	-	-	1.902	248	498	0,5	-	-	287	52.092	55	71.140	49	491	-	-	-	-
	1980	-	-	-	-	-	-	-	-	18	78	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Litoral de Laguna	1970	34	0,7	-	-	730	0,1	18	127	-	-	84	425	0,3	165	18	15	-	-	-	-
	1975	0,0	0,0	-	-	917	0,2	2.611	194	-	-	165	1.695	0,3	508	-	-	-	-	-	-
	1980	0,3	24	-	-	947	0,3	5.777	299	-	-	45	8.695	0,3	8.447	-	-	-	-	-	-
Carbonífera	1970	3.246	195	-	-	13.829	45	90	881	-	-	627	3.105	35	1.654	-	-	-	-	-	-
	1975	484	226	-	-	18.631	101	389	5.894	-	-	565	11.304	41	1.654	-	-	-	-	-	-
	1980	2.100	5.036	-	-	33.607	416	266	12.747	-	-	477	84.491	49	75.940	0	0,1	-	-	-	-
Lit. Sul Catarinense	1970	-	0,0	-	-	9.462	25	14	0,7	-	-	149	906	0,0	11	-	-	-	-	-	-
	1975	-	0,0	-	-	17.998	107	34	60	-	-	164	3.086	0,0	0,0	-	-	-	-	-	-
	1980	36	480	-	-	31.288	107	4.938	315	-	-	53	14.285	0,0	238	-	-	-	-	-	-
Col. Sul Catarinense	1970	356	53	-	-	2.040	0,8	48	48	-	-	165	674	16	565	988	351	-	-	-	-
	1975	328	204	-	-	4.665	0,0	124	251	-	-	183	4.945	20	3.325	-	-	-	-	-	-
	1980	178	788	-	-	9.086	189	206	400	-	-	223	47.382	20	31.004	11	164	-	-	-	-
Campos de Lages	1970	94	11	-	-	3.043	2.147	41.359	-	-	-	726	2.940	453	44.305	-	-	-	-	-	-
	1975	0,0	0,2	-	-	2.538	6.100	111.800	0,0	0,2	0,3	327	5.177	97	17.454	-	-	-	-	-	-
	1980	25	96	271	294.520	2.415	4.650	102.151	-	1.054	11.063	117	15.070	140	172.310	-	-	-	-	-	-
Campos de Curitibaense	1970	734	44	-	-	87	1.478	27.110	-	-	-	540	1.973	239	10.556	-	-	-	-	-	-
	1975	41	11	-	-	1.113	4.769	50.691	420	-	-	420	6.311	217	48.896	-	-	-	-	-	-
	1980	655	2.581	2.639	1.100.433	2.887	10.523	125.010	0,0	2.669	19.138	301	41.503	-	-	-	-	-	-	-	-
Col. do Rio do Peixe	1970	25	0,2	-	-	3.128	4.282	15.255	-	-	-	721	3.989	164	7.074	-	-	-	-	-	-
	1975	320	161	-	-	2.286	8.263	40.976	0,0	2.590	140	710	13.034	164	26.834	-	-	-	-	-	-
	1980	119	800	173	81.621	6.702	25.562	88.743	21	7.462	93.713	348	60.160	291	759.806	-	-	-	-	-	-
Col. Oeste Catarinense	1970	189	24	-	-	942	1.088	5.458	-	-	-	808	518	134	7.686	-	-	-	-	-	-
	1975	97	57	-	-	1.697	2.536	7.864	0,3	6.765	91.356	119	69.395	192	304.236	-	-	-	-	-	-
	1980	197	320	12	3.216	7.151	6.794	11.847	11,9	6.765	91.356	119	69.395	192	304.236	-	-	-	-	-	-
Planalto de Canoinhas	1970	3.681	246	-	-	312	6.030	30.062	-	-	-	33.307	746	107	4.809	-	-	-	-	-	-
	1975	4.255	1.748	245	17.570	445	8.439	36.886	200	16.347	13.937	782	8.536	500	122.421	-	-	-	-	-	-
	1980	10.212	27.843	477	276.600	603	9.455	133.656	0,4	31.920	452.272	527	59.058	172	292.326	-	-	-	-	-	-
TOTALS	1970	11.548	895	-	-	34.942	16.519	132.460	1.101	44.054	2.982	7.716	32.797	1.412	65.254	1.853	688	-	-	-	-
	1975	14.016	4.701	477	27.819	55.084	32.033	297.486	6.705	22.142	17.938	5.579	91.383	1.677	327.420	1.332	4.381	-	-	-	-
	1980	39.477	116.935	3.690	1.769.139	105.200	63.094	576.668	14.152	50.345	679.247	4.177	697.117	1.538	2.820.356	873	15.425	-	-	-	-

Fonte: IBGE (Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1970, 1975 e 1980)

Elaboração: Instituto CERA/SC





## **11. FONTES CONSULTADAS**



## 11. FONTES CONSULTADAS

1. BRASIL EXPORTAÇÃO. Brasília, Banco do Brasil, 1982.
2. BRASIL. Ministério da Agricultura. Secretaria Geral. Subsecretaria de Planejamento e Orçamento. Santa Catarina - área, quantidade e valor da produção 1947/73. Brasília, 1976. v.19 (Estatísticas Agropecuárias, 3).
3. CENSO AGROPECUÁRIO; Santa Catarina. Rio de Janeiro, IBGE, 1960.
4. \_\_\_\_\_; Santa Catarina. Rio de Janeiro, IBGE, 1970.
5. \_\_\_\_\_; Santa Catarina. Rio de Janeiro, IBGE, 1975.
6. \_\_\_\_\_; Santa Catarina. Rio de Janeiro, IBGE, 1980.
7. COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA - CEPA/SC. Os recursos hídricos nos ecossistemas rurais. Florianópolis, 1982. 60 p. (Cadernos de Economia Agrícola, 11).
8. \_\_\_\_\_. Custos de produção dos principais produtos agrícolas - junho - 1980. Florianópolis, 1980.
9. \_\_\_\_\_. Custos de produção dos principais produtos agrícolas - julho - 1981. Florianópolis. 32 p. (Cadernos de Economia Agrícola, 2).
10. \_\_\_\_\_. Custos de produção dos principais produtos agropecuários - junho - 1982. Florianópolis, 1982. 58 p. (Cadernos de Economia Agrícola, 10).
11. COMPANHIA BRASILEIRA DE ARMAZENAMENTO. Cadastro nacional de unidades armazenadores. Brasília, 1982, n.p.
12. CONJUNTURA ECONÔMICA. Rio de Janeiro, v.38, n.1, jan. 1984.
13. \_\_\_\_\_. Índices econômicos; retrospectiva na nova base. Rio de Janeiro, v. 33, n. 11, nov. 1979 (Suplemento Especial).
14. CRÉDITOS CONCEDIDOS - 1981/1982. Brasília, Banco do Brasil, 1982.
15. CRÉDITO RURAL; dados estatísticos. Brasília, Banco Central do Brasil, 1970 à 1983.

16. ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL. Rio de Janeiro, Delta, 1982. v. 13.
17. FUNDAÇÃO INSTITUTO TÉCNICO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. Diagnóstico da economia catarinense. Florianópolis, 1980, v.1.
18. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Geografia do Brasil - Região Sul. Rio de Janeiro. 1977. v. 5.
19. INSTITUTO DE PLANEJAMENTO E ECONOMIA AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA. Custos de produção dos principais produtos agropecuários - junho - 1983. Florianópolis, 1983.
20. PREÇOS PAGOS PELOS AGRICULTORES. Rio de Janeiro, FGV, 1971 a 1983.
21. PREÇOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES. Rio de Janeiro, FGV, 1971 a 1983.
22. PRODUÇÃO PESQUEIRA. Florianópolis, SUDEPE/PDP, 1976 a 1983.
23. PROGNÓSTICO; Região Centro-Sul. São Paulo, IEA, 1982.
24. \_\_\_\_\_; Região Centro-Sul. São Paulo, IEA, 1983.
25. \_\_\_\_\_; Região Centro-Sul. São Paulo, IEA, 1984.
26. SANTA CATARINA. Secretaria da Agricultura e do Abastecimento. Programa de conservação e uso da água e do solo. Florianópolis, 1979. 45 p.
27. SÍNTESE ANUAL DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA. Florianópolis, 1981.
28. \_\_\_\_\_. Florianópolis, Instituto CEPA/SC. 1983-84. v.1.

## **INSTITUTO CEPA/SC**

**INSTITUTO DE PLANEJAMENTO E ECONOMIA AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA**

### **CONSELHO DELIBERATIVO**

Secretário da Agricultura e do Abastecimento — Presidente  
Delegado Federal de Agricultura em SC — Vice-Presidente  
Secretário-Chefe do GAPLAN — Membro  
Presidente da FETAESC — Membro  
Presidente da FAESC — Membro

### **SECRETARIA EXECUTIVA**

Walter Antonio Casagrande — Secretário Executivo  
Hugo Gustavo Hädrich — Secretário Executivo-Adjunto

### **COORDENADORIA DE PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO**

Luiz Toresan — Engo. Agro. /Coordenador  
Cesar Augusto Freyesleben Silva — Engo. Agro.  
Hélio de Oliveira Filho — Engo. Agro.  
Ingo Jordan — Engo. Agro.  
Jesiel de Marco Gomes — Econ.  
José Carlos Madruga da Silva — Engo. Agro.  
José Maria Paul — Engo. Agro.  
Vitório Manoel Varaschin — Econ.

### **COORDENADORIA DE ACOMPANHAMENTO E ANÁLISE CONJUNTURAL**

Jurandi Soares Machado — Méd. Vet. /Coordenador  
Geraldo Buôgo — Engo. Agro.  
Guido Boeing — Engo. Agro.  
Osmar Alcides da Conceição — Engo. Agro.  
Simão Brugnago Neto — Engo. Agro.

### **COORDENADORIA DE ESTATÍSTICA E DOCUMENTAÇÃO**

Júlio Alberto Rodigheri — Engo. Agro. /Coordenador  
Cláudio Cesar Reiter — Aux. Técnico  
Édina Nami Régis — Bibl.  
Francisco Carlos Heiden — Téc. Agrícola  
Gilberto de Oliveira — Estatístico  
Imenésio de Souza — Téc. Agrícola  
Luiz Lima — Aux. Técnico  
Luiz Marcelino Vieira — Econ.  
Oswaldo Monguilhott — Aux. Técnico  
Tabajara Marcondes — Engo. Agro.  
Telmelita Maria Senna Ronsoni — Bibl.

### **UNIDADE DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS**

José Eláudio Della Giustina — Méd. Vet. /Coordenador  
Custódio Horácio da Silveira — Econ.  
Ademir Ribeiro da Rocha — Contador  
Aldo Cesar Machado Cruz  
Daniel Gomes Caldeira  
Janice Maria Waituch  
João Manoel Anderson  
Jocenir Miriam Cardoso de Souza  
José Souza Filho  
Manoel de Aguiar Pereira  
Manoel Rodrigues Júnior  
Margarete Ramos Bento  
Paulo Cesar Arns  
Sidaura Lessa  
Terezinha Maria Pamplona

